UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

JULIANA BIANCHI LEONE

Datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas na obra de Juó Bananére: subsídios para o estudo diacrônico do português brasileiro

SÃO PAULO
2013

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA

JULIANA BIANCHI LEONE

Datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas na obra de Juó **Bananére:** subsídios para o estudo diacrônico do português brasileiro

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

ORIENTAÇÃO: MÁRIO EDUARDO VIARO

SÃO PAULO
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

L583d

Leone, Juliana Bianchi
Datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas na obra de Juó Bananére: subsídios para o estudo diacrônico do português brasileiro / Juliana Bianchi Leone ; orientador Mário Eduardo Viaro. - São Paulo, 2013.
273 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Língua Portuguesa. 2. Etimologia. 3. Linguística. 4. História - Língua Portuguesa. 5. Bananére, Juó (1893-1933). I. Viaro, Mário Eduardo, orient. II. Título.

Nome: LEONE, Juliana Bianchi

Título: Datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas na obra de Juó Bananére: subsídios para o estudo diacrônico do português brasileiro

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico este trabalho a meu pai, João Sebastião Leone Júnior, e à minha mãe, Ana Rita de Oliveira Maia Bianchi, pelo seu carinho, apoio e esforço que me permitiram chegar até aqui e me fazem acreditar que posso ir muito além..

AGRADECIMENTOS

A todas as causas e condições que me trouxeram a este momento e resultaram neste fruto; que dele todos os seres possam se beneficiar de alguma forma.

Aos meus pais, João Sebastião Leone Júnior e Ana Rita de Oliveira Maia Bianchi, que nas canções, sorrisos, olhares, lições, viagens, conversas, refeições e mais me ensinaram, entre tantas coisas, a sempre renovar minhas folhas e flores sem abandonar minhas raízes.

A Lucas White Rossi, pelo carinho, presença e amizade constantes.

Ao meu orientador, Mário Eduardo Viaro, pela inspiração e orientação.

Ao prof. Dr. Benedito Antunes por gentilmente conceder parte do material utilizado neste trabalho como objeto de estudo.

Aos professores Cecilia Casini, Maria Helena da Nóbrega, Lilian Jacoto, Pedro Garcez Ghirardi, José Miguel Soares Wisnik, Yudith Rosenbaum, Paola Poma e Annie Gisele Fernandes pela inspiração aos estudos acadêmicos e à busca constante do conhecimento.

À presença de pessoas queridas que contribuíram em diversas maneiras e momentos para esta pesquisa: Olivete Leone, Raquel Leone Nunes, Maria Christina Neves, Cristiane Chiang, Marina Pasquarelli Perez, Denise Kato, Marcelo de Abreu, Thai Quang Nghia, Kevin Thomas Claude Debos, Marcos Rodrigues Rojo, Maria Emília Conconi e Dy Fernandes.

À FAPESP, pelo apoio financeiro e concessão de uma bolsa de estudos que viabilizou este projeto.

Por fim, agradeço a tantas pessoas especiais, dos quais apenas alguns serão aqui mencionados, cuja presença, carinho, amizade, preocupação e apoio foram essenciais para alcançar este objetivo: Felipe Bianchi Leone, Paula Bianchi Leone, Giovanna Fleury Leone, Guilherme Leone Vianna, João Sebastião Leone, Giselda Farroni Leone, Isabel Christina de Oliveira Maia Bianchi, José Bianchi, Marta Gabriela da Silva, Marcos Pestana, Rodrigo Sampaio Rodrigues, Ivan Baycer Júnior, Laura Florence, Caik Rodrigues, Felipe Eduardo Luiz, Tânia Barbosa, Cristina Gandra de Andrade, Amanda Leal da Silva, Juliana Frutuoso Vieira.

O apoio e o auxilio vêm de muitas formas e em muitos momentos. Assim, agradeço também a todos aqueles que, em algum momento da minha vida, me ajudaram e que não foram mencionados acima.

It is a melancholy illusion of those who write books and articles that the printed word survives. Alas, it rarely does.

(Eric Hobsbawn, *How to Change the World: Reflections on Marx and Marxism*)

RESUMO

Datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas na obra de Juó Bananére: subsídios para o estudo diacrônico do português brasileiro

Esta pesquisa apresenta uma proposta de modelo teórico e metodológico da Etimologia e sua aplicação na datação de fenômenos lexicais e expressões idiomáticas do início do século XX, registrados nas obras de Juó Bananére, pseudônimo de Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933). Os dados linguísticos coloquiais utilizados por Bananére conferem às publicações do escritor um valor documental e histórico, tornando-as fontes importantes para a reconstrução do português coloquial do início do século XX. Dessa forma, a abonação e retroação dos dados lexicais e sintáticos, realizadas a partir da consulta de obras de referência, informações históricas e *corpora* paralelos, contribui para o reconhecimento dos textos macarrônicos como excelente fonte para a Linguística Histórica e para a expansão da análise diacrônica acerca do registro popular da língua portuguesa.

Palavras-chave: Etimologia; Datação linguística; Português brasileiro coloquial; Juó Bananére.

ABSTRACT

Dating lexical phenomena and idiomatic expressions in Juó Bananére's work: subsidies to diachronic studies of Brazilian Portuguese

This research presents a theoretical and methodological model of etymology and its application in dating lexical phenomena and idiomatic expressions from the beginning of the twentieth century, published in Juó Bananére's work, who is the pseudonymous of Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933). The linguistic data used by Bananére confers a historical and documental value to his publication which makes them essential to the reconstruction of the colloquial Portuguese language from the beginning of the twentieth century. Thus, the registration and backdating of lexical and syntactic data by verifying works of reference, historic information and similar *corpora*, contributes to the acknowledgment of "macarronic" texts as an excellent source to Historical Linguistics and also to the expansion of diachronic analysis of colloquial material of the Portuguese language.

Keywords: Linguistic dating; Etymology; Colloquial Brazilian Portuguese; Juó Bananére.

SUMÁRIO

Dedicatória **2**

Agradecimentos **3**

Resumo **6**

Abstract **7**

Sumário **8**

Introdução **10**

1. Reflexões sobre a Etimologia: os alicerces, os conceitos, o método **14**

1.1 Etimologia do português no século XX: conceitos e critérios 14

1.2 O problema do corpus nos estudos etimológicos 19

1.3 A construção de um método científico para a Etimologia 24

1.3.1 Metodologia para a datação de itens lexicais 26

1.3.2 Metodologia para a datação de expressões idiomáticas 28

2. O *corpus* macarrônico de Juó Bananére **35**

2.1 Contextualização cultural e histórica do corpus de Bananére 35

2.2 O recorte etimológico do corpus macarrônico 46

2.3 Elementos constitutivos do dialeto macarrônico 48

2.3.1 Alçamento vocálico 51

2.3.2 Rotacismo da líquida /l/ 52

2.3.3 Prótese 52

2.3.4 Aférese 54

2.3.5 Epêntese 54

2.3.6 Monotongação 55

2.3.7 Paragoge 55

2.3.8 Apócope 56

2.3.9 Desnasalização 56

2.3.10 Sonorização 57

2.3.11 Ditongação 58

3. Datação Lexical **61**

3.1 Metodologia 64
3.2 Listagem da abonação lexical e cotejo 65
4. Datação das expressões idiomáticas 172
4.1 Definindo "expressão idiomática": reflexões sobre a terminologia 172
4.2 Origem das expressões: verdade ou mito? 174
4.3 Listagem completa das expressões idiomáticas no corpus de Bananére 176
4.4 Amostragem de datação das expressões idiomáticas 232
4.5 Considerações Finais 262

Conclusão 265

Referências bibliográficas 270

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu do interesse dos pesquisadores em investigar as informações históricas que poderiam ser obtidas analisando etimologicamente a língua mista presente na obra de Juó Bananére. Semelhante ao leitor que se depara pela primeira vez com as peculiaridades fonológicas, morfológicas e sintáticas do dialeto macarrônico de Bananére e questiona suas formas inusitadas e cômicas, os pesquisadores partiram desta curiosidade também inerente ao fazer cientifico para verificar, valendo-se de métodos experimentais etimológicos, quais contribuições as publicações do escritor poderiam oferecer para a ampliação dos estudos diacrônicos do português brasileiro.

Diante da imensa variedade de possibilidades de análise linguística dos elementos do dialeto macarrônico, optou-se nesta pesquisa por comparar a data do registro das acepções, itens lexicais e expressões idiomáticas nos textos de Bananére com as abonações veiculadas em dicionários com dados etimológicos, como o Dicionário Houaiss (2001). Devido ao trabalho etimológico solitário de Antônio Geraldo Cunha, que catalogou a abonação de milhares de palavras da língua portuguesa, o dicionário Houaiss fornece boas abonações de palavras da língua portuguesa com entrada no período medieval. Contudo, quando observamos as datações mais recentes dos itens lexicais e suas acepções, como *cinema, foto, sensacional*, entre outros dados, o dicionário apresenta abonações generalizadas – como "século XX" – e, por vezes, desatualizadas, como foi possível notar ao confrontar a data informada na obra especializada com o vocabulário macarrônico de Bananére utilizado em suas publicações.

Diversos fatores concorreram para o estado incipiente em que se encontram estudos etimológicos em língua portuguesa do século XX, desde a falta de cursos para a formação acadêmica do etimólogo, o mito da origem inequívoca de alguns fenômenos linguísticos como gírias ou expressões idiomáticas, o eruditismo atrelado à falsa concepção de etimologia logicizante que gerou preconceitos e descrenças sobre a possibilidade de obter informações válidas sobre estágios anteriores da língua, a escassez de publicações sobre o tema, e até mesmo resquícios de conflitos históricos provenientes da segunda guerra mundial que relegaram importantes obras de referência da Etimologia em língua alemã ao esquecimento.

Contrapondo-se a esta estagnação, este trabalho tomou por base o modelo teórico e científico para obter dados históricos formulado por Viaro (2011) que vem ao longo de décadas investigando fenômenos linguísticos segundo critérios rigorosos, avaliando os procedimentos metodológicos utilizados em sua pesquisa e extraindo, a partir de seus resultados, as delimitações conceituais e terminológicas que conferem cientificidade aos estudos diacrônicos da língua portuguesa. Para além de reavivar um ramo dos estudos linguísticos importante para compreender as mudanças e aspectos de produtividade da língua, o modelo elaborado pelo pesquisador traz bases e critérios cientificamente estabelecidos que apresentam uma nova forma de pesquisa.

Ainda que a Etimologia se constitua como uma área da ciência da linguagem predominantemente empírica, não seria possível obter a abonação dos dados linguísticos sem critérios cientificamente embasados que fundamentem as decisões e soluções do etimológico no intricado trabalho e sem informações históricas do contexto cultural e social que relacionem estes dados a uma sincronia pretérita específica. Assim, para melhor compreensão dos resultados obtidos, buscou-se apresentar os conteúdos seguindo esta mesma linearidade: primeiramente, serão introduzidas as bases conceituais que nortearam nossa metodologia e nossa avaliação linguística seguidas de uma breve contextualização histórica dos textos de Bananére e dos principais metaplasmos de seu dialeto, para, então, apresentar a aplicação efetiva desse modelo nos estudos etimológicos na datação de fenômenos lexicais e sintáticos do português brasileiro.

No primeiro capítulo, serão discutidas as problemáticas da pesquisa etimológica, diagnosticando inicialmente a escassez de estudos que abordem Etimologia do português no século XX e quais são as delimitações teóricas e terminológicas que fornecer bases científicas e eficientes para enfrentar os desafios metodológicos e epistemológicos que podem surgir ao lidar com uma ciência abstrata. Uma vez munidos de critérios para lidar com os dados, parte-se para observação do trabalho empírico diretamente o *corpus* e como este é percebido e realizado nos estudos etimológicos, haja vista que o objetivo da pesquisa de obter informações históricas implica em critérios de seleção do material, recorte do objeto de estudo, entre outras questões relacionadas a este tópico. Para encerrar o capítulo, será apresentada a construção de uma metodologia científica para a datação de itens lexicais e de expressões idiomáticas desenvolvidas neste trabalho, cuja aplicação poderá ser verificada nos capítulos posteriores.

O segundo capítulo traz como tema geral o dialeto macarrônico e o cenário cultural e histórica em que este se insere, uma vez que sua linguagem só pode ser compreendida em sua riqueza linguística, cultural, literária e social quando entendida e como expressão artística e linguística de protesto contra uma corrente beletrista a qual suas publicações buscavam contestar, satirizar e revolucionar. Assim, serão apresentadas a personagem de Bananére; o cenário cultural, literário e histórico do inicio do século XX e sua relação com a obra macarrônica de Bananére; a força social, literária e política de seu dialeto; um breve apanhado da fortuna crítica produzida sobre o escritor, o *corpus* escolhido para este trabalho; e, por fim, os principais componentes fonológicos constitutivos do sistema linguístico de Bananére. Consideramos os pontos abordados em seus aspectos essenciais para melhor compreensão do dialeto macarrônico e de seu valor documental para os estudos etimológicos apresentados nos capítulos a seguir.

A partir da fundamentação teórica da pesquisa etimológica e da contextualização histórica do *corpus* macarrônico, os capítulos seguintes apresentarão os resultados obtidos da aplicação empírica dos conceitos expostos e as estratégias metodológicas tomadas pelo pesquisador segundo os resultados das investigações. Assim, no terceiro capítulo, será retomada brevemente a metodologia construída para a datação dos fenômenos lexicais na obra de Bananére para, então, disponibilizar a listagem alfabética com os itens lexicais abonados e retroagidos e o cotejo realizado consultando *corpora* paralelos para refinar as abonações segundo os textos macarrônicos e retroagir os dados linguísticos datados.

O quarto capítulo, por fim, apresenta questões teóricas e metodológicas para abordar este caso especial da Etimologia: as expressões idiomáticas que, semelhantes aos estudos diacrônicos do português, também necessitam de bases teóricas e terminológicas para delimitar e investigar o fenômeno estudado. Assim, na primeira seção, serão tecidas reflexões sobre a terminologia e a conceituação do termo “expressões idiomáticas” utilizando como base os estudos fraseológicos de Urbano (2008). Em seguida, colocaremos luz sobre o mito da origem das expressões idiomáticas segundo as bases teóricas da Etimologia apresentadas no primeiro capítulo, aplicando alguns dos critérios relacionados para este fenômeno linguístico para, enfim, apresentar a listagem das expressões idiomáticas identificadas no *corpus* de Bananére, abonando-as segundo o ano de publicação, e a amostragem de retroação das expressões selecionadas para verificar os procedimentos metodológicos de coleta e retroação

em plataformas disponíveis na Internet na busca do refinamento das informações diacrônicas já obtidas.

Ao discutir delimitações teóricas, procedimentos metodológicos e estratégias avaliativas para a obtenção de dados linguísticos datados segundo os *corpora* consultados, abordando em cada seção os pontos de apoio essenciais para a realização deste trabalho, esperamos que os capítulos que se seguem possam apresentar um modelo cientifico de investigação linguística que amplie não apenas os estudos históricos sobre o português mas também as novas formas de conceber cientificamente os caminhos múltiplos percorridos pelas muitas gerações que formam, através destes trajetos ao longo do tempo, o amálgama de sistemas sincrônico a que nomeamos "língua".

Concluindo, destaca-se, ainda, que este trabalho pode contribuir não apenas com novas informações históricas sobre os fenômenos linguísticos a partir de textos macarrônicos, mas também considerar a ampliação dos estudos diacrônicos da língua portuguesa ao apresentar a aplicação efetiva de um novo modelo teórico e metodológico de pesquisa em Etimologia para datação de itens lexicais e expressões idiomáticas do português brasileiro coloquial do inicio do século XX.

1. Reflexões sobre a Etimologia: os alicerces, os conceitos, o método

O embasamento teórico nos estudos etimológicos, em seus primórdios e ao longo de sua tradição, teve como ponto de apoio a erudição e intuição do linguista que se aventurava sobre o frágil terreno da pesquisa diacrônica, fragilidade advinda da ausência de critérios, dados, termos e metodologia para lidar com este campo de estudo. A qualidade das informações contidas em gramáticas históricas e dicionários etimológicos em língua portuguesa é muito desigual, com pesquisas descentralizadas e sem uma terminologia uniformizada, o que fere intensamente a fundamentação teórica dos estudos empreendidos até a recente retomada da Etimologia científica.

Além de apresentar os resultados da coleta e análise das expressões idiomáticas em português, este projeto visa introduzir conceitos e termos que conferem cientificidade aos métodos empregados e propor uma estratégia metodológica replicável que possa instrumentalizar os pesquisadores em Etimologia. Acreditamos que este estudo possa contribuir para uma nova forma de se fazer a pesquisa etimológica, valendo-se não da intuição ou da conduta normativa para determinar esta ou aquela etimologia, mas de diretrizes cientificamente embasadas que norteiem os estudos diacrônicos e garantam sua necessária continuidade.

Este capítulo contém uma exposição das questões teóricas, terminológicas e metodológicas que foram levantadas como ponto inicial da pesquisa e abordadas de acordo com os resultados de um trabalho empírico que inevitavelmente lida com questões abstratas. Nesta primeira seção, discorremos sobre a escassez dos estudos etimológicos em língua portuguesa, refletindo sobre suas causas e implicações na Linguística Diacrônica; em seguida, será problematizada a questão do *corpus* e sua importância para a datação de fenômenos linguísticos; finalizando a sessão, introduziremos o modelo científico para a datação de palavras e expressões utilizado neste projeto como possível estratégia metodológica para os estudos diacrônicos em língua portuguesa.

1.1 Etimologia do português no século XX: conceitos e critérios

Observando a programação de um simpósio científico de Letras ou mesmo as estantes da mesma temática em uma livraria, é possível notar a escassez de material e de pesquisa etimológica em língua portuguesa. Nem editoras, nem coordenadores de eventos sejam apontados como causas do estanque em que se encontra a pesquisa etimológica em nossa língua: para a qual concorrem muitas causas, desde a carência de uma formação completa e atualizada do linguista em Etimologia, a ausência de um órgão que organize os estudos linguísticos em suas mais variadas manifestações (Filologia, Gramática e Linguística Sincrônica), e até mesmo o trauma pós-guerra que confinou ao esquecimento a maior parte da produção etimológica de alta qualidade em língua alemã, como relata Viaro (2011).

As informações que alguns dicionaristas como Bueno (1963), Nascentes (1952), entre outros, divulgam em suas obras encontram-se desiguais em termos de critérios adotados e rigor das hipóteses apresentadas. Devido à natureza de seu objeto de estudo, a pesquisa etimológica lida com hipóteses criteriosamente fundamentadas sobre as etimologias propostas sem jamais apresentar uma solução final para tais hipóteses, pois cada nova informação cultural, linguística ou histórica da língua que estamos investigando pode modificar as teorias desenhadas em torno dos dados limitados aos quais tivemos acesso. A tarefa do etimólogo, portanto, consiste em cercar-se de argumentos e dados de todos os tipos para validar com maior cientificidade algumas das hipóteses inferidas a partir de sua pesquisa.

O reflexo dessa lacuna nos estudos diacrônicos é que não existe um dicionário etimológico em língua portuguesa que traga informações diacrônicas, como a abonação dos itens lexicais, de suas acepções e das expressões idiomáticas, situação muito diversa em outras línguas românicas, como o francês que conta Petit Robert (1990) e o espanhol e castelhano com o rigoroso dicionário Corominas (1952), ou ainda o inglês com o valioso dicionário Oxford (1962)[1]. Embora o Dicionário Houaiss e Villar (2001) não se intitule um *dicionário etimológico*, o tratamento dado às questões diacrônicas da língua portuguesa, sobretudo a investigação do seu período medieval, é sem dúvida uma referência notável para a pesquisa etimológica, graças ao trabalho solitário de Antônio Geraldo da Cunha que, por meio

[1] O NEHiLP (Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua), cujo organizador é o prof. Dr. Mário Eduardo Viaro e ao qual esta pesquisa está integrada, tem-se dedicado a construir um dicionário histórico em língua portuguesa, isto é, produzir e divulgar a pesquisa dos fenômenos linguísticos do português brasileiro sob uma perspectiva diacrônica, o que inclui, entre muitos outros objetivos, determinar com grau de certeza aproximado a datação de fenômenos fonéticos, lexicais e fraseológicos numa dada sincronia pretérita.

de suas 170 mil fichas, abonou a maioria do vocabulário português arcaico e deixou às gerações um legado precioso para os estudos diacrônicos.

No século XX, houve uma profusão imensa de testemunhos de palavras vinculadas a estratos da língua portuguesa difíceis de rastrear, a saber, a linguagem popular e os dialetos rurais, sobretudo devido aos movimentos artísticos de vanguarda que fomentavam o linguajar cotidiano como estilo literário a ser adotado. Negligenciada até então pelo favoritismo à norma culta, a descrição do português popular desse período contribui para reconstruir a língua portuguesa em sua dimensão real de uso. Uma vez registrada sem as amarras normativas em documentos escritos – como os periódicos macarrônicos de Bananére –, o pesquisador não somente tem acesso a esses dados como se torna viável associá-los a uma sincronia pretérita específica, reconhecendo o contexto científico, histórico, social e cultural encapsulado pelo item linguístico.

A partir da localização da expressão num momento histórico, podemos correlacionar uma série de informações e reunir argumentos para determinar a etimologia analisada. Se uma expressão como "a noite é uma criança" encontra uma versão muito semelhante em inglês, "the night is young", podemos retroagir a expressão para um momento mais recuado no trajeto do dado linguístico verificando *corpora* datados que contenham esta expressão e, então, verificar se nesse momento, por exemplo, a língua portuguesa já teria um contato cultural, tecnológico e histórico intenso com a língua inglesa. Dados paralelos, como outros termos que entraram como empréstimo no português e situados no mesmo período, podem indicar maior certeza no estabelecimento da etimologia e de sua origem.

O início da construção de um modelo científico etimológico se inicia com o estabelecimento de conceitos fundamentais para aos propósitos investigativos da ciência etimológica e a uniformização terminológica para que seja possível garantir que as pesquisas na área sejam feitas com base no mesmo conceito epistemológico divulgado por uma determinada terminologia. Além de contribuir para a fundamentação teórica dos projetos de pesquisas relacionados ao campo de estudo, estabelecem-se critérios rigorosamente avaliados para garantir diretrizes embasadas sobre as condutas teóricas e metodológicas que o pesquisador deve seguir na sua busca de desenvolver um trabalho comprometido e com validade científica.

Para conferir maior clareza à abordagem metodológica adotada e aos resultados obtidos nesta pesquisa, fazem-se necessárias algumas questões teóricas com relação à recuperação dos estudos etimológicos e ao embasamento científico da metodologia aqui proposta. Por tratar-se de uma ciência ainda desprovida de construtos teóricos que direcionem o pesquisador, é preciso refletir sobre a importância da nitidez conceitual e terminológica a que recorremos neste trabalho: uma vez estabelecidos os conceitos com os quais o etimólogo lida em sua pesquisa, as estratégias metodológicas ganham não só mais força como mais validade científica. Com base em sua experiência como etimólogo, Viaro (2011) propõe a seguinte terminologia que delimita os conceitos essenciais para a Etimologia e evita complicações que podem perturbar a cientificidade das soluções propostas para decifrar a etimologia de um fenômeno linguístico:

- **Etimologia**: ciência etimológica propriamente dita;
- **etimologia**: estudo etimológico de uma palavra ou de um elemento de formação;
- **étimo**: forma equivalente de uma mesma palavra investigada, imediatamente anterior numa dada sincronia pretérita;
- **origem**: forma equivalente mais remota, num encadeamento de étimos ou simplesmente a base linguística sob a qual se compõe morfologicamente a estrutura da palavra investigada;
- ***terminus a quo*:** data do registro mais antigo de uma palavra ou de um elemento de formação investigado diacronicamente.

Viaro (2011, p.100) elucida a aplicação dos conceitos e da terminologia em um exemplo muito pertinente, aqui reproduzido. Consultando dicionários e obras similares, encontramos a afirmação de que a etimologia da palavra *fotográfico* é proveniente do grego ou mesmo derivada de *fotografia*. Tal afirmação permite-nos deduzir que as palavras foram criadas originalmente no português, o que é falso, já que estava presente em outras línguas europeias antes de sua admissão na língua portuguesa. Assim, valendo-se dos critérios estabelecidos pela terminologia acima e consultando obras de referência com datação dos termos lexicais, pode-se afirmar, por exemplo, que o étimo é francês (*photographique,* 1839). Contando com a informação do *terminus a quo* mais antigo, cria-se a hipótese de que, a partir do francês, a palavra foi transmitida para as outras línguas. Também podemos esclarecer que ter raízes de origem grega, como é o caso da palavra *fotográfico*, não é o mesmo que ter um étimo grego, mas francês, inglês etc.

A aplicação dessa definição pode, assim, quebrar algumas falhas de interpretação sobre a etimologia de uma palavra e estabelecer limites entre os elementos de composição de uma palavra e o rastreamento do étimo como tal. Seguindo esses conceitos, também será notada uma diminuição significativa de elementos herdados do latim e um aumento da influência francesa sobre o léxico português, o que reflete com maior coerência a história lexicológica do português: muitas palavras da nossa língua são, de fato, decalques, empréstimos ou imitações de outros termos estrangeiros.

Obter uma visão parcial da língua e de sua história é algo que todo pesquisador é convidado a considerar em suas pesquisas, afinal, o acesso à linguagem só ocorre a partir de *corpora* que já são, em si, recortes subjetivos das possibilidades linguísticas. De um ponto de vista sincrônico, o pesquisador analisa a língua corrente a partir das características de um *corpus* escolhido, mas pode sempre contar com dados colhidos *neste momento.* O pesquisador em Linguística Diacrônica, no entanto, está em busca de uma *reconstrução* de uma dada sincronia pretérita a partir da coleta de dados e datação dos fenômenos linguísticos.

Sem *corpora* datados, não é possível reconstruir a língua corrente daquele momento histórico especifico nem mesmo estabelecer étimos e relações de produtividade que vão determinar e interpretar os fenômenos linguísticos atuais. Observar a regularidade das mudanças fonéticas, efetuar a descrição de sistemas linguísticos em sincronias pretéritas, observar a possibilidade de contato entre dois sistemas pelo qual poderia ter gerado um determinado trajeto do étimo da língua A até a língua B, refutar o conceito de língua como um sistema homogêneo e estável seja qual for a sincronia, coletar dados, datá-los e comparar os fenômenos e as possibilidades de produtividade são alguns dos métodos adotados para estabelecer cientificamente um étimo qualquer sem deixar de considerar o aspecto abstrato do objeto de estudo.

Ainda que o pesquisador recorra a estas diretrizes para reconstruir cientificamente o trajeto de um étimo, fenômenos linguísticos de natureza complexa como o tabu, o humor, o normativismo, as brincadeiras estilísticas, entre outros recursos inusitados, interferem na trajetória do étimo e dificultam o trabalho do etimólogo. A atuação destes fenômenos tem como consequência a transmissão irregular da palavra que pode desaparecer completamente num dado momento e/ou muitas vezes reaparecer deformada morfológica e semanticamente , o que torna difícil reconhecer que se trata do mesmo étimo.

É necessário recorrer a informações sobre as concepções culturais e morais da sincronia que estamos analisando e relacionar os dados obtidos na coleta para identificar se houve a atuação de algum tipo de tabuísmo no *corpus* escolhido. Assim, para a sobrevivência de um étimo, a frequência de uso do termo é extremamente importante. O processo básico de criação de uma palavra ou de uma expressão e sua tradição são relativamente simples: diante da profusão de um elemento linguístico, têm-se sempre duas possibilidades, a inovação e a conservação – o que uma variante conserva, a outra inova e vice-versa. Para além dos favoritismos de uma variante por outra, o que interessa aos estudos etimológicos é verificar a possível origem do dado e rastrear sua transmissão de uma geração a outra.

A consulta a *corpora* online de grandes dimensões como o *Books Google*, o *Corpus do Português* de Michael Ferreira e Mark Davies, entre outros, instrumentalizam o pesquisador com ferramentas eficazes para uma metodologia eficiente na coleta de dados e retroação de datas. No entanto, para que seja possível determinar o étimo de uma palavra, os *corpora* datados são essenciais e é esta a importância do trabalho da retroação. Com um conjunto de dados devidamente datado e informações sobre a sincronia pretérita, é possível abandonar o antigo "eruditismo" no qual os estudos etimológicos se apoiavam para adotar uma metodologia que pode afirmar com maior grau de certeza se aquela versão da expressão recomendada por um neogramático, por exemplo, trata-se de fato de sua versão original – portanto, registrada em algum documento –, ou apenas um argumento normativista sem fundamentação cientifica.

Na próxima seção, será discutida com mais profundidade a questão da qualidade abstrata dos *corpora* com a qual o etimólogo se depara ao datar fenômenos linguísticos, quais são as diretrizes que devem ser tomadas para que as datações se aproximem da realidade linguística reconstruída e de que forma a (de)limitação do *corpus* afeta os resultados e as conclusões dos estudos etimológicos.

1.2 O problema do *corpus* nos estudos etimológicos

Para toda pesquisa linguística, o *corpus* define a variedade dos dados que estão incluídos, o registro culto ou popular da língua, o fenômeno a ser analisado e o período em que estão inseridos os dados da pesquisa. No estudo etimológico, os *corpora* assumem um

valor fundamental, sobretudo quando organizados de maneira a fornecer novas informações diacrônicas a respeito da sincronia pretérita analisada.

Imagine-se coletar e analisar tudo o que um grupo de falantes produz ao longo de sua vida e somar tais dados à produção linguística igualmente coletada de outras gerações: este projeto certamente ofereceria uma visão realista sobre o fenômeno da linguagem. Este cenário ideal do conhecimento linguístico foi imaginado como um *huge chart* por Bloomfield (1933, p.46-47), concepção reproduzida abaixo:

> Imagine a huge chart with a dot for every speaker in the community, and imagine that every time any speaker uttered a sentence, an arrow were drawn into the chart pointing from his dot to the dot representing each one of his hearers. At the end of a given period of time, say seventy years, this chart would show us the density of communication within the community (…). The chart we have imagined is impossible of construction. An insurmountable difficulty, and the most important one, would be the factor of time (…). Our speech depends entirely upon the speech of the past. Since we cannot construct our chart, we depend instead upon the study of indirect results and are forced to resort to hypothesis.

Todo *corpus* configura-se como abstração daquilo que é produzido pelos falantes no cotidiano, definindo-se, portanto, como um recorte, um quadro muito resumido da concreta realidade linguística que buscamos estudar de forma indireta. A questão se torna ainda mais complexa quando o *corpus* delimita não só a característica linguística a ser investigada, mas também o período em que ela ocorre. Só é possível retroagir um dado linguístico, por exemplo, até a data mais antiga do conjunto de textos que foi selecionado. Como afirmado anteriormente, na Etimologia, os *corpora* devem ser selecionados de modo a nos oferecer alguma informação histórica a respeito do nosso objeto de estudo. Para tanto, deve-se justificar com critérios muito bem fundamentados a seleção feita e estabelecer uma relação entre o tipo de texto selecionado, o fenômeno linguístico a ser analisado e o período em que esse fenômeno está inserido.

É importante frisar que o etimólogo que se vale de procedimentos cientificamente embasados não se detém em questões que vão além dos limites metodológicos que lhe são disponíveis: conhecer a verdadeira data da criação de uma palavra ou de uma expressão é praticamente impossível, o que pode frustrar as expectativas de pesquisadores e leigos em seu afã pela resposta correta e exata, mas irreal. Isto é, na maior parte dos casos, um mito. É possível, sim, a partir de uma metodologia cientifica rigorosa, conhecer a datação da ocorrência mais antiga da palavra, ou *terminus a quo* um dado já bastante significativo, pois pelo testemunho escrito é possível saber que aquela palavra ou expressão já era parte do

vocábulo daquela sincronia pretérita. Uma vez contextualizada num momento histórico, podemos relacioná-la às informações obtidas do ambiente linguístico, cultural e social a partir de outros *corpora* datados e descrições da sincronia preteria. Para o etimólogo, quanto maior o número de informações de todo tipo que se possa conhecer, menor será o número de hipóteses para estabelecer um étimo e maior será o grau de certeza das soluções propostas em sua pesquisa.

Os *corpora* podem auxiliar na resolução de problemas que envolvem a datação de derivações ou composições, o que pode ser exemplificado discutindo sobre um caso analisado por Viaro (2011, p.103). Diante de uma palavra *reexibição*, pode-se perguntar qual teria sido sua formação: *re+exibição* ou *reexibir+ção*? Qual das duas formar é mais antiga e que, assim, poderia dar origem à palavra derivada? Somente com *corpora* datados é possível estabelecer um étimo e encontrar uma solução ideal para tais questões, evidenciando a importância da documentação destas estruturas linguísticas e sua contextualização temporal. Geralmente, a palavra ou expressão é utilizada pelos falantes de uma determinada geração e aparece tardiamente documentada em documentos escritos, portanto, indagar se a criação do item linguístico analisado é contemporânea ao *terminus a quo* estabelecido pelo etimólogo é uma questão abstrata com respostas hipotéticas e infundadas – a abonação é o dado mais concreto que o pesquisador tem e sobre o qual deve colocar sua atenção.

A datação inicial de palavras presente em alguns dos dicionários etimológicos é um excelente ponto de partida para desenvolver o trabalho de retroação: após a primeira datação, o etimólogo deve consultar outros *corpora* e ampliar as possibilidades de recursos e acesso a textos para refinar seus dados e buscar um registro ainda mais antigo do que aquele atestado nas obras de referência. Além disso, as características do vocabulário utilizado em um *corpus* em comparação com o conjunto lexical do dicionário são bastante distintas, sobretudo quando o objeto de estudo é o português brasileiro coloquial. A questão da riqueza linguística do *corpus* em contraposição ao léxico enciclopédico dos dicionários é discutida por Viaro (2011, p.103-104):

> Como se sabe, os léxicos extensos são construtos artificiais que não revelam sistemas reais, mas são repletos de anacronismos, resultantes do somatório de contextos, experiências e jargões que, embora presentes na complexidade das sociedades modernas, não são ativos no discurso diário da época em que foram publicados. Os *corpora*, não se valendo de aspectos normativos, conseguem suprimir (mas não substituir) os dicionários, quando se deseja ter uma visão da língua em suas múltiplas facetas [...] Tal postura enriquece a gama de dados e aproxima o linguista um pouco mais da ideal onisciência dos dados da *huge chart* bloomfieldiana.

O *corpus* de Bananére, longe de valer-se de aspectos normativos, é de grande riqueza documental na medida em que registra nas suas publicações palavras, expressões e fenômenos fonéticos que estavam confinados ao português brasileiro coloquial *falado*. O aspecto prosaico dos seus textos releva que estamos diante de um *corpus* no qual a liberdade linguística não só é aplicada, mas amplamente incentivada – governadores, imperadores, reis e celebridades usam a mesma linguagem do imigrante italiano, repleta de desvios em relação à norma padrão. Os dicionários, gramáticas e obras de referência, por outro lado, são alicerces do purismo linguístico dos teóricos, o que afasta ainda mais o pesquisador da dimensão ampla e real da língua usada como tal.

Sobre a questão normativa presente nos dicionários, a língua portuguesa foi alvo de um caso recente advindo do Ministério Público de Uberlândia (MG) que acusou a Instituto Antônio Houaiss de veicular uma acepção com teor discriminativo[2]. O verbete em questão é *cigano* que teve duas de suas definições criticadas: "aquele que trapaceia; velhaco; burlador" e "que faz barganha, que é apegado ao dinheiro; agiota; sovina". O procurador da República, Cleber Eustáquio Neves, atribuiu ao dicionário o poder de influenciar o uso lexical e exigiu não só a retirada da obra de circulação como a suposta correção da acepção. A profa. Dra. Elis de Almeida Cardoso Caretta (FFLCH-USP), que realiza estudos no campo da lexicologia, teceu o seguinte comentário sobre o assunto em entrevista à Revista da Língua Portuguesa: "Para [o MP] ser tão categórico ao dizer isso, seria preciso mostrar a frequência do uso. A prova em contrário é o próprio dicionário, que registrou um uso antigo e ainda corriqueiro."[3].

Vislumbra-se, assim, um exemplo da interferência inculta da conduta normativa diante de dados linguísticos cristalizados pela sua dicionarização. Tal atitude do Ministério Público, não fosse o acesso rápido e fácil às informações jornalísticas na *internet*, poderia confundir os futuros etimólogos com o casual desaparecimento da acepção dos dicionários de língua portuguesa, se o Ministério Público tivesse vencido o processo. Eis a importância dos dados da chamada História Externa e dos *corpora*: quaisquer que sejam as diretrizes fornecidas pelos órgãos de controle das edições ou mesmo da norma prescrita, a linguagem corrente seguirá suas próprias leis, criando e extinguindo palavras, acepções e expressões a seu bel prazer. É tarefa imprescindível do etimólogo ater-se a *corpora* que atestem os usos correntes

[2]Cf. Matéria no portal de notícias Terra: <http://noticias.terra.com.br/educacao/mpf-alega-preconceito-e-pede-fim-da-circulacao-do-dicionario-houaiss,0ee842ba7d2da310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>

[3] Cf. PEREIRA JR., L. C. **Temporada de caça aos dicionários**. Revista da Língua Portuguesa, ano 7, n.78, abr. 2012, p.40-41.

de uma língua numa determinada sincronia pretérita, atentando-se a tabuísmos e prescrições que podem interferir no trajetos dos étimos documentados em testemunhos escritos.

Como já foi afirmado, mesmo uma ciência de caráter predominantemente empírico como a Etimologia deve saber lidar com abstrações em seus procedimentos metodológicos. Quando se tem como objetivo a datação de uma palavra ou de uma expressão linguística, a possibilidade de retroação vai até onde o *corpus* definido pelo pesquisador se estende. É necessário pontuar que desvendar o étimo dos termos mais recentes é um dos problemas mais intrincados da Linguística Diacrônica, não obstante a riqueza de meios que contamos para tornar o caminho mais acessível. Ferramentas como *sites* de busca na *internet*, digitalização de obras raras disponíveis *online*, entre outros meios, são recursos que o etimólogo do século XXI não pode mais ignorar. Ao contrário, o pesquisador deve valer-se do vasto acervo textual disponível em tais meios e aliar-se aos avanços tecnológicos para validar com maior certidão os resultados obtidos a partir de sua pesquisa. É imprescindível abandonar a tradição metodológica da Etimologia que tinha como base exclusivamente a erudição do pesquisador e construir um novo modelo teórico e metodológico que fundamente cientificamente as hipóteses apresentadas e devidamente comprovadas em testemunhos escritos.

Como resultado da precária tradição de determinação do *terminus a quo* das palavras portuguesa, os dicionários históricos de português não se configuram como obras de referência etimológica e sequer com abonações precisas. Para aqueles que contestam esse argumento relembrando a existência de dados no dicionário de Houaiss e Villar (2001), vale lembrar que, ainda que tenha um tratamento etimológico bastante acentuado em milhares de verbetes, não se trata de um dicionário etimológico e uma breve pesquisa em documentos da obra de Juó Bananére revela que muitas das informações presentes no dicionário precisam ser revistas, atualizadas e algumas até mesmo incluídas, como novas acepções de verbetes[4].

Para elucidar com mais propriedade a escassez do detalhamento abonativo das expressões utilizadas pelo português em seu registro mais coloquial, é pertinente recuperar um dos resultados obtidos na pesquisa de iniciação científica por mim desenvolvida. Observemos a seguinte frase extraída do periódico *O Pirralho*, n. 182, de 1915 (*grifo nosso*): "Altrodí

[4] Durante a Iniciação Científica, a pesquisadora Juliana Bianchi Leone desenvolveu um projeto de pesquisa com apoio da FAPESP (Processo 08/51536-0) em que centenas de itens lexicais foram retroagidos ou abonados, comprovando a necessidade de revisão das informações etimológicas nas obras de referência e a riqueza do *corpus* de Bananére para os estudos diacrônicos do português brasileiro. A listagem com os resultados obtidos será apresentada no capítulo 3.

tuttos giurnalo impubricáro um tiligrammo du Rio dizéno che o Mareciallo anda indiguinado con *o* **"suito"** chi o pissoalo **déro** n'elli disposa che illo sai da prizidenza."

O Dicionário Houaiss e Villar (2001) faz a seguinte observação a respeito desta acepção da palavra *suíte*: "empregado apenas na locução *dar o suíte*", como é o caso da utilização contextualizada acima. A datação de um termo muitas vezes está vinculada a elementos de natureza sintática, tornando a datação relativa não somente à acepção, mas também à expressão que cristalizou este valor semântico. O dicionário abonou a expressão ou a acepção da palavra como sendo de 1942, entretanto, como vemos no excerto acima e em outras contextualizações nos textos de Bananére, a expressão é largamente utilizada pelo escritor brasileiro em período anterior à abonação informada pelo dicionário. O *status* de coloquialidade da expressão é tão alto que o próprio escritor coloca-a entre aspas com vistas a uma suavização do registro oral empregado, recurso utilizado em outras passagens da obra. Além disso, o exemplo acima ilustra a importância da seleção de um *corpus* que contenha informações históricas sobre a variante popular da língua portuguesa e, assim, atenda aos propósitos da pesquisa diacrônica.

Outro exemplo que ilustra a fragilidade dos registros do *terminus a quo* das palavras portuguesas é citado por Viaro (2011, p.107): a possibilidade de retroceder a partir do extenso título do dicionário de Rafael Bluteau o *terminus a quo* de muitas palavras conhecidas consideradas como surgidas no século XIX ou XX, mas registradas já na primeira edição do dicionário, em 1712. Para além da retroação, o longuíssimo título permite incluir datas para termos ainda sem abonação e determinar com mais precisão o *terminus a quo* de outros termos carentes de revisão. Como é possível notar, a etimologia dos séculos mais recentes, sobretudo os séculos XVIII, XIX e XX, é a que se encontra mais escassa em informações históricas e sobre as quais o pesquisador poderá deter-se e refinar suas hipóteses.

Uma vez discutidos os limites terminológicos, conceituais e estratégicos dos quais nos valemos neste projeto de pesquisa para estabelecer uma fundamentação teórica adequada à ciência etimológica, será apresentada na próxima subseção a metodologia utilizada para obter efetivamente os resultados de abonação e retroação das expressões idiomáticas do português brasileiro.

1.3 A construção de um método científico para a Etimologia

Foram discutidas questões terminológicas e teóricas que permearam a condução desta pesquisa, sem as quais os resultados aqui obtidos poderiam carecer de embasamento científico e serem relegados, como os estudos etimológicos de tradição neoplatônica, ao descrédito dos linguistas ou ao abuso normativo desmesurado dos leigos. Falta-nos, no entanto, discutir as estratégias pragmáticas do processo, isto é, o 'como' da etimologia.

Graças aos recursos tecnológicos e ao fácil acesso a obras de referência, o pesquisador do século XXI conta hoje com uma infinidade de ferramentas que facilitam a garimpagem de um étimo em muitos *corpora* disponíveis: *sites* de busca na *internet*, *corpora* eletrônicos em língua portuguesa, bibliotecas virtuais, programas de computação, *softwares*, entre outros recursos, são de grande utilidade para resolver questões históricas dos estudos linguísticos. Há, no entanto, alguns cuidados de natureza pragmática que devem ser discutidos a fim de que a metodologia atenda de forma coerente a finalidade de pesquisa.

Ao longo do tempo, uma mesma palavra pode sofrer alterações fonéticas e semânticas e modificar sua estrutura formal, alterando-se pela ação do tempo. O pesquisador em Etimologia deve ater-se às três questões que norteiam os estudos diacrônicos para investigar o trajeto histórico de um dado linguístico:

a) Quando exatamente a mudança ocorreu?
b) Em quanto tempo a mudança se efetuou?
c) De que modo essa mudança ocorreu?

O recorte investigativo feito neste trabalho busca responder, essencialmente, à primeira pergunta: uma vez munido de *corpora* datados, o etimólogo pode dar continuidade à pesquisa e investigar os vários momentos de um mesmo étimo. Recuperando o exemplo da palavra *fotográfico*, pode-se dizer que se não tivéssemos a informação de que já se encontra no francês o termo *photographique* em 1839, como poderíamos estabelecer que se trata de um étimo francês e não grego, como pressupunha antes o método etimológico descuidado adotado por alguns dicionários? Assim, neste projeto, não estamos rastreando uma mudança linguística, mas atestando dados linguísticos que vão instrumentalizar o pesquisador na tarefa de estabelecer um étimo com um grau de certeza cientificamente válido, localizando-o numa dada sincronia pretérita.

A seguir, será exposto o conjunto de critérios adotados para a coleta e retroação das palavras e expressões idiomáticas. A proposta metodológica que será apresentada é resultado do casamento entre os critérios teóricos discutidos até agora e as atitudes metodológicas resultantes da prática da pesquisa etimológica, assim, o método foi elaborado conforme a pesquisa foi realizada. Para além das datações das palavras e expressões idiomáticas, o desenvolvimento de um método replicável que permita a continuidade dos estudos etimológicos agora cientificamente embasados é também um dos resultados dessa pesquisa.

Como cada um destes fenômenos tem características peculiares que geram estratégias metodológicas específicas, será dedicada uma subseção para cada metodologia elaborada.

1.3.1 Metodologia para a datação de itens lexicais

Itens lexicais, diferentemente das expressões idiomáticas, são elementos linguísticos estruturalmente isolados, mais facilmente localizáveis em um texto e sem variação em seus componentes. Pode-se dizer que os passos básicos para o trabalho etimológico ser realizado são: a coleta e organização de dados extraídos de um *corpus* que possua riqueza linguística e que possa fornecer alguma informação diacrônica; o apoio de obras de referência ou outros *corpora* para um cotejo entre as datações do termo em cada documento e conferir em qual dos dois documentos encontra-se o *terminus a quo* mais antigo; por fim, estabelecer uma abonação para a palavra investigada, reforçando que esta é uma solução hipotética e que a consulta a outros *corpora* pode modificar o resultado.

O procedimento acima descrito, no entanto, exige cuidados particulares quando o *corpus* utilizado como base é escrito em um dialeto macarrônico. A variação ortográfica imprevisível da língua de Bananére certamente foi um fator que influenciou os nossos passos. Além disso, esta pesquisa contou com ferramentas tecnológicas e informáticas que podem avançar e otimizar enormemente as fases da pesquisa etimológica, aprimorando ainda mais o método e, consequentemente, os resultados. Segue abaixo a descrição detalhada da metodologia adotada nesse trabalho:

A) Digitação e triagem dos dados

O *corpus* escolhido para a pesquisa foram as publicações mais antigas de Juó Bananére com vistas à retroação máxima da datação de suas formas lexicais inovadoras: *As cartas d'abax'o Pigues (*1911-1913), *O Rigalegio* (*O Pirralho*, 1913-1914), *As cartas d'abax'o Piques* (*O Pirralho*, 1914-1915), *Sempr'Avanti!!...* (*O Queixoso*, 1915-1916), *A vespa* (1916) e *O Féxa* (*O Pirralho*, 1917), totalizando 191 textos publicados. A famosa coletânea *La divina increnca* (1915), apesar de ser uma triagem dos textos anteriormente publicados na revista *O Pirralho*, fato fundamental para a datação dos termos utilizados nos poemas, apresenta versões modificadas dos poemas da primeira edição, o que fez com que o *corpus* incluísse, em casos específicos, os textos da segunda versão de 1915.

Para a reunião dos textos publicados em *O Pirralho*, fomos beneficiados com o auxílio do Prof. Dr. Benedito Antunes (UNESP-Assis), que compilou e analisou com dedicação todos os aspectos literários, socias e históricos de Juó Bananére, ao qual deixamos aqui expresso o nosso profundo agradecimento. O pesquisador contribuiu para a presente pesquisa cedendo 101 dos 191 textos que compõem o *corpus* deste trabalho, o que acelerou o andamento do trabalho e forneceu um modelo metodológico para a digitação cuidadosa dos textos macarrônicos. Os textos faltantes foram minuciosamente digitados por mim de acordo com a indexação das obras de Bananére feita por Antunes (1998) e Andrade (1999). Vale acrescentar que digitar um texto em macarrônico não é uma tarefa simples, visto que em sua constituição ortográfica não há qualquer padronização, ocorrendo num mesmo texto diversas ortografias para a mesma palavra, o que exige uma atenção e cuidado especiais.

Em busca de uma organização mais apropriada e facilitada do *corpus* a ser utilizado, a coleta dos dados foi feita a partir do *software Shoebox* que analisa a ocorrência e a frequência de cada item lexical, assim como localiza a data da publicação e o nome e número dos periódicos em que aparece tal ocorrência. Todos os textos de 1911 a 1917 foram rodados nesse programa que organizou os dados de forma acessível para a consulta e comparação a partir de um documento no formato *Excel*, que oferece os recursos de filtragem, por exemplo, quando se deseja restringir os dados a um determinado aspecto. De tal planilha temos como *corpus* integral 15.535 itens lexicais isolados, desde artigos até nomes próprios. Foi efetuada uma triagem dos verbos, substantivos e adjetivos que fossem pertinentes aos objetivos da pesquisa, isto é, identificaram-se os dados que oferecessem possibilidade de correção ou retroação

daquela datação apresentada pelo Dicionário Houaiss ou ainda uma ortografia que indicasse a influência direta de um dialeto ou do registro falado do português brasileiro, num total de 4100 itens lexicais selecionados.

B) Cotejo com os dados do Dicionário Houaiss

O passo seguinte foi a comparação da datação de cada vocábulo da lista de base extraída a partir do *corpus* com aquela referida no Dicionário Houaiss, que frequentemente indica apenas a década ou o século, uma classificação muito vaga quando se trata do português brasileiro do século XX. As palavras foram consultadas uma a uma, comparando a lista de base com as informações no dicionário. Todas as palavras em que foi possível uma especificação da data ou uma retroação na comparação com o dicionário foram incluídas na listagem apresentada no capítulo 3. O cotejo, como poderá ser verificado no capítulo 3, mostrou que palavras utilizadas no dia a dia como *cinema*, *lixão*, *táxi*, entre outras, não tinham datação especificada ou mesmo estavam desatualizadas, uma vez que foi efetuada a retroação da datação ou a abonação primeira em diversos itens lexicais.

C) Cotejo com o *corpus* de Mark Davies e Michael Ferreira

A pesquisa, não satisfeita com a datação dos fenômenos lexicais a partir do texto macarrônico e do dicionário com cuidado etimológico, buscou a realização de um cotejo dos dados obtidos pela retroação via *corpus* de Bananére e as ocorrências nos textos que compõem o *corpus* do português de Mark Davies e Michael Ferreira. Formado por quase 57 mil textos que reúnem mais de 45 milhões de palavras abrangendo desde o século XVI até XX, o imenso *corpus* conta com textos literários, jornalísticos, artigos, documentos, entrevistas, incluindo mesmo conteúdo publicado online. O *site* criado pelos pesquisadores oferece diversos mecanismos e recursos informáticos para pesquisar os itens lexicais, constituindo-se uma fonte de riqueza documental que ainda não foi inteiramente explorada nas pesquisas e trabalhos que se valeram de seu acervo[5].

1.3.2 Metodologia para a datação de expressões idiomáticas

[5] Cf. FAQ do *site Corpus* do Português <http://*corpus*.byu.edu/faq.asp>.

O principal objetivo do projeto era coletar expressões na obra de Bananére, datá-las de acordo com a data de publicação dos textos e recorrer a outros *corpora* linguisticamente ricos em relação aos dados do português brasileiro popular para refinar os resultados já obtidos e retroagir as datas. Como já foi dito anteriormente, não há como estabelecer um étimo com um grau de certeza assegurado por argumentos e dados paralelos e por *corpora* devidamente datados. Assim, a partir do *terminus a quo* determinado, é possível estabelecer um étimo e então reconstruir seu trajeto.

A partir da coleta das expressões do conjunto de *corpora* selecionado e do registro da datação de cada uma segundo sua publicação, como dito anteriormente, o pesquisador deve recorrer a outros *corpora* para refinar os resultados obtidos. Quanto mais extenso o *corpus* é em tamanho, período e variedade de textos, maiores são as chances de conseguir determinar um *terminus a quo* do item linguístico em estudo. Quando o objetivo da pesquisa é abonar um termo ou expressão, o pesquisador deve buscar avaliar questões como ortografia da época, adaptando-a para encontrar outros resultados, e certificar-se também de que está datando ou retroagindo a mesma acepção ou uma acepção diferente. Em línguas como o francês, italiano ou inglês, é possível consultar a datação do termo e de cada uma de suas acepções, o que mostra que este trabalho é viável e apresenta um resultado satisfatório quanto ao seu grau de certeza e à sua cientificidade.

As estratégias de coleta e datação de dados devem ser específicas para o fenômeno linguístico analisado, valendo-se sempre que possível de um modelo replicável e acessível a outros pesquisadores. Para as expressões idiomáticas, faz-se necessário adotar critérios e estratégias específicos que otimizam a consulta de dados e facilitam a identificação dos itens linguísticos num *corpus* eletrônico, por exemplo. Eis o método e os critérios adotados para a coleta das expressões:

A) Hierarquia de estabilidade lexical

A experiência empírica que este trabalho proporcionou permitiu que estabelecêssemos uma hierarquia de estabilidade lexical dos elementos composicionais das expressões, o que facilita sua coleta em *corpora*. Uma expressão é composta de itens linguísticos que inevitavelmente variam ao longo do tempo, modificando em certa medida sua estrutura composicional, como é possível conferir nos casos apresentados no capítulo 4. Dentre as

classes que a compõe, na maioria dos casos o substantivo é a mais estável ou o que é chamado de 'elemento nuclear da cristalização sintática', portanto, é sempre a ele que recorremos como ponto de partida na pesquisa, associado a outro elemento que possa indicar resultados na direção da expressão final que estamos buscando. Numa expressão como "ver se X está na esquina", por exemplo, realizamos uma busca inicialmente com os elementos mais estáveis, como "ver" e "na esquina" e, caso seja necessário, acrescentamos outros elementos lexicais no campo de busca sequencialmente.

B) Testando sintagmas nominais, verbais e preposições

Esta é uma fase simples de se executar, mas certamente demorada. A constituição básica de uma expressão é um sintagma verbal associada com um sintagma nominal, ocasionalmente ligado por uma preposição. Esta primeira classe de palavras varia bastante – podemos dizer *ir plantar batata*, *mandar plantar batata*, entre outras formas, além das diversas possibilidades de conjugação verbal. Uma vez encontradas as variações de léxico ("ir", "manda") a partir do elemento básico ("batata"), é possível testar todas as possibilidades de conjugação dos elementos, permitindo assim uma busca refinada dos resultados. Por meio da experiência ao consultar os dados, o pesquisador perceberá que determinadas flexões verbais e pessoas aparecem com mais frequência que outras– a primeira e a terceira pessoa do singular e a terceira pessoal do plural, por exemplo, ocorrem com significativa frequência em nossos resultados.

As desinências nominais, por sua vez, também podem variar em relação ao número – no caso da expressão *ir plantar batatas*, encontramos o substantivo tanto no plural como no singular. Assim, o etimólogo deve atentar-se para a trajetória das várias ocorrências e traçar, a partir dos resultados, uma cronologia das possibilidades. Teria sido primeiramente *batata* ou *batatas* a forma básica da expressão? O *corpus*, por exemplo, nos informa que a forma mais antiga está no plural, no entanto, trata-se de uma poesia e eventualmente o autor teria de colocar a palavra no plural para criar sua rima. Contrastando com os outros resultados, a maioria está no singular, no entanto os dados são mais importantes do que intuições ou deduções do pesquisador. A frequência de uso é uma informação importante e certamente auxilia o etimólogo no estabelecimento de um étimo, no entanto, para que o trabalho permaneça ético e claro em seus dados – uma vez

que não podemos ignorar que a versão com o substantivo no plural é a mais antiga – uma solução como *ir plantar batata(s)* pode apontar ambas as possibilidades. Como afirma Viaro (2011, p.98)

> A pesquisa etimológica, como uma edição crítica, deve passar por muitas etapas rigorosas e, mesmo assim, as soluções de étimo são múltiplas e sujeitas à revisão. A situação perante uma profusão de étimos (quando bons e dignos de avaliação) é apresenta-los como hipóteses não excludentes. Cabe aos outros rejeitar ou confirmar tais hipóteses mediante a apresentação de novos dados e argumentos igualmente bem fundamentados.

Valendo-se de critérios bem fundamentados, os resultados da pesquisa podem ser apresentados como uma solução hipotética e igualmente cientificamente embasada, o que elimina o típico "achismo" ou normativismo que costuma responder de forma desmesurada à ausência de dados ou de argumentos para estas questões.

As preposições, como os outros elementos da frase, também apresentam variação, como na expressão *ir para os quintos dos infernos* analisada e detidamente comentada por Viaro (2008), cuja versão mais antiga encontrada é "quintos infernos", sem preposição e com o primeiro elemento no plural, diferente da versão atual. Esta classe é uma das mais instáveis das classes que compõem as expressões e raramente entram no campo de busca das palavras. A expressão "pegar no bico da chaleira" (bajular alguém) ou "sair de barriga" (sair de um recinto disfarçadamente) exigem a colocação preposicional no campo de busca, o que exige versatilidade do pesquisador em relação às várias formas de se encontrar uma expressão.

Para cada caso, deve-se considerar esta hierarquia de forma cuidadosa e sempre que for adequada à expressão utilizada. No caso da expressão pesquisada por Viaro, uma consulta de dados sem a preposição – o que contraria a intuição do falante – resultou em dados ainda mais antigos, o que reforça ainda mais a conduta metodológica adotada de refutar a intuição ou erudição do linguista e cercar-se de dados e argumentos para apresentar um resultado cientificamente embasado.

C) Do mais amplo ao mais restrito

No *site* de pesquisa *Books Google*, é possível personalizar as configurações da pesquisa, uma vez que qualquer dado linguístico que seja inserido no campo de busca sem uma mínima restrição sintática ou cronológica, pode acarretar um número imenso de

ocorrências, dificultando a procura do registro mais antigo. Uma estratégia simples que elucida o procedimento é restringir os dados para um período de 100 anos de recuo a partir da datação dos textos de Bananére: se a expressão foi publicada em 1913, estabelecem-se como intervalo de busca "1813 a 1913", analisando as ocorrências obtidas (é possível restringir a partir de um atalho na parte esquerda lateral da página denominado "Intervalo personalizado"). Com um resultado de até 400 ocorrências, é possível conferir uma a uma e chegar ao *terminus a quo* almejado. No entanto, se o número de ocorrências for muito elevado, é necessário estabelecer um período ainda menor de pesquisa: 50 anos de recuo a partir da datação dos textos de Bananére e, uma vez determinado encontrado o registro mais antigo, parte-se da data deste registro e recuam-se mais 50 anos. Prosseguindo com esse método, é possível lidar com resultados numerosos que pareciam inicialmente impossíveis de se manejar.

D) Recursos gráficos

O etimólogo deve familiarizar-se com as ferramentas ortográficas oferecidas pelos *site*s para refinar de forma inteligente suas buscas. Recursos como aspas, sinais de adição e pontuações podem ser de grande utilidade para obter resultados mais precisos. As aspas isolam as expressões inseridas, assim, "plantar batatas" não será procurado como "plantar" e "batatas", mas sempre encontrada em registros em que as palavras estejam exatamente nesta ordem. O sinal de adição facilita a busca de dois itens linguísticos em separado e em um mesmo contexto, como "quintos" + "infernos". O uso de pontos também pode especificar o período diretamente no campo de busca, como 1813...1913, isto é, as ocorrências deverão pertencer a este período delimitado. Valendo-se de tantos recursos tecnológicos, a pesquisa etimológica certamente torna-se menos árdua e conta com ferramentas que instrumentalizam o modelo cientifico utilizado.

E) Conferir a digitalização da amostra visualizada

Confiar deliberadamente nos resultados eletrônicos não condiz com a conduta rigorosa que o etimólogo deve manter na análise dos seus dados. Assim, o pesquisador deve

precaver-se de mal entendidos e más interpretações de dados adotando alguns cuidados simples, mas que garantem a validade das soluções propostas:

Especialmente em documentos antigos, a transcrição do texto nem sempre condiz com a digitalização. Sempre que houver visualização digitalizada, o dado será considerado. É frequente que o *site* indique um resultado que não apresenta visualização e, portanto, não é possível conferir o registro da expressão que estamos analisando. Em casos como este, despreza-se o dado. Quando há visualização, é muito comum haver erros na transcrição, portanto, ainda que tais ferramentas inovadoras contribuam imensamente para a metodologia, não podemos excluir o olhar e a análise criteriosa dos elementos linguísticos pelo próprio pesquisador. O etimólogo deve estar atento a estas questões problemáticas e tomar decisões metodológicas que garantam a validez de suas soluções.

F) Conferir as informações oferecidas pelo *site*

Junto com o registro da palavra ou da expressão consultadas em determinado contexto, o *site* indica algumas informações sobre o documento ou texto que foram sugeridos como resultado, como o título do livro, o autor, o ano da publicação, a edição etc. Utilizando o *site* em nossa pesquisa, foi possível notar que algumas informações estão incompletas ou desatualizadas, exigindo a verificação de todas as informações mencionadas pelo *site* em fontes mais confiáveis como enciclopédias, *corpora* virtuais, banco de dados de obras nacionais e internacionais, entre outras possibilidades.

Apesar dos problemas aqui apontados, o registro escrito é o único acesso que temos a sincronias pretéritas anteriores à popularização das gravações e à filmagens, portanto, devemos lidar com os documentos sem anacronismos, purismos ou interpretações equívocas sobre os fenômenos linguísticos com os quais estamos trabalhando.

Além da fundamentação teórica do objeto de estudo escolhido aqui explanada, é necessário contextualizar os textos que são a base para a pesquisa, estudando em que momento histórico social e cultural a obra está inserida para compreender de maneira acurada os fenômenos linguísticos analisados. Para o etimólogo, toda informação é uma pista para conquistar mais assertividade em seus resultados ou modificá-los de acordo com as novas evidências.

Dessa forma, a seção seguinte apresentará o contexto histórico e cultural das obras de Bananére utilizadas como objeto de estudo para a datação dos fenômenos linguísticos do português brasileiro. Além disso, serão apresentados os elementos linguísticos constitutivos do dialeto macarrônico por meio da análise de seus metaplasmos, assim, o leitor conhecerá mais profundamente a língua híbrida criada por Alexandre Machado e terá maior facilidade em ler os textos e reconhecer os fenômenos discutidos nos próximos capítulos.

2. O *corpus* macarrônico de Juó Bananére

Para entender os resultados obtidos no trabalho etimológico a ser exposto nos próximos capítulos, é necessário apresentar ao leitor o cenário cultural, editorial e histórico em que se inserem Bananére e sua obra macarrônica. Neste capítulo, serão abordados os seguintes temas: o nascimento da personagem e as motivações para a criação do seu dialeto; sua produção macarrônica e a força social que ela representa no cenário da literatura brasileira da época; um breve panorama da fortuna critica sobre suas publicações; a importância do macarrônico como documento linguístico e, por fim, uma breve dissecação dos seus principais elementos constitutivos[6].

2.1 Contextualização cultural e histórica do *corpus* de Bananére

Nas elegantes páginas do periódico semanal *O Pirralho*, dirigido por Oswald de Andrade, o engenheiro Alexandre Ribeiro Marcondes Machado (1892-1933) assume um pseudônimo que exprime ideias polêmicas através de uma linguagem peculiar: é Juó Bananére, imigrante italiano que possui seu salão de barbearia e trabalha também numa redação de jornal para o qual escreve crônicas, cartas, poemas, paródias, peças de teatro, entre outros gêneros textuais, em um português macarrônico, mais precisamente, um sistema próprio criado da mescla do português falado brasileiro, dialeto caipira, do italiano padrão e napolitano, buscando ironizar a linguagem e os costumes tradicionais da elite que detinha os padrões culturais da época[7].

[6] Este capítulo tem como objetivo expor o leitor àquelas informações históricas e sociais consideradas essenciais à leitura da análise linguística a qual esta seção antecede. Nos últimos anos, surgiram excelentes trabalhos acadêmicos de diversos institutos analisando pormenorizadamente o papel da obra macarrônica de Bananére no contexto da *Belle Époque* paulistana sob a ótica literária, política, social e histórica. (cf. ANDRADE (1999), ANTUNES (1998), CAPELA (2010), SALIBA (1992), CHALMERS (1990a), LEITE (1996), entre outros).

[7] Durante a pesquisa em Iniciação Científica desenvolvida por mim e apoiada financeiramente pela FAPESP, "Datação de fenômenos lexicais na obra de Juó Bananére" (Proc. 08/51536-0), foram identificados os principais componentes linguísticos do dialeto usado por Bananére; assim, o projeto já obtinha informações linguísticas relevantes sobre o autor dos textos e suas influências linguísticas para dar continuidade aos estudos etimológicos. A descrição e discussão dos principais elementos fonéticos, utilizados pelo escritor na criação deste sistema linguístico serão apresentadas detalhadamente na subseção "2.3 Elementos constitutivos do dialeto macarrônico".

O motivo do nascimento da personagem, como atestam Antunes (1998), Capela (2010) e outros estudiosos da obra macarrônica de Bananére, deu-se por um pretexto circunstancial: Oswald de Andrade, até então diretor do periódico vanguardista e responsável pelas cartas macarrônicas de seu pseudônimo Annibale Scipione, viaja à Europa de 11 de fevereiro de 1911 a 13 de setembro de 1912 e deixa no lugar o estudante Alexandre Machado para dar continuidade à produção macarrônica. O suplente, entretanto, apresenta maior desenvoltura e domínio na linguagem híbrida que seu antecessor, o que leva à sua ocupação permanente no cargo de "redattore" para a revista paulistana. Mas por que o nome "Juó Bananére"?

Para tal pergunta, pesquisadores que se dedicaram ao estudo da obra macarrônica de Bananére apontam muitos fatores, alguns eventos históricos e hipóteses curiosas. Na tentativa de explicar a origem de seu sobrenome, a pesquisadora Andrade (1999) propõe uma solução muito verossímil e que parecer ser reforçada pelo próprio Bananére quando o jornalista encomenda para si um brasão, reproduzido abaixo, contrariando em todos os níveis a tradição e o conservadorismo social, histórico, linguístico, como lhe é habitual:

Figura1: Insígnia da personagem Juó Bananére

Representando seus ideais e relacionando-os ao seu nome e à fruta que este carrega, Bananére explica a insígnia de forma irreverente, oferecendo uma possível saída para o mistério de seu sobrenome:

> As bananêra di lado só p'ra aripresentá u migno nomino i també p'ra dá fruita p'rus troxa. Nu centro stó io chi só u dono du "brazó" i giunto cumigo stó u Piedadó i u Capitó[8] chi só as duas principale figura du Juó Minhoca politico andove stó io o

[8] ANTUNES (1998, p.87) empreendeu uma pesquisa historiográfica detalhada das personagens históricas mencionadas por Bananére em suas publicações, trabalho essencial para compreender as brincadeiras e comentários ferozes de Juó Bananére sobre acontecimentos políticos referidos nos textos. Na imagem do brasão, temos duas das figuras mais presentes na sua obra macarrônica: à esquerda, está o "Capitó", ou Rodolfo

> imprezario, i tambê pur causa chi furo illos chi serviro di scada p'ra mim subí p'ra groria du giurnalismio indigena! *Non cotuca!* é a migna indivisa, pur causa chi io sô molto camarada, ma buliu cumigo é a mesima cósa chi mexê con una caza di marimbondi!! Dô u strilimo![9]

Assim, o gesto obsceno de "dar banana" aos adversários, presente tanto na cultura brasileira como na italiana, poderia ter dado origem ao seu nome marcante. Outra hipótese plausível segundo Elias Thomé Saliba (1992), desta vez ligada à cultura caipira, seria o apelido humilde de "João Bananeiro" que era utilizado entre aqueles que frequentavam os círculos da literatura regional, que contavam com as *gramatiquinhas* de Cornélio Pires e obras interioranas de Waldomiro Silveira. Vale ressaltar também que Alexandre Machado nasceu em Pindamonhangaba e cresceu em Campinas e Araraquara, onde se têm noticias de que teria publicado versos satíricos e frequentado o ambiente literário, o que parece dar ainda mais força a para hipótese caipirizante. Ao longo de todos os elementos constitutivos da personagem – nome, trajes, língua, *ethos* e outros aspectos formadores –, observamos consistentemente essa mescla indissolúvel entre elementos urbanos, interioranos e italianos que, devido ao próprio processo de integração e adaptação tanto do imigrante como do caipira ao movimento progressista de urbanização que tomava a capital paulistana, acabaram por criar uma personagem que absorve e reinventa desde os mínimos fonemas até seu gênero textual aquilo que era tido como "identidade nacional", seja a nação lusitana, brasileira ou italiana.

O dialeto macarrônico, dessa forma, é um reflexo imediato dessa apropriação multicultural que configurava a sociedade paulistana das primeiras décadas do século XX e que representa, no nível linguístico, a fusão de todos eles elementos aparentemente díspares em um todo complexo, mas orgânico. Ainda que a apropriação dessa linguagem, sob um olhar objetivo, tenha igualmente nascido de uma causa bastante circunstancial – a de prosseguir com a seção de cartas em macarrônico iniciada por Annibale Scipione –, ao leitor atento essa língua híbrida chama atenção pela *não arbitrariedade* que se esconde nas variantes dialetais estilizadas resultantes do processo jocoso da sua criação. Na aparente comicidade do dialeto macarrônico, estão presentes muitos traços linguísticos típicos da fala cotidiana que representam o processo de assimilação e integração do imigrante à cultura e língua-alvo,

---

Nogueira da Rocha Miranda (1862-?), político paulista que apoiou a campanha presidencial de Hermes da Fonseca em 1910 e a quem foi um fiel servidor; à direita, vê-se a imagem do "Piedadó", i.e., José Brasil Paulista Piedade (1869-?), advogado e coronel do Exército Brasileiro e vereador na cidade de São Paulo.

[9] Cf. *O Pirralho*, n.233, 1917.

transformando-se, eventualmente, em um cidadão brasileiro. Nesse sentido, Capela (1996, p. 124-126) comenta:

> A influência cultural dos imigrantes italianos sobre a população tradicional de São Paulo foi, de todo modo, inegável, e pode com efeito ser atestada através do plano linguístico. A formação espontânea de uma linguagem híbrida, típica da oralidade, composta pela sobreposição, em graus variáveis, de elementos da prosódia e do léxico, e de estruturas morfológicas e sintáticas originários dos diferentes dialetos do italiano e do português então falados na comunidade paulistana constituiu-se, afinal, um dos fenômenos socioculturais mais característicos que resultaram da marcante presença italiana na cidade. Era uma linguagem que correspondia a uma etapa do processo de assimilação mutua vivida pelos italianos e pelos habitantes locais, tendo sido utilizada sobretudo entre as camadas inferiores da população, onde a maior parte dos italianos se concentrava (...) Foi esta linguagem mista, de vida efêmera, mas cujas marcas no português falado em São Paulo são perceptíveis mesmo nos dias de hoje, que os contemporâneos chamaram de 'dialeto ítalo-paulistano', 'dialeto ítalo-português' ou, simplesmente, 'macarrônico'.

A respeito da presença massiva dos imigrantes italianos em São Paulo no começo do século XX, o historiador e erudito italiano Franco Cenni[10],em seus estudos administrativos, históricos, econômicos, demográficos, sociais e culturais sobre o impacto da imigração italiana no Brasil, nos oferece dados esclarecedores analisando o povoamento na cidade de São Paulo neste período pelas estatísticas de natalidade, números muito pertinentes a essa questão:

> Mesmo admitindo serem inúmeras as circunstâncias favoráveis a uma grande natalidade, a expansão demográfica demonstrada pelos colonos italianos deve ser considerada absolutamente excepcional. Em São Paulo, os quadros estatísticos revelam a média surpreendente de 12,9 filhos para casais italianos, enquanto aos casais mistos de italianos e paulistas corresponde a um coeficiente de 4,1. (CENNI, 2002, p. 297).

Abaixo, reproduzimos a tabela de natalidade com a informação étnica dos genitores e porcentagem de natalidade de seus descendentes:

	Italianos e paulistas (%)	**Italianos e outras nacionalidades (%)**	**Ambos italianos (%)**
Capital	40,5	10,6	48,9
Santos	40,5	22,6	36,9
Campinas	53,5	6,4	40,1
Ribeirão Preto	47,3	11,9	40,8
São Carlos	43,1	10,9	46,0
Guaratinguetá	84,1	-	15,8

[10] Cf. CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. São Paulo: Edusp, 2002.

Botucatu	45,7	16,8	37,5

Tabela 1 – Porcentagem da natalidade segundo proveniência étnica dos genitores no Estado de São Paulo

As informações da tabela, além de registrarem a permanência e adaptação dos italianos ao contexto nacional, evidenciam a expansão dos mesmos na capital em comparação com cidades interioranas que receberam estes imigrantes. Para além das estatísticas de natalidade, outro legado presente como resultado da ocupação italiana no cenário paulista do século XX são os conhecidos bairros de concentração destes imigrantes que preservam marcas linguísticas, sociais e culturais de sua tradição até os dias de hoje, como Bom Retiro, Bexiga, Barra Funda, Brás, entre outros. Traços morfológicos e sintáticos encontrados na língua construída pelo escritor, que serão adiante detalhados ainda neste capítulo, corroboram a predominância da população italiana proveniente de Nápoles nas regiões mencionadas, sobretudo onde se localiza o salão de barbearia de Bananére, no Brás. O historiador Cenni parece também reforçar essa hipótese, segundo suas observações:

> Enquanto os imigrantes italianos provenientes da Calábria preferiam morar no bairro do Bexiga (atual Bela Vista) e os vênetos no Bom Retiro (onde até hoje existe uma rua dos Italianos, embora por aqueles lados já não há italianos há muito tempo), os napolitanos se fixaram quase todos no Brás, o bairro italiano por excelência. (CENNI, 2002, p.288)

A trajetória biográfica de Alexandre Machado nos oferece pistas desse inevitável contato e convívio do escritor com a comunidade italiana em São Paulo, que se intensifica ainda mais quando o jovem ingressa no curso de engenharia na Escola Politécnica, situada então no "Bó Ritiro", instituição que frequentará assiduamente nos próximos 5 anos de sua vida e de onde irá extrair grande parte de sua inspiração e conhecimento para aprimorar o macarrônico. Embora o pesquisador Antunes (1998, p.18), sob o olhar atento à cronologia da vida e obra de Alexandre Machado, tenha já se atentado para o fato de que o escritor só passou a frequentar a Escola Politécnica em 1913 e, portanto, após a criação do seu dialeto, o relato de uma personalidade contemporânea a Alexandre Machado mostra a importância dessa convivência nos bairros italianos para o dialeto macarrônico e sua obra como um todo. Por ocasião da reedição em 1966 de sua coletânea de poemas de Bananére, *La Divina Increnca*, seu colega de estudos, Mario Leite, prefacia o libreto e oferece ao leitor um depoimento bastante vívido desse contato entre o criador de Bananére e os imigrantes italianos:

> A feição italiana, principalmente nas duas primeiras daquelas circunscrições urbanas de que nos lembramos [Brás e Bom Retiro], era avivada pelo transbordamento, dos lares para as ruas, da sua formosa língua, popularizando e se entremeando de termos e de frases portuguesas, na formação de uma loquela, inçada de locuções próprias e mesmo de ditérios, que, auxiliada por mímica abundante, era por todos entendida e

> até praticada. [...] A veia gracejadora do brasileiro não poderia se arrefecer no contato do seu povo com o italiano. Um conhecedor do idioma peninsular, erudito no trato do nosso, aproveitaria essa mescla linguareira formada, a qual deu toques mais vivos para criticar fatos e pessoas, assim retratando, com humor, toda uma época do começo do século e seus reflexos em São Paulo. [...] Alexandre Marcondes Machado, o escritor que se ocultava no pseudônimo Juó Bananére, era diplomado pela Escola Politécnica da Rua Marquês dos Três Rios, onde [...] agrupavam-se justamente numa quadra extrema do populoso Bom Retiro. Obrigados, para o acesso à Escola, ele, eu e outros colegas, ao percurso das ruas desse bairro, ouvíamos frequentemente, dos magotes de "bambini" louros e morenos, originários de casas do norte, centro e sul da Península, vivos, álacres, em partidas de bola, de peteca ou de amarelinha, de mistura com meninos da terra, sem faltar um ou outro pretinho, essa algaravia carregada de frases populares locais, entremeadas de expressões em italiano, entrecruzando-se com chamamentos e ralhos, vindas das portas dos interiores, ou com gritos dos pregoeiros. Alexandre gravava todo aquele curioso vozerio para apresentá-lo "por intermédio" de Juó Bananére (LEITE, 1966, p.7-9)

Outra pedra angular na construção da língua macarrônico que foi notada por muitos pesquisadores (SALIBA, 1992; ANTUNES, 1998; ANDRADE, 1999; CAPELA, 2010) é a influência do elemento da cultura e do dialeto caipira. O processo de busca da identidade literária e cultural do Brasil direcionou o olhar dos artistas para a cultura interiorana e seus elementos peculiares: durante as primeiras décadas do século XX, vemos o nascimento da literatura com a temática caipira, como Monteiro Lobato e Waldomiro Silveira, da gramática dos falares distantes da capital sob a pena de Cornélio Pires, do estudo dialetológico empreendido por Amadeu Amaral e, consequentemente, o surgimento de seções humorísticas em macarrônico caipira nos periódicos paulistanos como uma tentativa de registrar e integrar aqueles do campo aos da cidade, representada pela seção de "Correspondência do Xiririxa", publicada também na revista *O Pirralho*.

Juó Bananére, assim, não foi o único a desenvolver aquilo que se chamaria de "literatura macarrônica". Segundo Capela (2010, p.121), houve um momento de grande produção macarrônica brasileira que, pela ausência de maiores informações sobre o gênero e sua tradição, foi por muito tempo negligenciado pela crítica literária. Segundo o pesquisador, a fase macarrônica na literatura brasileira desenvolveu-se entre 1910 e 1940 e ainda encontra alguns expoentes no século XXI[11]. A produção macarrônica na época de Bananére concentrou-se, sobretudo, em periódicos como *O Pirralho*, *A Manhã* e o *Diário do Abax'o Piques*, este último fundado por Alexandre Machado. Ao lado do jovem engenheiro, sustentavam a tradição humorística deste gênero figuras como Horácio Mendes Campos, que trazia ao papel o falar lusitano por meio da personagem Fernandes Albaralhão, e Aparício

[11] CAPELA (2010, p.122-123, nota 1) exemplifica a nova safra macarrônica pelas mãos de dois casos que se destacam: o escritor e cartunista Iotti que, valendo-se da personagem Radicci, cria uma literatura por meio de uma variante gaúcha do macarrônico italiano; e o também cartunista Poerner, com as personagens Hans e Klaus, publica tiras numa mistura de português e alemão.

Torelly, que escreveu textos macarrônicos in*corpora*ndo personagens italianas, alemãs, "turcas" e portuguesas. Longe de destacar as diferenças, o gênero macarrônico observa e reproduz estilisticamente a progressiva in*corpora*ção de duas culturas e duas línguas em algo que fica entre os dois limites e aí permanece, abrasileirando-se se considerarmos que o português brasileiro também é esse amálgama de diferentes sistemas.

Mesmo que possamos dizer que houve um movimento orgânico com as mais variadas representações do gênero macarrônico nos periódicos mencionados, foi a figura de Juó Bananére que permaneceu por mais tempo nas paginas editoriais e na memória do seu publico leitor, destacando-se pela sua maestria em forma e matéria macarrônica. Sua produção literária desenvolveu-se entre 1911 e 1933, interrompida neste último ano pela sua prematura morte de anemia perniciosa aos 41 anos. Durante este período, Alexandre Machado publicou muitos textos humorísticos em diversos jornais e revistas, como *A Manhã*, *A Vespa*, *Gravoche*, *O Queixoso*, *Diário do Abax'o Piques*, este ultimo fundado pelo próprio escritor, entre outros. Bananére publica seus textos com uma frequência quase constante entre 1911 e 1917; colabora de forma irregular com publicações esparsas durante a década de 20 e, de 1930 a 1933, volta à ativa em *A Manhã* e em seu próprio jornal. O escritor publicou apenas dois livros em vida: *La Divina Increnca*, uma coletânea de textos publicados originalmente no periódico *O Pirralho* e que contou com várias edições, sendo a última de 2008; e *Galabáro*: *libro di saniamento suciali* (1917).

A produção macarrônica de Bananére resultou, finalmente, na publicação de 438 artigos encontrados por pesquisadores em projetos de indexação e reunião dos textos empreendidos recentemente. Os trabalhos acadêmicos nos quais este projeto buscou respaldo, orientação para a pesquisa, fundamentação histórica para a contextualização dos textos de Bananére e fonte para a composição do *corpus* estudado, são excelentes caminhos de acesso à obra completa do escritor macarrônico, ao menos aqueles textos encontrados pelos pesquisadores, uma vez que a maior parte das suas publicações está dispersa em jornais, revistas e libretos. Para os interessados em ler a obra de Bananére, recomandamos os trabalhos de Antunes (1998) e de Capela (2010) que, além da análise dos aspectos literários, sociais, históricos e políticos da obra de Bananére, reuniram as seguintes publicações: *As cartas d'abax'o Pigues (*1911-1913), *O Rigalegio* (*O Pirralho*, 1913-1914), *As cartas d'abax'o Piques* (*O Pirralho*, 1914-1915), *Sempr'Avanti!!...* (*O Queixoso*, 1915-1916), sua colaboração em *A vespa* (1916) e *O Féxa* (*O Pirralho*, 1917). Além disso, o leitor pode

consultar uma edição fac-símile da primeira edição de 1915 da coletânea de textos *La Divina Increnca*, publicado em 2008 pela Ed. 34 e uma edição comemorativa publicada pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, esta com mais textos que a anterior, de 1966, encontrada a preços módicos em sebos. Das publicações que divulgam os textos macarrônicos, destaca-se o trabalho acadêmico com o maior numero de artigos de Bananére até esta data: a dissertação de mestrado de Andrade (1999), que coletou e indexou 438 textos de autoria de Juó Bananére. Pode-se notar, assim, um grande esforço por parte de vários pesquisadores em reunir e divulgar os textos macarrônicos, tornando-os acessíveis ao público leitor.

Antunes (1998) empreendeu uma pesquisa historiográfica de estudos e críticas relacionados à produção macarrônica do escritor e, observando os últimos 60 anos, sumarizou os trabalhos acadêmicos voltados à obra de Bananére em quatro principais abordagens de análise, a saber: a caricatura do imigrante italiano; representação subjetiva do imigrante italiano ou testemunho de sua adaptação ao meio brasileiro; voz democrática; e, por fim, antecipação do modernismo ou precursor de Alcântara Machado. O pesquisador conclui, após tal revisão, que a obra de Bananére ainda possui uma fortuna critica incipiente, a ser construída.

Dentre os estudiosos dos trabalhos de Bananére investigados durante nossa pesquisa, a descrição de Antunes (1998, p.42-49) foi aquela que verificou mais atentamente os princípios gerais da língua macarrônica sob um olhar literário ao observar o "efeito pretendido com o estilo macarrônico" (1998, p.42). O pesquisador observou que Bananére parte dos elementos linguísticos do português brasileiro para sobrepor a estes traços dos dialetos italianos e do português caipira, observando o sistema de Bananére em quatro níveis: morfológico, fonético, ortográfico e sintático, com respectiva amostragem de dados extraídos dos textos reproduzidos em seu trabalho. Enquanto o trabalho de Antunes oferece um panorama extenso dos recursos estilísticos utilizados pelo escritor na criação de seu sistema, a análise que será feita neste capítulo, por trata-se de um trabalho com finalidade etimológica, atenta-se às questões de procedência dos principais metaplasmos presentes na estrutura do macarrônico, o que aproxima as informações sobre o contexto de produção dos textos da tradução deste cenário nos componentes constitutivos da língua de Bananére.

Esta situação acentua-se ainda mais quando acrescentamos a esta constatação a ausência de estudos sobre a produção macarrônica de Bananére que podem oferecer alguma

contribuição à pesquisa etimológica em língua portuguesa – que também está 'a ser construída'. A linguagem elaborada e denunciativa de Juó Bananére, seja com relação aos mecanismos de analogia de que se vale o imigrante europeu para a aquisição da língua portuguesa[12], seja a livre expressão gráfica da pronúncia coloquial do português falado na cidade, foi observada pela maioria dos estudiosos apenas como recurso literário: pouco se escreveu sob a ótica lexical, sintática e semântica, sincrônica ou diacronicamente, a respeito dos dados que este sistema oferece aos estudos linguísticos. As vantagens de se trabalhar com as cartas de Bananére, por outro lado, mostram-se muito frutíferas quando o assunto é fidelidade à datação e ao registro escrito de algumas pronúncias do português brasileiro coloquial, mesmo considerando as estilizações que são inerentes à obra do autor. Grafias como *fazê*, *piquena* e *dexa*[13] podem auxiliar a reconstrução da pronúncia do português brasileiro durante o período de publicação dos artigos de Bananére. Os elementos linguísticos são fundamentais para os estudos diacrônicos do português, mas também para compreender a obra de Bananére como um todo, segundo as observações de Antunes (1998, p.61):

> Talvez seja possível considerar os textos macarrônicos em seu conjunto a partir dos princípios compositivos mínimos, no nível do fonema, que se expandem para as palavras, as frases, os textos. Essa progressão dos princípios está a indicar que a expansão vai além e atinge também o todo, isto é, o conjunto dos textos. Logo, o macarrônico observado na língua determina também a própria configuração da linguagem literária, instituindo uma espécie de "gênero macarrônico", cuja marca formal é a ilimitada mistura.

Assim, a importância do dialeto macarrônico se expande para diversas áreas do estudo da língua portuguesa: seja em nível fonético, cuja estilística tinha como base a reprodução da fala em sua livre expressão, revelando certas formas de pronúncia que são ainda atualmente recorrentes; seja nos níveis morfológico e lexical, na medida em que sua liberdade linguística permite a construção de novos vocábulos e a inserção precoce na escrita de alguns verbetes, tanto no âmbito semântico da tecnologia quanto pelo domínio de termos restritos à fala e às classes menos favorecidas; e, finalmente, em nível fraseológico, relevando expressões idiomáticas que usamos hoje e que podem ter sua abonação registrada para mais de 100 anos.

Para além de depreender a peculiaridade de sua obra, a verificação, datação e retroação de elementos lexicais e fraseológicos marcam um ponto inicial nos estudos etimológicos do século XX, debruçando-se sobre fenômenos da língua portuguesa em textos anteriores à

[12] Como amostra deste mecanismo, podemos citar alguns itens como "bigodo" por *bigode*, "lugaro" por *lugar*, "uomino" por *homem* (extraídos de *O Pirralho*, n.21, 30/12/1911). Estes exemplos mostram que o imigrante italiano com frequência generaliza um padrão morfológico da língua portuguesa, valendo-se de analogias como "palavras terminadas em –o são masculinas" para construir sua "própria" versão de vocábulos portugueses.
[13] Exemplos extraídos de *O Pirralho*, n.58, 14/09/1912.

semana da Arte Moderna. Esse autor, juntamente com outras figuras importantes, como Cornélio Pires e Mendes Fradique, acaba por levar a cabo um trabalho iniciado pelos realistas do século XIX, diminuindo o intervalo entre a criação dos vocábulos e expressões na língua falada e seu testemunho escrito na literatura, legando aos estudiosos da história da língua portuguesa um material de análise muito valioso, equivalente às fontes do Latim Vulgar na formação dos idiomas românicos.

Não é à toa que Otto Maria Carpeaux, em 1958, compara Bananére a um escritor do século XVI, Teófilo Folengo, que escrevera sua epopeia herói-cômica *Baldus* numa língua que misturava latim, italiano e variações dialetais. Esse poeta se assemelha fortemente com o "barbiére e giornalista do Belenzinho". Tradição cultural de Pádua, berço do gênero macarrônico nascido no final do século XV, através da obra de Folengo, essa linguagem perde o caráter de exercício parodístico espontâneo e limitado nos seus efeitos, e assume um caráter mais radical de língua poética nova. Por meio da mistura da gramática e sintaxe latina com a massa heterogênea de um léxico excêntrico e extremamente expressivo, com a predominância das variações dialetais, mas também com neologismos latinizados, Folengo propõe uma visão anticonformista e anticlassicista da sociedade e da cultura de seu tempo, com a intenção de ironizar o excesso da educação elitista e humanística. Exatamente como fazem escritores como James Joyce e Bananére, conforme o testemunho de Carpeaux (1958, p.xii-xiii):

> Joyce é o maior escritor da dissolução social entre as duas guerras mundiais. Folengo, por sua vez, nasceu um ano antes da descoberta da América, que causou a decadência econômica e social da Itália, e morreu em 1554, no auge das guerras da religião, que sacudiram a Europa, destruindo a predominância do humanismo. Seu poema é forma de protesto do povo miúdo contra as falsas máscaras do latinismo e feudalismo que as decadentes classes u fazia ou admirava soneto parnasianos com chave de ouro. Há uma relação entre língua e classe. As classes sociais têm, cada uma, sua própria língua. A língua parnasiana dos "cartolas" de São Paulo não podia ser a mesma da classe mais pobre do Estado, dos recém-imigrados italianos. Deliberadamente ou não, Juó Bananére usou a língua macarrônica ítalo-portuguesa dessa gente para ridicularizar os "cartolas" [...]. Hoje, ainda se estão removendo as ruínas do edifício que desabou, obstáculos à circulação livre nas ruas. E ninguém quer reeditar a *Divina increnca*?

Autores como Carpeaux (1958), Antunes (1998), Capela (2010), Andrade (1999), entre outros, mencionam a força social dos textos de Bananére. Sabemos que a linguagem e a ideologia interagem continuamente através das diversas localidades e classes sociais. Alexandre Ribeiro Marcondes Machado, por meio da personagem Juó Bananére – assim como Folengo por meio de seu pseudônimo *Merlin Coccai* – traz um mundo rústico, despojado, mas que não se delimita a um objeto literário de ironia e sátira: é um mundo que se mostra como compacta força social, enraizada numa liberdade modernista surgindo das

massas populares, dos recém-imigrados. Declaradamente ou de forma implícita, o "giornalista" usou sua língua macarrônica ítalo-portuguesa para evidenciar o atraso cultural dos "cartolas", cujo reinado findou em 1929 juntamente com a quebra da Bolsa de Valores nos EUA e com a crise de superprodução do café no Brasil[14]. As expressões usadas pelo escritor-arquiteto nada mais são do que recursos estilísticos que procuram evidenciar a já decadente cultura beletrista, expressando na forma e no conteúdo o que a nova geração prometia para a língua e literatura nacional. Como testemunhas, dos desvios do português brasileiro coloquial das primeiras décadas do século XX, os escritores macarrônicos, sobretudo Bananére, deram voz ao trazer às páginas dos periódicos paulistanos exemplos de fenômenos linguísticos difíceis de se capturar:

> A invenção de seres como tais ancora-se fortemente na linguagem, que é sempre macarrônica, ou seja, composta a partir de uma combinação, em grau variável, de termos e expressões do português brasileiro, que recebeu uma notação gráfica feita de modo a lembrar a aparência de uma língua estrangeira sobreposta (ou "estrangeirada, como é o caso do português de Portugal [sic]), e de termos e expressões desta última, em geral também adulterados. Por certo que o grosso da estrutura sintática é emprestada do português local – os leitores, com efeito, são brasileiros, importando aos escritores no mais das vezes sugerir, com essa linguagem híbrida, formas de expressão de membros dos grupos não nacionais – no caso de imigrantes e estrangeiros –, quando estes procuravam comunicar-se em "brasileiro" (CAPELA, 2010, p. 122-123)

Bananére, já em 1911, mostra-se um verdadeiro vanguardista, como dizia ser ao escrever os "sunetto futuriste". Sua originalidade e inovação, entretanto, estão além da estética literária: o imigrante italiano de "Abax'o Piques" mostra uma linguagem rica e produtiva tanto no léxico quanto na sua fraseologia. O barbeiro e "giurnaliste" difunde palavras coloquiais que, naquela época, dificilmente poderiam ser documentadas em um registro escrito devido à cultura beletrista atuante no Brasil. Sua grafia reproduz uma pronúncia quase fidedigna da qual, antes de seu testemunho nos periódicos, tínhamos apenas alguns exemplos esparsos nos romances do século XIX, quando algum escritor procurava mimetizar no discurso direto livre a fala de algum escravo ou de alguma criada, como Visconde de Taunay, Aluísio de Azevedo, entre outros.

Diferentemente, Juó Bananére não escreve num português normativo, que segue estritamente a língua dos grandes escritores do século XIX e XX e nem articula o discurso segundo a gramática lusitana. A personagem "traduz" poemas de Olavo Bilac, Edgar Alan Poe, Machado de Assis, entre outros, para a linguagem dos moradores do "Bixiga", cheia de termos e fenômenos fonéticos que estavam confinados apenas no âmbito oral da língua, sem

[14] Cf. <http://www.revistacafeicultura.com.br/index.php?tipo=ler&mat=6522>

jamais ter experienciado a escrita, privando o leitor atual de uma visualização aproximada de como teria sido o português paulista em sua expressão e construção. Em outras palavras, Alexandre Machado, por meio dessa linguagem complexa, proporciona uma preciosidade linguística, mostrando-se, desta forma, um verdadeiro observador e retratista do português paulistano nas primeiras décadas do século XX. Como Capela (2010, p.123) comenta:

> A criação de escritos com este tipo de linguagem "bastarda", textos que muitas vezes dialogam com originais da tradição literária, ou emprestam formas e modelos de composição consagrados ou de largo consumo, constitui uma evidente transgressão às "ordens" do discurso dominante – mais ou menos autorizada –, nascendo daí parte do sabor deste gênero antes de tudo fluido.

O movimento de vanguarda permitiu que estes "desvios" fossem registrados e divulgados, de acordo com um dos objetivos da escola literária, que é a livre expressão linguística, com a "contribuição milionária de todos os erros" de que falava Oswald de Andrade, diretor d´*O Pirralho*, em seu "Manifesto Pau-Brasil"[15]. Sua linguagem, portanto, possui um alto valor documental e histórico, já que esse despretensioso processo de composição linguística acaba por revelar um substrato linguístico num período de difícil acesso, sobretudo em seu registro falado. Para além da representação da oralidade, sua escrita permite uma reavaliação na abonação generalizada, equívoca ou mesmo inexistente em dicionários de referência que apresentam uma datação lexical carente de atualização, sobretudo nos verbetes do século XX.

A investigação de autores como Juó Bananére, que revelam uma maturidade linguística em seus textos ao colocar no papel diante de toda a elite paulistana, público-alvo da revista, essa linguagem viva e rica do cotidiano paulistano, possibilita a ampliação dos estudos diacrônicos e a compreensão da língua portuguesa em sua forma atual. Na próxima seção, será apresentada a descrição detalhada do conjunto de textos selecionados para a extração de informações diacrônicas do português brasileiro, bem como os trabalhos acadêmicos que orientaram a composição deste *corpus*.

2.2 O recorte etimológico do *corpus* macarrônico

[15] ANDRADE, Oswald de (1987). **Manifesto da Poesia Pau-Brasil.** In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 10ª Ed. Rio de Janeiro, Record, p. 280 – 286.

A obra de Bananére pode oferecer ao leitor e ao pesquisador dados linguísticos, literários, históricos e sociais que acrescentam em muito o conhecimento do cenário cultural e social do começo do século XX. Considerando que este trabalho tem como objetivo estudar as publicações macarrônicas sob a ótica etimológica, foi necessário um recorte que atendesse às demandas de retroação dos itens lexicais do Dicionário Houaiss, da abonação das principais expressões idiomáticas presentes nos textos e quaisquer informações que pudessem ampliar os estudos históricos do português brasileiro.

A pesquisa escolheu como objeto de estudo os textos publicados por Bananére entre 1911 e 1917, que compreendem os seguintes exemplares: *As cartas d'abax'o Pigues (*1911-1913), *O Rigalegio* (*O Pirralho*, 1913-1914), *As cartas d'abax'o Piques* (*O Pirralho*, 1914-1915), *Sempr'Avanti!!...* (*O Queixoso*, 1915-1916), sua colaboração em *A vespa* (1916) e *O Féxa* (*O Pirralho*, 1917), totalizando 191 textos publicados. A famosa coletânea de poemas *La divina increnca*, uma das obras mais lidas Bananére, tem seus originais publicados ao longo dos periódicos acima arrolados, motivo pelo qual foi retirada desta seleção. Como Bananére utilizou uma linguagem com variação intensa ortográfica, teve-se o cuidado máximo de observar os detalhes e transcrever letra a letra os textos, preservando a estilística macarrônica. Para o restante dos textos, tomou-se o trabalho de Antunes (1998) como referência para a transcrição do *corpus* escolhido.

Os critérios para a contemplação desta seleção consideraram que, durante este período, houve intensos acontecimentos polêmicos da história política (guerras internacionais, eleições presidenciais no Brasil, disputas governamentais, etc) que, junto à construção gradual da identidade da personagem, deram ensejo para um período de profícua experimentação linguística e estilística; além disso, enquadram-se neste recorte os textos macarrônicos mais antigos e, portanto, com maior possibilidade de retroação dos fenômenos linguísticos analisados; por fim, deve-se levar em conta que este foi o período mais produtivo de Bananére: dos 438 textos publicados pelo autor durante sua vida, 191 artigos foram escritos neste pequeno espaço temporal de 8 anos, o que lhes confere certa unidade estilística. A seleção textual escolhida para este trabalho também busca alinhar-se à tradição de *corpus* dos estudos sobre a obra macarrônica de Bananére, que conta com reproduções na íntegra publicadas por Antunes (1998) e Capela (2010), que selecionaram textos deste mesmo período. Capela (2010, p. 78) reforça os aspectos importantes que dão ênfase a este momento de produção:

> O conhecimento de sua produção entre os anos de 1911 e 1917, nesse sentido, mostra-se fundamental, seja porque foi durante esse período que foram publicadas versões iniciais dos originais reunidos em *La divina increnca*, coletânea pela qual o escritor é bastante lido e discutido, seja porque foi ao longo desses anos que a personagem foi sendo construída, num movimento de efetiva obra em processo, ou criação em progresso.

Assim, o recorte contemplado neste trabalho, porque contempla os aspectos literários, culturais e históricos da sociedade paulistana do começo do século anterior, podem contribuir para os estudos etimológicos em língua portuguesa, uma vez que linguagem e mundo estão inter-relacionados e compõem um todo dinâmico que reflete a trajetória histórica da língua e dos seus sentidos.

Na próxima seção, será apresentado um estudo dos principais metaplasmos – ou transformações fonéticas – presentes no dialeto macarrônico criado por Alexandre Machado para que possamos detectar, com uma leitura detidamente linguística destes dados, os elementos compositivos que podem trazer informações diacrônicas sobre os dialetos italianos, o português brasileiro coloquial e a variante caipira.

2.3 Elementos constitutivos do dialeto macarrônico

Baseando-nos numa sintética classificação estabelecida por Benedito Antunes (1998), que desenvolveu um trabalho criterioso sobre a obra de Juó Bananére, buscamos aqui explanar resumidamente sobre os principais metaplasmos da formação estrutural do macarrônico e demonstrar que o procedimento utilizado por Alexandre Machado, além da procura evidente de comicidade, demonstra que o escritor é um grande observador da língua portuguesa em sua realização mais viva. Quando estes fenômenos são analisados mais detidamente, elementos de dialetos italianos, do português brasileiro geral e do dialeto caipira podem ser identificados e contribuir para os estudos diacrônicos da língua portuguesa. Outras alterações de menor valor, como a metanálise, falsa segmentação de uma palavra com consequente produtividade do segmento para construção de neologismos, ou aglutinações, em que dois léxicos se unem na formação de um único vocábulo serão desconsiderados, uma vez que aqueles metaplasmos aqui destacados representam importantes indícios das hipóteses linguísticas discutidas nesta seção.

Um dos processos mais recorrentes no macarrônico é a variação da representação gráfica de um mesmo fonema, obviamente, sem a mudança do sentido do vocábulo. São muito frequentes nos textos e expressam, basicamente, quatro finalidades: registro da oralidade do português coloquial falado pelo paulistano e pelo caipira, a italianização de palavras portuguesas, o aportuguesamento de palavras italianas, e uma simples brincadeira ortográfica com vistas à comicidade, estratégias discutidas a seguir.

Nas palavras que apresentam transformações fonéticas, o que chama particularmente a atenção é que na obra de Juó Bananére encontramos frequentemente formas idênticas às formas que Amadeu Amaral reuniu no estudo *O Dialeto Caipira*, cuja primeira edição data de 1920. Tal constatação permite retroagir a realização de certos fenômenos e verbetes que poderiam ser inclusos nos dicionários, a partir da extração dos dados aqui apresentados, localizados no período de 1911 a 1917. Vale acrescentar a informação de que o próprio escritor, Alexandre Machado, nascera em cidade interiorana paulista e que reconhecia, portanto, quando algum imigrante trazia destas regiões mais do que a enxada quando trabalhava nas lavouras de café. Tais formas denunciativas serão demonstradas pormenorizadamente na análise um a um dos metaplasmos utilizados pelo escritor.

A italianização das palavras portuguesas mostra que Alexandre Machado tinha conhecimento do italiano culto escrito, com o uso do *passato remoto*, forma verbal que só aparece na escrita da língua. Para além do âmbito escrito do idioma, estas alterações fonológicas evidenciam qual dialeto da Itália está sendo captado, característica essencial quando se questiona os "ingredientes" que formam o macarrônico, ainda mais quando se trata de um país como a Itália, em que há tantas formas dialetais convivendo sincronicamente. Segundo Gerhard Rohlfs (1990, p.26-27):

> fra le nazioni europee l'Italia gode il privilegio di essere, certamente, il paese più frazionato nei suoi dialetti. (…) E questa ricchezza dialettale esiste ancor oggi come fenomeno sociale e come fenomeno linguistico. Ogni viaggiatore che, cominciando con il Piemonte, atraversando poi la Liguria, la Toscana, il Lazio, e le province napolitane, si reca in Sicilia, si può rendere conto di questa situazione[16].

Juó Bananére, contudo, é bastante nítido em transmitir as características do dialeto específico em que se inspira: transformações como a sonorização das consoantes (*engrenca* – encrenca, *garonello* – coronel, *Funzega* - Fonseca), o alçamento das vogais (*cumigu*, *girente*, *gradi*), rotacismos da líquida (*adiscurpe*, *aparpó*, *crassico*), são fenômenos presentes no

[16] "Entre as nações europeias, a Itália goza do privilégio de ser, seguramente, o páis mais fragmentado em seus dialetos (...). E esta riqueza dialetal existe ainda hoje como fenômeno social e como fenômeno linguístico. Cada viajante que, começando pelo Piemonte, atravessa depois a Ligúria, a Toscana, o Lácio e as províncias napolitanas e repousa na Sicília, pode tornar-se consciente desta situação". (Tradução livre feita por mim)

dialeto napolitano[17]. Veja-se, por exemplo, a palavra *munno*, variante napolitana para 'mondo', amplamente utilizada por Bananére[18], o uso do verbo auxiliar *avere* no presente do indicativo (*io aggio*), exclusivo do dialeto napolitano , como podemos observar na seguinte frase: "*Aora non vó mais p'ra Oropa perché l' aramo* non aggia *sô Baró."* (*O Pirralho,* 1912, n. 27, *grifo nosso*), são exemplos de aplicações dos elementos lexicais e gramaticais exclusivos do dialeto napolitano. Para além dos fenômenos morfogramaticais, contudo, as alterações fonológicas são fortes indícios da inspiração napolitana do dialeto macarrônico, alterações que serão apresentadas na análise dos metaplasmos.

O aportuguesamento das palavras italianas é igualmente pertinente a este estudo. Quando encontramos uma palavra como *afederalos*, extraída dos textos macarrônicos, anota-se que a morfologia é italiana (*federale*), mas a gramática é portuguesa, pela desinência de gênero e número distinta da italiana, cuja forma final seria *federali*, não *afederalos*. O que nos chama a atenção nesse fenômeno, tendência atual do português brasileiro em seu registro popular, é que nem sempre Juó Bananére faz essa concordância de número, como podemos notar no seguinte excerto:

> *o Bartolamê di Gusmo, che inventô o baló -- napuletano -- o Pellegrini, inventore da graxa marella p'ra buttignas -- galabreze --; o Polletti Caloi, inventore das bicigletta -- siciliano --; o Margoni, inventore dus tiligrammo senza fili -- genovese --; o Piedadó, inventore da briosa - naturale du Bó Ritiro -- e multos ôtro*. (*O Pirralho*, nº 205, 1915,).

Note-se que Bananére faz a concordância na preposição (*das, dus*), mas não no substantivo (*bicigletta, tiligrammo, ôtro*), evidenciando um fenômeno muito frequente no português coloquial falado: a falta da redundância da concordância nominal e verbal. Antes de ousada e inovadora empreitada na descrição dos regionalismos presentes no estudo do dialeto caipira de Amaral, Bananére apresenta mais precocemente estes dados ao elaborar uma ortografia muito próxima da realização fonética.

Algumas representações de realizações frequentes na pronúncia do português atual podem ser conferidas nos textos macarrônicos, permitindo sua datação e retroação numa época em que o registro em arquivos de áudio das variações linguísticas não era uma prática

[17] Os exemplos apresentados em cada metaplasmo analisado como evidência da influencia deste dialeto meridional foram extraídos da gramática da língua napolitana de FIERO (1995) e do dicionário de napolitano de AMATO e PARDO (1997).

[18] Cf. *O Pirralho* (1913) 73; 75; 76; 80; 81; 88; 94 97; 109; 115; 117; 122 (1914) 125; 126; 127; 135; 137; 140 155; 156; 160; 161; 164; 165 166 (1915) 170; 179 180; 182; 187; 189; 204; 205 (1917) 233; 237; *A Vespa* (1916) 2; *O Queixoso* (1915) 1; 2 (1916) 3

comum ou mesmo acessível, ampliando os estudos diacrônicos deste período. Será possível visualizar, a partir dos dados apresentados a seguir, que Bananére, imigrante italiano que busca aprender o português "de ouvido", mostra na sua particular variante algumas ocorrências extraídas do linguajar do povo brasileiro nos bairros de concentração italiana.

2.3.1 Alçamento vocálico

Alçamentos em sílabas pretônicas e postônicas podem ser verificados exaustivamente na obra deste imigrante italiano, contudo, é necessário distinguir as várias influências que originaram tais realizações. Palavras como *istu* (1912), *bunitigno* (1912), *pichinigno* (1913), *pobri* (1912), *ómi* (1912), *piqueno* (1911), *cumigo* (1912), *durmi* (1911), *minina* (1912), *bixu* (1912), *vistido* (1912), *cumpagnero* (1913), *sabitudo* (1913), *pindurada* (1913), *sintido* (1913), todas extraídas dos textos macarrônicos, não são alçamentos provenientes do caipira ou do napolitano, do português brasileiro de um modo geral e até mesmo da região setentrional de Portugal.

Viaro (2004, p. 221) esclarece de que forma atua esta característica fonológica no português:

> Até hoje os linguistas falam de um "alçamento" do E pretônico em pedir, mas isso só faz sentido quando se leva em conta a escrita. Na verdade, o grafema E nesses falares não se tornou o som [i], mas deve-se partir do *[i] mesmo para considerações, uma vez que se encontra em outros locais lusófonos (cf. Crioulo Indo-Português norteiro, Crioulo Malaio-Português, assim como no Palenquero e no Papiamento).

O que notamos é que esse alçamento é um acontecimento muito antigo na língua, haja vista que no português medieval são frequentes os alçamentos motivados por assimilação e que constituem a base de muitos falares: são muito comuns formas como *durmir*, *minino*, *pidir*, *recibido*, *custura*, *cubrir* entre outras. Viaro (2004, p.228), no mesmo artigo, ainda acrescenta a respeito das formas acima mencionadas: "*As mesmas variantes, apesar de não terem entrado na grafia oficial, gozam de muito maior divulgação do que [e] e [o], que, na fala, são sentidas como artificiais*". Assim, podemos observar que o fenômeno pode vir de muitas fontes, apontando para uma solução hipotética multicausal na sua realização. Os metaplasmos em Bananére tornam-se muito importantes nessa questão na medida em que, na busca de uma reprodução do português falado coloquial, essas transformações são grafadas, o que equivale por vezes a uma espécie de alfabeto fonético incipiente.

2.3.2 Rotacismo da líquida /l/

Outra alteração fonológica utilizada com frequência por Bananére para criar o dialeto é o rotacismo da líquida /l/, como em *adiscurpe* (1913), *afriçó* (1913), *agradáver* (1916), *amarvada* (1913), *amurçá* (1912), *anarfabeto* (1913), *aparpó (1915), arcançá* (1915), *ardeia* (1915), *argudó* (1912). Fenômenos de rotacismos, entretanto, estão presentes também no dialeto napolitano: *scarfà* (scaldare), *scarpiello* (scalpello), *fragiéllo* (flagello), *cristere* (clistere), *carma* (calma), *bardacchino* (baldacchino), *cartiera* (cartella), *concrusione* (conclusione), entre outros exemplos.

As transformações seriam de todo apropriações do sotaque napolitano se tais realizações não se confundissem com os metaplasmos já estigmatizados do dialeto caipira. Amaral (1920), em seu extenso "Vocabulário", nos mostra exemplos de rotacismos da líquida: *emburuiá(r)* (embrulhar), *cravina* (clavina), *forgá(r)* (folgar), *inzempro, perarto,* e diversos alçamentos das vogais*: piqueno, dilicado, pirigo, dumingo, ingulí(r), cuzinha, tussí(r), tabuleta*. É aqui, então, que o macarrônico "bananerês" se depara com certa duplicidade causal, a ponto de já não podermos mais ter a certeza quando encontramos um vocábulo *ardeia* (aldeia) se provém de marcas dialetais do caipira ou do napolitano.

2.3.3 Prótese

Este metaplasmo estabelece uma linha tênue que se nota com frequência no macarrônico: a sutil fronteira entre a fonética e a morfologia. Ao analisar, mais especificamente, as palavras dotadas de a- protético, chega-se a algumas conclusões que ajudam a compreender a motivação de certos fenômenos e a particularidade de algumas ocorrências. Amostras desse fenômeno podem ser encontradas em palavras como *avua* (1913), *alivantá* (1912), *arisorvé* (1912), *afazê* (1911), *agaranto* (1912), *alutteria* (1912), *indisgraziado* (1911), *ingolossal* (1913), *apidi* (1912), *acugnecê* (1912), entre outros casos.

Primeiramente este *a-* protético parece estabelecer uma relação direta com o dialeto caipira, como é possível observar na semelhança dos dados de Bananére com algumas das palavras arroladas por Amaral (1920), como *alembrá, avoá, aripiti*. Pode-se reforçar tal constatação ao relembrarmos como se deu a imigração e que tipo de vocábulo parece estabelecer esta conexão. A maior parte dos imigrantes italianos, quando da chegada ao

Brasil, encaminhava-se para cidades interioranas em busca de terras cultiváveis, onde pudesse estabelecer-se e garantir um sustento trabalhando na lavoura. Antepassados de gerações atuais, residentes na capital de São Paulo, por vezes iniciaram suas vidas no país no interior, cultivando produtos naturais como café e cana, e posteriormente, quando se agregava uma quantia suficiente, transferiam-se para a capital, trazendo o modo de falar caipira para a cidade.

Do ponto de vista da influência italiana, podemos atribuir igualmente a tendência protética ao dialeto meridional da Península Itálica, em que mostramos aqui o italiano padrão e a forma napolitana em itálico: così – *accusì*, uscire – *ascì*, occupare – *accupà*, odorare – *adurà*, indirezzare – *adderezzà*, ingrandire – *aggrannì*, là – *allà*, leccare – *allicà*, lisciare – *alliscià*, lustrare – *allustrà*, menta – *amènta*, maturare – *ammaturà*, mozzare – *ammuzzà*, nominare – *annummenà*, parare – *aparà*, rimedio – *arremèdio*, rubare – arrubà, rovina – *arruvìna*, voltare – *avutà*, entre outros casos.

Entramos, ainda, num terceiro âmbito de observação destas formas protéticas do grafema *a-*: Bananére, frequentemente, apresenta formas que também se encontram no português, sobretudo no século XVI, como pode ser conferido nas datações no dicionário Houaiss, mas sua realização nos textos macarrônicos trata-se de uma coincidência morfológica, fruto de uma assimilação das tendências do dialeto caipira e das formas inusitadas criadas pelos italianos. Temos como exemplo algumas estruturas lexicais que coincidem com formas do português arcaico, certas vezes com novo com novo sentido:

- *acunhecê* (Bananére – 1912: "conhecer"; Houaiss: "declarar, reconhecer");
- *alembrai* (em Bananére – 1911, Amaral e Houaiss: mesmo sentido, contudo, estigmatizado e restrito ao dialeto caipira);
- *alivantó* (Bananére – 1912 e Houaiss: "levantar");
- *allumiê* (Bananére – 1912 e Houaiss: "iluminar", forma do século XIII);
- *amustró* (Houaiss e Bananére – 1912: "mostrar");
- *amuntá* (Houaiss e Bananére – 1911: "montar");
- *apercebì* (Houaiss e Bananére – 1914: "perceber"),
- *apreguntô* (Bananére – 1912; Houaiss – "perguntar");
- *arubamus* (Bananére – 1912: "roubar"; Houaiss – "arroubar: enlevar, assombrar").

Nem todas as palavras que apresentam o *a-* protético, no entanto, são formas coincidentes com as formas do português arcaico ou empréstimos lexicais do dialeto caipira e napolitano. Há outras ocorrências com verdadeiro efeito cômico em que essa alteração não

estabelece nenhuma relação com outras línguas, fenômeno previsível já que estamos diante de uma linguagem que é resultado de um processo de recriação e estilização da fala imigrante e, como tal, não pode estar atrelada estritamente às regras gramaticais nem a normatizações fonéticas e morfológicas do português: esse jogo lúdico com a língua, porém, provavelmente visa à representação do modo de falar napolitano do idioma brasileiro. A seguir, alguns exemplos desta brincadeira fonético-lexical: *aluteriga*, *abattisado, abatida* (batida), *abuscà* (1913), *acaçá* (1915), *acarregado* (1912), *accurreligenario* (1912), *adifendê* (1915), *adurmi* (1912), *adistraido* (1915), *adeterminô* (1915), *apruclamaro* (1912), *apatinando* (1913), *ananmurada* (1912), *amentirose* (1912), *ajugaro* (1912), *aguvernatore* (1913) entre outros.

2.3.4 Aférese

A aférese, queda de um fonema ou de uma sílaba no início da palavra, indica três vias de interpretação: uma tendência da oralidade do português coloquial, uma italianização de palavras portuguesas ou uma reprodução das formais dialetais da variante interiorana do português. Numa analogia às construções morfológicas do italiano, é possível encontrar casos como em *scramô* (1913), *dimiro* (1913), *spagliato* (1914), *stanto* (1912), *scandalo* (1911), *scovado* (1912), *scunhambô* (1913). Outras realizações, que reproduzem a fala popular, também são partilhadas pelos dados que Amaral (1920) apresenta, exemplos, por vezes, convergentes com as formas macarrônicas: *parece*, *magina*, *(ar)rependeu*, *(ar)ranca*, *lambique*, *(al)gibêra*, entre outras formas. Entre outros exemplos extraídos de Bananére, visando mimetização do português coloquial, encontram-se os casos aqui selecionados: *cabava* (1912), *cuntecê* (1912), *liança* (1914), *bitante* (1915), *sistimo* (assistir – 1912), *marella* (1913), *paxonado* (1913), *niverso* (1915), *dalianos* (italiano – 1911), *té* (até – 1911), *bissorvido* (1913), *leiçós* (eleições – 1912), *mediatamente* (1912), *merigana* (1912), *bidominale* (1915), *bacaxi* (1913), *casió* (1912). Observa-se, assim, que é possível "dissecar" o dialeto macarrônico, no entanto, seus aspectos estão tão harmonizados que o pesquisador deve aceitar uma multiplicidade de causas para um determinado fenômeno.

2.3.5 Epêntese

A epêntese, adição de um fonema no interior da palavra, parece estabelecer as mesmas finalidades que a aférese, isto é, são transformações fonéticas que buscam representar as

tendências da oralidade e que também reproduzem formas inusitadas e cômicas que imitam sobretudo a tendência proparoxítona do italiano sobre as palavras do português. Apresentam-se aqui os exemplos que ilustram tais objetivos: *animo* (ano – 1912), *viaduttimo* (viaduto – 1913), *mesimo* (mesmo – 1911, cf. italiano *medesimo*), *Olimes* (Holmes – 1911), *pracia* (praça - 1912), *subrindiligado* (subdelegado - 1912), *barrimo* (bairro - 1913), *tempio* (1911), *girio* (giro – 1911), *barrigula* (barriga - 1911), entre outros casos.

2.3.6 Monotongação

Outro fenômeno frequente no português brasileiro, com mais intensidade no registro popular e característico dos dialetos meridionais de Portugal é a monotongação, que igualmente aparece realizado na língua macarrônica de Juó Bananére. É preciso explicitar, contudo, que esse complexo sistema abarca diversos casos de monotongação (cf. Teyssier, 2004): a passagem universal *ou* > *o*, que se generalizou em toda a língua portuguesa; a monotongação de *ei* > *e* antes de *r, j, x, ch,* muito comum nos dialetos meridionais portugueses; a monotongação de ditongos crescentes postônicos no português brasileiro; e até formas menos comuns como *au* > *a* ou *ou* > *u*, que acontece também no português do Pará e no crioulo da Guiné Bissau, além de *ei* > *i*, ambos em posição átona. A transformação *ão* > *ó*, porém, é típica do dialeto macarrônico de Bananére. Aqui colocamos alguns exemplos que retratam ortograficamente todas as realizações mencionadas acima: *ristaranto* (1913), *infança* (1915), *xirósa* (1911), *adurada* (dourada), *fijó* (1912, *vá* (vai – 1911), *vô* (vou – 1911), *sò* (sou – 1912), *sô* (seu – 1912), *dixá* (1912), *scramô* (1913), *quibró* (1912), *abafô* (1914), *brigô* (1913), *fijó* (1912).

2.3.7 Paragoge

O acréscimo de um fonema na parte final de uma palavra é um esforço do imigrante italiano em adequar às estruturas da língua portuguesa seus modelos fonéticos e morfológicos, uma vez que é rara a ocorrência de sílabas no formato VC, e o resultado de tal processo é um discurso linguisticamente cômico. É, na verdade, um fenômeno linguístico típico da Itália meridional. Lausberg (1970, p.458) nos oferece a seguinte informação:

> *537 – Em sardo3, reto-romano, francês, provençal, catalão, espanhol, português o -s mantém-se: feminas sard. feminas, obv. femnas, fr. femmes, prov. cat. femnas, esp. hembrar, port. fêmeas; nos sard., prov., cat., esp., port. nos obv. nus, fr. nous;*

> *cantas sard., esp., port. cantas, obv. contas, cat. cantes, fr chantes. nota 3: Em sardo pode acrescentar-se facultativamente (sobretudo no fim do compasso da fal) uma vogal paragógica: féminasa, cántasa, ánnoso.*

Nota-se, portanto, que certas palavras na obra de Bananére provêm do léxico português e mescla aí as desinências e sufixos da língua italiana, originando uma palavra que não pertence integralmente a nenhuma das duas línguas, mas a uma terceira, o macarrônico "bananerês", por assim dizer, que deixa visualizar fenômenos linguísticos de ambas. Como exemplo destas transformações nos textos de Bananére, temos as seguintes palavras: *Garonello* (Coronel – 1911), *amigoses* (1914), *annoses* (anos - 1912), *anteso* (antes – 1913), *Antunese* (1911), *Bittancuro* (Bittencourt – 1914), *apiamoses* (apeamos – 1914), *Archimedeso* (Arquimedes - 1913), *Alengaro* (Alencar – 1911), *garnevallo* (carnaval – 1912), *Bilaco* (Bilac – 1915), *afederala* (1912), *mogliére* (1911), *rezes* (réis – 1912), talo (tal – 1911), *Giochino* (Joaquim – 1912), *anazionala* (1912), *Cusarunhes* (Coisa-ruim – 1911).

2.3.8 Apócope

A apócope, fenômeno típico do português brasileiro atual, é realização presente também no dialeto caipira do início do século XX, reconhecida por Amaral (1920) ao registrar formas como *percurá, maginá, espinhé(l), carreadô(r), rominhó(l), arranchá, amolá*, entre muitos outros exemplos. Tem-se a partir da obra de Bananére uma amostragem numerosa de apócope nas formas verbais, tanto em formas infinitivas como em formas conjugadas, e parece representar a pronúncia ainda hoje realizada destas formas, tanto no português da capital como no dialeto capira: *amustrá* (1913), *formidave* (1915), *afazé* (1911), *ré* (rei - 1912), *caí* (caiu – 1911), *giurná* (1912), *xamá* (1911, *bombardiá* (1914), *fiquê* (1912), *quizé* (1912), *cavá* (1912), *butá* (1911), *squecê* (1913), *nascê* (1912), *cumpà* (compadre – 1911), entre outras formas.

2.3.9 Desnasalização

A desnasalização é um fenômeno quase esperado quando se trata de representar a fala de um italiano que busca realizar os fonemas vocálicos nasais típicos da língua portuguesa, como /ã/ ou /õ/, sobretudo nos sufixos portugueses. A ausência desse fonema e a solução do imigrante do sul da Itália pelo escritor originou realizações como *purçó* (1911), *intò* (1912),

sê (sem – 1911), *Capitó* (1911), *onti* (1912), *bobagi* (1915), *cavaçó* (1913), *bó* (bom – 1911), *indisgunhambaçó* (1912), *curdó* (cordão – 1912), *alemó* (1915), *ermó* (irmão – 1912), *dedó* (dedão - 1912), *tupetó* (topetão – 1912), *també* (1911), *alê* (além – 1912), *fi* (fim – 1912), *mó* (mão – 1912), *dispusiçó* (1912), *tê* (tem – 1911), *nó* (não – 1911), *gagnó* (canhão – 1912), *sessò* (sessão - 1912), entre outras.

Um caso de desnasalização que nos chama a atenção é quando ela se aplica aos verbos, sobretudo na conjugação da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Tal realização, poderíamos, sem dúvida, atribuir apenas ao padrão linguístico do italiano que não pronuncia vogais nasais. A ocorrência se torna ainda mais relevante aos estudos diacrônicos quando observamos no atual português brasileiro, mais especificamente no coloquial falado, a mesma desnasalização da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito. Atribuir tal realização à influência da língua italiana no português brasileiro seria muito restritivo, pois, na busca de uma motivação para tal reprodução, compreendemos uma multiplicidade de causas que acabaram por convergir a uma mesma forma de conjugação verbal. A diferença na acentuação (*fijó* vs *amarraro*) evidencia que a pronúncia reproduzida na grafia do macarrônica é semelhante à pronúncia atual do português brasileiro. Exemplos desse metaplasmo podem ser conferidos nos seguintes verbetes: *alivantáro* (1913), *amarraro* (1916), *amatàro* (1914), *amuntaro* (1912), *andaro* (1912), *guspiro* (1913), *cercáro* (1915), *declarato* (1912), *mandáro* (1912), *pigaro* (1911), *cançáro* (1914), *fugiro* (1912), *quiséro* (1913), *rubáro* (1914), entre outros.

2.3.10 Sonorização

Dentre os componentes linguísticos do "bananerês", a sonorização das consoantes (principalmente iniciais ou seguidas de nasal) é uma transformação exclusivamente de inspiração italiana, mais especificamente, originária dos dialetos meridionais provavelmente por influência de colônias gregas estabelecidas no sul da Itália desde o século VIII a.C. Com relação a tal influência, Gerhard Rohlfs (1968, p.9) relata:

> Di maggior portata storica è il fatto che nell'Italia meridionale trovino ancora ultimi avanzi di Greco parlato (...) Fino ai primi anni del nostro secolo si credeva che questi Greci fossero i discendenti di imigranti Greci, che avevano raggiunto l'Italia meridionale durante Il período della dominazione bizantina. Le mie ricerche hanno invece dimonstrato come questa tesi non sia più sostenibile. Oggi passiamo ritenere com maggiore sicurezza che questi Greci devono essere considerati come gli ultimi discendenti diretti della popolazione greca della Magna Grecia.(...) Fino a questa zona di transito arriva la sonorizzazione delle consonanti sorde in posizione

> postnasale: mondone invece di montone, tiembu invece di tempu, angora invece di ancora.[19]

Ao buscar uma aproximação da pronúncia da língua portuguesa, os parâmetros fonéticos de um estrangeiro estão inevitavelmente associados à sua fala nativa. O escritor paulista capta tal realização e a transfere para a língua macarrônica do imigrante, feito que podemos conferir nestes casos: *baolista* (1912), *gabello* (1912), *gapaiz* (1916), *vrente* (1913), *vamiglia* (1912), *Zan* (são – 1911), *Funzega* (Fonseca – 1911), *gonsultore* (1913), *garderó* (caldeirão - 1913), *Gristo* (1913), *brantá* (plantar – 1914), *gartola* (1912), *gaza* (casa - 1911), *bagagliau* (1913), *inzima* (1911), *zervegia* (1912), *pilégue* (1913). Ainda que haja casos de mudança intervocálica, como em *artigolo* (1912) ou *republiga* (1911), que são traços comuns dos dialetos setentrionais (acima da linha Spezia-Rimini), a predominância da sonorização típica do napolitano, que ocorre no início da palavra e após nasal como indicam os exemplos de Rohlfs, reforça a influência específica dos dialetos meridionais na composição do sistema macarrônico.

2.3.11 Ditongação

Certos tipos de ditongação, por fim, indicam a marcada presença da oralidade do português brasileiro em seu registro coloquial nos textos de Bananére. Como exemplos dessa realização, temos os seguintes vocábulos: *luiz* (1911), *Braiz* (1912), *virgia* (virgem – 1913), *gapaiz* (1917), *cruiz* (1912), *amancio* (Amanço – 1912), *voiz* (1912), *iscuitó* (presente também no vocabulário de Amadeu Amaral – 1915), *tipio* (1913), *celestia* (1913), *furmighia* (1917), *faize* (1912 – além da epêntese do e), *aranxia* (1915), *inveiz* (1911), *vuceis* (1913), entre outros exemplos. Amaral (1920) também nota a presença de tais traços no dialeto caipira, apresentando os seguintes dados: *bobícia, caititú (cateto), coará(r) (corar),correição, eigreja, einês, endeiz (endés),* o que reitera o espelhamento de aspectos dialetais da fala caipira no sistema macarrônico.

[19] "De maior relevo histórico é o fato de que na Itália meridional se ache ainda os últimos avanços do grego falado (...). Até os primeiros anos do nosso século [XX], acreditava-se que estes gregos fossem os descendentes dos imigrantes gregos que haviam chegado à Itália meridional durante o período de dominação bizantina. As minhas pesquisas, entretanto, demonstraram como esta tese não é mais sustentável. Hoje passamos a afirmar com maior segurança que estes gregos devem ser considerados como os últimos descendentes diretos da população grega da Magna Grécia. (...) Até esta zona de trânsito alcança a sonorização das consoantes surdas em posição pós-nasal: *mondone* por *montone*; *tiembu* por *tempu; angora* por *ancora.*" (Tradução livre minha)

Através desta sintética exposição dos principais metaplasmos presentes na linguagem macarrônica de Juó Bananére, podemos concluir diversos aspectos constitutivos desta linguagem. Reconhece-se, a partir dos fenômenos apresentados e das discussões tecidas, contrastando as formas macarrônicas com as possíveis influências linguísticas das línguas de contato na composição estrutural desse dialeto, a estreita relação da ortografia de Juó Bananére com a oralidade do português paulista, mais especificamente, com o dialeto caipira e com as variantes fonológicas meridionais da Itália.

Os textos macarrônicos de Juó Bananére oferecem muitos dados à pesquisa, na medida em que, dissecando o "bananerês" em seus elementos composicionais e analisando sua imensa capacidade gerativa de novas formas e novos conteúdos trazidos à escrita, pode-se compreender a oculta organicidade que existe por trás dessa língua estilizada, mas realizada como um verdadeiro sistema.

A análise dos fenômenos fonéticos que constituíam o macarrônico inaugurou, um estudo estritamente linguístico do "bananerês", identificando nos metaplasmos utilizados por Alexandre Machado a presença de diversos sistemas constitutivos, desde o caipira – realizando fenômenos que antecedem ao estudo pioneiro de Amadeu Amaral (1920) – e estendendo-se até os dialetos meridionais da Itália, mais especificamente, o napolitano, como se pode notar em alguns metaplasmos e que estão ausentes das realizações do português brasileiro, como também em alguns casos lexicais. Aqui foi igualmente necessária uma pesquisa bibliográfica sobre estudo diacrônicos do português, gramáticas e dicionários dos dialetos meridionais italianos. Vale dizer que a convergência de alguns metaplasmos provenientes tanto do dialeto caipira como do dialeto napolitano – como o alçamento vocálico pretônico e postônico, rotacismos da líquida /l/ entre outros aspectos – apontou para uma solução policausal na formação da língua macarrônica, que mescla as duas contaminações numa única forma lexical, o que torna mais árduo e complexo o processo de identificação de cada substrato constitutivo. É nesse sentido que Antunes (1998, p.43) afirma:

> O método comparativo, por si só, cria situações favoráveis à reflexão sobre a contaminação linguística. [...] mais do que esclarecer qual dos pólos da relação adquire hegemonia, instaura um dinamismo de ordem dialética que reflete, quando for o caso, as próprias contradições interentes ao processo de integração das duas culturas.

A análise dos fenômenos fonéticos permitiu, além disso, notar também que certos processos de transformação fonológica do português falado coloquial, grafados em um texto

pré-modernista, refletem processos da fala que perduram até o português atual. Tal constatação confere um valor documental histórico-linguístico aos textos macarrônicos de Bananére, que se tornam essenciais para os estudos da diversidade da língua portuguesa e base para a reconstrução tanto do português paulista como do português brasileiro no início do século XX, uma vez que havia no país poucos recursos tecnológicos para a captação da fala, como gravadores e tecnologias do gênero, o que marca o período com grande escassez de *corpora* para os estudos diacrônicos de textos orais.

Foi necessária uma pesquisa aprofundada em leituras sociolinguísticas, de linguística histórica e mesmo de pesquisa histórico-cultural, como a origem do autor, dados demográficos da época, entre outras informações que julgamos pertinentes ao domínio do contexto histórico da produção macarrônica, tarefa essencial quando nos deparamos com a quantidade de gírias, neologismos e novas expressões que encontramos nos textos. Sem esse embasamento histórico, os textos macarrônicos não são compreendidos em sua totalidade. Para além da história, foi imperativo um embasamento teórico, com grande acuidade no desmembramento dos elementos estruturais do "bananerês", que trazem em seu arcabouço a representação da fala e constitui uma espécie de alfabeto fonético incipiente ao revelar as pronúncias na grafia, fato inédito até então; tal estudo exige leitura dedicada de manuais de gramática e estudos dialetológicos. As pesquisas descritas ampliaram a compreensão do *corpus* a ser trabalhado e possibilitou assim maior domínio da língua macarrônica, premissa fundamental para a observação, classificação e datação de fenômenos fonéticos e lexicais presentes na língua macarrônica de Juó Bananére.

Considerando a riqueza linguística do dialeto macarrônico discutida neste capítulo em seu contexto social e em seus traços fonéticos, serão apresentados nos próximos capítulos os resultados da datação lexical e fraseológica a partir dos textos de Bananére, ampliando a gama de informações diacrônicas que suas publicações oferecem aos estudos do português brasileiro.

3. Datação Lexical

Alexandre Machado, contrariando as tendências literárias da época que buscavam um conservadorismo linguístico, banindo palavras coloquiais e construções tipicamente do registro oral dos textos literários, traspõe para seus textos exemplos de "neologismos", "gírias" ou "coloquialismos" de sua época e fornece contextos e usos que podem alterar o atual quadro escasso dos estudos diacrônicos do português. Assim, além de obter informações diacrônicas que dizem respeito diretamente à abonação do termo analisado, é possível testemunhar também seu registro numa dada sincronia pretérita e criar bases para a descrição e reconstrução do português brasileiro das primeiras décadas do século XX.

O autor de Bananére, acima de qualquer estética literária vanguardista em voga, voltou seu olhar não para o falar lisboeta, mas para a realização fonológica do caipira paulista e para o fraseado italiano, afastando-se o máximo possível do padrão normativo lusitano. Se havia alguma aproximação com a norma portuguesa clássica – e certamente havia – era principalmente com fins de satirização e paródia de uma norma prescritiva e enrijecida, motivo de riso e brincadeira para o escritor que trafegava pelos bairros paulistas italianos, como Brás e Barra Funda, e testemunhava um linguajar diferente[20]. Basta consultar as páginas da peça de teatro "A guerra ítalo-turca – comedia em um acto" (1913) em que Alexandre Machado abandona o macarrônico para escrever as indicações cênicas em um português que espelha fielmente a grafia e gramática lusitana, mostrando que sabia dominá-las com esmero; mas o macarrônico com seus desvios e ortografia imprevisível volta com toda a força nas falas das personagens, contrastando em forma e conteúdo com as linhas indicativas. Nota-se, então, o esforço do escritor para abandonar um registro formal e entregar-se por completo a outro, inteiramente diferente, tornando o engenheiro paulista um atento observador da língua e canalizador das várias possibilidades linguísticas unificadas em um "sistema" num período em que poucos autores tinham a ousadia de quebras os códigos literários, mimetizar a linguagem coloquial ouvida pelas ruas da capital paulistana e fazer daquela variante desprezada pelos ditames da época o ponto alto de sua criação.

[20] Mario Leite, colega de Bananére da Escola Politécnica, descreve no prefácio da 10ª edição de *La Divina Increnca* (1966) o caminho percorrido junto ao seu companheiro até a Escola que ficava na Barra Funda, passando por regiões de grande concentração dos imigrantes italianas, o que certamente o influenciou na construção do dialeto macarrônico.

Como resultado do processo de construção da língua macarrônica, que inclui a in*corpora*ção de muitos elementos do português brasileiro popular e da língua italiana, os textos de Bananére são fontes de riqueza documental que, surpreendentemente, carecem ainda de pesquisa histórica que analise as informações diacrônicas que suas publicações podem certamente fornecer. Este capítulo é uma resposta a essa lacuna e à pergunta-mote que impulsionou a pesquisa: as palavras que Bananére utiliza tão jocosamente em seus textos podem retroagir muitas das datas dos dicionários de referência? Seria possível, ao consultar o texto e comparar as datas, obter informações históricas para a reconstrução linguística de um período do português brasileiro? Seria possível encontrar em Bananére palavras como *encabular*, *esculhambação*, *táxi*, *cinema*, *lixão*? Assim, este capítulo é uma resposta a estas perguntas que deram inicio à pesquisa e cujos resultados foram bastante profícuos.

Nesta seção, desenvolveremos um trabalho de comparação das datações obtidas pelos textos de Juó Bananére – chamadas aqui de datação "NEHiLP"[21]– com as abonações oferecidas pelo *Corpus do Português*, de Mark Davies e Michael Ferreira, denominadas "DF". O "*Corpus* do Português" reúne quase 57 mil textos brasileiros e portugueses de diversas fontes, como documentos, manuscritos, jornais, revistas, entrevistas, trabalhos acadêmicos e textos literários, compreendendo textos desde o século XII ao final do século XX e catalogando mais de 45 milhões de palavras em seu acervo.

O objetivo deste cotejo é, primeiramente, verificar as informações diacrônicas que os termos utilizados pelo escritor paulista podem oferecer à Etimologia do português. Uma vez obtidas as datações dos itens lexicais que poderiam especificar ou retroagir aqueles que se encontravam desatualizados no Dicionário Houaiss, consultou-se as mesmas palavras no acervo de Davies e Ferreira, buscando retroagir ainda mais as abonações resultantes do primeiro passo.

Há alguns casos, por exemplo, que muitos dos termos coloquiais presentes nas publicações de Juó Bananére aparecem já em peças teatrais do final do século XIX; nestes casos, o valor documental do texto de Bananére é superado pelo *corpus* de Davies e Ferreira, visto que o item lexical pode ser abonado num período anterior à obra de Juó Bananére. O valor histórico, contudo, do ponto de vista da sincronia pretérita analisada, se sustenta ao testemunhar que o termo popular aí registrado já fazia parte do linguajar brasileiro deste

[21] NEHILP: Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa. Grupo de pesquisa coordenado pelo prof. Dr. Mário Eduardo Viaro e ao qual esta pesquisa está integrada.

período. Assim, nenhum dado é desprezado, mas observado em todas suas possibilidades e explorado segundo todas as fontes consultadas durante a pesquisa para obter o máximo de informação diacrônica sobre o dado lexical.

Ainda há casos em que o contexto de ocorrência nos textos do *corpus* de Davies e Ferreira é bastante recente, muitas vezes da década de 80, 90 do século XX. Assim, mesmo que o *corpus* dos pesquisadores apresentasse dados posteriores à abonação dos textos macarrônicos, optou-se por manter as contextualizações e relacioná-las com o item lexical por dois motivos: encontrar um termo muitas décadas após sua ocorrência na obra de Bananére é a comprovação da conservação do termo e de sua apepção; a distância temporal dos dados dos dois *corpora* evidencia uma lacuna de dados que existe na pesquisa etimológica e que deve ser contabilizada e considerada, ainda que um dos *corpora* tenha uma extensão massiva, como é o caso do acervo de Davies e Ferreira.

Assim, a pesquisa busca mostrar de forma transparente que nem sempre o *corpus* oferecerá dados que podem contribuir para a retroação, mas mesmo assim, os acervos devem ser consultados, uma vez que a maior parte das palavras foi retroagida ao consultar um novo *corpus*, e ainda que não seja, dados paralelos sobre os hábitos culturais, linguísticos e históricos relacionados ao sistema linguístico estudado contribuem para conferir um maior grau de certeza à abonação atestada nos textos verificados. Desse modo, há alguns casos de itens lexicais em que informações adicionais foram acrescidas após o encerramento do capítulo seja pela consulta de novas fontes ou pela informação concedida por outros pesquisadores.

Esclarecemos ainda que a pesquisa tem como objetivo retroagir o *terminus a quo* da **acepção** da palavra, e não apenas do item lexicográfico em si. A datação de acepção e da base morfológica da palavra podem ter muitos séculos de distância, uma vez que os sentidos vão sendo inovados e reinventados ao longo do tempo, gerando muitas vezes entradas lexicais distintas. A datação de uma palavra, de certa forma, é sempre a datação de sua acepção: quando um termo é registrado em um documento escrito, junto a ele está sua variante formal e seu aspecto semântico, ambos mutáveis ao longo das gerações. Datar a acepção é datar o momento em que aquele sentido está sendo registrado e de que forma está sendo usa – concreto ou conotativamente? Isolado ou parte de uma locução? Observando as acepções analisadas neste trabalho, pode-se notar que o sentido de uma palavra muitas vezes se reduz de uma expressão para um item lexical ou depende de uma estrutura sintática para ser

funcional como palavra numa dada locução; que o sentido concreto serve como ponto de partida para futuros refinamentos semânticos que, muitas vezes, voltam a adquirir significados denotativos.

Como esta é uma pesquisa etimológica, tais teorizações e categorizações dos processos semânticos, ainda que essenciais, serão deixados em segundo plano, sobre o qual prevalecerá o aspecto diacrônico da acepção. Para entender a evolução dos vários sentidos de um item lexical, é preciso ter *corpora* datados e é a essa necessidade básica que a pesquisa abonativa desenvolvida neste capitulo pretende atender. Munidos de dados históricos e argumentos paralelos sobre o sistema em questão, podemos então tecer hipóteses sobre a trajetória dos processos semânticos de uma palavra.

3.1 Metodologia

A metodologia desenvolvida e aplicada para esta etapa da pesquisa, com todos os procedimentos e critérios adotados, foi descrita e discutida na seção 1.3.1 do primeiro capítulo deste trabalho. Nesta subseção, faremos uma breve retomada do método desenvolvido e das decisões adotadas durante a pesquisa para realizar o trabalho abonativo dos itens lexicais.

O projeto tinha por meta, num primeiro momento, a digitação dos textos da fase primária da produção macarrônica de Juó Bananére, compreendendo um período de 1911 a 1917. Para o segundo passo, a pesquisa visava, após a obtenção de uma lista com todas as palavras dos textos macarrônicos em ordem alfabética por meio de um *software*, contrastar a data de publicação de cada palavra que compõe a lista com a datação apresentada pelo Dicionário Houaiss, considerando somente aquelas que tinham data generalizada ou posterior às datas dos textos macarrônicos. Apesar dos resultados obtidos na primeira fase já retroagirem a datação de centenas de palavras no Dicionário Houaiss, optou-se por fazer ainda o cotejo das abonações dos textos macarrônicos com os dados do *corpus* de Davies e Ferreira, decisão que se mostrou muito favorável para a retroação de muitos itens lexicais.

Dessa forma, a listagem apresentará os resultados das três fases de filtragem dos dados para a datação dos itens lexicais: a datação segundo os textos macarrônicos, a informação com a datação generalizada ou posterior da mesma palavra no Dicionário Houaiss e o cotejo da palavra abonada com o *corpus* de Davies e Ferreira.

3.2 Listagem da abonação lexical e cotejo

A seguir, será apresentada uma lista com a comparação de datação dos termos com as respectivas referências bibliográficas e contextualizações textuais, acompanhadas de notas resultantes das observações e confronto dos dados obtidos. Como parte da criação da metodologia aplicada nesta fase, foram utilizados alguns termos que são específicos do trabalho etimológico e que podem confundir quanto tomados literalmente ou interpretados equivocadamente. É necessário, assim, explicitar brevemente a terminologia utilizada aqui na exposição de dados:

- **Sem datação**: significa que o verbete está dicionarizado, mas não qualquer indicação da datação para a palavra ou acepção.
- **Item inexistente (na linha NEHiLP)**: o verbete não está dicionarizado.
- **Item inexistente (na linha DF)**: não há ocorrências no *corpus*.
- **Acepção inexistente**: o verbete está dicionarizado, mas a acepção não consta no dicionário.
- **a1950**: antes de 1950.
- **c1950**: cerca de 1950.
- **d1950**: depois de 1950.
- **NEHiLP**: denominação do item que indica a primeira fase da pesquisa comparando as datas de Houaiss e Bananére.
- **DF**: denominação do item que indica a segunda fase da pesquisa comparando o resultado obtido na fase anterior com as datas do *corpus* de Davies e Ferreira

Cada entrada lexical terá 5 itens a ela relacionados e 1 item opcional, a saber: a palavra analisada em destaque; o linha NEHiLP com a datação do Dicionário Houaiss e a datação de acordo com o texto macarrônico, acompanhada de referência bibliográfica do periódico em que a palavra ocorre; o trecho em que a palavra aparece nos textos macarrônicos; a linha DF que apresenta os resultados da consulta ao *corpus* online de Davies e Ferreira, seguida igualmente da reprodução do trecho em que a palavra é utilizada e, por fim, uma nota, item opcional da lista, constituindo-se de comentários tecidos sobre o cotejo realizado que apresente alguma particularidade ou que mereça uma discussão mais

aprofundada sobre os resultados da comparação. Nos casos em que a acepção datada pelo Dicionário Houaiss é rara ou obscura no contexto apresentado no texto macarrônico, optou-se por reproduzida ao lado da datação do dicionário. Abaixo, apresentamos um modelo de cada entrada lexical na listagem que demonstram como as informações da pesquisa estarão ordenadas na listagem desta seção:

Item lexical abonado em negrito

> NEHiLP: (Houaiss: data segundo o Houaiss 'acepção obscura'; *Corpus* Bananére*:* data segundo os textos macarrônicos; nome da revista, número da edição)
>
> Contextualização: reprodução do excerto em que a palavra ocorre para que seja possível verificar a acepção e o contexto em que é utilizada; a palavra estará destaca em itálico.
>
> DF: referência bibliográfica do contexto em que palavra foi encontrada no *corpus* de Davies e Ferreira: (título da obra, ano de publicação e nome do autor).
>
> Contextualização: reprodução do excerto disponibilizado pela plataforma do *Corpus do Português* para visualização do uso da palavra em análise, destacada em negrito.
>
> Nota (em rodapé): comentário ou informação adicional para discutir aspectos históricos, semânticos ou lexicográficos relacionados à datação do termo que deve ser consultado a leitura dos dados acima.

Uma vez esclarecida a terminologia e a forma exposição dos dados, oferecemos a listagem com as abonações e cotejo dos itens lexicais. Ao final desta seção, serão colocadas as considerações finais sobre o trabalho etimológico desenvolvido neste capítulo.

Alô

NEHiLP: (Houaiss: 1938; *Corpus* Bananére: *allão* 1912; *O Pirralho*, n. 47,*grifo nosso*).

Contextualização: "Tirim, tirim, tirim. / -- *Allão*! a Centrale? Faccia a ligaçó co Jota Jota."

DF: *O Resto é Silêncio* (1943), de Érico Verissimo; *grifo nosso*.

Contextualização: "- Quem? **Alô**! Quem? Meu pai? Olha, a senhora devia ter vergonha. Ele é casado, tem uma filha moça. Aqui é ela quem fala. Não incomode mais meu pai, ouviu? Tônio abriu um olho. Nora precipitou-se para o corredor. - Passa esse telefone, menina! - gritou, arrebatando o fone das mãos da irmã. - **Alô**! **Alô**! Tinham desligado."

Ama-seca

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *amasecca* 1912; *O Pirralho*, n. 55, *grifo nosso*);

Contextualização: "Io dé di mammá p'ro Musso ma fui inda a mammadéra. Io fui *amasecca* p'relli maise dieci annos. Pregunta p'relli, vá!"

DF: *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Rita havia aboletado a amiga, a princípio em casa de umas engomadeiras do Catete, muito suas camaradas, depois passou-a para uma família, a quem Leocádia se alagou como **ama-seca**; e agora sabia que ela acabava de descobrir um bom arranjo num colégio de meninas."

Anúncio-sanduíche

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *anunzio zanduich* 1912, *O Pirralho*, n.64, *grifo nosso*).

Contextualização: "Chi inventáro o futurisimo fui o Marinette i o Bassi gia fui cuntratadu pur causa di fazê uno *alunzío* sistema *zanduich*."

DF: item inexistente.

Apinchar

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *apinxáro* 1912; *O Pirralho*, n. 62, *grifo nosso*).

Contextualização: "Afinale, c'oa intervençó du minho avó, non *apinxáro*, i quatros dé disposa giá o Gristovano tenia fazido a Ameriga."

DF: item inexistente.

Sobre este verbo "apinchar"[22], Amaral (1920) faz uma curiosa explanação sobre sua origem e sobre qual classe social utilizava e sobre a construção morfológica. O verbo "apinchar", segundo o autor, provém da forma "pinchar", que significa arremessar. Nas amostras coletadas dos roceiros pelo dialetólogo, o verbo por derivação ganha nova significação, no caso, "debandar, deslocar-se em direção a um local", veja-se exemplo extraído (1920, p.78): "Tratei de me apinchá pra outra banda" ou "Fui de verêda pro quarto, despois de apinchá a ferramenta num canto da sala.". Nas ocorrências deste verbo nos textos macarrônicos, apresentam-se os dois sentidos e as duas formas verbais: o de arremessar algo, ou de deslocar-se: "us uómo che si apinxa imbax'o bondo" (*O Pirralho*, n. 87,1913), "fiz onti un reide inzima du inzercito astriaco i apinxô maise di ventis milla bomba inzima dos nimighio" (*O Pirralho*, SP, n. 190, 1915) e "vulevo pinxá o Gristovano inzima as agua" (*O Pirralho*, nº 61, 1912). Segundo o Dicionário Houaiss, o verbo apinchar é o regionalismo do sul do Brasil, ainda carente de datação, contudo, o próprio dialetólogo diz que tal realização parece ser um fenômeno recorrente no Ceará, como cita num trecho da obra "Meu Sertão", de Catulo Cearense: "Meu Cumpade Dizidero/ somentes pra me impuiá/ má cheguei me foi pinchando,/ lá pra Avinida Cintrá".

Além disso, Amaral (1920) faz outra observação muito interessante sobre a utilização destes verbos: "Pinchar é port., mas acreditamos que bem pouco usado hoje, neste sentido, em Port. No Brasil, é absolutamente avesso à gente educada", ou seja, o linguajar utilizado por Juó Bananére comprovadamente recupera os aspectos coloquiais no português falado, aquele que a normatização já não alcança, mostrando a língua em sua plena realização, fato inovador e precoce, tendo em vista as tentativas posteriores dos modernistas e dos próprios teóricos brasileiros, como Amadeu Amaral, de investigar e popularizar o falar livre e espontâneo presente no registro coloquial.

Este verbo excepcional é utilizado por muitas outras línguas e dialetos. No Pará, Vicente Miranda (1968) oferece a forma substantivada pincho, que faz menção a uma brincadeira de rua comum entre as crianças, sem maiores detalhes. Na região sul, entretanto, o verbete consta em muitos compêndios lexicais. Podemos encontrá-lo em Oliveira (2002), com a apresentação de quatro formas lexicais: pinchar, pinchar-se, apinchar, além de apichar-se, cuja acepção é "acovardar-se, acobardar-se, achicar-se"; tais formas verbais, por sua vez, não

[22] O prof. Dr. Mario Viaro escreveu um longo estudo investigando a fundo o verbo "pinchar" intitulado "Palavras jogadas fora" em um artigo para a Revista *Língua Portuguesa*, disponível online neste link: http://revistalingua.uol.com.br/textos/77/palavras-jogadas-fora-252588-1.asp

aparecem em Fischer (1999). Também os verbetes pinchar e apinchar aparecem nos dicionários de Santa Catarina .

Ainda da região sul, Callage (1928) traz informações que são pertinentes ao presente estudo, principalmente, pelas acepções e pelo ano em que foi editado, próximo às datas de publicação dos textos macarrônicos de Juó Bananére. O dicionário nos diz: "APINCHAR, v. 'atirar (o laço) e figuradamente lançar um objecto qualquer duma pessoa para outra. Apinchar o laço num touro chucro; apinchar-me o relho. É vocábulo de origem guarany e usado na zona serrana do Estado.' (Apollinario Porto Alegre, Popularium Riograndense)."; e "PINCHAR-SE, v. lançar-se, atirar-se ao chão 'Não vá pinchar-se na estrada' (João Fontoura, *Nas coxilhas*)".

No espanhol oficial, pinchar é o mesmo que picar, punchar, punzar. O reflexivo pincharse na América Latina, segundo Renaud (2006), é semelhante ao nosso verbo "gabar". Corominas (1952), por sua vez, informa: "no hay relación con el port. pinchar 'hacer saltar, hacer caer, empujar'". O verbo pintcha em Cabo Verde, por Quint (1999), significa "empurrar". No lunfardo argentino, como nos informa Casullo (1976), pinchar é sinônimo de "morrer" ou "transar", segundo Gobello (1977). No Chile, o verbo tem o significado de "impactar desde el punto de vista estético; gustarse un hombre y una mujer, mirarse, admirarse aún sin hablar", como nos informa Escobar (2004)[23].

Arame[24]

[23] Outro verbete que nos chama a atenção é o adjetivo 'amuntado', que no vocabulário de Amaral (1920, p.75), significa que um animal doméstico está na mata ("Não ha pior fera que porco amuntado"; "Gado amuntado"). O estudioso explica a origem do vocábulo pela analogia com a palavra "monte", que "em Portugal também envolve ideia de mato, assim como monteiro, montês". O curioso é que outra analogia surgiu daí, pois, apesar de mesma realização morfológica, a semântica alterou-se e já mais familiar ao falante de português do século XX:" Vivia amuntado nus muro, /Trepado nas larangiêra" ou "dove venia amuntado ingoppa a garrozza o Cesare Agusto" (*O Pirralho*, nº 43, 1912). Quando se consulta a datação no Dicionário Houaiss, notamos uma particularidade: a forma 'amontado' possui, de fato, acepções, mas em diferentes tempos: em 1320, significa aquilo que foi montado e o que foi amontoado, o que se somou; em 1552, significa aquilo que tem forma de monte, aquele que debandou para o mato, e aquele que fugiu, regionalismo em Portugal descrito pela edição moderna (1924-1933) de Fernando Castanheda. O que podemos concluir de acordo com os dados é que havia nas primeiras décadas do século XX duas acepções para tal adjetivo e que a forma mais antiga foi aquela utilizada por Bananére e, como podemos confirmar, é aquela que sobreviveu, enquanto a acepção caipira parece ter minguado.

[24] Arame com o sentido de "dinheiro" é um fenômeno exclusivamente brasileiro e, é possível dizer ainda, exclusivamente do inicio do século XX. Caso houvesse um texto português em que *arame* aparecesse com o sentido aqui exposto, certamente seria uma influência brasileira da época sobre a literatura portuguesa e, portanto, posterior a Bananére. A aproximação dessa delimitação temporal é admitida, pois o termo, que aparece com enorme frequência, não se pode encontrar em nenhum outro texto, brasileiro ou português, no *corpus* DF: trata-se de uma gíria com duração bastante efêmera na história da língua portuguesa, não deixando nenhum outro traço ou marca sua em textos posteriores.

NEHiLP: (Houaiss: 1913, mas tem *aramudo*; *Corpus* Bananére: *aramo* 1911; *O Pirralho*, n. 11, *grifo nosso*).

Contextualização: "Un di o Ferraiz vulevo disgambá co *aramo*."

DF: item inexistente.

Arresolver[25]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente, 'resolver' s.XIV; *Corpus* Bananére: *arisorvê* 1913; *O Pirralho*, n. 109, *grifo nosso*).

Contextualização: "Intaute istas narchia fizéro una brutta rivoluçó nu patriotismo du celebro intaliano dottore Giuseppino Guaribardi che *arisorvê* di cabá di una veiz con aquilla porcheria."

DF: item inexistente.

Arresponder[26]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente, 'responder' 1152; *Corpus* Bananére; *arispondi* 1913; *O Pirralho*, n. 121, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io o sagristo *arispondi*: -- Viva o macaroni."

DF: item inexistente.

Assuadouro[27]

[25] A forma de base para a variante datada, "resolver", é do século XIV, assim, esta forma possivelmente já existia no período medieval, uma vez que a prótese do grafema a- era um fenômeno comum no português medieval, como mencionado na subseção sobre prótese 2.3.3, no capítulo 2. Ainda que sejam variantes e que provavelmente jamais sejam dicionarizadas, é muito importante datá-las para que seja possivel recuperar os diferentes passos da mudança linguística ao longo das gerações.

[26] Os dois casos acima expostos, ambos presentes no compêndio dialetológico caipira de Amaral (1920), são casos como o termo "apinchar", ausente das páginas brasileiras pelo seu status de "variante" em relação à norma padrão. Canções populares não estão inclusas no *corpus* de Davies e Ferreira, o que prejudica um pouco nosso cotejo, já que sabemos de ocorrências de tais verbos em canções de compositores.

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente, ‘suadouro’ s.XIV; *Corpus* Bananére: *assoadóro* 1912; *O Pirralho*, n. 33, *grifo nosso*)

Contextualização: “Inveiz ista gorneta non presta pur causa che é mesimo nuvinha e giá sta con fruenza e abbisogna pigá uno *assoadóro*.”

DF: item inexistente.

Assossegado[28]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente, mas tem *assossegar* s.XIII; *Corpus* Bananére: *açucegado* 1917; *O Pirralho*, n. 235, *grifo nosso*).

Contextualização: “Du inguerito ficô pruvado chi u Paraná iva siguino molto *açucegado* u suo gamigno sê mexê con ninguê, quano un subrimarigno allemó curreu atraiz delli i prigô un brutto tiro di turpedo inzima delli.”

DF: apresenta 8 ocorrências no século XVI e uma ocorrência no século XVII.

Avacalhado

NEHiLP: (Houaiss: 1949; *Corpus* Bananére: *avacagliado* 1915; O Queixoso, n. 2, *grifo nosso*).

Contextualização: “Disposa di tê stado durante tutto istu tempo o cumpagnêro inseparaver "Dus splendore i miseria du Piralhu" s'incontrê de repentimo na brigaçó di dá u fóra n'elli, pur causa che disposa di tê cumbattido o Hermeze I, come un véro bersagliere, gaiu aóra nus

[27] A ausência da dicionarização concorda com a ausência de ocorrências nos textos do *corpus* de DF, pois o termo, ainda não gramaticalizado, realiza-se apenas no âmbito coloquial, como uma espécie de neologismo, fenômeno tão frequente no século XX.

[28] Fenômeno exclusivo de textos portugueses, tais ocorrências são bem diferentes do contexto acima assinalado. A forma protética, como já foi estudada e analisada anteriormente nesta pesquisa, apresenta uma solução policausal de etimologia: pode derivar tanto das formas protéticas do dialeto caipira, em vocábulos apresentados por Amadeu Amaral (1920), como do dialeto napolitano, que apresenta idênticas realizações (cf. Amato e Prad, 1997), e ainda recuperar um arcaísmo da língua, como mostram os dados oferecidos pelo *corpus* Davies e Ferreira. Em termos de abonação, o texto de Bananére é superado pelo *corpus* DF, no entanto, a data tem um valor histórico, pois registra a ocorrência de uma variante numa sincronia pretérita muito posterior ao seu *terminus a quo*.

braçó du Hermeze II, come un verdadêro surdado allemó, lambuzado di *avaccagliamento* i dislumbradimo di adoraçó p'ru vantagioso quexo d'ELLI..”

DF: item inexistente.

Avacalhamento

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *avaccagliamento* 1915; O Queixoso, n. 1, *grifo nosso*).

Contextualização: “Disposa di tê stado durante tutto istu tempo o cumpagnêro inseparaver "Dus splendore i miseria du Piralhu" s'incontrê de repentimo na brigaçó di dá u fóra n'elli, pur causa che disposa di tê cumbattido o Hermeze I, come un véro bersagliere, gaiu aóra nus braçó du Hermeze II, come un verdadêro surdado allemó, lambuzado di *avaccagliamento* i dislumbradimo di adoraçó p'ru vantagioso quexo d'ELLI..”

DF: item inexistente.

Avacalhar

NEHiLP: (Houaiss: 1949; *Corpus* Bananére: *avacaglia* 1915; O Queixoso, n. 2, *grifo nosso*).

Contextualização: “Ma, vurtano a vacca fria, cioé, ao Capitó, cunfesso che fiquê spantado, non vo avacagliamento du Xico Cunsegliéro, pur causa chi tanto é avacagliado un che si *avacaglia* p'ru ôtro, come o ôtro che si avacaglia p'ro un.”

DF: *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: “O Capitão Melo me afirmou que não há parque europeu que se compare com este do Anhangabaú. - Exagero.. - Já vem você com a sua eterna mania de **avacalhar** o que é nosso!”

Bamba[29]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *bamba* 1917; *O Pirralho*, n. 235, *grifo nosso*).

Contextualização: "Disgamba Valuá, disgamba/ Chi a górda stá molto *bamba*..."

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "E, depois de muito as contemplar em platônico desejo, soltou um novo e mais fundo suspiro, e lá se foi seguindo o seu caminho, mal amanhada e **bamba**, levando cravada na alma uma agonia que toda por dentro a encharcava de fel."

Bambuzal

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *bambuzá* 1915; *O Pirralho*, n. 206, *grifo nosso*).

Contextualização: "Imbaxo das bananêra,/ Na sombra dus *bambuzá*."

DF: *O Cabeleira* (1876), de Franklin Távora; *grifo nosso*.

Contextualização: "De súbito o céu se torna brusco, e só descubro cabeços fumegantes em torno de mim; ribomba o trovão nos píncaros alcantilados; a chuva fustiga as palmeiras e casuarinas; a ventania brame no **bambuzal**."

Baratinha[30]

[29] São casos como estes que fazem necessário o cotejo de ambas as abonações, já que a não verificação de textos anteirores a Bananére acaba por omitir informações de valor abonativo, como este excerto literário.

[30] O único contexto em que ocorre esta acepção está localizado em um texto de 1943, num romance português. E, o que é mais interessante, entre aspas. O uso das aspas, neste caso, parece ser um recurso utilizado para suavizar a expressão extremamente coloquial. Bananére utiliza a expressão em 1915. Como poderia ainda continuar coloquial um termo já utilizado em textos brasileiros com uma distância temporal de quase 30 anos? Quando se trata de gírias, tal intervalo já se mostra um teste de verificação de sua funcionalidade. Pode-se colocar a hipótese de que o escritor incorporou um termo brasileiro já familiarizado em seu texto. Aqui tomamos o termo como brasileiro pois, caso invertêssemos a hipótese e considerássemos que Bananére incorporou um termo português, a presença das aspas se torna ainda mais confusa, de modo que teríamos que retroceder o termo para mais de 40 anos e, neste caso, o item lexical necessitaria de uma sentença explicativa ou estratégia

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *baratigna* 1915; *O Pirralho*, n. 185, *grifo nosso*).

Contextualização: “P'ra illo sê tuttas istas cósa saria priciso che illo facesse versos tó xique come o Gilio Pignére, che agiugasse a futebola uguali come o Cesara, que tivesse un intomobile maise gotuba da "*baratigna*" do Xiquinho”.

DF: *A Cidade do Vicio* (1943), de Fialho D’Almeida; *grifo nosso*.

Contextualização: “E agora, quer queira, quer não, será, como as obras de arte, presa do antiquário. dia 3 de Março Todos os dias, à mesma hora, ela reaparece. Não vem mais na Bugati conduzida pelo chauffeur, mas na "**baratinha**" guiada por ela própria.”

Barbuleta

NEHiLP[31]: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *barbuleta* 1912; *O Pirralho*, n. 35, *grifo nosso*).

Contextualização: “O dottore Gartola é u proprietaru du "Cummerçu di Zan Baolo" che é u migliore giurná, pur causa che quano dice: -- oggi dá a *barbuleta* co quattrocentotrentadue, tutto os mondo pode ajugá, pur causa che dá mesimo.”

DF: item inexistente.

Barração

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘ato de fazer barras’; *Corpus* Bananére: *barraçó* 1916, ‘atuação de grande amplitude’; O Queixoso, n. 6, *grifo nosso*).

---

semelhante, já que se trata de uma outra geração leitora. Uma terceira hipótese poderia ser considerada: e se o termo é português e estivesse sendo utilizado constantemente nos textos portugueses? As aspas são evidências que podem relativizar tal possibilidade restando, portanto, a suposição de que o termo fora originado em território e língua brasileira. Com a coleta de mais dados em outros *corpora*, é possível formular outras hipóteses e propor soluções para as questões etimológicas aqui colocadas.

[31] O Prof. Dr. Nelson Papavero, pesquisador do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, especialista em taxonomia e colaborador do grupo de pesquisa NEHiLP, contribuiu para este verbete com a informação de que esta variante está presente no Ofício de Francisco António de Madureira para o [secretário de estado da Marinha e Ultramar] Martinho e Melo e Castro, enviando e oferecendo-lhe uma colecção de borboletas de diversas espécies apanhadas na capitania do Pará, em 21 de julho de 1775. As informações bibliográficas encontram-se na lista de referência das obras consultadas neste trabalho. Destarte, retroagimos a palavra para ano de 1775.

Contextualização: “Vá plantá batata, vá?/ Che sogno côr di rosa?/ Andove stá?/ Sará per acaso aquillas *barraçó*/ Chi vucê alivô nas inleçó?/ Dexa di fita!”

DF: item inexistente.

Barriguda[32]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘mulher prenha’; *Corpus* Bananére: *barrigudulas* 1911, ‘fêma prenha’; *O Pirralho*, n. 11, *grifo nosso*).

Contextualização: “-- Mas li tenía un'altra bundade las egulas. Ellas, por causa chi son *barrigudulas*, se dexam pigá maior infirmazione sopra da a gente.”

DF: *Os Igaranas* (1938), de Raimundo de Morais; *grifo nosso*.

Contextualização: “- Queira Deus não ande por aí rabo de saia, sussurrou o coronel. Não faz um mês boto levou p' ro fundo filha do cumpadre Malaquias, indo boiá lá em Santarém com a rapariga já meio **barriguda**.”

Barulhada

NEHiLP: (Houaiss: 1954; *Corpus* Bananére: *barugliada* 1913; *O Pirralho*, n. 75, *grifo nosso*).

Contextualização: “Disposa, quano è mezzanotte in punto, caba tuttas *barugliada*.”

DF: *Inocência* (1872), de Afonso de E. Taunay; *grifo nosso*.

Contextualização: “Nem sequer Juque me ajudou.. pois estava deitado e dormindo.. Não é verdade, Sr. Pereira? --Veja, murmurava o mineiro, que **barulhada** faz ele com o tal aniceto.. ao menos, se fosse um animal grande!”

[32] Este caso ilustra de forma clara que a palavra e a acepção devem, em última análise, ser abonadas separadamente. Certamente a roupagem morfológica da palavra barrigudo, datada de 1548, é a base formal para a criação da palavra que estamos datando neste caso. São acepções tão distantes que, consequentemente, geram duas entradas em um dicionário, reservando exclusivamente um lema com desinência nominal feminina para o sentido aqui abonado.

Beira-mar[33]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, *Corpus* Bananére: *aberamar* 1913; *O Pirralho*, n. 120, *grifo nosso*).

Contextualização: "- Girio di attomobile na venida *Aberamar*."

DF: *História da Conjuração Mineira* (1873), de Joaquim Norberto de Souza Silva; *grifo nosso*.

Contextualização: "Lastimava-se o Tiradentes que não fosse rico, para com as suas riquezas quebrar os grilhões coloniais e de novo os planos de novos aquedutos e armazéns à **beira-mar** lhe assaltaram a mente."

Bem-feito[34]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XIII, 'gracioso', adjetivo; *Corpus* Bananére: *beffeito,* interjeição 'bem merecido!' 1912; *O Pirralho*, n. 48, *grifo nosso*).

Contextualização: "Aóra illo murré i o padro Bascoale mi dissi p'ra mim che illo fui p'ro Inferno. *Beffeito*! se illo non agiugava nu bixo non tenia cuntecido ista ingatastroffa."

DF: *O Resto é Silêncio* (1943), de Érico Verissimo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Apontado na rua, assunto de palestra.. Queres ouvir uma boa? Protestaram uma promissória do Petra.. Eu logo vi que esse camarada mais tarde ou mais cedo dava com os burros água. **Bem-feito**. Aleluia!"

Béstia

[33] Em ocasião de avaliação do trabalho abonativo realizado após sua finalização, o prof. Dr. Silvio de Almeida consultou outros dicionários históricos (Morais, 1813; Aulete, 1881) e contribuiu com a retroação de alguns itens lexicais desta listagem, cuja informação concedida por ele será acrescentada como nota de rodapé. Certamente, como aprofundamento da pesquisa, deverá ser considerada a inclusão destas obras de referência no *corpus* de base para futuros estudos etimológicos. O termo "beira-mar" e a expressão "à beira-mar" foram encontrados em Morais (1813), retroagindo para mais 100 anos a abonação no texto macarrônico.

[34] O termo é datado, acima de tudo, do ponto de vista morfológico-funcional. Somente em 1943 o termo aparece nos textos de DF na sua função de interjeição. O ponto final que se segue à sua realização no contexto acima demonstra claramente que já se nota alteração da classificação gramatical. O valor histórico do contexto macarrônico se duplica, pois nos mostra um contexto com tal alteração a uma distância de mais de 30 anos.

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *béstia* 1915; *O Pirralho*, n. 179, *grifo nosso*).

Contextualização: "Tive varos discurso incrusivio nu *béstia* do Rudigero inlogiano o Capitó, a sua assó pulittica i morale i os briglianti servicio che illo tê prestado p'ra a Patria, co ricenceamento i c'oa pruteçó dus indio,"

DF: item inexistente.

Bombardeamento[35]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére *bombardeamento*: 1914; *O Pirralho*, n. 159, *grifo nosso*).

Contextualização: "Os fanatico fizêro un brutto *bombardeamento* inzima a friguizia do Ó i sgangaliáro c'oa cattedrale chi éra un monumento di un brutto valore artístico."

DF: *Filomena Borges* (1884), de Autor Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Acaso não reconhecia o Borges a necessidade urgente de ver e experimentar todas essas coisas.. - Lá se vai tudo quanto Marta fiou.., disse o pobre homem, gemendo debaixo daquele **bombardeamento**."

Botinha[36]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'bota de cano curto, freq. fechada por botões, cadarços, zíper etc., us. por mulheres e crianças'; *Corpus* Bananére: *butigna* 1913, *O Pirralho*, n.91, *grifo nosso*).

Contextualização: "Intó io che non só troxa p'ra burro fiquê c'oa purga atraiz da oreglia i cuminciai di spiá o geitó dos duos i intó osservê chi tuttas veze che o Milio iva inda a mia

[35] A datação DF prevalece sobre a datação NEHiLP mesmo que a acepção seja assimétrica, pois a figura de linguagem utilizada pelo escritor é absolutamente contextual e não se trata de uma acepção adotada pela língua à ponto de ser dicionarizada. Contudo, reconhece-se que um sentido conotativo é gerado a partir de sua acepção literal, o que justifica a abonação neste caso.

[36] Embora bota seja de 1364 e botina seja de 1543, este tipo específico de sapato recebeu uma nova roupagem morfológica acompanhada de um novo sentido, o que justifica uma segunda entrada lexical e sua possivel abonação de acordo com o texto macarrônico.

gaza a Juóquina carçava sempre un vistido nuóvo, butava pó di arrozo i gremo Simó na gara, garçava as *butigna* di vernizio i iva nu migno saló pur causa de io ingrespá os gabello p'ra ella."

DF: item inexistente.

Briosa[37]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *briosa* 1911, *O Pirralho*, n.14, *grifo nosso*).

Contextualização: "Inveiz eu suzinho co Lacarato semos capaiz dinsculhambá co inzercito intirinho e també co a "*briosa*" e també com a Republiga do Portogallo."

DF: acepção inexistente.

Browning

NEHiLP: (Houaiss: 1918; *Corpus* Bananére: *browning* 1913, O Pirrralho, n.93, *grifo nosso*).

Contextualização: "Intro mortes i firidos sò si sarvò una ganôa xiigna di ispingarda i rivorvero di Winchester, Marlin, Flaubert (quello scrittore chi scrivê a madama Giaguary i o Salamo), garuxa i pistola di Colt, *Browning* i Remington ecc. ecc. che vigno p'ra gaza D. Roque da Silva, rua di Zan Bento, 22-A. É a gaza maise cotuba."

DF: *Missa in albis* (1988), de Maria Velho da Cosa; *grifo nosso*.

Contextualização: "O matador tinha uma capa alentejana. A arma usada foi uma pistola belga da marca efe ene **Browning**."

Caguira[38]

[37] A palavra brioso, literalmente, é do século XVIII, no entanto, flexinada no feminino designa uma gíria ufanista utilizada na época para se referir à antiga Guarda Nacional.

[38] A utilização das aspas, como no caso do contexto português para o termo "baratinha" é de função suavizadora. Este é a primeira vez que o termo aparece na obra de Bananére, logo nos primeiros números da revista *O*

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *caguira* 1911; *O Pirralho*, n. 14, *grifo nosso*).

Contextualização: "Elle si fiz un'altro bicchiero di ganinha e si fiz també uno p'ra mim. Intó si chi fui a "*caguira*"."

DF: item inexistente.

Caixão[39]

NEHiLP[40]: (Houaiss: acepção inexistente; *Corpus* Bananére: *gaxó* 1914, *O Pirralho*, n.124, *grifo nosso*).

Contextualização: "Tambê in gada staçó sarà una "gasa Rodovaglio" co privilegimo di afazê interro i *gaxó* di difuntimo, co prezzo baratissimamente di cinquacento massoni o interro di segonda crasse."

DF: *Noite na Taverna* (1855), de Álvares de Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Quando dei acordo de mim estava num lugar escuro: as estrelas passavam seus raios brancos entre as vidraças de um templo. As luzes de quatro círios batiam num **caixão** entreaberto. Abri-o: era o de uma moça. Aquele branco da mortalha, as grinaldas da morte na fronte dela, naquela tez lívida e embaçada, o vidrento dos olhos mal apertados.. Era uma defunta!.. e aqueles traços todos me lembraram uma idéia perdida.. - Era o anjo do cemitério? Cerrei as portas da igreja, que, ignoro por que, eu achara abertas. Tomei o cadáver nos meus braços para fora do **caixão**."

Calabrês

Pirralho. Tal recurso, como sabemos, busca a suavização de uma palavra bastante coloquial e, mais do que isso, trata-se de uma gíria da época para "má-sorte" e que ficou restrita a tal período no português brasileiro, pois hoje não se encontra mais sua realização no português.

[39] A acepção do termo, que se encontra dicionarizoada no Houaiss apenas como locução de caixa ("caixão de defunto: caixa ger. oblonga, de madeira, em que se enterram os mortos; ataúde, uma funerária, esquife"), está presente nos textos brasileiros num dos registros literários mais antigos deste cotejo. A obra, ainda na segunda metade do século XIX, já traz a palavra com o sentido idêntico ao utilizado por Bananére, tornando justificável a datação DF.

[40] O termo consta com a mesma acepção também no dicionário de Aulete (1881), informação cedida pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida. A abonação da acepção, no entanto, pode ser encontrada em um contexto ainda mais antigo registrado pelo *corpus* DF.

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *galabreze* 1912, *O Pirralho*, n.58, *grifo nosso*).

Contextualização: “Sabe parlá o franceze, o brazilêro, o intaliano i o *galabreze* migliore di qualchére pruffessore di giographia.”

DF: *A Igreja do Diabo* (C.1884), de \Machado de Assis; *grifo nosso*.

Contextualização: “Um dos seus melhores apóstolos era um **calabrês**, varão de cinqüenta anos, insigne falsificador de documentos, que possuía uma bela casa na campanha romana, telas, estátuas, biblioteca, etc.”

Cala-a-boca

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX, ‘suborno’; *Corpus* Bananére: *calabocca* 1912, interjeição; *O Pirralho*, n. 54, *grifo nosso*).

Contextualização: “. Intó io dissi p'relle -- *Calabocca* agurinha mesimo allemó si nó io giá ti inscunhambo co tuo ingaxadogulo.”

DF: item inexistente.

Camisolão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *gamizoló* 1913; *O Pirralho*, n.92, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tambê otro dí io stavo durmino quano di repentimo parecê a Juóquina inzima du pé da gama, cos gabello tudo pindurado ingoppa das cósta i c'un brutto *gamizoló* brango pióre du lette di vacca.”

DF: *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *grifo nosso*.

Contextualização: “Se tiver suado, troque-lhe a roupa, e traga-me aqui a camisa molhada. Dentro de dez minutos a rapariga voltou com o **camisolão** de dormir, que tirara de Lenita, úmido, levemente tinto em alguns lugares, de um vermelho deslavado. ao meio-dia a moça acordou.”

Camorra

NEHiLP: (Houaiss: 1914; *Corpus* Bananére: *gamorra* 1913; *O Pirralho*, n.75, *grifo nosso*).

Contextualização: "Di tarde io fui afazê uma visitigna p'ras minhos amigo importanto, pur causa che io non voglio as relaçó cos ingafagesto come o Scipió che é o maiore ladró di galligna che io tegno cunhecido i o Cesare futtebecca da *gamorra* i o Vurtolino direttore da a Maffia."

DF: *O Touro Negro* (c.1913 – obra póstuma de1938), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Os lugares, porém, na Europa sul são tão limitados e estão tão bem ocupados, que tremo de medo em ir dar com a carcassa lá por alguma republica boliviana da América do Sul. Ah! se assim for, antes Nápoles com a sua **camorra**, as suas infecções e porcarias."

Camorrista

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *camorrista* 1912, *O Pirralho*, n.52, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nu libro "O sucialismo e a Maffia" dice Lumbrose, o maise inlustro *camorrista* napulitano'

DF: item inexistente.

Caninha[41]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *ganigna* 1911; *O Pirralho*, n.14, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ahi elle mi fiz suzigno un'altro bicchiero di *ganigna* e incontínuo."

[41] É possível encontrar no Dicionário Houaiss a datação de 1647 da acepção básica da palavra ('cana pequena, canica, caniço'), que difere claramente da acepção utilizada nos contextos acima e ainda nos dias de hoje, o que justifica uma abonação diferente.

DF: *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Piedade, aos bordos, desocupou a mesa do engomado e serviu dois pratos. O outro reclamou vinagre e pimenta e perguntou se havia pão. - Pão há. O vinho é que é pouco! - Não faz mal! Vai mesmo com a **caninha**!"

Canino[42]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'dente canino'; *Corpus* Bananére: *canino* 1913, 'dente canino'; *O Pirralho*, n. 88, *grifo nosso*).

Contextualização: "Intó io abri, e intó illo spió i mi dissi che io stavo cos dentes *canino* sgugliambato".

DF: *Girândola de Amores* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "É que, durante a ausência, Pedro Ruivo sentira pela primeira vez o dente **canino** da adversidade."

Caradura

NEHiLP: (Houaiss: 1913; *Corpus* Bananére: *caradura* 1911; *O Pirralho*, n. 10, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nois ia tudo nos *caradura* inté a Italia ma o generalo taliano mandô dizê qui non percizava por causa que os turco ston tudo fugino di medo dos taliano da Italia."

DF: *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado; *grifo nosso.*

Contextualização: "A família se aboletou no primeiro banco do **caradura**. Mas antes o Quim brigou com o Gaudêncio porque ele é que queria ir sentado. Com o beliscão maternal se conformou e ficou em pé diante do pai. O bonde partiu. Polidoro quis passar para a ponta para pagar as passagens."

[42] A palavra canino, referente a 'cão' é de 1525, segundo Houaiss, no entanto, são acepções bastante distintas. Esta retroação da datação NEHiLP pela DF é longa e importante do ponto de vista histórico-científico, já que localiza no tempo a in*corpora*ção do estudo e sistematização da terminologia odontológica do corpo humano em textos literários.

Carapinhada[43]

NEHiLP: (Houaiss: 1836; *Corpus* Bananére: *garapinhado* 1912; *O Pirralho*, n.54, *grifo nosso*).

Contextualização: “-- E quella veiz che io ti paguê un *garapinhado* no "Guarany"?”

Carne-seca

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *garnesega* 1913; *O Pirralho*, n.80, *grifo nosso*).

Contextualização: “Si a gólere che spuma come o vigno/ Tenia gaído inzima a gabeza do Hermeze da Fonsega,/ Uguali come a *garnesega*/ Na bócca do mio gaxorinho”

DF: *Livro de uma Sogra* (1895), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “A mulher deixa em breve de ser a esposa para ser " A minha companheira - a minha velha - a madama ". Deixam ambos de ser marido e mulher para serem " Feijão com **carne-seca** ", como eles lá dizem, os imbecis.”

Carreirão

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *carreró* 1912, ‘fuga rápida, corrida’; *O Pirralho*, n. 35, *grifo nosso*).

Contextualização: “Intó u Bargionase inxergó u Garonello vistito co suo infardamento e pinsó che saria o Cusarunhes i disgambó un *carreró* indisgraziato p'ra ladere do Juó Alfrede che só fui pará no Billezinho.”

DF: *A Condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

[43] O termo é referente a uma bebida alcoólica, derivada da garapa de cana e, possivelmente, uma variação para a cachaça. Assim, sua dicionarização e abonação contribuem para a descrição não só do português coloquial brasileiro, mas também dos hábitos culturais que o constituem.

Contextualização: “Por onde diabo teria tomado aquele maldito? dizia e repetia Jorge, a olhar para todos os lados; até que percebeu Leonardo na ocasião em que este surgia junto à mulher. Jorge correu para lá, e Leonardo, mal o bispou, abriu num *carreirão* pela estrada, a fugir”.

Carroção

NEHiLP: (Houaiss: 1913, ‘dominó, bilhar’; *Corpus* Bananére: *garroçó* 1913, *O Pirralho*, n.111, *grifo nosso*).

Contextualização: “Di die puxa garroça/ I di notte *garroçó*;/ Di magná comi gapino,/ Di tardi insigna violó.”

DF: nos 16 registros existentes, em nenhum caso encontramos a acepção indicada pelo Dicionário Houaiss e contextualizada pelo texto macarrônico, o que mostra que se trata de um uma gíria exclusivamente brasileira.

Cartola

NEHiLP: (Houaiss: 1913; *Corpus* Bananére: *gartola* 1912, *O Pirralho*, n.35, *grifo nosso*).

Contextualização: “Eh! porca miseria!! fui c'oa *gartola* che mio padro mi curdaro tutto os dí di manhan çedo!”

DF: *A Carne* (1888) de Júlio Ribeiro; *grifo nosso*.

Contextualização: “Os olhos como se cerram em um êxtase de volúpia..Encomenda de Júlio Ribeiro, um gramático que se pode parecer com tudo menos um gramático: não usa simonte, nem lenço de Alcobaça, nem pince-nez, nem sequer cartola.”

Cavação

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *cavação* 1913; *O Pirralho*, n. 74, *grifo nosso*).

Contextualização: “*Cavação* chi sai p'ra culatrima”

DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "- Tinta simpática? os jornais alemães não podem ser da mesma opinião. *O milionário Patiño fez doação de 30.000 pesos para as escavações arqueológicas que vão ser feitas no Peru. Se for alguma "**cavação** " é mais um que cai como um patinho!"

Cavalo-de-pau

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *gavalligno di pau* 1913; *O Pirralho*, n.73, *grifo nosso*).

Contextualização: "O natalo é una robba chi a gente butta as buttigna imbax'o a gama, quano é di manhá cidigno iilos stó xiigno di bringadera, come per insempio, os *gavalligno di páu*, a vaquigna, a bunéga, o intomovigno chi anda di mintira."

DF: *Histórias da Avózinha* (1896), de Alberto Figueiredo Pimentel; *grifo nosso*.

Contextualização: "Mas como voltarei eu, se de todo me esqueci de procurar o pano, e de hoje até amanhã não o poderei haver, nem que tenha o auxílio do **cavalo-de-pau**? - Sossega, príncipe Nestor, disse ela muito triste, eu me incumbi de arranjar o pano que teu pai deseja. Ei-lo aqui. Vai, e lembra-te sempre da tua amiga, a gatinha. Entregou-lhe uma caixinha do tamanho de um dado. O príncipe não poderia supor que dentro de uma caixinha tão pequena houvesse uma peça de pano. Mas, como a gatinha não gostava de caçoar, aceitou o microscópico embrulho, com recomendação de só abri-lo em frente do rei. Montou no **cavalo-de-pau"**

Cedinho[44]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *cidinho* 1912; *O Pirralho,* n. 36, *grifo nosso*).

Contextualização: "Disposo mi té cuntado també che si alivanta di manhá *cidinho* a otto ore, piglia uma xicrigna di caffé"

DF: *Lourenço* (1881), de Franklin Távora; *grifo nosso*.

[44]Um termo altamente coloquial e num só tempo, in*corpora*do pela escrita há muito tempo. Certamente, o termo em questão é anterior à data da obra no *corpus* DF, contudo, esta é a abonação mais aproximada que pudemos fazer levando em conta apenas os textos que compõem o *corpus* de Davies e Ferreira.

Contextualização: “Uma manha, o padre, que penetrara a forte inclinação de Lourenço por Bernardina, levantou-se muito **cedinho**, como de costume, e encaminhou-se ao curral das vacas, onde encontrou já Cipriano tirando leite.”

Cenarismo

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *scinarismo* 1913; *O Pirralho*, n.83, *grifo nosso*).

Contextualização: “A orchetra é uma purcaria peiore que o Fieramosca. O *scinarismo* fu emprestado do Mascigrandimo, purisso tambê nun vale nadima. Beppino o gritico.”

DF: item inexistente.

Center-forward[45]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *fordi* 1914; *O Pirralho*, n.162, *grifo nosso*).

Contextualização: “I os *fordi*! porca miseria!... os *fordi* tê u Cezara, aquillo che fiz o futebecca p'ru Baolisdano u animo passato i é migliore campiò mundiali di futibecca do l'Universimo.”

DF: item inexistente.

Chaleira[46]

NEHiLP: Houaiss: 1922 ‘que ou aquele que lisonjeia de modo interesseiro; adulador, chaleirista, puxa-saco’; *Corpus* Bananére: *xalére* 1911, *O Pirralho*, n.12, *grifo nosso*).

[45] Trata-se de um termo inglês que foi substituído mais tarde pelo decalque “centro-avante”, uma vez na época da produção literária de Juó Bananére não possuía o termo equivalente na língua portuguesa. O caso não é isolado, temos como exemplos semelhantes as palvras “match” (partida), “scratch” (time) e “full-back”(zagueiro).

[46] O sentido básico da palavra é de 1813, no entanto, a acepção analisada origina-se do seu emprego numa locução. “Pegar no bico da chaleira”, expressão presente em muitos contextos nos textos macarrônicos, significa bajular alguém, significado exclusivo do português brasileiro. No capítulo seguinte, que discorre sobre as expressões idiomáticas, foi possível retroagir a expressão consultando outros *corpora*, como pode ser conferida no item “chaleira” na listagem de expressões idiomáticas.

Contextualização: “Inveiz, Signore Redattore, parecia piore dos corvo inzima a garniza. Quello disgraziato do capitó Rodolpho suzinho pigó tutto o bigo da *xalére*. O Alberto e Sosa co Villaboinhes butaro a mon sopra da a tampa. Os otro hermiste butaron o dedo inzime da *xalére*, ma inveiz o garonelo Piedade infio tutta a gabeza dentro o bigo. Uh! ma questo sabe fazé a xalerazione molte migliore do dottore Liopoldo di Freitase. Into, gome io non podia pigá inzima a *xalére*, butei a mon sopra a *xalére* do o garonelo.”

DF: acepção inexistente.

Chaminé[47]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘chapéu de copa alta, cartola’; *Corpus* Bananére: *xaminé* 1911,*O Pirralho*, n.14, *grifo nosso*).

Contextualização: “Inveiz impresté a "gazaka do Dionisio, quello chi faiz o giornaliste d'inzima o "S. Paolo" e d'a Tarde mi pigliei a *xaminé* sopra a gabeza, amuntei no intomobile e mi fui dirittigno, dirittigno, inda a gaza do tale che fui capitó du recenzeamento.”

DF: acepção inexistente.

Chapa

NEHiLP: (Houaiss: acepção inexistente ‘grupo político formado por membros do mesmo partido com vista à candidatura de um ou mais dos integrantes ’; *Corpus* Bananére: *xapa* 1915, *O Pirralho*, n.172, *grifo nosso*).

Contextualização: “Votte tuttos na *xapa* ufficiali du Partido Dimocratico! O unico partido cumpretamente independenti!!”

DF: *A Campanha Abolicionista* (1880-1889), de José do Patrocínio; *grifo nosso*.

Contextualização: “Nós esperamos por uma fé nova que nos anime e nos oriente, mas esta não pode sair da **chapa** conservadora triunfante. O que temos de ver nela? A aliança da lavoura com os srs. Sousa Carvalho e Paulino de Sousa, o Governo Sousa e Sousa. A aliança do

[47] O sentido básico de chaminé é de 1412: a datação de acepção e da base morfológica podem ter muitos séculos de distância, uma vez que os sentidos vão sendo inovados e reinventados ao longo do tempo.

clericalismo com o Partido Conservador. Ou a disciplina e a força real do Partido Conservador. Quem fará triunfar a **chapa** conservadora: a liga de Monte Verde, o partido católico, ou só o Partido Conservador?"

Chapelão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *xapelló* 1913, *O Pirralho*, n.76, *grifo nosso*).

Contextualização: "Té io butê uno brutto *xapelló* pretto ingoppa a gabeza d'ella só p'ra in xergá. Uh! mamma mia! era mesimo a gara du Bargionase!"

DF: *Canudos e Outros Temas* (1992 – póstumo; c.1909), de Euclides da Cunha; *grifo nosso*.

Contextualização: "O representante da Notícia, Alfredo Silva, assombrou-me: está num descambar irresistível para o tipo geral predominante - barba crescida, **chapelão** de palha, paletó de brim de cor inclassificável, bombachas monstruosas."

Charge

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *charge* 1913; *O Pirralho*, n. 80, *grifo nosso*).

Contextualização: "O macaroni (*charge*, a ser eliminada). Inda a Italia as crassia povera mangia o macaroni per metrificazione, a duzentó o guilometro."

DF: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: "Gente, disse-me ele, que vive perturbada, desejosa de realizar ideais de povos mortos, ideais que já se esgotaram; prisioneira da arqueologia, e muito certa de que a verdade está aí, como se houvesse uma beleza absoluta, existindo fora de nós e independente de nós? Por aí ele fez uma formidável **charge** aos nossos intelectuais."

Chefiar

NEHiLP: (Houaiss: 1939; *Corpus* Bananére *xefiá* 1916, O Queixoso, n.6, *grifo nosso*).

Contextualização: "E chi pegava tutto o Maresciallo.../ Nó, nó! non éra o Maresciallo nó!/ Chi apagava o patto era a Naçó./ - Un xéfe sê partido a maginá/ Chi tê arguna cósa p'ra *xefiá*!..."

DF: *Fogo Morto* (1943), de José Lins do Rego; *grifo nosso*.

Contextualização: "Vem aí o Coronel Rego Barros, é militar, é homem de dar razão a quem tem. Vai ser governador. Ladrão com ele é na cadeia. Dantas Barreto está em Pernambuco. Franco Ra-belo no Ceará. O Lula de Holanda devia **chefiar** o par-tido aqui no Pilar."

Chifrada

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *xifrada* 1913, *O Pirralho*, n.105, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io tambê stó vacagliado. Una vacca mi pregô una *xifrada*."

DF: *Incidente em Antares* (1971), de Érico Verissimo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Além disso, Getúlio Vargas astutamente conseguiu reunir os dois líderes e os fez assinar uma espécie de " tratado de paz ", publicado em vários jornais. Porém, uma semana mais tarde, os dois morrem, um de edema pulmonar e outro pela **chifrada** de um boi."

Chipanzé[48]

NEHiLP: (Houaiss: 1922; *Corpus* Bananére: *xipanzé* 1916, O Queixoso, n.7, *grifo nosso*).

Contextualização: "I amuntado aquillo *Xipanzé*/ I o pobri rapaizigno a pe.../- *Xipanzé*, migna, signora, é a vó!"

DF: item inexistente.

[48] Neste termo, dissimilação da primeira nasal muito comum na fala coloquial brasileira (VIARO, 2011). Enquanto a forma nasalizada (chimpanzé) é abonada em 1899 pelo Houaiss, esta forma aparece datada no dicionário alguns anos mais tarde, mas é retroagida pelos textos macarrônicos.

Chopinho[49]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *choppigno* 1915; *O Pirralho*, n. 202, *grifo nosso*).

Contextualização: "Levo una sodade unicamente:/ -- É du *choppigno* lá du "Bar Baró"."

DF: Data (ABR-17-1997); Adroaldo Streck (contexto jornalístico); *grifo nosso*.

Contextualização: "Luciano Machado compareceu à posse de Nelson Jobim no Supremo. A noite, participou da' galetada', bebeu **chopinho** e impressionou pela agilidade física e mental."

Cinema

NEHiLP: (Houaiss: 1922; *Corpus* Bananére: *cinema* 1911; *O Pirralho*, n. 12, *grifo nosso*).

Contextualização: "Inveiz tenia lá as banda musigali do Brasile-*Cinema*, do Bó Retiro, do Brais, da Villa Marianna e també quella d'Abaxo o Píques"

DF: *Mortalhas* (1924), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "O seu rosto é um mosaico extraordinário De pedacinhos de mulheres feias. Mosaico de canhões, namoros cava. E, no **cinema**, o pé reiúno toca, Até que a dama, a rir, o mande à fava."

Coió[50]

NEHiLP: (Houaiss: 1958; *Corpus* Bananére: *goió* 1913; *O Pirralho*, n. 114, *grifo nosso*).

Contextualização: "Uví si un gritto forte:/ - Óglia o *goió* sé sorte!"

[49] Embora a palavra "chope" seja datada de 1903 por Houaiss, o item lexical no diminutivo nos oferece uma amostra da coloquialidade dos textos de Bananére e tem riqueza do ponto de vista de sua sincronia pretérita, uma vez que testemunha como era já comum usar este termo na forma diminutiva e que sua frequência de uso provavelmente se mantém até hoje.

[50] O Dicionário Houaiss aproximava a abonação do final da década de 50 quando, na verdade, Juó Bananére já utiliza o termo em 1913, abonando não apenas uma palavra ou acepção, mas igualmente uma expressão não passar de um coió – como é possível em muitas passagens dos textos macarrônicos –, e o que dá autoridade a tal afirmação é um texto com mais de 80 anos de retroação. Devemos atentar, entretanto, o romance busca ilustrar a sociedade baiana da década de 50, o que justifica sua utilização, mas põe em xeque a manutenção do termo depois de tanto anos. A expressão, que permaneceu por mais de 40 anos na língua brasileira – tomando-se como referência apenas o texto de Juó Bananére e a aproximação do Dicionário Houaiss –, poderia permanecer por mais 40 anos? Caso não tenha permanecido, oferece-nos ao menos uma evidência: não se trata de uma construção exclusivamente paulistana, mas do português brasileiro em geral.

DF: coió

DF: *Crônica duma Namorada* (1995), de Zélia Gattai; *grifo nosso*.

Contextualização: "Enquanto o pobre dorme drogado, a assanhada se prepara para cair nos braços de Beto, se regalar com ele. Coitado de papai, sempre tão orgulhoso, tão ufano de sua macheza, não passava de um **coió** sem sorte.. "

Coisa-ruim[51]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *cusarunhes* 1911; *O Pirralho*, n. 12, *grifo nosso*).

Contextualização: "Uh! ma guilo té parte cu *Cusarunhes*! li giuro Signore Redattore."

DF: *O Cortiço* (1890), Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Olha! quem ai vem! - Olé! Bravo! É a Rita Baiana! - Já te fazíamos morta e enterrada! - E não é que o demo da mulata está cada vez mais sacudida.. - Então, **coisa-ruim**! por onde andaste atirando esses quartos?"

Coisinha

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *cósinha* 1913; *O Pirralho*, n. 120, *grifo nosso*).

Contextualização: "- A campanigna inletrica é una *cósinha* di pau, redondigna uguali come un nickre di dieci testone, ma molto maise grandi."

DF: *As Doutoras* (1889), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.

Contextualização: "A senhora vá comer alguma **coisinha**, que o jantar hoje há de ser um pouco tarde."

[51] Em ambos os contextos, estamos diante do mesmo termo com idêntica acepção. Coisa-ruim é sinônimo de "diabo" em todas as ocorrências nos textos macarrônicos. O que reforça a confirmação da acepção no romance de Aluísio Azevedo é a presença da palavra "demo". A datação pela abonação DF mostra, neste caso, a datação ideal que se busca neste projeto.

Comboio[52]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'trem'; *Corpus* Bananére: *gambôio* 1915; O Queixoso, n.2, *grifo nosso*)

Contextualização: "Oh! chi billeza! Apparecia un bondi inletrico. O *gambôio* curia pelo meie du gampo come un boi bravo, se pará. Só parava nas staçó p'ru xéfe du trenhes cunversá co xéfe da staçó, dava un gritto i saia di novo"

DF: *O Turbilhão* (1906), de Coelho Neto; *grifo nosso*.

Contextualização: "Subitamente um bufo, como da expansão de uma válcula, subiu das oficinas, e foi depois um chiado e logo um silvo de jato, e, lentamente, com rumor de ferragens, como à partida de um comboio, as máquinas moveram-se, abalando o soalho em trepidações contínuas."

Conferencista

NEHiLP: (Houaiss: 1915; *Corpus* Bananére: *circunferenzista* 1914; *O Pirralho*, n. 160, *grifo nosso*).

Contextualização: "O *circunferenzista* xigô, sentô, bibê un póco d'acqua, alimpô a bocca i incominció"

DF: *Vida Urbana* (c.1922), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: "As suas preocupações eram, então, atinentes à pecuária, por isso mesmo sua senhoria estava a calhar para representar operários em assembléia especial que tem por fim discutir medidas de puro interesse dos artífices. Depois, o senhor Fausto Ferraz quis se fazer **conferencista** e guinchou a Hora Industrial. Por esse tempo, supomos, o exímio deputado aprendeu ofício."

[52] O Dicionário Houaiss indica a datação de 1654 para o verbete comboio, mas certamente não se trata do trem, e sim de sua forma primitiva: "conjunto organizado de veículos que transportam mercadorias, víveres, utensílios, pessoas etc. para um mesmo lugar sob a guarda de uma escolta". A segunda acepção, esta sim sem uma abonação definida, tem o mesmo significado de trem: "FER. conjunto de carros e vagões engatados e movidos por uma locomotiva ou locomotivas conjugadas; composição; trem", a mesma utilizada pelos *corpora* consultados no trabalho.

Contravapor

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘manifestação violenta de contrariedade inesperada, súbita’; *Corpus* Bananére: *contravapóre* 1914; *O Pirralho*, n. 165, *grifo nosso*).

Contextualização: “Ma os Baolista chi é un pissoalo di valore/ Pregôli un *contravapóre*/ Che illo fui pará nu chó.”

DF: *O Braço Direito* (1963), de Otto Lara Resende; *grifo nosso*.

Contextualização: “Mas o padre Bernardino não foge da luta e no cumprimento do dever enfrenta quem quer que seja. O Provedor quis se intrometer e foi propor sua mediação. Levou pelas fuças um **contravapor**.”

Costume

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘traje adequado a ocasiões especiais formais’; *Corpus* Bananére: *gostumo* 1913, *O Pirralho*, n.103, *grifo nosso*).

Contextualização: “Con ista roba, chi é a moda,/ E si vucê vé lá un certo dia/ TÊ tambê di andá pillado./ Ma istu "*gostumo*" é du nostro páio Adô/ Che vucê di certo arubô!/ Ma vucé vai vê sô ladró indisgraziato.”

DF: *O Resto é Silêncio* (1943), de Érico Veríssimo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Não poderia comer nada. Mas tinha de ir à mesa, fazer ato de presença, presidir.. Tomar o lugar do comendador, do patriarca.. Antecipava o que ia acontecer.. Aurora passaria a maior parte do tempo a falar em vestidos. Fulana comprou um **costume** de Hollywood. A Didi mandou vir um modelo de Buenos Aires.”

Cutuba[53]

[53] O termo, gíria utilizada por muitos escritores da época para expressar o equivalente a “bacana”, “legal”, aparece com o sinal gráfico a que atribuímos anteriormente a função de suavização da coloquialidade. Tratando-se do primeiro contexto em que aparece o termo no texto macarrônico e único em que o termo vem

NEHiLP: (Houaiss: 1914; *Corpus* Bananére: *cotuba* 1913; *O Pirralho*, n. 92, *grifo nosso*).

Contextualização: “illos mi butáro prendido n'um saló molto "*cotuba*", tudo xiigno di gortina, tapetesos i luiz inletrica ecc. ecc.”

DF: item inexistente.

Criancinha

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘bebê’; *Corpus* Bananére: *grianzinha* 1913, *O Pirralho*, n.84, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tá bó, non vamos amatá a *grianzinha* antes di nascê, vá!”

DF: *Livro de uma Sogra* (1895), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Quero que ele te deixe fresca e bonita, como ainda estás agora, e te venha encontrar depois, ainda mais interessante do que te deixou, com uma linda e cheirosa **criancinha** ao colo. O teu parto não há de inutilizar aos seus olhos a mulher que ele em ti ama.”

Cumpá

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *cumpá* 1911; *O Pirralho*, n. 10, *grifo nosso*).

Contextualização: “Garo Scipione, *cumpá”*

DF: item inexistente.

Curruíra[54]

acompanhado pelas aspas, o trecho em questão retrata a oralidade da época e nos pontua no tempo quando sua realização ocorreu na língua brasileira.

[54] O Prof. Dr. Nelson Papavero novamente contribuiu para a pesquisa diacrônica deste verbete ao encontrá-lo em um periódico científico de 1892, a saber, a edição número 55 da Revista do Instituto histórico geográfico

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *corruira* 1911; *O Pirralho*, n. 14, *grifo nosso*).

Contextualização: “Premiére di tutto faró cinquantanove recenzeamento: uno dos capitó, otro dos hermiste, otro dos "pausigno", otro dos ingraxate, dos turcoses, dos carrapato, das formiga, dos inçá, dos tico-tico, das das *corruira*, ec. ec...”

DF: item inexistente.

Dedão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *dedó* 1912; *O Pirralho*, n.29, 169, 236 respectivamente, *grifo nosso*).

Contextualização: “Io stavo mesimo indegniado quando uno di quellos indisgraziato si pisó inzima di uno mio gallo che io tenho ingoppa u *dedó*.”; “Mi faceva a dolore na a gabeza, na as gosta, na a barrigula, na as gambia, i tambê inzima dus pé diretto i du *dedó* dus pés isquerdimo.”; “Illo mi vai trazê tambê una perna du Indiburgo i u *dedó* grandi du pé du Kronprinho chi é p'ra mim butá n'un vidro co arco i mustrá p'ra tuttos migno frigueiz quano vié afazê a barba nu migno saló.”

DF: O *corpus* de Davies e Ferreira apresentou apenas 15 ocorrências do termo, todas exclusivamente brasileiras, dentre as quais a mais antiga foi na obra *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado (*grifo nosso*).

Contextualização: “Virou do lado direito e dormiu de boca aberta. Às sete da manhã encontrou um brinquedo de armar atrás da porta. Ficou danado. Deu um pontapé no brinquedo. E chorou na cama apertando o **dedão** do pé.”

Desalinhavado

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *disalinhavada* 1914; *O Pirralho*, n. 135, *grifo nosso*).

---

brazileiro, por F.R.E. Quadros. Os dados completos da obra consultada podem ser localizados na seção de “Referências Bibliográficas”.

Contextualização: “Un di io fui là p'ra tratà duns nigozio co Hermeze, quano di repentimo escuitê un brutto fregio lá dentro i direpentimo a porta si abriu-si i intrô o Hermeze curreno, c'oa robba tutta *disalinhavada* i atraiz a Nairia prigano o gabo di vassôra nelli.”

DF: item inexistente.

Desapear

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *disapiá* 1916; O Queixoso, n.7, *grifo nosso*).

Contextualização: “Desça daí feiçó di jacaré!/ O gamponeze assi ch'istu iscuitô/ Fiz *disapiá* u figlio i amuntô.”

DF: *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay; *grifo nosso*.

Contextualização: “A Senhora Sant' Ana de tal nos livre! Nem olhar é bom. E, Pereira, voltando-se para dentro, pediu apressadamente: --Não deixe o homem **desapear**, doutor: ficava-me depois o desgosto de ter que lhe fazer alguma má-criação. Pelo amor de Deus vá lá fora.. Veja o que ele quer.. e dê-lhe boas tardes da nossa parte.. Olhe, esta chamando.. Sala, doutor, saia!”

Desbandada[55]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *disbandada* 1914; *O Pirralho*, n.158, *grifo nosso*).

Contextualização: “Ma... quano o rologio da matrizi pigô di dá as badalada da mezza-notte o inzercito dus fanatico vignó tambê divagarigno i gaí in zima du inzercito du Piedadó, che pigô una brutta *disbandada* i só vignó pará nu Bó Ritiro!”

DF: item inexistente.

[55] A palavra *debanda* é de 1777 segundo o Dicionário Houaiss, assim, é provável que se encontrem registros mais antigos da forma derivada; no entanto, a data do *corpus* macarrônica é a única de que dispomos nesta fase da pesquisa, o que sugere que deve ser registrada e refinada posteriormente com a ampliação dos *corpora* utilizados no trabalho abonativo.

Desinfetar

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘sumir’; *Corpus* Bananére: *disinfetta* 1916; A Vespa, n.2 (1916), *O Pirralho*, n. 235, e 137 (1917), respectivamente; *grifo nosso;*).

Contextualização: “Arruma a troxa,/ Ch'io stô veno a a coisa pretta;/ Péga u trenhes, *disinfetta*,/ chi sinó vucê apagna!; “Intó d repenti u povo pigô di gritá: - *Dissinfetta* allemó d'uma figa! *disinfetta*!”; “É oggi chi o Cunseglêro Gavagnac *disinfetta* du Guvernimo i é oggi chi entra o Queixoso nu lugáro du Gavagnac.”

DF: a palavra ocorre apenas em textos brasileiros, mas em nenhum dos contextos aparece a acepção “sumir”. Poderíamos afirmar que é uma gíria da época, contudo, o vocábulo com a acepção do texto macarrônico é utilizado no português atual, o que justifica a abonação NEHiLP do termo não como gíria que se perdeu no tempo, mas do ponto de vista de sua acepção exclusiva, como em outros exemplos.

Dialeto

NEHiLP: (Houaiss: 1942; *Corpus* Bananére: *dialetto* 1913; *O Pirralho*, n. 119 e O Gavroche, n.1, respectivamente, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Gorreia (Guinzigno) tambê scrive in *dialetto*, ma io non dó a pinió inzima d'elli pur causa che io non capisco o che illo scrive.”; “Fui o Spensero Guembé, quello uomino che té sempre a xaminé ingoppa a gabeza e també sabe piú di ventiquattro *dialetto* che mi t'e insignado ista roba.”

DF: *Til* (1872), de José de Alencar; *grifo nosso*.

Contextualização: “Depois arrancou do peito cavernoso a mesma toada do acalanto, cujas palavras truncava por forma que somente se percebia delas a sonância confusa e estranha. Dir-se-ia que ela cantava em algum **dialeto** africano, tão bárbara era a pronúncia com que se exprimia.”

Dinheirão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *dinheró* 1915; *O Pirralho*, n.180, *grifo nosso*).

Contextualização: "Intó illos afundáro Pizimizili i o padre Anchieta abri una logia di fazenda i o Pedro Caporale um boteghino molto "xique". Cuano illos stavo molto bê lá, agagnano un *dinheró*, viéro os turco é quizéro cumê ellis, pur causa chi turco comi genti, conformo tuttos munno sabi."

DF: *A Filha de Maria Angu* (1893), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Chica Valsa -Nem mesmo numa sepultura Eu poderia me esquecer de ti; Trouxe-te uma abotoadura.. Bitu - Oh! não me digas isso, não! Talvez custasse um **dinheirão**!"

Direitinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *dirittigno* 1911; *O Pirralho*, n. 14, *griffo nosso*).

Contextualização: "Tarde mi pigliei a xaminé sopra a gabeza, amuntei no intomobile e mi fui *dirittigno*, *dirittigno*, inda a gaza do tale che fui capitó du recenzeamento."

DF: *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *grifo nosso*.

Contextualização: "- Como quer sinhô que eu saiba? - Se você não confessar tudo o que tem feito, aqui, **direitinho** mando-o acabar a bacalhau, sô feiticeiro do diabo!"

Embandeirado

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'bem vestido, elegante'; *Corpus* Bananére: *imbanderato* 1915, *O Pirralho*, n.193, *grifo nosso*).

Contextualização: "In Zan Baolo, grandi rigogigio. Os intaliano aqui residenti stó tuttos imbanderato"

DF: não há contextos brasileiros e, nos contextos portugueses, não há ocorrência da acepção.

Empastelar

NEHiLP: (Houaiss: 'causar danos físicos ou materiais; estragar, machucar' 1899; *Corpus* Bananére: *impastellá* 1917; *O Pirralho*, n.234, *grifo nosso*).

Contextualização: "Uviu-si arguê gritá:/ Vamo *impastellá*!/ I u Valuá, u pobri goitado/ Grita indiguinado"

DF*: Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "A propósito do telegrama em que o sr. Dantas Barreto atribuía ao próprio pessoal do Diário de Pernambuco o empastelamento deste jornal, dizia ontem, um mirone do Watson: - Não é novo: quando o Rosa mandou **empastelar** o Pernambuco, do Milet, mandou dizer isso mesmo.."

Empréstimo[56]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'quantia de dinheiro que se toma ou se concede, com a pressuposição de que será devolvida ao emprestador, com ou sem o acréscimo de juros'; *Corpus* Bananére: *imprestimo* 1911, *O Pirralho*, n.14, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ebbé! quano io fô segretario, mi faccio in primiere lugare a valorizacione du caffé; doppo un *imprestimo* di cinquantanove miglione..."

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "E uma noite, quando Gabriel voltava de certa viagem a São Paulo, aonde fora ver se conseguia receber algum dinheiro do que tinha por lá deixado de **empréstimo** sem garantia, encontrou todo fechado, deserto e quase inteiramente vazio, o sobradinho da Praia da Lapa."

[56] Embora o verbete seja data do século XIV com as acepções básicas de "ato de emprestar" ou "aquilo que foi emprestado", o sentido relacionado à Economia, atualmente o mais usado na língua portuguesa, aparece sem datação no dicionário e tem sua abonação nos textos macarrônicos.

Encabular

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *acabulá* 1914; *O Pirralho*, n. 132, *grifo nosso*).

Contextualização: "Qui in Zan Baolo inveiz a genti non podi afazê o livrarbitro né di bringadêra, chi giá vê Lacarato *acabulá* a genti!..."

DF: *Crônica duma Namorada* (1995), de Zélia Gattai; *grifo nosso*.

Contextualização: "Eu nem sabia o que dizer, pasmada ao vê-lo ali a meu lado, querendo me ajudar. Estirada de bruços na cama, nua, apenas de calcinha.. sem me **encabular** nem procurar me cobrir, respondi entre soluços: - Não quero ir não, Beto.."

Engraçadinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'indivíduo que se dá ares de espertalhão'; *Corpus* Bananére: *ingraçadinho* 1916, A Vespa, n.2, *grifo nosso*).

Contextualização: "O Cunsegliêro fui o prisidentimo maise *ingraçadinho* che tive até oggi. Fazia una brutta fita chi aguvernava, ma na virdade, chi mandava era o Kaká!"

DF: *Olhinhos de Gato* (1939), de Cecília Meireles; *grifo nosso*.

Contextualização: "E o bicho movia-se pelo chão, pretinho e encaracolado, e a menina, de cócoras, ria-se e tinha medo, ao mesmo tempo. Maria Maruca resmungava: " É muito **engraçadinho**, sim, para me sujar a cozinha toda ""

Engraxador

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *ingraxatore* 1912, *O Pirralho*, n.32, *grifo nosso*).

Contextualização: "O Dionisio té di sê portiere indo o cinema do Bó Retiro. O Soare do Cotto sará *ingraxatore* inzima o larghe du Arrusá."

DF: *Bons Dias* (1888), de Machado de Assis; *grifo nosso*.

Contextualização: “Deus meu, não digo que o ofício seja dos mais honrosos; é muito inferior ao do meu **engraxador** de botas, que por nenhum caso chega a matar as próprias pulgas; mas se o carrasco sai a matar um homem, é porque o mandam.”

Enquete[57]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *enquête* 1915; *O Pirralho*, 185, *grifo nosso*).

Contextualização: “A NOSSA "*ENQUÊTE* SOBRE FRADIQUE MENDES”

DF: Reportagem da Folha do Estado de São Paulo (1994a); *grifo nosso*.

Contextualização: “Aparece apenas em contextos brasileiros e em textos jornalísticos.(**Enquete** Por que a Argentina perdeu para a Alemanha, sendo eliminada de o Mundial de Vôlei da Grécia? Daniel Castellani técnico de a Argentina Estivemos treinando desde abril, mas nossos jogadores carecem de experiência.), todos da década de 90.”

Envolvente

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére *invorvente* 1915, *O Pirralho*, n.190, *grifo nosso*).

Contextualização: “A squadra nimighia vançó inzima os navilio intaliano che fizéro un bunito movimento *invorvente* i prigáro in cinque minuto maise di millesquinhento tiro inzima dos navilio astriaco.”

DF: *Os sertões* (1901), de Euclides da Cunha; *grifo nosso*.

Contextualização: “O inimigo tinha na ocasião o alento do ataque e a certeza na própria temibilidade. Acometeu ruidosamente, entre vivas entusiásticos, por todos os lados, em arremetida **envolvente**.”

[57] A utilização das aspas neste termo não busca suavizar uma coloquialidade, como em outros casos nos textos macarrônicos, mas introduzir um termo estrangeiro para os leitores de 1915, o que já não ocorre no contexto da datação DF, haja vista que o termo já está in*corpora*do na linguagem brasileira.

Esbórnia

NEHiLP: **(**Houaiss: 1922; *Corpus* Bananére: *isbornia* 1912, *O Pirralho*, n.47, *grifo nosso*).

Contextualização: "Aora intremos tuttos i fumos intrano quano di ripente parecé p'ra nois uno uomino parecido co cavalliero Tiberio che parló: -- Ma che *isbornia* é questa inda a gaza mia?"

DF: *O Momento Literário* (1907), de Autor João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: "E eu sentia gloriosamente que a minha doce e amada Poesia perdera aquele jeito capadócio de modinhas em noitadas de **esbórnia** ao choro melancólico dos violões gemedores."

Escovado[58]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'esperto, matreiro'; *Corpus* Bananére: *scovado* 1912, *O Pirralho*, n.42, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ma che struçó francese né nada! saria molto migliore si stava o tenento Galligna! Quello si che é un uomo *scovado*! També o Lacarato."

DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: "Quem conhece o Saldanha, um velho português baixo, gordo e cego, que viola há mais de vinte anos com um negro também cego da ilha da Madeira, flautista emérito? Esses dois cegos eram acompanhados por um guitarrista **escovado**, que tocava, fazia a cobrança e ainda por cima era poeta, compunha as cançonetas."

Esculhambação[59]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *sgualhambaçó* 1911; *O Pirralho*, n.20, *grifo nosso*).

[58] Com o sentido básico relacionado ao verbo escovar, o termo é datado de 1543, no entanto, este caso recupera uma gíria da época. Assim, o valor abonativo e histórico da datação DF supera-se com relação à abonação feita pelos textos macarrônicos.

[59] Neste caso, como não temos a datação precisa da obra póstuma de Lima Barreto, a datação NEHiLP será levada em conta, já que um buscamos uma abonação com o maior grau de certeza.

Contextualização: “Quano accuntece che un'anima faiz una *sgualhambaçó* qualquiere, vortano pa traiz i vósê traveiz animalos guadrupedos.”

DF: *Diário Íntimo* (1903-1921), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: “Uma vez, no Esperança, quando um ator invectivava a esposa culposa, a platéia caiu na gargalhada. Quando em papéis cômicos, caíam na palhaçada, na " **esculhambação** ", como se dizia no tempo.”

Esculhambado

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *esgulhambato* c1913, *O Pirralho*, n.80, *grifo nosso*).

Contextualização: “Artigolo V - Chi non vutá no Luigi Vampa p'ra guvernatore da a Republiga sará *esgulhambato* nus artigolos du Rigalegio.”

DF: *Pedra Bonita* (1938), de José Lins do Rego; *grifo nosso*.

Contextualização: “- As moças saíram do quarto. A dona da casa caiu nos pés do Tenente: - Não faça nada com o meu marido! O choro crescia. - Parem com tanto choro! Eu é que fui ofendido. Um tenente **esculhambado** por um barba de bode. O padre protestou. - Isto é um absurdo, Tenente!”

Esculhambador[60]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *insgugliambadore* 1915, *O Pirralho*, n.170, *grifo nosso*).

Contextualização: “Os *insgugliambadore* só un funzionario chi quano stó nu pórre quére brigá con tuttos munno.”

[60] Aqui temos um caso que supera a datação de fenômenos lexicais, remetendo-o diretamente à produção de palavras com o sufixo - or no século XX. Enquanto Bananére usava largamente o verbo, o particípio e o adjetivo derivados deste termo – palavras usadas com grande frequência – veremos que esta forma derivada com –or ficou restrita às primeiras décadas do século XX. Prova disso é que no excerto do *corpus* DF referente à palavra “esculhambação”, Lima Barreto acrescenta o comentário “como se dizia no tempo”. Como veremos no item lexical seguinte, a palavra permaneceu ao longo do século XX provavelmente apenas em sua forma verbal.

DF: item inexistente.

Esculhambar

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *sgualhambá* 1911, *O Pirralho*, n.21, *grifo nosso*).

Contextualização: "Inveiz o Oxininton Luigi che non é troxa pr'a burro si fiz *sgualhambá* tutto os plano intirinho do talo indisgraziato Capitó.

DF: Reportagem da Folha do Estado de São Paulo (1994a); *grifo nosso*.

Contextualização: "O filósofo Renato Janine Ribeiro, em um memorável artigo publicado em a Folha, mostrou como é perigoso e idiota **esculhambar** o politicamente correto em um país como o Brasil, em que são ofendidos diariamente em a linguagem e fora de ela direitos básicos de indivíduos ou grupos."

Esgoto

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *isgotto* 1913, *O Pirralho*, n.109, *grifo nosso*).

Contextualização: "Onti as quattro ores da tardi fui ingontrada nu boêro du *isgotto*, inda a rua dos Intaliano, nu Bó Ritiro, una molhére cun treiz tiro di rivorvero na gabeza."

DF: *Girândola de Amores* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "E, depois destas considerações, uma tristeza profunda, um aborrecimento doloroso, negro, úmido, entrou-lhe no coração e começou a inchar lá dentro como um sapo entalado num cano de **esgoto**. O coração daquele homem era com efeito um cano de **esgoto**, por onde lhe desfilavam todas as imundícies da alma."

Esparrela[61]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘logro, peça’; *Corpus* Bananére: *sparrella* 1914, *O Pirralho*, n.201, *grifo nosso*)

Contextualização: “Quando Giacó adiscobri o ingano,/ E che tigna gaido na *sparrella*,/ Ficô c'um brutto d'um garó di arara.”

DF: *Girândola de Amores* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “O certo é que Moreira, tal se chamava o farmacêutico, por mais de uma vez dera aos demônios semelhante massada, e jurara, sem tirar o chapéu da cabeça, que nunca mais cairia na **esparrela** de se fazer tutor de ninguém!”

Espiada

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *spiada* 1915, *O Pirralho*, n.204, *grifo nosso*).

Contextualização: “Che scuitá strella né meia strella!/ Vucê stá maluco! e io ti diró intanto,/ Chi p'ra scuitalas moltas veiz livanto,/ I vô dá una *spiada* na gianella”

DF: *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: “O café já estava pronto. Foi só encher a xícara, pegar o açúcar, pegar o pão, pegar a lata de manteiga, pôr tudo na bandeja. Mas antes deu uma **espiada** no quarto do Zizinho. Deu um suspiro. Fechou a porta à chave. Foi levar o café.”

Esportivo

NEHiLP: (Houaiss: 1924; *Corpus* Bananére *ispurtive* 1912, *O Pirralho*, n.48, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tambê o Xanteclerigo, o Centro *Ispurtive*, o Amancio Rodrigos, a Vida Moderna e o Laccaratto tenia di i p'ro Inferdo pur causa do gioco du bixo.”

[61] A acepção, como muitos casos da língua portuguesa, deriva de um sentido básico concreto inicial: esparrela com o significado de ‘armadilha’ é datado de 1562.

DF: *Dentro da noite* (1910), de João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: “Era a bela Irene de Souza que queria ser a boa, a humilde, a simpática, a talentosa Irene. A critica fora jantar a sua « vila » de Copacabana, onde Irene, ao nascer do sol, num regimen essencialmente **esportivo**, fazia duas horas de bicicleta e sessenta minutos de natação.”

Estilingue

NEHiLP: (Houaiss: a1928; *Corpus* Bananére: *stilingo* 1912, *O Pirralho*, n.37, *grifo nosso*).

Contextualização: “D'Abax'o a ponte do viadutto era tutto gapino e tenia moltos passarigno che io iva tuttos dí di magná cidigno matá co *stilingo*.”

DF: *Dôra, Doralina* (1975), de Rachel de Queirós; *grifo nosso*.

Contextualização: “Parece que os netos da lavadeira eram uns pequenos bandidos, terrores da rua inteira.Roubavam madeira, matavam bichos de **estilingue**, diziam nome feio às pessoas de respeito..”

Estrilo

NEHiLP: (Houaiss: 1928; *Corpus* Bananére: *strillo* 1914, *O Pirralho*, n.74, *grifo nosso*).

Contextualização: “Ma inveiz só pur causa che o cunsegliero Accaçu aparló chi o Hermemeze éro ladró di galligna, o Piedadó si fiz o *strillo* i si dexô butá o disafio do duello p'ro illo.”

DF: *Mortalhas* (1924) de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: “E este apelido afirmam que o consome E é o que o há de levar à fria lousa. Se lho repetem briga e já não come, Não pára, não descansa, não repousa, Agüenta a sede, suportando a fome, Dando o **estrilo** feroz por qualquer cousa.”

Estupidamente

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘extremamente, muito’; *Corpus* Bananére: *stupidamente* 1914, *O Pirralho*, n.142, *grifo nosso*).

Contextualização: “Madamigella A. N. stava molto xique onti di tardi nu triango. Un certo rapazingno che io non conto ficô paxonado *stupidamente* p'ra Madamigélla.”

DF: Lima d’Alverga entrevista Clóvis Scarpino (Retirado da internet – na seção “oral” do *corpus*, sem datação)

Contextualização: “A cultura do Zé Medeiros é muito mais alta que a do Sebastião. O Zé Medeiros tem um livro, " O Poeta da Luz ". Ele tem umas fotos deitado pra santo lá, o pessoal deitado pra santo lá que é maravilhoso. **Estupidamente** maravilhoso! O livro está aí, o " Poeta da Luz ", na FUNARTE tem e tal.”

Exprimentar[62]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *isprimentá* 1916, O Queixoso, n.7, *grifo nosso*).

Contextualização: “Quereno acuntentá o mundo intero!/ Tuttavia nois vammo *isprimentá*/ Si ninguê axa mais o che aparlá.”

DT: formas arcaicas apenas, presentes na obra de Camões (séc. XVI).

Feiúra[63]

NEHiLP: (Houaiss: 1918; *Corpus* Bananére: *fiúra* 1913, *O Pirralho*, n.96, *grifo nosso*)

Contextualização: “Iscuita! io sê chi vucê tê molta influenza nu "Piralhu" e intó come u "Piralhu" stá afazeno o goncurso di *fiúra* io queriva pidi a proteçó p'ra você pur causa de io agagná o primiére premio!...”

DF: *O Tempo e o Vento* (Parte 3, Tomo 2) (1961), de Érico Verissimo; *grifo* nosso.

[62] A forma básica ‘experimentar’ é do século XV. O termo, neste caso, é fonte de profunda oralidade como evidencia sua forma reducional e sua datação caracteriza formas arcaicas já nas obras de Camões aqui recuperadas no linguajar macarrônico.

[63] O termo só ocorre em textos brasileiros no *corpus* de Davies e Ferreira, acentuando ainda mais a brasilidade presente na língua macarrônica.

Contextualização: "- Quando fico sòzinho contigo, acabo sempre fazendo-te confidências. Por que será? - Deve ser por causa de minha acolhedora presença bovina. Roque Bandeira enrola a palha. - Ou então desta **feiúra** que me torna uma espécie de marginal."

Festão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *fostó* 1913; *O Pirralho*, n. 110, *grifo nosso*)

Contextualização: "*Fostó* anazionale, che sta facendo a proteçó p'ra infanzia!!!.."

DF: *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "- No dia seguinte encarregou se a um pedreiro de correr uma caiação geral na casa do sitio; os escravos tiveram ordem de assear a quinta, limpar as estradas, os tanques, os pombais; e preveniu-se o padre Lamparinas. que era quem, todos os anos, cantava lã a ladainha de São João. Haveria dança e fogos Seda um **festão** de arromba!"'

Figurinha[64]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, "pequena estampa colorida, comercializada em série e colada em álbum para a diversão de colecionadores (ger. crianças ou adolescentes)"; *Corpus* Bananére: *figurigna* 1913, *O Pirralho*, n.104, *grifo nosso*).

"Fregueza - Figurino, o sr. tem?/ Carmello - Io non vendo *figurigna*, non zignora. *Figurigna* tê lá indo o Bazaro do Xapó./ Fregueza - Não é *figurinha*, é figurino; aquelle jornal que tem desenho de roupa de homem, roupa de mulher, saias, blusas..."

DF: *Corpo Vivo* (1962), de Adonias Aguiar; *grifo nosso*.

Contextualização: "- A gente está precisando uns dos outros, Flora. Quando você chegar na tua casa não vai ter ninguém. -Talvez o Oscar esteja me esperando.. - E qual é a **figurinha** que você pode trocar com o Oscar a respeito do Leo?"

[64] Através da expressão "trocar figurinhas", isto é, conversar no contexto acima, foi possível abonar a acepção literal da palavra – estampa colorida colada em álbum, conservando a abonação NEHiLP.

Filme

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: 1912; *O Pirralho*, n.46, *grifo nosso*).

Contextualização: "Disposa, quano fui di notte, fumos tuttos p'ro Cinema: -- io, o Capitó, o Garonello, a Juóquina mia molhére, o Beppino, a Gurmelligna, e o Ferri. O Capitó pagó una frigia p'ra noise. Aóra pigamos di ispiá as fita. Uh! ma che bunito a "Savoia *Firme*". Si signore! sempr'avanti Savoia!!..."

DF: *Memorial de um Passageiro de Bonde* (1921), de Amadeu Amaral; *grifo nosso*.

Contextualização: "Entretanto, não convém encorajar nos outros essas inclinações à clarividência. Nada tão inútil nem tão deletério como enxergar demais. Heráclides calou-se, com os olhos perdidos no **filme** que se desenrolava por fora do bonde."

Fita

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX, "ostentação, fazer impressionar"; *Corpus* Bananére: *fita* 1912, *O Pirralho*, n.58, *grifo nosso*).

Contextualização: "Aora o Xiquinho buta as mó no o borso, si dexa pigá dieci massoni i dá p'ra piquena atirá os duzentó. A piquena inveiz nó! si dexa pigá os arama intirigno i vá s'imbora, i a gente fica co'a gara di Hermese da Funzega. Istas piquena só piore do Capitó p'ra fazê as *fita*."

DF: *Prosa de circunstância* (1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "Pois o jogo não tinha morrido? Eu li isso na Gazeta na Tribuna, etc, que, graças à atividade etc, do chefe, o jogo estava suprimido por completo. - Pilhéria, meu amigo; ou melhor, **fita**."

Foguete[65]

[65] Quando um termo ganha uma nova significação por uma força semântica de analogia entre o seu sentido conotativo e seu significado literal, temos uma nova palavra, embora esta possua o mesmo revestimento

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, “moça que namora muito”; *Corpus* Bananére: *fogueta* 1917, *O Pirralho*, n. 239, *grifo nosso*).

Contextualização: “Si tu mi amassi inveiz di mi ingana,/ Si fossi fiér inveiz di mi traiçoá,/ Si non tivess stado tó *fogueta*.”

DF: acepção inexistente.

Fonograma[66]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *fonogramo* 1915; *O Pirralho*, n.172, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Piedadó mandô butá in gada sessó inlettorale duos barrile di schopp "germania", zanduixi di salami intaliano i un *fonogramo* chi dize p'ra tuttos pissoalo chi passa: -- Entra, bunitigno!”

DF: não há nenhuma ocorrência em textos brasileiros e apenas uma ocorrência em textos portugueses em 1997 (excerto de um jornal português).

Contextualização: “Entre muitas outras actividades, será apresentado no dia 30 um **fonograma** dedicado à La e à Neve. O turismo na Serra de Estrela será a temática do colóquio a ter lugar no dia 2. A organização deste evento está a cargo da ANALOR (Associação dos Naturais e Amigos de Loriga) que não se poupa a esforços para dinamizar e divulgar os valores culturais e tradições serranas.”

Ford

NEHiLP: (Houaiss: 1942; *Corpus* Bananére: *Ford* 1915; *O Pirralho*, n.195, *grifo nosso*).

Contextualização: “Os gagnó da Intalia s´tuttos "fiat" i os da Lemagna só marca "*ford*".”

---

morfológico, no caso, datado do século XV segundo Houaiss. Os resultados de tal fenômeno linguístico auxiliam na caracterização sincrônica de um período da língua, como é o caso do termo “foguete”. Gíria da época para moça namoradeira, a datação NEHiLP indica com precisão o momento aproximado em que despontou tal criação linguística.

[66] A escassez de utilizações do termo e a retomada tão posterior podem ser atribuídas a fatores extralinguísticos. Como podemos observar no trecho acima, a reportagem fala de um evento que busca divulgar os valores culturais e tradições e, portanto, apresentará ao público o fonograma, forma incipiente de gravação do som. Assim, foi a própria evolução tecnológica determinou o desaparecimento gradual do termo em questão.

DF: *Laranja-da-China* (1928), deAntônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: "Eu quero um automóvel igual ao de titio, pronto! - Que é isso, Cícero? Um **Ford**? Pra quê? Você é muito pequeno ainda para ter um **Ford**."

Foto

NEHiLP: (Houaiss: 1942; *Corpus* Bananére: *foto* 1913; *O Pirralho*, n.103)

Contextualização: "Intastani do Rigalegio/ (*foto* de um homem contemplando uma vitrine)"

DF: *A Muralha* (1954), de Dinah Silveira de Queiroz; *grifo nosso.*

Contextualização: "Cristina zombava, dizia que aquele negócio de vender retrato na platéia era costume de circo, só num ambiente vagabundo daqueles se via disso; mas no dia do benefício dela vendeu também; e retrato de ombros de fora sem aparecer o vestido, até deu discussão com Seu Brandini reclamando que aquilo não era **foto** de ingênua, mas de vedete."

Frege

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *frege* 1912; *O Pirralho*, n.66, *grifo nosso*).

Contextualização: "Disposa cuntecê un brutto *frége* co pissoalo pur causa do nomino piqueno."

DF: *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Abandonaram-se logo todas as tinas do pátio e algumas das mesas do **frege**, e o populacho, curioso e alvoroçado, precipitou-se para o número 12, batendo na porta e ameaçando entrar pela janela."

Frios

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, aDF. 29: “produtos conservados ou defumados, esp. carnes”; *Corpus* Bananére: *frioses* 1913; *O Pirralho*, n.108, *grifo nosso*).

Contextualização: “Iscuita só o "minú". *Frioses*/ Prisuntimo di perna di porco./ Salamo iutaliano (d'aquillo chi tê spremaçette inzima a gasca).”

DF: *Os Igaraunas* (1938), de Raimundo de Morais; *grifo nosso*.

Contextualização: “Aí o tratamento era mais fino. Uma grande mesa de **frios** e doces: leitões, perus, galinhas, patos, quartos de veado misturados com fios d' ovos, olhos de sogra, empadas, pés de moleque, fora cerveja, conhaque, vinho do Porto de Collares, licores, estes especialidades do Cacoalinho e feitos de cacau, genipapo, caju.”

Frisson

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, *Corpus* Bananére: *frissó* 1915; *O Pirralho*, n.198, *grifo nosso*).

Contextualização: “Stó cumpretamente subrigiugado p'ros suos ingantos. Os tuos oglio, quando vucê óglia p'ra mim, mi sobi un *frissó* desdo os pés até a gabeza i mi dá nu nó nu piscoço.”

DF: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909), de Lima Barreto; *grifo nosso.*

Contextualização: “Pelo auditório, quando ele mostrou aqueles milhares de homens, caindo ao rio gelado, amontoando-se uns sobre os outros, debatendo-se, lutando sob uma chuva de metralha, correu um **frisson** de terror.”

Full back[67]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *fetebecca* 1912; *O Pirralho*, n.52, *grifo nosso*).

[67] O termo, referente a uma posição de jogador num time de futebol, se encontra ausente nos textos que compõem o *corpus* de Davies e Ferreira pelo aportuguesamento do termo em época aproximada – o termo “zagueiro” não tem datação no Dicionário Houaiss e não foi encontrado no *corpus* NEHiLP. São casos como este que, pela ausência da informação, não sabemos especificar quando houve a substituição do estrangeirismo pelo termo nacional.

Contextualização: “S'immagine che altro dí io abbisogné andá a gaza du Cesara, quello migliore *fetebecca* dos Baolistano che mi amandó xamá pur causa da fazê as barba p'relli che tenía xigado du sirtó e stavo barbudo.”

DF: item inexistente

Futurismo[68]

NEHiLP: (Houaiss: 1920; *Corpus* Bananére: *futurisimo* 1912; *O Pirralho*, n.63, *grifo nosso*).

Contextualização: “P'RA GUERRE!...(P'ru Artigno)/ (*Futurisimo*)/ Signore! perché non si ferece p'ra intrá na guerre cos alliado?”

DF: *Mana Maria* (1935) de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: “Falou no ouvido do major: - Creio que é hora da saúde. - É? Você acha? Não terá champanhe? Eu não vejo taça! - É nesse copo comprido que servem. O major observou: - **Futurismo**.”

Galinhada[69]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *gallignada* 1917; *O Pirralho*, n.233, *grifo nosso*).

Contextualização: “Uma veze illo amarrô as mó p'ra non arubá maise; intó disposa illo pigô i fui apassiá na gaza du Zé Sapatiére chi tê una purçó di *gallignada* na quintalo, ma siccome stava c'oas mó amarrada non pudi arubá.”

[68] Aqui temos um fato histórico curioso a respeito da datação do termo. As correntes de vanguarda europeia atuaram com mais força a partir da Semana da Arte Moderna, contudo, para que tal evento ocorresse, foi necessário um contato com as ideias então vinculadas anteriores à data. Alexandre Machado, ao utilizar o termo em 1912, mostra-se antenado aos acontecimentos literários da época, atitude reforçada por Oswald de Andrade, diretor de redação d’*O Pirralho* neste período e um dos principais fomentadores dos movimentos de vanguarda na literatura brasileira.

[69] Os contextos apresentam um termo difere em sua acepção, mostrando-nos certa evolução de seu sentido. É comum o sufixo –ada significar um alimento preperadado derivado de algo, nesse caso, este “algo” seria a raiz da palavra, como coalhada, goiabada, entre outros. A datação NEHiLP, portanto, refere-se à acepção que designa um grupo de galinhas, sentido literal do termo.

DF: o termo ocorreu somente em contextos brasileiros, todos do ano de 1997; o mais antigo é de 2/23/1997: Título Fábio Campana (não é especificada a fonte do texto); *grifo nosso*.

Contextualização: "Além das ovelhas, a bancada governista agora estuda a instalação da DFI das Galinhas, para investigar que fim deram os galináceos importados pela Codapar na administração anterior. - Ou foi peste, ou foi raposa no galinheiro, ou virou **galinhada**. A verdade é que sumiram, diz o líder Valdir Rossoni"

Garage[70]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *garage* 1915; *O Pirralho*, n.174, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ma as traduçô du Vapr'elli só tuttas vernaca come ista per insempio: "*Garage* Auto-Omna" che o Vapr'elli atraduzi p'ra "Garagia Autonia."'"

DF: o termo é utilizado apenas em contextos como nomes de banda; trecho que aparece sem datação, mas é certamente posterior às obras macarrônicas pelas datas presentes no excerto (*grifo nosso*).

Contextualização: "Retomaria a escrita na década de 70 com as duas compilações Kesey's **Garage** Sale (1973) e Demon Box (1988),:" escrito por John Turturro e Brandon Cole; de o filme OK **Garage** de Brandon Cole e de o espectáculo teatral Nothing Works", "Para este Cd, nós falamos..para a arte queremos o Farofa (vocalista do **GARAGE** FUZZ)..para o clipe pedimos tal pessoa""

Garoa[71]

[70] O termo derivado do francês, segundo as informações etimológicas do Houaiss, foi aportuguesado para "garagem" em 1873 com o sentido de "lugar destinado a abrigar qualquer tipo de veículo automóvel". Embora não haja valor abonativo em sua ocorrência nos textos macarrônicos, é possível notar pela sua presença a profusão de palavras estrangeiras e a recusa decalques ou formas próprias como recursos estilísticos propagandísticos comuns até os dias atuais.

[71] Gíria da época para "indivíduo destemido", o item lexical dissolveu-se no tempo, o que poderia justificar a ausência de ocorrências nos textos do *corpus* de Davies e Ferreira, uma vez que gírias raramente são transpostas para documentos escritos. Considerando que seu sentido básico é datado de 1890, pode-se afirmar que o termo ganhou uma nova acepção rapidamente na lingua portuguesa.

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'indivíduo valentão'; *Corpus* Bananére: *garôa* 1912; *O Pirralho*, n.64, *grifo nosso*).

Contextualização: "Di di lavora inda a segretaria du Guvernimo. Di notte fá o *garôa* giunto co Xiquigno, co Belizaro i co Jametello."

DF: item inexistente.

Gomarada[72]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *gommarada* 1913, *O Pirralho*, n.113, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io fiqueê com tamagno medó che mi pariçia p'ra mim che io stavo grudado nu chó c'oa *gommaraba*."

DF: item inexistente.

Gostosura

NEHiLP: (Houaiss: 1918; *Corpus* Bananére: *gustusura* 1912, *O Pirralho*, n.28, *grifo nosso*).

Contextualização: "Che io gusté maise furo as banana. Uh! che *gustusura*; migliore da massana, migliore do macaroni.. uh! molto maise bó!"

DF: *A Capital Federal* (1897), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Vamo! (Sobe também) Sobe, Benvinda! (Quando Benvinda vai subindo, Figueiredo dá-lhe um pequeno beliscão no braço) Figueiredo - Adeus, **gostosura**! Benvinda - Ah! Seu assanhado!"

Gramofone[73]

[72] Gomarada, poderíamos dizer, seria o coletivo de "goma", substância aderente. O termo, que não é dicionarizado, pode ser datado em sua forma derivada e necessita de mais dados provenientes de outros *corpora* para reforçar a acepção.

NEHiLP: (Houaiss: 1923; *Corpus* Bananére *gramofone* 1915, *O Pirralho*, n.123, *grifo nosso*).

Contextualização: "Até aparece che illo tê cano di *gramofone* nus óglio p'ra acaçá os alifantos chi anda avuano inzima dus ar."

DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: "Quando deu baixa, comprou um **Gramofone** para ganhar, como dizia, a vida na roça. Partiu para o Rio Bonito, alugou um salão e estava exatamente pregando um cartaz à porta, quando ouviu na casa fronteira tocar um **gramofone** muito mais aperfeiçoado que o seu. Era a musa da música decerto que o prevenia, desejosa de evitar um confronto desagradável. Brito arrancou o cartaz, vendeu o **Gramofone**, agradeceu à musa e só com sua garganta veio triunfar nas bodegas do Rio."

Hermista[74]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *hermiste* 1911, *O Pirralho*, n.12, *grifo nosso*).

Contextualização: "Dentro a gaza do generalo butaro una xalera sopra da a meza, por causa que os *hermiste* quizesse pigá indo o bigo."

DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "De agora em diante fará companhia ao " homenageado ", ao - aniversariante " e tutti quanti.. " O Correio da Manhã deu-nos, ontem, uma notícia gravíssima: afirmou que ---océu é civilista ". Ora, toda a gente sabe que o sr. arcebispo é **hermista**! E agora? Como é que se vai deslindar esta.. esta.. esta encrenca! (Não nos encabule o Jornal por usarmos desta gíria: os maus exemplos pegam). " O sr. Ministro da Fazenda exigiu o título declaratório de aposentadoria do sr. Hilário.. " (Do noticiário dos jornais). Ora, até que afinal

[73] A retroação pela datação DF oferece, além de uma precisão abonativa, uma informação histórico-cultural, pois se nota já a familiaridade com que o autor utiliza o termo em 1908.

[74] O trecho oferecido pelo *corpus* de Davies e Ferreira forneceu a data específica deste trecho no livro Prosa de circunstância, que se trata de um artigo do jornal "A Imprensa" do Rio de Janeiro. A simetria da datação NEHiLP e DF é somente dado pelo fato histórico aí contextualizado: o termo era comum na época pois o Marechal Hermes da Fonseca, figura perseguida vorazmente pelos textos macarrônicos, ocupava a presidência do Brasil entre 1910 e1914. Outro fato que nos chama a atenção é que o escritor utilizar em texto carioca a expressão italiana "e tutti quanti" sem tradução, evidenciando então a expansão da língua italiana e sua marcante influência sobre o português brasileiro.

cumpre-se o fado, do Hilário! ZANGÃO A Imprensa, Rio de Janeiro, n. 1295, 9 jul. 1911, p. 1."

Honorário[75]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'sem função ativa, apenas como honra'; *Corpus* Bananére: *norario* 1912, *O Pirralho*, n.63, *grifo nosso*).

Contextualização: "O Surtó da a Durquia fica anumiado portiére *norario* do balazio du Guvernimo."

DF: *A Casadinha de Fresco* (1876), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Como assim! Parece-me que me expliquei perfeitamente, apesar de falar mal o português. Vejamos! Manual de Souza é teu marido, é certo.. Vamos, porém, estabelecer uma distinção: ele não passa de um marido para o mundo, de uma marido.. **honorário**.. Gabriela - E daí? Carlos - Daí que ele é teu marido das nove horas da manhã às dez da noite..."

In*corpora*dora

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *ingorporadôra* 1914, *O Pirralho*, n.164, *grifo nosso*).

Contextualização: "As falença tive o falecimento da *Ingorporadôra*, da Gumpania Raraquara i també o migno saló stá in pirighio di falecimento pur causa che o pissoálo non manda maise fazê as barba, che stá tuttos pronto na prontidó."

DF: o termo ocorre apenas em textos jornalísticos de 1994; abaixo um trecho da edição da Folha do Estado de São Paulo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Fazenda centenária vira hotel em Araras Grupo espanhol Meliá e **in*corpora*dora** Melhoramentos vão construir spa em área tombada por o patrimônio histórico

[75] A acepção no trecho da peça teatral do *corpus* DF é utilizada com certo eufemismo e sarcasmo, tonalidade que se reproduz também no texto macarrônico, justificando favoravelmente a datação DF com uma possível inversão semântica do termo.

Roberta Jovchelevich $/ a Free-lance para a Folha A **in*corpora*dora** Melhoramentos e o grupo espanhol Sol $/ Meliá vão construir um hotel-fazenda cinco estrelas, o Meliá Araras Resort e Spa, em Araras."

Indenização

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *indenizaçó* 1915, *O Pirralho*, n.190, *grifo nosso*).

Contextualização: "Os astriaco agiugáro una bomba inzima du ponte dos suspiro i fizéro ella asartá p'rus áros. Os intaliano vó apidi *indenizaçó*."

DF: *Jornal do Commercio*, 4 de março de 1885. Publicações a pedido, de Rui Barbosa; *grifo nosso*.

Contextualização: "A violação formal da lei é necessária e moralmente justificada, sempre que as classes privilegiadas recusam o seu concurso, legalmente preciso, para a abolição dos próprios privilégios, na ocasião em que o pensamento da igualdade pessoal penetra as classes oprimidas, ou a segurança do Estado é ameaçada por esses privilégios. A abolição violenta da escravidão, da servidão e da adscrição à gleba sem **indenização**, bem como a extinção dos antigos feudos pela monarquia absoluta, foram imposições da justiça histórica ""

Inté[76]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *inté* 1911, *O Pirralho*, n.10, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nois ia tudo nos caradura *inté* a Italia ma o generalo taliano mandô dizê qui non percizava por causa que os turco ston tudo fugino di medo dos taliano da Italia."

DF: *O Mambembe* (1904), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

[76] A consulta a outros *corpora*, feita após finalização desta fase do trabalho, permitiu localizar ocorrências como esta encontrada num livro de 1871 pelo *Books Google*: "Mas havera d'eu feturar qu'in casa da família da mulher do conselhéro da travessa da Verólica (Falando muito depressa) que é uma fregueza vae já in tres annos, que os fez agora pela fêra d'Agualva; nan, minto!foi pelo Esprito Santo que, qu'inté m'alembro..." (Novo Almocreve das Petas: Livro Alegre e Folgazão no gosto do antigo Almocreve das Petas, de José Joaquim Bordalo e Luis de Araújo).

Contextualização: “É agora! (Vai abrir a carta e suspende-se vendo o coronel, que entra) Oh! O coronel! (Guardando a carta) Leio depois. (A Bonifácio) Vá esperar a resposta sentado na porta da rua. BONIFÁCIO - Antão **<u>inté</u>** logo.”

Jeitão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *geitó* 1913, *O Pirralho*, n.91, *grifo nosso*).

Contextualização: “Intó io che non só troxa p'ra burro fiquê c'oa purga atraiz da oreglia i cuminciai di spiá o *geitó* dos duos i intó osservê chi tuttas veze che o Milio iva inda a mia gaza a Juóquina carçava sempre un vistido nuóvo,”

DF: *Os Igaraunas* (1938), de Raimundo de Morais; *grifo nosso*.

Contextualização: “A dona da casa mostrou teares de madeira onde se as urdiam. - É um tipo misto, o nosso produto, entre o do Maranhão e o do Ceará. Excluímos as tintas ciganas das redes de Fortaleza, com aquele **<u>jeitão</u>** comprido de tipiti”

Jeitinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘maneira hábil, esperta, astuciosa de conseguir algo’; *Corpus* Bananére: *getinho* 1914, *O Pirralho*, n.134, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tê un *getinho* di si vindica distu pissoalo, Hermeze!...”

DF: *Entre duas datas* (1884), de Machado de Assis; *grifo nosso*.

Contextualização: “Daí a dias, estando com a prima - a intermediária antiga das notícias -, contou-lhe o caso do Ginásio. - Você ainda se lembra disso? disse ela. - Não me lembro, mas naquela ocasião deu-me um choque.. Não imagina como era parecida. Até aquele **<u>jeitinho</u>** que Malvina dava à boca, quando ficava aborrecida, até isso..”

Kaiser[77]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *kaisers* 1914; *O Pirralho*, n.155, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io putevo ainda cuntá moltos otros casos p'ra mustrá o pirighio do arcolisimo. Si signore! pur causa chi tuttos allemò incrusivo o *Kaisers* só pau d'acua."

DF: *Contrastes e Confrontos* (1907), de Euclides da Cunha; *grifo nosso*.

Contextualização: "houve em toda a Alemanha um doloroso espanto, e o partido socialista, crescente à medida que a vontade imperial impõe ao Reichstag sucessivos aumentos de baionetas, replicou-lhe com uma de suas manifestações ruidosas. O **Kaiser** assusta-se; mete-se, assombrado, entre as fileiras adensadas, no campo de manobras de março de 1900, e ali, sob a hipnose estonteadora de milhares de espadas rebrilhantes:"

Lavorar[78]

NEHiLP: (Houaiss: a1958, 'lavrar, cultivar'; *Corpus* Bananére: *alavorá* 1913, 'trabalhar'; *O Pirralho*, n. 75, *grifo nosso*).

Contextualização: "Disposa vim *alavorá* nu minho saló pur causa di *alavorá* u anno intirigdo i gadagná bastanto aramo p'ra cumprá fijó p'ra vamiglia"

DF: não há contextos brasileiros e os contextos portugueses são posteriores a Bananére: *A Planície Heróica* (1927), de Manuel Ribeiro; e *Escadas de Serviço* (1946), de Afonso Ribeiro.

Ligação[79]

[77] É necessário observar que não estamos datando a palavra kaiser, que certamente é bem mais antiga na língua alemã, mas estamos tratando do momento em que a palavra com sua acepção básica é abonada em textos em português.

[78] O Dicionário Houaiss data de 1958 dois verbos com sentidos muito semelhantes: a acepção 'lavrar, cultivar' para o verbo lavorar e a acepção 'exercer o ofício de lavrador; trabalhar na lavoura, amanhar, cultivar, lavrar' para o verbo lavourar. Observando estas acepções, talvez possamos dizer que parece ser consequência do trabalho agrícola exercido pelos imigrantes italianos que o verbo se tornou, posteriormente, sinônimo de qualquer atividade exercida.

[79] O sentido básico de 'conexão' é do século XVIII, no entanto, com o advento do telefone, essa palavra ganhou uma acepção que se tornou até mais utilizada que seu sentido original. A ausência de contextos anteriores ao livro de Érico Veríssimo em que apareça o termo pode ser avaliada pela restrição da composição do *corpus*

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'chamada telefônica'; *Corpus* Bananére: *ligaçó* 1912, *O Pirralho*, n.47, *grifo nosso*).

Contextualização: "-- Allão! a Centrale? Faccia a *ligaçó* co Jota Jota."

DF: *Incidente em Antares* (1971), de Érico Verissimo; *grifo nosso*.

Contextualização: "No dia 11 de dezembro de 1963, Tibério Vacariano passa a noite na companhia telefônica, aguardando uma **ligação** para Porto Alegre, precisa falar com o governador. Às 5 horas da manhã, comunica-lhe que, ao meio-dia, Antares vai parar completamente, porque vai entrar em greve, os trabalhadores exigem salários mais justos."

Limpa-trilhos[80]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *limpatrillio* 1916, O Queixoso, n.3, *grifo nosso*).

Contextualização: "O *limpatrillio* do gandidato" (título)

DF: *Cartilha do Silêncio* (1997), de Francisco J. C. Dantas; *grifo nosso.*

Contextualização: "O massa-bruta vem de lá de afogadilho, sem nenhum aviso, nem sequer um mero aceno, e a toma desprevenida, já de pistola cano longo apontada, de mira e aprumo impecáveis, em tempo de detonar, com tudo pronto na cabeça, e, num tropelão desgraçado, se engasta a lhe rasgar as entranhas, levando tudo na frente como um **limpa-trilhos** desgovernado, a proa de uma caravela caindo nas corredeiras de um rio inavegável,"

Lixão

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *lixó* 1913; *O Pirralho*, n. 77, *grifo nosso*).

Davies e Ferreira. Outro fator que deve ser observado é que a datação da palavra "alô", feita pela abonação NEHiLP em texto do mesmo autor, coincide com a datação do termo "ligação", o que parece indicar que ambos os termos pertencentes ao campo semântico das chamadas telefônicas, uma vez consolidados na fala, foram transpostos para a escrita em época aproximada.

[80] Mesmo que estejamos diante de única ocorrência de tal acepção figurativa como descrição dos planos de governo de um candidato político, a dicionarização desta conotação não se aplica, contudo, a utilização do termo em 1916 já nos mostra que tal palavra era então corrente neste período, justificando a abonação.

Contextualização: “P'ra tuberculosa o dottore Jota Jota mi insignô che o migliore é cortà os purmó i agiugá fóra nu *lixó* o intò dá p'ros gaxorro”

DF: Reportagem da Folha do Estado de São Paulo (1994b)

Contextualização: “As séries expostas em o Centro Cultural atestam isso: trabalhadores de o Gasômetro, meninos em o **lixão** e crianças em as ruas.”

L**otérico**

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *aluteriga* 1912; *O Pirralho*, n. 52, *grifo nosso*).

Contextualização: “Uh! questo sí che é una robba proprio curretto, migliore di a jugá nu bixo, Gaza *Aluteriga* do Amanzo Rodrigo migliore do intomobile e tale e tale.”

DF: *O Braço Direito* (1963), de Otto Lara Resende; *grifo nosso*.

Contextualização: “O povo aqui aprendeu a ter olho grande, acha que ainda há muita opulência no ventre destas montanhas, não demora e um dia tudo se torna visível. Ainda nos dias de hoje reponta aqui e ali um surto de ouro **lotérico**.”

Lua-de-mel[81]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *lua di méle* 1913, *O Pirralho*, n.116)

Contextualização: “O Hermeze abaxo oggi un decretimo dizeno che disposa che illo si gazá nun tê maise lua xeia né lua nóva. Só té *lua di méle*.”

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Ah! ela com certeza teria mais de uma vez se arrependido da escolha que fizera.. pensava o pobre rapaz; entretanto, se o tivesse aceitado a ele para marido, como seriam agora felizes.. que bela **lua-de-mel** não desfrutariam ao calor amoroso daquelas tardes..”

[81] Este cotejo oferece tanto a confirmação abonativa da palavra quanto a informação histórico-cultural, sendo possivelmente um decalque do francês (cf. *lune de miel*) ou inglês (cf. *honeymooon*).

Macarronada

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *macaronata* 1912, *O Pirralho*, n.46, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tenia a *macaronata* c'oa pommarolla e u frummaggio intaliano; tenia també o "gnoc" a napuletana, os pon intaliano”

DF: *A Muralha* (1954), de Dinah Silveira de Queiroz; *grifo nosso*.

Contextualização: “Estrela não deixava a sua calma, enquanto Seu Brandini mal comia ou dormia - isto é, comia imenso, mas em pé, fora de horas, um sanduíche enorme, ou uma travessa de **macarronada**, ou seis ovos fritos que Estrela preparava mesmo no quarto, no fogareiro a álcool de que nunca se se-parava.”

Máfia

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *maffia* 1912, *O Pirralho*, n.52, *grifo nosso*).

Contextualização: “Nu libro "O sucialismo e a *Maffia*" dice Lumbrose, o maise inlustro camorrista napulitano”

DF: Reportagem da Folha do Estado de São Paulo (1994b); *grifo nosso*.

Contextualização: “O ex-chefe de polícia de Palermo Matteo Cinque foi preso ontem em Nápoles sul de a Itália, durante uma batida antimáfia. Um vice-chefe de polícia e um ex-vice-chefe também foram presos, suspeitos de ligação com a Camorra a **máfia** napolitana.”

Manequim

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére *manechin* 1916, O Queixoso, n.6, *grifo nosso*).

Contextualização: “Unas carça che fui du migno avó,/ Un matagobra i un brutto palitó./ Sembrava un *manechin* di tinturêro./ Valente intó come io, nu mundo intêro,/ Non tenia di certo un ôtro uguale”

DF: *Macário* (1855), de Álvares de Azevedo; *grifo nosso.*

Contextualização: “Se as fibras da harpa desafinam, se a mão ríspida as estala, se a harpa destoa, é que ele não pensou nos versos quando pensava na poesia, é que ele cria e crê que a estância é uma roupa como outra - apenas, como o diz George Sand - a arte é um manto para as belezas nuas: é que ele preferira deixar uma estátua despida, a pespontar de ouro uma túnica de veludo para embuçar um **manequim**.”

Marimbau[82]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘instrumento musical’; *Corpus* Bananére: *maribau* 1913, *O Pirralho*, n.95, *grifo nosso*).

Contextualização: “Che çaçino né nada! vucê stá pinsano che *maribau* é gaita?”

DF: *Lira dos Vinte Anos* (1853), de Álvares de Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Enquanto ao cemitério não te levam, Casa no **marimbau** a alma divina! Eu morro qual nas mãos da cozinheira O marreco piando na agonia.. Como o cisne de outrora.. que gemendo Entre os hinos de amor se enternecia.”

Marrom-glacê

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *morongacé* 1914; *O Pirralho*, n. 124, *grifo nosso*).

Contextualização: “Nu quintalo du Gatteto tambê io vò afazê una brutta prantaçó di passa i di *morongacé*, che io só pillado pur causa di istas frutigna!...”

DF: item inexistente.

[82] A retroação DF, com o contexto mais antigo do cotejo, nos fornece informações sobre a presença do instrumento musical já na metade do século XIX, dado que auxilia a reconstrução do cenário musical brasileiro deste período.

Marvada

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX ‘cachaça’; *Corpus* Bananére: *amarvada* 1913 ‘malvado’; *O Pirralho*, n. 100, *grifo nosso*).

Contextualização: “Spera che io ti amáto intaliana *amarvada*! máia disnaturadima!”

DF: *O Defeito de Família* (1870), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.

Contextualização: “O que é isto! Artur (Deixando Ruprecht) - Pois era tu! Ruprecht (Deixando Matias) - Pois era o zenhor! Artur - Onde está o sedutor? Josefina (Para André) - Fuja, fuja. Matias (Avançando para André) - Eis aqui o **marvado**.”

Mata-cobra

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘cacete u. quando se sai a pé pelas estradas’; *Corpus* Bananére: *matagobra* 1916, O Queixoso, n.6, *grifo nosso*).

Contextualização: “Un xapelligno azur molto safado,/ Unas carça che fui du migno avó,/ Un *matagobra* i un brutto palitó.”

DF: item inexistente.

Match[83]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘partida’; *Corpus* Bananére: *matis* 1911, *O Pirralho*, n.17, *grifo nosso*).

Contextualização: “Quano fui cabado o *matis* os Mariganos, donde joga o Meneis e també o Ugollino, tenia fazido quattro golos e os Attletico nó tenia fazido né uno.”

DF: *Dentro da noite* (1910), de João do Rio; *grifo nosso*.

[83] O texto de João do Rio testemunha a intensa entrada de termos ingleses com relação aos esportes nas primeiras décadas do século XX. É curioso observar que o esporte mais praticado no país ainda não tinha sua forma aportuguesada nesta época, como podemos conferir na palavra “foot-ball”, “match” e em outros exemplos desta listagem.

Contextualização: “E fora decerto uma extravagância aquele demorado almoço, a fazer horas para um **match** de foot-ball, a que seria impossível deixar de assistir.”

Meia-pataca

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *mezzapattacca* 1912; *O Pirralho*, n. 39, *grifo nosso*).

Contextualização: “-- É questo Garonello *mezzapattacca* che stá diceno che o Vitú non é o migliore curaggiose do l'Universimo!”

DF: *A Lotação dos Bondes* (1885), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.

Contextualização: “Sim, um soco em um cidadão! Não é nada. É sabido que sou influência na Meia Pataca.. RAMIRO - Diga antes - influência de **meia-pataca**, como são todas as de aldeia.”

Meia-volta[84]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘movimento de pôr-se em direção oposta, feito tanto quando se está em marcha como quando em posição parada’; *Corpus* Bananére: *mezzavolta* 1912, *O Pirralho*, n.42, *grifo nosso*).

Contextualização: “S'immagine che o Oxininto Luiggi fiz trazê da Francia una purçó ficiali pur causa da insigná os inserzizio p'ros surdados e aóra inveiz istus indisgraziato franceiz n'um dexa us surdado pará né p'ra guspí. Quano é di manhá cidigno (quattro i mezza) stó tuttos di pé e giá vó fazê inzerzizio di *mezzavolta* avurvê!”

DF: *Luzia-Homem* (1878), de Olímpio Domingos; *grifo nosso*

Contextualização: “De mais a mais não é crime a gente querer bem e pretender uma moça dessas.. - Não admito observações. Retire-se.. Veja como se porta.. Crapiúna fez continência e deu **meia-volta**, com inexcedível garbo militar, lançando a Luzia sarcástico olhar de desafio.”

[84] Neste caso, temos uma prática militar muito comum abonada pelo contexto DF. Além disso, no contexto macarrônico, Bananére nos oferece a datação da tão famosa expressão “Meia-volta volver!”, acrescentando um valor abonativo sintático no excerto do autor ítalo-brasileiro.

Mercadinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *mergadinho* 1913, *O Pirralho*, n.80, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nois iva tutto di bringá di sconde-sconde atraiz do *Mergadinho*."

DF: todos os contextos são noticiários do ano de 1997, exclusivos no Brasil.

Mil-réis

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'antiga base unitária prática (a base efetiva era o real) do meio circulante brasileiro, substituída em 1942 pelo cruzeiro' ou 'a cédula us. nessas transações [A moeda era chamada real.]'; *Corpus* Bananére: *millareis* 1912, *O Pirralho*, n.56, *grifo nosso*).

Contextualização: "U takssi inveiz nó! côsta sessanta *millareis*, i apaga tudo d'uma veiz."

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "O rosto lívido do Marmelada iluminou-se de um clarão de esperanço. - Um emprego! interrogou ele, acompanhando ansioso os movimentos do Reguinho. - Por ora, tens duzentos **mil-réis** por mês.."

Montão[85]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *montó* 1912, *O Pirralho*, n.69, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ma, vurtano c'o a vacca fria, io axê molto bunita tambê a "Bella Risoletta", principalmente quello pidacigno de duetto chi si dexa afazê a Cenami ingoppa u *montó* di gapino."

[85] O sentido original de "grande monte", acepção concreta da qual derivou a atual, mais abstrata, é abonada no século XIV, configurando mais um caso de preservação morfológica e a evolução semântica da língua portuguesa.

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "" O manuscrito que a esta carta acompanha, feito ao correr da pena sob a imediata impressão dos acontecimentos relatados é flagrante cópia da verdade, e só aspira servir de medonho espelho a outros infelizes, que se deixem como eu cegar por um amor irrefletido. " Desse triste **montão** de gemidos esmagados em lodo, pode o seu engenho de romancista tirar uma obra que interesse ao público, substituindo, está claro, os nomes nele apontados por outros supostos."

Morena[86]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, 'mulher de pouca idade; jovem, moça'; *Corpus* Bananére: *murrena* 1914, *O Pirralho*, n.165, *grifo nosso*).

Contextualização: "N'un istantigno illo cavô una piquena/ Una lidigna *murrena*/ Lá d'inzima o gorcovado"

DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: "Mas, se há Flores, Teimosos, Caprichosos e Harmonias, os que querem espantar com riquezas e festas nunca vistas, há também os preocupados com as vitórias e os triunfos, os que antes de sair já são Filhos do Triunfo da Glória, Vitoriosos das Chamas, Vitória das Belas, Triunfo das Morenas. - Acho gentil essa preocupação de deixar vencer as mulheres. - A **morena** é uma preocupação fundamental da canalha."

Motorneiro[87]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *motonere* 1912, *O Pirralho*, n.23, *grifo nosso*).

[86] O contexto da abonação DF atende ao critério semântico para a abonação da acepção: morena significa "moça, jovem menina" e não mulher com cabelos ou pele escura, sentido datado em 1561 segundo o Dicionário Houaiss. Trata-se de uma denominação genérica da época para as moças mais belas que eram alvos dos rapazes.
[87] A palavra só ocorre em contextos brasileiros nos dados do *corpus* de Davies e Ferreira, o que nos permite dizer que o termo é possivelmente um brasileirismo das primeiras décadas do século XX.

Contextualização: “S'imagine che o Garonello arrisolveu di fazê un girio de intomobile per a cunhecê a Gapitale Afederala e amuntó ingoppa uno auto-ataksi e ordinó p'ro *motornere* che facesse a carriere sopra di tutta a cittá intirinha.”

DF: *Memorial de um Passageiro de Bonde* (1921), de Amadeu Amaral; *grifo nosso*.

Contextualização: “" Mas o bonde podia bem ter parado a tempo " - " Não podia, aqui é um declive " - " Seu guarda, o culpado é o chauffeur " - " Não, seu guarda, o culpado é o **motorneiro** " E cada juiz era também um partidário, ou do lado do homem do bonde, ou do lado do homem do automóvel.”

Nhoque

NEHiLP: (Houaiss: a1958; *Corpus* Bananére: *gnoc* 1912, *O Pirralho*, n.46, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tenia a macaronata c'oa pommarolla e u frummaggio intaliano; tenia també o "*gnoc*" a napuletana, os pon intaliano, a rabbiola bulognese, o "grignolino" che é o migliore vigno da mia terra, o vigno "chianti" e tantas altras robba maise migliore di bó.”

DF: reportagem da Folha do Estado de São Paulo, de 1994; o termo só ocorre em contextos brasileiros.

Normalista[88]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *normaliste* 1912, *O Pirralho*, n.25, *grifo nosso*).

Contextualização: “També o maggiore Fausdino Rebero, inlustro professore *normaliste*, si presentó candidato p'ra amuntá supra di una cadere d'indeputado”

DF: *A Normalista* (1893), de Adolfo Caminha; *grifo nosso*.

[88] O termo foi encontrado do dicionário histórico de Aulete (1881); informação concedida pelo Prof. Dr. Sílvio de Almeida. Assim, é possível retroagir o *terminus a quo* em mais uma década.

Contextualização: “A fama da **normalista** encheu depressa toda a capital. Não se compreendia como uma simples retirante saída há pouco das Irmãs de Caridade fosse tão bem-feita de corpo, tão desenvolta e insinuante.”

Pachola

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘que ou o que se veste com elegância pretensiosa e duvidosa’; *Corpus* Bananére: *paxolla* 1913, *O Pirralho*, n.88)

Contextualização: “Ninguê maise bello e inlegante/ Nê maise xique e *paxolla*/ Che o spensero Vapr’elli/ Co affare da gartola.”

DF: *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “E assim ia correndo o domingo no cortiço até às três da tarde, horas em que chegou mestre Firmo, acompanhado pelo seu amigo Porfiro, trazendo aquele o violão e o outro o cavaquinho. Firmo, o atual amante de Rita Baiana, era um mulato **pachola**, delgado de corpo e ágil como um cabrito; capadócio de marca, pernóstico, só de maçadas, e todo ele se quebrando nos seus movimentos de capoeira.”

Patê

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *pattê* 1913, *O Pirralho*, n.108, *grifo nosso*).

Contextualização: “Linguiçia allemó./ *Pattê* frugaiz./ Insalata di tumato cun çebolla i olio di oliva infarsifigato.”

DF: *A Madona de Cedro* (1957), de Antonio Callado; *grifo nosso*.

Contextualização: “O pesado na sua mala eram três litros de uísque e uma pequena bateria de latas de **patê** e salsichas.”

Patinação

NEHiLP: (Houaiss: séc.XX; *Corpus* Bananére: *patinaçó* 1914, *O Pirralho*, n.139, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nu meie du giardino vai tê tuttas specie di divertimente: fulebola, cirgolo di iscavalligno, *patinaçó* ecc."

DF: o contexto mais antigo é uma reportagem da Folha do Estado de São Paulo em 1994; o termo só aparece em textos brasileiros.

Pau-d'água

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'bêbado'; *Corpus* Bananére: *padágua* 1913, *O Pirralho*, n.90, *grifo nosso*).

Contextualização: "Bananére *Pádagua*" (assinatura)

DF: item inexistente.

Paulicéia[89]

NEHiLP (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *bauliçéa* 1915; *O Pirralho*, n. 202, *grifo nosso*).

Contextualização: "Tegno sodades distu *Bauliçéa*,/ Dista cidadi chi tanto dimiro!"

DF: *Sonhos D'ouro* (1872), de José de Alencar; *grifo nosso*.

Contextualização: "Mas ela não faz caso de nenhum destes pretendentes; e o seu fraco é por um certo advogado paulista, que nem dá fé das provocações, tão voltado anda para essas bandas da ínclita **Paulicéia**, onde lhe ficaram os olhos e o coração."

Paulificação[90]

[89] José de Alencar é um representante do despontar de uma literatura brasileira independente com relação aos recursos estilísticos, sendo alvo quando vivo de muitas críticas por introduzir na literatura termos considerados muito "vulgares", como gírias e estrangeirismos. No item lexical em questão, vemos a sobreposição da datação DF explicada pela excelente fonte de que compõe o *corpus* de Davies e Ferreira.

NEHiLP: (Houaiss: séc.XX; *Corpus* Bananére: *paulificaçó* 1915, *O Pirralho*, n. 202, *grifo nosso*).

Contextualização: "Si lá na praça surgí o Bascualino,/ Cumprido, uguali d'una assombraçó,/ Intò dirê tremendo de paura:/ _ Guardimi Deus das *paulificaçó*!"

DF: *Vida Urbana* (1903-1921), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: "Trabalhos de outra ordem e, mesmo, muita vagabundagem não me têm permitido coordenar e escrever as minhas impressões do júri. Servi em mais de uma sessão; e longe de me aborrecer ficava satisfeito quando era sorteado. Nunca vi nesse fato motivo para " **paulificação** " e tédio. ao contrário: o espetáculo é variado e animado; e quem gosta de ver aspectos curiosos da vida, apreciar confrontos, encontra no júri material abundante."

Paúra[91]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *paura* 1911, *O Pirralho*, n.13, *grifo nosso*).

Contextualização: "Si lá na praça surgí o Bascualino,/ Cumprido, uguali d'una assombraçó,/ Intò dirê tremendo de *paura*/ Guardimi Deus das paulificaçó!"

DF: *A Muralha* (1954), de Dinah Silveira Queiroz; *grifo nosso*.

Contextualização: "Hoje em dia não se usa mais ponto e também eu não faço mais teatro, mas acho até que morria de **paúra** se tivesse que confiar só na memória."

Pelado[92]

[90] Devido ao maior grau de incerteza da datação pela obra de Lima Barreto, consideramos a abonação NEHiLP por uma especificidade maior da datação.

[91] O termo aparece somente em dois contextos, exclusivamente brasileiros. Semelhantemente ao termo "nhoque", a palavra é igualmente um empréstimo italiano que foi aportuguesado e a qual pode ser atribuída a influência da imigração italiana para seu surgimento na língua portuguesa.

[92] O sentido original de 'aquele que tirou a pele' é datado de 1560; no entanto, seu sentido figurado, que se sobrepôs à acepção básica, tem um *terminus a quo* não muito antigo. Como é um termo muito comum e frequente na língua portuguesa, cuja abonação não foi possível retroagir com o *corpus* DF, a consulta a outros *corpora* pode refinar este dado e aumentar o grau de certeza da abonação.

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘nu’; *Corpus* Bananére: *pillada* 1912, *O Pirralho*, n.51, *grifo nosso*).

Contextualização: “Proprio una disimuralitá algunas purçó di molhére tudo *pillada* e també c'os petto p'ra fóra, tudo braçadas che é proprio uno disingaradurismo.”

DF: *O Braço Direito* (1963), de Otto Lara Resende; *grifo nosso*.

Contextualização: “De outra feita, surpreendi um garoto **pelado** dentro d' água. Jurou que tinha sido brincadeira de dois dos mais taludos, que à força lhe arrancaram o calção.”

Pente-fino

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *pentifigno* 1913, n.90, *grifo nosso*).

Contextualização: “O generár *Pentifigno*/ Che tigna prosa di genti/ Queriva sê presidenti/ P'ra arubá us aramigno.”’

DF: *Contos Gauchescos* (1912), de Simões Lopes Neto; *grifo nosso*.

Contextualização: “O Reduzo foi nascido e criado em casa dos Costas, ainda no tempo do velho, o Costa lunanco, um que foi alferes dos dragões do Rio Pardo. Este Costa Lunanco era um **pente-fino**, que naquele tempo arranjou tirar para ele e para os filhos - miudagem, ainda.”

Pequena

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘mulher muito jovem, mocinha’; *Corpus* Bananére: *piquena* 1911, *O Pirralho*, n.17, *grifo nosso*).

Contextualização: “S'imagine ch'io mi tenía andato lá per a vede as "*piquena*" e p'ra m'inamurá c'uma dellas.”

DF: *A Luta* (1911), de Emília Moncorvo Bandeira de Melo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Mas não! a senhora D. Celina, apesar de já casada e com filhos, não suportara a idéia de ver seu namorado antigo apaixonar-se por outra e, de inveja, de maldade, atirara o juízo pelos ares e correra a meter-se em Santa-Teresa.. - Sabes o que tu és? vociferou

a pequena escarlate de cólera, és uma perversa! és uma doida! nem mãe sabes ser.. - E tu, rompeu Celina no seu tom desabrido, tu és uma oferecida, que levas a fazer olho a um rapaz que mostra bem não te querer..”

Pessoal[93]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘a turma, a família, os amigos’; *Corpus* Bananére: *pissoalos* 1912, *O Pirralho*, n.53, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tenia genti piore du garnevallo. Venia tambê unas purçó de intomobile xiigno di *pissoalos* impurtanto come o Lacarato, o Capitó mio compadre, o Garonello mia cumadra, o Lenkaro Fonfon ecc.ecc.”

DF: *Girândola de Amores* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Dentro de um ano estava a sua casa já perfeitamente acreditada; o comércio dos vinhos desenvolvia-se com um impulso prodigioso. Portela aumentou então **o pessoal**, alargou o armazém, e de novo foi a Portugal.”

Picadinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ´guisado de carne em pedacinhos’; *Corpus* Bananére: *picadigno* 1913, *O Pirralho*, n.109, *grifo nosso*).

Contextualização: “Disposa chi cabô o Impéro Romano, in 1895, a Orópa ficò uguali come o *picadigno* di garne di vacca.”

DF: *A Carne* (1888), de Júlio Ribeiro; *grifo nosso.*

Contextualização: “Havia de voltar, de oferecer banquetes; havia de chocar paladares, habituados ao **picadinho** e ao lombo de porco, dando-lhes arenques fumados, caviar, perdizes faisandées, calhandras assadas com os intestinos, todos os mil inventos dos finos gastrônomos do velho mundo”

[93] Enquanto o adjetivo é do século XIII, o substantivo pertence a um registro mais coloquial e recente, possivelmente das últimas décadas do século XIX.

Pickpocket[94]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente ‘covarde’; *Corpus* Bananére *piquepocca* 1913, *O Pirralho*, n.74)

Contextualização: “O Ruio é uno aguia intanto che o Hermeze, si cai di quattros, non si alivanta maise, porca miseria! Si stavo io diceva lógo chi o Hermeze éro uno “*piquepocca*” come digono os ingreiz.”

DF: item inexistente.

Pincenê[95]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *pinzinello* 1913, *O Pirralho*, n.75, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Hermeze da Funzega, ladró di galigna madrigolato na giunta gumerçale fui o guvernatore du Brasile. Tive ventiquattro disastro inda a Centrale i o Frontinho non murrê in nisciuno (che brutta caguira!) e otros cuntecimente impurtante che io non inxerguê pur causa di pirdê o *pinzinello*.”

DF: *Tentação* (1896), de Adolfo Caminha; *grifo nosso.*

Contextualização: “Em todo o caso, antes tarde que nunca.. Apresentações, cumprimentos, e o Dr. Condicional, dando jeito ao **pincenê**, sentou-se. Trazia um grande buquê de violetas na lapela.”

Pinguinha[96]

[94] Na sentença “come dignono os ingreiz”, o próprio Bananére explica do que se trata esse termo, suavizado pelas aspas. Aqui não podemos afirmar com certeza que é uma gíria da época; só é possível notar e incluir este caso num grande grupo de palavras inglesas que povoaram o português brasileiro neste período.

[95] Certamente, o termo em questão pertence ao cenário cultural do século XIX, mesmo que em sua fronteira, devido à grande influência cultural e linguística francesa sobre a sociedade brasileira, em especial, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

[96] A palavra, que se refere a uma bebida alcoólica típica do Brasil, apresenta apenas um contexto português. Tal caso, como outros aqui arrolados, mostra como a restrição dos dados de um *corpus* poderia ser altamente

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *pinguigna* 1914, *O Pirralho*, n.158, *grifo nosso*).

Contextualização: "Si vuceis non fugi inveiz io mando dá una *pinguigna* p'ra gada uno i amagná vamos sisti una sessó si cinema in Guritiba!"

DF: não há contextos brasileiros e, o mais recente em Portugal, é de 1925, do livro *A Capital* de Eça de Queirós (*grifo nosso*).

Contextualização: "Por exemplo, o amigo está num café com a rapaziada: arranja-se uma troça ao Dafundo, com boas pequenas.. E preciso fazer saltar, pelo menos, seus três ou quatro mil-réis, para tipóia, **pinguinha** de Colares, etc.."

Pique

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'grande disposição, entusiasmo, garra'; *Corpus* Bananére: *pique* 1915, *O Pirralho*, n.188, *grifo nosso*).

Contextualização: "Nu cumbatto navale di oggi nu rio Pó, o supri-dredinotti intaliano ficô c'oa pintura un pôco stragada. Os ingoraçato lemò furo tuttos a *pique*."

DF: *Os Igaraunas* (1938), de Raimundo de Morais; *grifo nosso*.

Contextualização: "Gente, disse o João Cabeludo, querem vê que o boto levou o cunhado também. Procuraram o Balbino por toda a parte. Nada.. - Até canua dele não se vê mais, paresque Iara meteu a **pique**. Ninguém pode viver no Tocantins. Quarquer dia boto acaba com as cunhãs."

Pistolão

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'variedade de fogo de artifício'; *Corpus* Bananére: *pistoló* 1913, *O Pirralho*, n.78, *grifo nosso*).

---

prejudicial para o pesquisador se ele não interpretasse com cautela as informações. Tal resultado assimétrico com a realidade deve-se exclusivamente a um fator ocasional, isto é, as obras brasileiras em que a palavra está presente não fazem parte do *corpus* DF. Não fosse assim, o pesquisador poderia assumir equivocadamente que o termo seria apenas uma gíria da época e teria desaparecido na língua, o que não ocorre, pois o termo ainda faz parte do vocabulário brasileiro e português.

Contextualização: “u ré du trovó c'oa xuva i c'oa ventalia é o Martes; u ré da bombinha, co *pistoló,* co biscapé i co rojó é o San Juó co Sant' Antonio”

DF: não há ocorrência que tenham esta acepção.

Pneumático[97]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX, ‘aro ou cobertura de borracha que reveste a roda de diversos veículos e que é inflado por ar comprimido; pneu’; *Corpus* Bananére: *penimatico* 1912, *O Pirralho,* n.26, *grifo nosso*).

Contextualização: “Quano teniamos xigado mesimo inda friguezia do Oh!, disgunhambó o *penimatico* da una ruota do intomobile e tivemos da vurtá appé p'ra a casa.”

DF: *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: “Não, minha senhora! Prefiro assim mesmo aberto, por favor. Muito agradecido. Muito agradecido. De guarda-sol em punho deu uns tapinhas nas calças. Depois atravessou a rua. Parou diante do chofer. Cousa mais interessante ver mudar um **pneumático**. E não demorou muito. - Eu se fosse o senhor levantava um pouquinho mais o macaco, não acredita?”

Policiamento

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *poliziamente* 1913, *O Pirralho,* n.79, *grifo nosso*).

Contextualização: “P'ro Ruge Ramo io apaguê cinquacento milarése pur causa di afazê o servizio di *poliziamente* dos vermiculo inda a porta da inleçó.”

DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

[97] Palavra da qual derivou o nosso termo atual “pneu”, a datação NEHiLP especifica a abonação sugerida pelo Dicionário Houaiss. Além disso, o contexto DF nos informa que, em 1928, o termo reduzido parece ainda não fazer parte do vocabulário português e brasileiro.

Contextualização: “Diz um jornal da tarde: " se bem que menos rigoroso é, contudo, ainda extraordinário o **policiamento** da cidade ", Ainda? É extraordinário. Não há nada mais ordinário que o tal **policiamento**.”

Politeama

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, *Corpus* Bananére: *boliteama* 1912; *O Pirralho*, n. 61, *grifo nosso*).

Contextualização: “Di notte tive un bunito spettacolo di gallo indo *Bolideama*.”

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso.*

Contextualização: “Gustavo os vira juntos uma vez, por acaso, ao fundo de um camarote no **Politeama**, tão felizes e tão invejados, que teve de fugir dali para não cometer algum crime.”

Pombarada[98]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *pombarada* 1916, *O Queixoso*, n. 6, grifo *nosso*).

Contextualização: “VAI a primiéra pombigna dispertada,/ I maise otra vai disposa da primiéra;/ I otra maise, i maise otra, i assi dista maniera,/ Vai s'imbota tutta *pombarada*.”

DF: item inexistente.

Porcentagem

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *purcento* 1913, *O Pirralho*, n.85, *grifo nosso*).

Contextualização: “Siccome vucê non sabe alavorà tô bê come io, vucê gagna só vintes *purcento*, sinó stá samanxado o negozio.”

[98] Neste caso, mesmo que não haja a dicionarização, é possível fazer a abonação de sua forma derivada em 1916.

DF: *A Campanha Abolicionista* (1880-1889), de José do Patrocínio; *grifo nosso.*

Contextualização: "Em vez de apresentar idéias, ele sacode moedas na mão. Foi fazendo tilintar a tarifa Saraiva que ele conseguiu ser governo e manter-se no poder. O seu Ministério foi a **porcentagem** dada pelo concorrente à feira de gado humano a preço fixo."

Porre

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *porre* 1912, *O Pirralho*, n.53, *grifo nosso*).

Contextualização: "Quano fui daí a puquigno tuttos mondo picharo di ficá n'uma brutta sbornia. A Juóquina mia molhére pigó un *porre* indisgraziato. O Capitó vuleva dançá o maxixo c'oa Juóquina."

DF: *O Missionário* (1891), de Inglês de Sousa; *grifo nosso*.

Contextualização: "enfiava o olhar negro e vivo pela porta que lhe ficava em frente, embebendo-o nas nuvens que sombreavam o lago, restringindo o horizonte, e que talvez lhe estivessem recordando o céu da sua querida aldeia minhota. Quando Fidêncio fazia uma pausa, um besouro verde-negro zumbia sonoramente, batendo-se pelas paredes. A vozeria das crianças diminuíra, ouviam-se as mães que as chamavam para a casa, ameaçando-as, de cipó em punho. De vez em quando um tapuio, retardado pelo **porre** da última hora, passava pelas portas, pisando forte, admirando com os olhos vermelhos as figuras pintadas nos vãos da fachada."

Porva[99]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *porva* 1911, *O Pirralho*, n.21, *grifo nosso*).

Contextualização: "Stó indiguinadissimo por causa di quello accuntecimento che accunteceu nu prospero distritto di Piracigaba, cioé, di quello apprigionamento di garabinas, spingardi,

[99] Assim como "xicrinha" está dicionarizada, "porva", redução de "pólvora" – forma datada do século XV pelo Houaiss – pode ser ao menos abonada como fenômeno fonético e lexical. Por ser um termo restrito majoritariamente ao substrato falado do português, a ausência de ocorrências no *corpus* de Davies e Ferreira justifica-se, mesmo porque registros com metaplasmos típicos do dialeto caipira – como é o caso da palavra "porva" – são realizações escassas na literatura em geral.

moschetos, ganhó, *porva*, e tanti altri armamenti perigolosi che fui fatto na fabbriga do Capitó."

DF: item inexistente.

Potoca[100]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *potoca* 1913, *O Pirralho*, n.119, *grifo nosso*).

Contextualização: "Una veze butáro un sino ingantado inda a gaza du Gorreia paste da luiz inletrica i o otro inda o gaza du Gorreia da Rivista Teatrale. Istus sino, da mezzanotte p'ra diante doveva tucá cada veze che illos dizia una "*potóca*".

DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "O Diário del Atlântico, publicado a bordo dos vapores do Lloyd Holandês, estampou em seu número de 21 de janeiro um radiograma em que se noticia um grande movimento contra os estrangeiros aqui do Rio. A formidável **potoca** foi desmentida."

Poucadinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *pucadinhe* 1912, *O Pirralho*, n.46, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io non pidi maise uno *pucadinhe* pur causa che io si stava maise invirgunhado, si signore."

DF: item inexistente.

Precurar[101]

[100] Este caso é o exemplo claro, como podemos notar pela proximidade da datação DF e NEHiLP, de uma gíria da época – como ocorre em muitas fases da língua – para a acepção "mentira".

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *precuré* 1912, *O Pirralho*, n.57)

Contextualização: "Manhá io vorto lá d'ingoppa u sesto andaro *precuré* a apuzentaduria numaro 94. Aora io batí inda a porta."

DF: ocorrências no séc. XV e XVI.

Pregar[102]

NEHiLP: (Hoauiss: sem datação 'fazer (alguém ou algo) sentir o efeito agradável ou desagradável de (uma ação, física ou não); dar'; *Corpus* Bananére: *pregá* 1912, *O Pirralho*, n.50, *grifo nosso*).

Contextualização: "Primiére io vulevo si dexá *pregá* as mon p'ra ella, ma disposa a Juóquina mia molhére mi pidí di non, mi fiz una purçó du baccio sopra da a gaza e tambê a Gurmeligna mi dexô pigá no biquinho da xalere e intó io dixê."

DF: *O Turbilhão* (1906), de Coelho Neto; *grifo nosso.*

Contextualização: "Paulo dominava-a com aspereza, exprobrando-lhe a vida desmazelada e, quando a velha, na intimidade, referia-lhe algum pequenino escândalo de Violante, rompia, assomado, ameaçando **pregar** a janela, atirar ao lixo todas aquelas caixas, todos aqueles vidros que entulhavam o toucador."

Prontidão[103]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'falta de dinheiro'; *Corpus* Bananére *prontidó* 1914, *O Pirralho*, n.164, *grifo nosso*).

---

[101] A coincidência entre variantes arcaicas e formas do dialeto caipira não são novidades: são resultados frequentes na pesquisa e indicam a necessidade de uma dicionarização do termo com uma abonação para a entrada da palavra em cada dialeto.

[102] O sentido básico é do século XIII, no entanto, esta acepção do termo é abonada pela datação DF e ainda é possível encontrá-la em algumas expressões populares presentes no português atual, como "pregar uma peça em", entre outros exemplos.

[103] A acepção original é do século XVI, como indicam os dados em Houaiss. O sentido mais conhecido, contudo, é uma gíria muito comum nos primeiros decênios do século XX, especialmente em textos coloquiais, como canções populares, peças de teatro, etc.

Contextualização: “A *prontidó* é un fattimo chi a genti non tê né un tostó nu borço p'ra cumprá unas banana!”

DF: *Dôra, Doralina* (1975), de Rachel de Queiroz; *grifo nosso*.

Contextualização: “Não vê, a mulher em casa tinha mania de costurar e ele lhe comprou uma máquina a prestação. E cada prestação pesada, justamente numa época em que ele andava no aro, quase sem tostão para o bonde.. O velho ia intercalando o papo com uns " pois não, pois não ", muito constrangidos. E o tira abria o jogo: - Imagine o amigo, o delegado deu ordem pra apertar os parafusos na contravenção, os jornais andam reclamando. E um homem assim na ameaça da **prontidão**, como eu, fica aflito pra cumprir ordem.. O fato é que a máquina custou mais de conto de réis, e eu só durmo descansado no dia em que liquidar de uma vez com o que falta.”

Proposital

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *propozitalio* 1913, *O Pirralho*, n.85, *grifo nosso*).

Contextualização: “Aóra fui xamado os bombero pur causa di pagá o fógo i o Lacarato tambê fui, i urganizó uno inguerito pur causa di indiscobri si o inzendio fui *propozitalio*.”

DF: *A Campanha Abolicionista* (1880-1889), de José do Patrocínio; *grifo nosso.*

Contextualização: “Paulino de Sousa e João Alfredo ainda ousa vir falar em propriedade legal, depois do Projeto 133 do Senado, em 1837, e das vergonhosas revelações de todos os Governos e dos parlamentares brasileiros, com relação aos abusos flagrantes, à violação **proposital** da lei, que fechou os nossos portos à introdução de africanos. Está na memória pública a atitude dos sustentadores da propriedade escrava, durante as discussões da lei de 28 de setembro de 1871.”

.

Pum

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘onomatopéia que expressa ruído de explosão, pancada, queda etc’; *Corpus* Bananére: *pum* 1913, *O Pirralho*, n.91, *grifo nosso*).

Contextualização: "*Pum! pum! pum!...* settes tiro na gabeza. I disposa che illa giá stava nu chó quasi morrida io preguê inda maise quattros facada nu goraçó della."

DF: *O Badejo* (1898), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: "ANGÉLICA - Bem bom! bem bom! AMBROSINA - Isso me alegra. LUCAS - Só depois eu farei o meu pedido em regra. AMBROSINA - E o tiro? **Pum**! LUCAS - Dá-lo-ei, se à tua decisão O velho opõe um veto..."

Ocê[104]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *ocê, O Pirralho*, 1916, n.6, *grifo nosso*).

Contextualização: "Chi no dexáro *ocê* sê Presidente"

DF: *Lourenço* (1881), de Franklin Távora; *grifo nosso.*

Contextualização: "Deitemo-nos, para não parecer que estão aqui duas pessoas. Meta o seu braco por baixo do meu pescoço. Falaremos baixinho. Direi assim tudo que lhe quero dizer. *' **ocê** não sabe quanto estou satisfetia com a sua presença."

Opereta

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *operette* 1912, *O Pirralho*, n.37, *grifo nosso*).

Contextualização: "També si non fosse os intalianos non tenia né u larghe du Arrusá, né o Bó Retiro, né as cumpania di *operette* do Vitale e né o Bertini che també é u migliore ingraziato di tutto o mondo interinho."

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

[104] A abonação DF nos oferece um dado essencial para o pronome de tratamento no português brasileiro, caso tão complexo e de longa e frequente transformação. O termo que evoluiu de "Vossa mercê" para "voismecê" e em seguida para "você", este último datado de 1665, segue para uma nova forma: "ocê" que, de acordo com o registro na obra de Franklin Távora, possui mais de 128 anos. Também podemos interpretar como um indício de um falar caipira, entretanto, é forçoso notar que no contexto acima não há nenhum elemento que possa comprovar tal afirmativa; pode-se, sim, sugerir a in*corpora*ção do termo caipira no falar do português brasileiro geral e, se observarmos o português brasileiro atualmente, veremos que a afirmação justifica-se, já que a forma reduzida está presente em diversas localidades.

Contextualização: “Juca descera do carro e passeava pela relva; Mendonça, de taça em punho, cantava um copia de **opereta** bufa”

Quatro-olhos[105]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘pessoa que usa óculos’; *Corpus* Bananére: *quattroocchio* 1913, *O Pirralho*, n.106, *grifo nosso*).

Contextualização: “Da sig. Garlotta *Quattrocchio*, pidino licenza p'ra vendê banana -- Non bringa, intaliana indisgraziata; io non tegno nada c'oas banana. Vá priguntá p'ra Secretarilia da Gricurtura.”

DF: reportagem da Folha do Estado de São Paulo (1994b); *grifo nosso*.

Contextualização: “Quem é que vai, então? Só intelectual **quatro-olhos**? Só aquela turma de o Cebrap? Só sociólogo e antropólogo? Socorro! Então é bom a Joyce Pascowitch ir se preparando. É bom ela entupir a nécessaire de Engov, a festa vai ser chata para caramba.”

Rabicho[106]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘rabo de cavalo (penteado) pequeno’; *Corpus* Bananére: *rabixo* 1917, *O Pirralho*, n.235)

Contextualização: “In tragio di grandi gala,/ Di *rabixo* i barriguêra,/ Fui oggi aqui interrado/ A besta du Miguér Mêra.”

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Tornara-se falado no seu meio por certas famosas surras que de vez em quando lhe arrumava; em crise de ciúme, a sujeita a quem ele de corpo e alma pertencia desde os seus primeiros passos na vida da pândega fluminense, uma tal Aninha **Rabicho**, célebre

[105] Embora a primeira acepção seja de 1682, o novo sentido configura-se como um termo pejorativo para quem usa óculos e, por analogia, para pessoas estudiosas e importantes no cenário intelectual, sendo usada ainda nos dias atuais.
[106] Com o sentido concreto abonado no século XV, sua semântica evoluiu para a acepção atual, retroagida para 1882.

entre os libertinos dos dois sexos por ser proprietária de um prédio e cinco escravos, adquiridos com o produto das suas gloriosas economias."

Racontar[107]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *racuntó* 1912, *O Pirralho*, n.34, *grifo nosso*).

Contextualização: "Inveiz istas xinese che io vó acuntá té una robba molto ingraciada. S'immagine che illas té us pausinho e son gapase da tirá bixigno do zoglio di tuttos mondo. Fui o Capitó che mi *racuntó*."

DF: item inexistente.

Rádio

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *radio* 1912, *O Pirralho*, n.66, *grifo n osso*)

Contextualização: **"**Pillado pur causa di un ballo o qualquére altra festa dove tegna as piquena bunita. Vá tuttos domingo i tuttas quintaffera no Alaife i tuttos sabbado no *Radio*."

DF: *Mana Maria* (1935), de Antônio Castilho de Alcântara Machado; *grifo nosso*.

Contextualização: "A palavra deflagrou a imaginação de mana Maria. Apartamento, champanha e mulheres. Um tango dizia assim. Todos os santos dias ouvia no **rádio**. Quero um apartamento com champanha e mulheres."

Rasteira

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *rastêra* 1913, *O Pirralho*, n.122)

[107] O termo é um aportuguesamento do verbo *raccontare*, do italiano padrão. Assim, sua abonação é muito delicada, sobretudo porque estamos no limiar entre um texto italiano e um texto brasileiro, contudo, como se trata de um texto que pertence à literatura brasileira escrita por um brasileiro para um público leitor de igual nacionalidade, optamos por manter a abonação dos textos macarrônicos.

Contextualização: “O zignore Martí Francisco dà un tranao nu meie du saló, dá una brutta *rastêra* i adiruba quattros gadêra.”

DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.

Contextualização: “Mas posso arrastar-lhe uma tarrafa mestra. - Tarrafa? - É uma **rasteira** com força. Ou esperar o degas de galho, assim duro, com os braços para o ar e se for rapaz da luta, passar-lhe o tronco na queda, ou, se for arara, arrumar-lhe mesmo o bauú, pontapé na pança. Ah! V. Sa não imagina que porção de nomes tem o jogo. Só **rasteira**, quando é deitada, chama-se banda, quando com força tarrafa, quando no ar para bater na cara do cabra meia-lua. - Mas é um jogo bonito!”

Reforçamento

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *rinforzamenti* 1914, *O Pirralho*, n.156, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tuttos munno stó molto cuntento c'aa vittoria ma io adiscunfio molto chi os allemó vórta otraveiz cos *rinforzamenti* i intó io non sê u che sará di noise!!”

DF: ocorrência do termo em um trabalho acadêmico sem datação; pelo termo *stress* em destaque no texto, que é um item lexical usado sobretudo nas últimas décadas, pode-se afirmar que é posterior a Bananére, o que justifica manter a abonação do *corpus* NEHiLP.

Contextualização: “O outro tipo de depressão é a exógena, que é causada por motivos externos que geralmente dizem respeito à perda de fontes de **reforçamento**, que ocorrem com a morte de alguém, desemprego e outros problemas. O deprimido passa por situações de incontrolabilidade, onde nada que ele faça pode modificar a situação que gera depressão. O **stress**, conflitos e a punição em excesso também podem causar depressão. A ausência de repertório pode ser confundida com depressão, que é o que pode ocorrer com pessoas que passam por uma mudança brusca de ambiente ou de situação de vida e ficam sem saber como se comportar diante disso.”

Regionalista

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *arigionaliste* 1913; *O Pirralho*, n. 119, *grifo nosso*).

Contextualização: "Vucê cunhece a literatura arigionale? Quale só os migliore *origionaliste*? Os migliore *arigionaliste* só io."

DF: *A Ilustre Casa de Ramires* (1900), de Eça de Queirós; *grifo nosso*.

Contextualização: "Hoje,para decidir o Governo, como falta a indicação natural do partido, que resta? O desejo pessoal do Cavaleiro. Você sabe como o Cavaleiro é **regionalista**. Pelo círculo pois, logicamente, sai quem se apresente ao Cavaleiro como um bom continuador do Lucena,pela influência e pela estabilidade territorial..."

Remessista[108]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *remessita* 1913, *O Pirralho*, n.81, *grifo nosso*).

Contextualização: "Redattore - Juó Bananére./ Direttore - Io també./ *Remessita* - Idimo."

DF: item inexistente.

Ressaca[109]

NEHiLP: (Houaiss: acepção inexistente; *Corpus* Bananére: *risaca* 1915, *O Pirralho*, n.175, *grifo nosso*).

Contextualização: "*Risaca* é un gustinho di gabo si guardaxuva chi a genti fica c'oelli na boca disposa di una purçó di dies di festa.

DF: *A Muralha* (1954), de Dinah Silveira de Queiroz; *grifo nosso*.

[108] Apesar da palavra ainda não ser dicionarizada pelo Houaiss nem ocorrer em nenhum dos textos que compõem o *corpus* de Davies e Ferreira, encontram-se muitas ocorrências em *site*s de busca, o que mostra seu uso corrente e a necessidade da inserção do vocábulo nos compêndios lexicais.

[109] Com o sentido original relacionado ao movimento do mar, a palavra é de 1554; no entanto, para a acepção mais corrente dos efeitos que se seguem a uma grande ingestão de álcool, será adotada a datação do texto macarrônico como referência para o estabelecimento do *terminus a quo*.

Contextualização: "- Ora dê graças a Deus que ele bebe e dorme. Tem homens que dão é surra na mulher e quebram as coisas dentro de casa. De manhã cedo eu mesma lhe levava um chá (estando de **ressaca** ele recusava o café) dava bom dia como se não tivesse acontecido nada, punha a xícara fumegando no tamborete ao pé da rede."

Reunificação

(Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *riunificaçó* 1912, *O Pirralho*, n.60, *grifo nosso*).

Contextualização: "O Guaribaldi inveiz stavo molto discontento pur causa di tuttas istas disordine e arrisorvê di fazê a *riunificaçó* da Italia."

DF: (6/21/1997); "China já ameaça com prisao em Hong Kong" extraído de um jornal de Curitiba; *grifo nosso*.

Contextualização: "No dia 1°, ele vai se converter no novo Parlamento de Hong Kong, com a extinção sumária do atual. O CLT se reuniu hoje na cidade chinesa de Shenzen para um reexame da Lei de **Reunificação**. Essa legislação engloba todas as leis aprovada pelo conselho, entre as quais a que reprime liberdades civis e impoe controles rígidos aos partidos políticos e atos públicos; e a que restringe drasticamente a imigração."

Rodinha[110]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'grupo, panelinha; *Corpus* Bananére: *rodinha* 1912, *O Pirralho*, n.69, *grifo nosso*).

Contextualização: "Aòra io raconto che illo é tambè da *rodinha* do Didi, co Belizario, co Cezara, i prontto, giá divignaro chi é!"

DF: *O Mulato* (1881), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

[110] Com a primeira acepção datada em 1611, o sentido mais recente recebe a abonação de uma obra literária muito popular, o que nos mostra a importância de recorrer a *corpora* que incluam textos coloquiais em seu acervo para fornecer informações históricas.

Contextualização: “Nos sábados de Aleluia era o seu luxo queimar um judas defronte da casa; não perdia fogo de vista nas festas de arraial e sabia fazer bichinhas, carretilhas e foguetes. Apresentaram-se também, fora da **rodinha** do costume, dois novos convidados”

Rotisseria

(Houaiss: 1935; *Corpus* Bananére: *rottisseria* 1912, *O Pirralho*, n.33, *grifo nosso*).

Contextualização: “Primiere si dexava mangiá a polenta c'oa gente sobra da a mesa povera, ma óra inveiz no, pur causa che só vó mangiá na *Rottisseria* e no Ristorante do Xico che só os migliore di Zan Baolo.”

DF: item inexistente.

Rusticano

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *rusticana* 1915, *O Pirralho*, n.190, *grifo nosso*).

Contextualização: “Onti di tardi a Cavalleria *Rusticana* attacô a fanteria astriaca na regió du Firuli.”

DF: item inexistente.

Sabe-tudo[111]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *sabitudo* 1913, *O Pirralho*, n.73, *grifo nosso*).

Contextualização: “Ista robba di buttá as buttigna imbax'o a gama, si xame tambê a "bringadera da buttigna" conformo a pinió do nutabile *sabitudo*, o dottore Sirvio Gamonhes di Armeda Guarany.”

[111] Nos três casos anteriores, a inexistência dos termos pode ser justificada pela restrição do *corpus* de Davies e Ferreira.

DF: item inexistente.

Saca-rolha

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *saccaroglia* 1915, *O Pirralho*, n.170, *grifo nosso*).

Contextualização: "Ih! patrô véio! io só tegno un disgostimo! é chi a mia gargantua non sia di *saccaroglia* p'ra pinga i bê di vagazigno...."

DF: *O Homem* (1887), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso.*

Contextualização: "Trinta a trinta e cinco anos. Elegante, louro, meio calvo, barba rente espetando no queixo em duas pontas de **saca-rolha**; olho azul, monóculo, o esquerdo sempre fechado."

Salamargo

NEHiLP: (Houaiss: sem datação 'substância ($MgSO_4.7H_2O$) de sabor amargo, us. como laxativo, antiinflamatório local, anticonvulsivante etc.; sal amargo, sal de Epsom'; *Corpus* Bananére: *salamargo* 1914, *O Pirralho*, n.130, *grifo nosso*).

Contextualização: "Di manhá cidinho illo si alivantava só co pé diretto i sí pur causa di una indistraçó illo si alivantava co pé isquerdimo, tumava mediatamente un brutto *purganto* di salamargo p'ra sará a caguira."

DF: inexistente

Saparia[112]

[112] Podemos notar no excerto acima como Alcântara Machado captura em sua obra o mesmo cenário paulistano que Bananére já começara a ilustrar em 1911. Se a obra de Alcântara Machado perde em valor abonativo, não perde em nada em valor histórico, pois é possível observar em diversos itens lexicais uma simetria perfeita entre os contextos, como é o caso da palavra "saparia", cujo teor pejorativo e coloquial está presente em ambos os contextos.

NEHiLP: (Houaiss: sem datação, ‘grupo de gente grosseira’; *Corpus* Bananére: *saparia* 1913; *O Pirralho*, n. 83, *grifo nosso*).

Contextualização: “I di notte quano vê a ventalia/ Vorta tuttos traveis p'ro suo gaxó/ Co medo do brutto furacó/ Chi vê dirette inzima a *saparia*.”

DF: *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Antônio Castilho de Alcântara Machado; *grifo nosso*.

Contextualização: “- Caramba, come dicono gli spagnuoli! Mas tinha um desgosto. Desgosto patriótico e doméstico. Tanto o Lorenzo como o Bruno (Russinho para a **saparia** do Brás) não queriam saber de falar italiano.”

Sapecar

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘bater ou dar pancada(s) em’; *Corpus* Bananére: *sapicô* 1917, *O Pirralho*, n.235, *grifo nosso*).

Contextualização: “U subrimarigno Allemó turpediô u "Paraná" se avizá nada p'relli i ainda disoza de illo ferido, currêu atraiz delli i *sapicô* vintes quattro tiro di gagnó inzima delli.”

DF: item inexistente.

Sapicuá

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *sapiguá* 1912, *O Pirralho*, n.42, *grifo nosso*).

Contextualização: “Saria molto migliore che mi xamavo ladró di galligna, surdado raso da briosa, capitó, *sapiguá* di lazarento, motorniere da a Laita ecc. ecc. che non fá male, meno inguento, che aóra ti chebro a gara p'ro Piralhu!”

DF: item inexistente.

Scratch[113]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘seleção’; *Corpus* Bananére *escaxa* 1915, *O Pirralho*, n.193, *grifo nosso*).

Contextualização: “Domingo - Manhá dia santificato da a igregia non tê guerra. Sará agiugado inveiz un bunito matis de futebóla entri un *escaxa* intaliano i un *scaxa* dos nimighio.”

DF: *Vida Urbana* (1903- 1921), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: “só falam no grande acontecimento que encheu de júbilo um milhão e pouco de almas nascidas e domiciliadas na encantadora Sebastianópolis: a vitória do **scratch** carioca.. Nas redações, os cronistas esportivos já não dormem há uma semana: são os cumprimentos, as telefonadas, os telegramas, os convites, para almoços e para jantares. Tudo isso.. porque depois de dezoito anos de lutas o famoso **scratch** da Metropolitana conseguiu a sua terceira vitória " Meu caro Baby: isto deve ser Bizâncio, no tempo de Justiniano, em que uma partida de circo, com os seus azuis e verdes "”

Secreta

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *segreta* 1914, *O Pirralho*, n.136, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tê *segretta* in tuttas parti, piore da nuvola da gafognotte. Nu ottelo andove stà aspedato o currispundento du "Stá" cunformo illo mi racuntó, tuttos mumo é *segretta*: o uòmo do ottélo, a molhére do uómo do otéllo, a figlia do uòmo do otéllo, a guzignèra do otèllo, o sapatiére d'invronte do otéllo, o barbiére du lado isquerdimo, o ingrascatte du lado dirêtto i o marito da guzignéra du otéllo. In fine migno gáro cullega i tuttos pissoalo chi passa na rua sò *segretta* i moltos pissoalo chi non passa tambê só *segretta*!!”

DF: *A Alma Encantadora das Ruas* (1908), de João do Rio; *grifo nosso*.

[113] Este é mais um caso em que se demonstra a intensa entrada de termos ingleses na língua portuguesa, especialmente com relação ao futebol. A datação NEHiLP, contudo, prevalecerá devido ao menor grau de incerteza da abonação.

Contextualização: “Do alto de uma janela como Paul Adam, admira o caleidoscópio da vida no epítome delirante que é a rua; à porta do café, como Poe no Homem da Multidões, dedica-se ao exercício de adivinhar as profissões, as preocupações e até os crimes dos transeuntes. É uma espécie de **secreta** à maneira de Sherlock Holmes, sem os inconvenientes dos secretas nacionais.”

Sensacional

NEHiLP: (Houaiss: 1899 ‘fora de série, maravilhoso, espetacular’; *Corpus* Bananére: *sensazionale* 1914, *O Pirralho*, n.127, *grifo nosso*).

Contextualização: “Una notizia *sensazionale* incirgoló onti na cittá desd'a manhá, cos giornali mattorino.Di tuttas parti, os piqueno venditore dus giornali gridavano: -Oglia o Stá, o Curreu, o Cumerço i o "Rigalegio". O rapitto do Maresciallo.”

DF: *No País dos Ianques* (1894), de Adolfo Caminha; *grifo nosso.*

Contextualização: “Era quase noite quando parou o último carro, e corremos logo à tal " maravilha " que o diplomata recomendara. Aqui têm os aquarelistas motivo **sensacional** para uma tela rembrantesca.”

Sextanista

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *sestuanise* 1917, *O Pirralho*, n.236, *grifo nosso*).

Contextualização: “U Beppino migno figlio, chi stá facendo o *sestuanise* di ingeniére, illo si chi vai, pur causa che io non tê figlio p'ra dá di mammá!”

DF: item inexistente.

Skating[114]

[114] Embora a palavra tenha um *terminus a quo* certamente posterior à Bananére, é importante notar que o termo já era fluente neste período. Além disso, sua ocorrência mostra a visão cosmopolita e moderna que Bananére

NEHiLP: (Houaiss: d1964; *Corpus* Bananére: *skating* 195, *O Pirralho*, n.174, *grifo nosso*).

Contextualização: "Algumas traduçós ficáro molto feia come per insempio o "*Skating* Palaco" che ficô "Palazzo Catinga" i a "Casa Garraux" che ficô seno "Casa Agarrô."

DF: trabalho acadêmico português (sem datação) sobre Arthur Honegger; *grifo nosso*.

Contextualização: "Fez parte do grupo de compositores conhecidos como Les Six (Os Seis). A sua obra é muito variada na forma; por exemplo, a ópera Antígona (1927), o bailado **Skating** Rink (1922), a oratória Le Roi David (1921), música orquestral (Pacific 231 (1923)) e a Sinfonia Litúrgica (1946)."

Smart[115]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente, 'esperto, inteligente'; *Corpus* Bananére: *smarto* 1912, *O Pirralho*, n.40, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io tegno u mio saló di barbiere molto migliore do saló Ingreze. Pur istu motive io tegno una purçó di frigueiz maise *smarto* come u Lumbrose, che é parento di quello mio patrizio che inventó u socialismo giunto co Ferro e co Giochino Antunese."

DF: *Dentro da noite* (1910), de João do Rio; *grifo nosso.*

Contextualização: "Fora levada àquilo por mundanice, por cabriolice da alma, como diria a sra. de Souza Castro, titular em decadência, hoje dama de companhia. De ver as outras damas amadas por homens discretos e bem vestidos, achara aquilo **smart** e comprometedor, com um leve tom de crime consentido."

Solitária

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *solitária* 1913, *O Pirralho*, n.101, *grifo nosso*).

---

tinha a respeito dos acontecimentos em todo o mundo, o que se traduz em grande variedade lexical de seus textos.

[115] A palavra é utilizada em muitos contextos nas publicações de Juó Bananére e, mais que uma simples apropriação lexical, acredita-se que o termo equivale diacronicamente a uma gíria para 'inteligente, malandro', visto que o autor não traduz a palavra e que usa a mesma frequentemente, o que ocorre igualmente no trecho acima da obra de João do Rio.

Contextualização: “R. R. -- Non si arivorti chi vai p'ra *solitaria*. Vá respondeno.../ S. -- O chi é *sulitára*?/ R. R. -- É un guartigno distu tamagnigno, chi a genti non podi né si mexê là dentro.”

DF: *Cemitério dos Vivos* (c.1922), de Lima Barreto; *grifo nosso*.

Contextualização: “Vivi assim cerca de uma semana, condenado ao silêncio e ao isolamento mais estúpidos que se podem imaginar, junto a uma quase imobilidade de preso na **solitária”**

Sorveteiro[116]

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *sorbetêro* 1913, *O Pirralho*, n.79, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Dante Barretto co Xicosalle non presta né p'ra afazê o *sorbetêro*.”

DF: *Olhinhos de Gato* (1939), de Cecília Meireles; *grifo nosso;* termo exclusivamente em textos brasileiros do séc. XX.

Contextualização: “Então, uma voz risonha, leve, uma voz ainda sem tormento, vinha cantando, cada vez mais perto: " Sorvetinho, sorvetão, sorvetinho de ilusão, quem não tem duzentos réis não toma sorvete, não " Uma pausa de uns três ou quatro passos. Depois: " Sorrrrrrrvete, iaiá! Olha a fama do bom sorvete, sinhá " As negrinhas caíam na gargalhada. Jogavam a gargalhada para dentro do avental. " Arre, **sorveteiro** prosa " Mas o dono da voz não via nem ouvia. Não sabia de nada. Estava ainda na outra rua. E sentia-se que sua boca ia sempre sorrindo, pela maneira por que cantava: " Sorvetinho, sorvetão.. "”

Submarino[117]

[116] Ao consultar os registros do *corpus* DF, o termo aparece apenas em textos do século XX, o que parece confirmar a aproximação do Dicionário Houaiss para a palavra em questão.

[117] Segundo informações de um portal de educação Escola São Francisco online (http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/submarino/submarino-15.php), o submarino, tal como o conhecemos e com a denominação ‘submarino tartaruga’, foi inventado por um americano chamado David Bushnell em 1776. Assim, pode-se dizer que já no final do século XVIII tínhamos notícias incipientes do artefato, dado histórico que contribui para o estabelecimento do *terminus a quo*, certamente posterior à sua criação. Segundo o mesmo portal, em 1901, o ministro da Marinha no Brasil autorizou a construção de um modelo de submarino que servisse às experiências oficiais, o que nos permite aproximar ainda mais a data para o início do século XX, no entanto, o trabalho etimológico não pode prescindir de *corpora* datados, o que significa que a abonação só pode

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *subimarino* 1916, O Queixoso, n.5, *grifo nosso*).

Contextualização: "Io vó afazê una brutta rigramaçó ingoppa du Pietro Baroli, gonçolato intaliano, p'ra illo mandá un *subimarino* intaliano bumbardeá a gartolla delli."

DF: *Prosa de circunstância* (c.1917), de Autor Emílio de Menezes; *grifo nosso*.

Contextualização: "A natação é um exercício utilíssimo para as mulheres; habitua-nas a conservar a boca fechada. O ultramodernismo na luta pela vida é passar um " ave-plano " no comandante de um **submarino**, por um telegrama sem fio."

Sufragista[118]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *suffragiste* 1914, *O Pirralho*, n.141, *grifo nosso*).

Contextualização: "As *suffragiste* fizéro onti um brutto fregio ingoppa o palazzo du ministrimo. Intó vinhê o Lacarato i buttò ilas nu xadreze."

DF: *Os Incuráveis* (1956), de Augustina Bessa-Luís; *grifo nosso*.

Contextualização: "Havia também a preceptora das raparigas, uma **sufragista** de grandes botas rangentes e que, com os seus colarinhos de homem, o seu modo delirante e amistoso, se isolava nos soutos para estudar astronomia."

Suíte[119]

---

ser determinada quando encontramos, de fato, um documento que registre o uso do termo. Neste caso, permanecemos com a aproximação da data do texto macarrônico, de 1916, cientes de que é possível encontrar textos mais antigos com o termo em questão.

[118] A datação deste verbete é essencial para contextualizar a criação de palavras sufixadas em – ista, que tiveram um boom de produtividade no século XX, análise favorecida pela abonação do termo. Para mais informações sobre a história e desenvolvimento do sufixo –ista na língua portuguesa, consultar a dissertação de mestrado pela Universidade de São Paulo da pesquisadora Dr. Nilsa Areán-García: **Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo -ista no português e no galego** (2007), membro de grupo NEHiLP.

[119] O Dicionário Houaiss faz a observação a respeito desta acepção da palavra suíte: "empregado apenas na locução dar o suíte", como é o caso da utilização contextualizada acima. A datação do termo muitas vezes vem acompanhada de elementos sintáticos, tornando a datação relativa não somente à acepção, mas à expressão que cristalizou este traço semântico. Quanto ao *corpus* DF, em nenhum dos contextos (que eram somente

(Houaiss: 1942 ‘ato de ir embora, de desaparecer das vistas; retirada, fora’; *Corpus* Bananére: *suito* 1915, *O Pirralho*, n.182, *grifo nosso*).

Contextualização: “Altrodí tuttos giurnalo impubricáro um tiligrammo du Rio dizéno che o Mareciallo anda indiguimado con o *"suito"* chi o pissoalo déro n'elli disposa che illo sai da prizidenza.”

DF: *O Tipo Brasileiro* (1872), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.

Contextualização: “Henrique - Non é pris que sóbe cô balon a uma certe altura; fica lá parade, e esperra que o Chine passe. Quando vosmecê aviste o Chine desce tout de **suíte**, e assim em muito pouco tempo pode viajar tout lê monde.”

Tapado[120]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘indivíduo sem inteligência, bronco, estúpido’; *Corpus* Bananére: *tapado* 1913, *O Pirralho*, n.116, *grifo nosso*).

Contextualização: “O sig. Rineu - Galabocca sô burro! non diga asnerima!.../ O sig. Floreso da Gunha - Nunca vi sugetto maise *tapado* che istu Filisbino.”

DF: item inexistente.

Táxi

NEHiLP: (Houaiss: séc.XX; *Corpus* Bananére: *ataksi* 1912; *O Pirralho*, n. 23, *grifo nosso*).

Contextualização: “S'imagine che o Garonello arrisolveu di fazê un girio de intomobile per a cunhecê a Gapitale Afederala e amuntó ingoppa uno auto-*ataksi* e ordinó p'ro motornere che facesse a carriere sopra di tutta a cittá intirinha.”

DF: *Mana Maria* (1935), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

---

brasileiros), apareceu a acepção de “fuga”, contudo, o trecho mais antigo parece indicar a origem da acepção numa obra popular brasileira, com a inserção de muitas expressões francesas como era comum no século XIX. A datação do termo, contudo, será a abonação NEHiLP, pois é a primeira ocorrência aportuguesada do termo e, portanto, admitida em seu *terminus a quo*.

[120] Com o sentido original datado no século XIII, a grande coloquialidade da palavra com acepção figurada, sobretudo por ser um termo pejorativo, faz com que sua expressão em textos escritos ainda seja escassa, como é o caso dos textos que compõem o *corpus* de Davies e Ferreira.

Contextualização: “Apressou o passo, na esquina tomou um **táxi**. Do automóvel ainda viu as meninas que haviam pousado a cesta na calçada, descansavam alegres.”

Tcheco-eslovaco

NEHiLP: (Houaiss: 1918; *Corpus* Bananére: *xéca-slovaca* 1915; *O Pirralho*, n.202, *grifo nosso*)

Contextualização: “O STUDENTI DU BÓ RETIRO. POISIA PATRIOTICA. (Premiata c'oa medaglia di pratina na insposiçó da *Xéca-Slovaca* i c'oa medaglia di brigliantina na sposiçó internazionale da Varzea du Carmo).

DF: sem ocorrências no Brasil, apenas uma em português: *Noite* (s/d), de Artur Portela Filho (1937 -); *grifo nosso.*

Contextualização: “Riu mesmo durante alguns minutos, já dentro de um noticiário de atualidades, sério e antigo. com coisas que toda a gente já sabia, a guerra da Argélia, o satélite russo, as inundações da Itália, os desastres do caminho de ferro em Londres, a morte de um **tcheco-eslovaco** qualquer.”

Telefonada

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *tilifonada* 1917, *O Pirralho*, n.236, *grifo nosso*).

Contextualização: “Intó io piguê i batti una *tilifonada* p'ru Lacarato pur causa di vim prendê o gonzolato.”

DF: *Contos Avulsos* (póstumo – 1961; c.1924-1935), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira

Contextualização: “O Doutor Salomão se viu meio fraco, procurou se chegar ao Zéquinha. Mandou dizer para ele que quando precisasse de garantias de vida era só dar uma **telefonada**.”

Telegrâmico

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *telegramica* 1913, *O Pirralho*, n.81, *grifo nosso*).

Contextualização: Sessó *telegramica*. Nutiças da guerre cos turcoses"

DF: item inexistente.

Tilbureiro

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *tilburero* 1911, *O Pirralho*, n.10, *grifo nosso*).

Contextualização: "Os sordado razo era tudo patrizio che fazia o sapatere no Brais, o ingraxati in da Rua l5, o *tilburero* na Luis, o caregatore, o briganti, o vendedore da aranxa-pera-ro-Rio, eccetera."

DF: *A Luta* (1911), de Emília Moncorvo Bandeira de Melo; *grifo nosso*.

Contextualização: "Era em coisas tais que pensava o Coronel, cuspindo os caroços das suas azeitonas como quem rejeitava da alma indignidades: e, apenas sorvido o café, veio palitar os dentes à porta do vestíbulo; chamou enfim um **tilbureiro** e partiu para a casa do Deputado Sant' Anna, um pouco afastada do centro."

Trem

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *trenhes* 1911, *O Pirralho*, n.12, *grifo nosso*).

Contextualização: "També quano chigó inzima a Serra, butaro diante dos vagon una machinigna che gridava finigno gome o lampió do Municipalo e o *trenhes* pigó a muntá p'ra baxo. Intó io principiei da ficá branco di curaggio."

DF: *A condessa Vésper* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “O lugar é magnífico, e a ocasião não pode ser melhor! Atira-se com o corpo ao mar, depois de sangrado.. - Donde virá ele a essas horas? - Não vem; vai tomar o **trem** para uma viagem.”

Trocado[121]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘dinheiro trocado’; *Corpus* Bananére: *trucado* 1912, *O Pirralho*, n.33, *grifo nosso*).

Contextualização: “Aóra io fiqué dannado e fui diritigno, diritigno acubrá illo, ma illo mi disse che primiere non mi apagavo pur causa che non tinia aramo e aóra també non paga pur causa che non té *trucado*.”

DF: *Laranja-da-China* (1928), de Antônio Castilho de Alcântara Machado D'Oliveira; *grifo nosso*.

Contextualização: “Não precisava lazer tanto escândalo. Homessa! Então eu sou obrigado a andar de ônibus só? E ainda por cima da Light? E não tendo dinheiro **trocado** no bolso? Homessa agora! Homessa agora!”

Troça

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘festa ou brincadeira muito animada; farra, pândega’; *Corpus* Bananére: *troça* 1915, *O Pirralho*, n.178, *grifo nosso*).

Contextualização: “A dona cigarra/ A vida passô/ In ballos i farra./ I assi n'ista *troça*,/ Non si alembrò/ Di afazê unas roça/ Di arroiz i fijó.”

DF: *Amor com Amor se Paga* (1870), de Joaquim José da França Júnior; *grifo nosso*.

Contextualização: “Nós cá não amamos como os senhores, que dizem às moças umas bobages e umas tolices que ninguém entende. Passa-se, pisca-se o olho..Assim, olhe. (Arremedando) De noite reúne-se a **troça** debaixo da janela da crioula, e o violão começa a gemer.”

[121] Foram analisados muitos textos anteriores ao Bananére, muitos inseridos no século XIX e alguns do século XX, contudo, somente na obra de Alcântara Machado, o termo “trocado” aparece como substantivo, com a acepção então hoje conhecida e utilizada, que foi ainda reduzido para “troco” posteriormente.

Tronco[122]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘pau onde se amarravam escravos pelos pés e/ou mãos, para castigá-los’; *Corpus* Bananére: *trongo* 1917, *O Pirralho*, n.238, *grifo nosso*).

Contextualização: “Tenia un ôtro castighio, u *trongo*, chi era um pau infingado nu xão, i andove a genti dixava us negra amarrado dois meze sê cumê né bibê.”

DF: *O Escravocrata* (1884), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Se não tens força, vou eu ensinar-te! (Ouve-se estalar o chicote) Tira o couro deste animal! Grita, burro, que quanto mais barulho fizeres, pior será. (Gemidos de dor) Levem-no para o roçado novo, à beira d' água, amarrem-no a um **tronco** de árvore! Lá poderá berrar à vontade. (Esvaem-se os gemidos e a voz) JOSEFA (Entrando) - É só o que se vê desde menhã até de noite! Negro, café, chicote, **tronco**; **tronco**; café, chicote, negro.”

Trouxa

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘tolo’; *Corpus* Bananére: *troxa* 1911, *O Pirralho*, n.15, *grifo nosso*).

Contextualização: “O garonello Piadade, lógo chi inxergo a “cosa pretta” si fiz a carrere d’ abaxo a ladere do Juó Alfrede. Uh! ma gome curria quello garonello! Io també nó resté lá! nó signore! che io non sô *troxa*!”

DF: *Brás, Bexiga e Barra Funda* (1927), de Antônio Castilho de Alcântara Machado; *grifo nosso*.

Contextualização: “A mulher olhou para ele. Percebeu tudo. Perguntou por perguntar: - Arranjou? Natale segurou-a pelas orelhas, quase encostou o nariz no dela. - Diga se eu tenho cara de **trouxa**! Deu na Dona Bianca um empurrão contente da vida, deu uma volta sobre os calcanhares, deu um soco na cômoda, saiu e voltou com meio litro de Chianti Ruffino.”

[122] A primeira acepção básica é do século XIII, no entanto, o termo adquiriu um sentido muito próprio ligado a um contexto histórico. A temática da peça teatral de Artur Azevedo já nos prenuncia que o texto será fonte de termos relacionados ao campo semântico da escravidão, tornando favorável a abonação de muitas palavras deste contexto, exemplo deste caso.

Vagabundo

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘que ou o que age sem seriedade ou com desonestidade; malandro, canalha, biltre’; *Corpus* Bananére: *vagabondo* 1913, *O Pirralho*, n.88, *grifo nosso*).

Contextualização: “Che bunito o Tiradenteso! Os otro compagnero inveiz só tuttos *vagabondo*.”

DF: *A Filha de Maria Angu* (1893), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Tudo isso é muito bom, mas vamos, vamos, que se vai fazendo tarde! Eu sinto uma vontade de me casar.. Vozes (Fora) - Viva o Imparcial! Viva Nhonhô Bitu! Todos - Que é isto?Que barulho é este? Chica - Ora o que há de ser?É o **vagabundo** do Nhonhô Bitu! Guilherme - Quê! pois já saiu da cadeia..”

Ué

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *uê* 1913; *O Pirralho*, n. 120, *grifo nosso*).

Contextualização: “Aòra o Beppino si alivantô i mi disse p'ra mim:/ - *Uê*! papá! Intó a campaninha non é come io dissi?”

DF: *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay; *grifo nosso*.

Contextualização: “--Lá vai o homem, exclamou Pereira ao ver a tropinha pelas costas. E um alivio.. Ele, coitado, não era mau.. mas não tinha modos.. Safa, hei de me lembrar para sempre do tal Sr. Meyer! Foi uma campanha. **Ué**.. Olhe, Sr. Cirino.. não está ele de volta..”

Urucubaca

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *urucubacca* 1914; *O Pirralho*, n. 165, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Dudú pobri goitado/ Apparicia un con sê dono./ Di gretino, *urucubacca*,/ Di goió, gara di mono.”

DF: *Dona Guidinha do Poço* (1881), de Manoel de Oliveira Paiva; *grifo nosso*.

Contextualização: “Apois um dia ela entifou em querer que o Manuelzinho da Minervina fosse aquele dela, mas o minino só fazia negá o estribo, que a cabra mesma era munto da enjoada. Ela fez quanta **urucubaca** havia neste mundo!”

Várzea

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘terreno baixo e mais ou menos plano, à margem de um rio ou ribeirão; vale’; *Corpus* Bananére: *várgea* 1913, *O Pirralho*, n.118, *grifo nosso*).

Contextualização: “Aòra io vò dizê p'ra Camera mandà afazê um brutto barracó là inda a *vargea* du Garmo, du tamagno da vargea intirigna; quano è u tempo das acqua, enxi o barracò di acqua gelata p'ra non si stragà, i quano è u tempo da secca, tutto muno vai lá abuscà acqua p'ra bebé!!”

DF: *Girândola de Amores* (1882), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “E, só depois de muito matejar, foi que os três chegaram a um ponto mais elevado da montanha, planalto que se debruçava pitorescamente sobre um vale profundo e sombrio. - É ali em baixo a gruta! exclamou Augusto, apontando para a **várzea**.”

Viúva-alegre[123]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére *viuvalegre* 1915, *O Pirralho*, n.170, *grifo nosso*).

Contextualização: “Disposa vignô duos sordato, a "*viuvalegre*" i o Lacarato. O Beppino dê nu surdado, na "viuvalegre" i tambê nu Lacarato.”

DF: item inexistente.

[123] “Lacarato” é o correspondente macarrônico ao Dr. Antônio Naccarato, antigo delegado de polícia de São Paulo. O termo, gíria da época para a viatura onde a polícia levava os prisioneiros, reflete um recurso estilístico típico da linguagem coloquial em apelidar aquilo sobre o que se faz uma sátira.

Xadrez

NEHiLP: (Houaiss: sem datação ‘cadeia’; *Corpus* Bananére: *xadrez* 1913, *O Pirralho*, n.104, *grifo nosso*).

Contextualização: “Carmello - Larga di mim, gamarada! Io só braziliano, i o zignore non podi stá prendendo cosí sé maise né menoses, un cidadó braziliano./ 1º soldado - Nada de historia! Vamos marchando p'ro *xadrez*.”

DF: *A Filha de Maria Angu* (1893), de Artur Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Assinantes - Não! não! não! não! É antes um poltrão! O Tipo - Não quer mais uma vez Dormir lá no **xadrez**! Clarinha (À parte) - O Imparcial aqui vou ler E deste modo me faço prender!”

Xicrinha[124]

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *chicrigna* 1912; *O Pirralho*, n. 33, *grifo nosso*).

Contextualização: “Us facendiere só tutto os troxa, pur causa che quano o caffé non si pagava né uno ventí a *chicrigna*”

DF: *O Cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo; *grifo nosso*.

Contextualização: “Bem tolo era quem se matava! Depois lembrou que não viria fora de propósito uma **xicrinha** de café.”

Zé-povinho

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *zepovigno* 1913, *O Pirralho*, n.83. *grifo nosso*).

[124] Termo sem datação pelo Dicionário Houaiss, a palavra “xicrinha” pertence ao âmbito da oralidade em sua própria constituição morfológica. A retroação de 1912 para 1890 situa tal transformação na transição entre o século XIX e XX, como parece ser a tendência de muitos termos coloquiais.

Contextualização: “Inlustrado *Zépovigno*:/ Non votte nu Capitó,/ Né també nu Piedadó!/ Votti só nu Pentifigno!!”

DF: *Mana Maria* (1935), de Antônio Castilho de Alcântara Machado; *grifo nosso*.

Contextualização: “O resto era meio alegórico: uma mulher com barrete frígio na cabeça segurava um ramo de café com a mão direita e com a esquerda levantava um facho que iluminava três medalhões com os retratos do Coronel Mursa, Prudente de Morais e Rangel Pestana. Embaixo: Homenagem à Junta Provisória. Em volta: leões deitados, pombas voando, ramalhetes de flores com laços de fita, o **Zé-Povinho** de chapéu erguido.”

Zé-povo

NEHiLP: (Houaiss: sem datação; *Corpus* Bananére: *zepóvo* 1914, *O Pirralho*, n.136, *grifo nosso*).

Contextualização: “O Xico Valladáro, direttore di Polizia mandô pregà un biglietino in tutta parte, mesmo ingoppa us lugáro che stava scritto: - "É puribido pregà alunzio", co motive di acumunicà p'ru *Zepóvo* os urtimo degrètto du Hermeze. Stá cosí o bigliettino.

DF: item inexistente.

Zepelim

NEHiLP: (Houaiss: séc. XX; *Corpus* Bananére: *zeppeligno* 1915, *O Pirralho*, n.195, *grifo nosso*).

Contextualização: “Sabatto - Un *zeppeligno* nimighio avuô inzima du palazio reale i atirô una brutta bomba inzima da a gabeza du Ré; e Rugerone assi che vi, avuô i pigô ella nu are.”

DF: *Os Incuráveis* (1982), de Augusto Bessa Luis; *grifo nosso*.

Contextualização: “Ás vezes tentava-se a pedir-lhes as suas pistolas de água ou o **zepelim** prateado que, preso ao fio duma lâmpada, girava em redor, com um zumbido macio e perturbante.”

Zóio[125]

NEHiLP: (Houaiss: item inexistente; *Corpus* Bananére: *zóglio* 1912, *O Pirralho*, n.34, *grifo nosso*).

Contextualização: "Inveiz istas xinese che io vó acuntá té una robba molto ingraciada. S'immagine che illas té us pausinho e son gapase da tirá bixigno do *zoglio* di tuttos mondo. Fui o Capitó che mi racuntó."

DF: item inexistente.

A seguir, serão apresentadas as conclusões tecidas a partir do trabalho abonativo desenvolvido nesta seção.

3.3 Considerações Finais

O confronto entre as datações dos textos macarrônicos e as datações dos textos que compõem o *corpus* de Davies e Ferreira tinha dois objetivos: avaliar e quantificar o valor abonativo, isto é, verificar se entre os textos do *corpus* DF havia alguma ocorrência lexical que poderia retroagir o termo datado em Bananére; e avaliar e quantificar o valor histórico, isto é, analisar a relação diacrônica entre os textos comparados e observar a conservação ou inovação de um termo. Nesta segunda fase, observamos, por exemplo, como se deu a conservação ou alteração da acepção, que causas intralinguísticas ou extralinguísticas podemos atribuir para tal evolução, ou se o texto que retroagiu a abonação macarrônica oferece apenas um caso isolado de registro popular ou se é um documento que se iguala em termos de riqueza linguística e possibilidades de reconstrução da coloquialidade do português. Quando se sentiu a necessidade, estes casos foram comentados e analisados individualmente, explicitando todas as questões que se apresentaram ao pesquisador na comparação entre textos por vezes semelhantes, por vezes bem diversos.

[125] O uso do termo "zóio" parece ser exclusivo do registro coloquial do português brasileiro, o que não nos surpreende a ausência de sua realização nos textos que compõem o *corpus*, assim como não é esperada a dicionarização diante da coerção normativa a que são submetidos os textos escritos. No âmbito da fala, contudo, o termo já ocorria em 1912, e ainda encontramos ocorrências atuais nos *site*s de busca, elevando o valor histórico e abonativo dos textos macarrônicos.

Um fato muito curioso observado a partir dos dados obtidos é a presença marcante da língua inglesa no português brasileiro nas primeiras décadas do século XX. A abonação de palavras relacionadas a práticas esportivas recentemente introduzida no Brasil pelos ingleses – o próprio termo *esportivo* foi datado pela obra macarrônica, cuja raiz deriva do termo inglês *sport* – nos oferece, além de uma informação documental pela datação, uma informação cultural e histórico-social. Assim, a inserção de um termo num determinando momento localiza no tempo todos os desmembramentos culturais e sociais consequentes do uso desse termo.

Podemos notar, por exemplo, que todas as palavras que se encontram dentro do campo semântico de futebol ainda não tinham suas formas aportuguesadas, o que faz com que o início do século XX se assemelhe ao início do século XXI, repleto de estrangeirismos que, gradativamente, vão ganhando sua forma adaptada à nossa língua. *Scratch*, *match*, *center-forward*, *full back*, e outros termos vigentes no período de publicação macarrônica de Bananére são completamente estranhos aos torcedores de futebol de hoje e mostram certa resistência por parte dos brasileiros ao processo anglicizante do português ao criar termos como "zagueiro", "centroavante", "partida", palavras que não encontramos nos textos do imigrante ítalo-brasileiro e que ainda não têm abonação no Dicionário Houaiss. Além disso, foram incrementadas algumas gírias presentes no texto de Bananére também sob influência da cultura europeia, dentre as quais permanecem até hoje na língua, como *smart*, *pickepocket* e *chic*.

A presença de arcaísmos nos textos macarrônicos revela que o termo foi recuperado pelo escritor por meio de uma variante dialetal como o caipira e que, se não contribui para a abonação da palavra que tem abonação em um período medieval, é possível detectar sua ocorrência numa sincronia pretérita muito posterior ao *terminus a quo* do item linguístico. Foram resultados frequentes na pesquisa e indicam a necessidade de uma dicionarização do termo com uma abonação para a entrada da palavra em cada dialeto.

Palavras tipicamente italianas, como *lavorar*, *paúra* e *nhoque*, entre outros exemplos, foram encontrados no acervo de Davies e Ferreira em obras de autores brasileiros que tinham pouco a ver com a representação do imigrante italiano, como Aluisio de Azevedo, o que testemunha a presença marcante da língua e cultura italiana in*corpora*da à sociedade brasileira de um modo geral. Esta confirmação em texto nacional de um item lexical que pertenceria supostamente ao vocabulário italiano de Bananére evidencia o entrelaçar das duas línguas e a complexidade em segregá-las, ainda mais em um sistema híbrido como o dialeto

macarrônico que, para além de sua estilização cômica, representa esse processo de incursão de um idioma em outra e vice-versa.

Neste glossário, foram incluídos variantes lexicais que não são prescritas pela gramática normativa, como *xicrinha*, *assossegar* e *barbuleta*, e que muitas vezes não estão dicionarizadas nas obras de referencia do português. A falta de critérios destas obras em incluir variantes dialetais em seus lemas não deve se confundir com o trabalho abonativo desenvolvido nesta pesquisa. Sendo o propósito deste trabalho de reunir uma rica base de dados sobre o português brasileiro coloquial para atualizar a abonação de itens lexicais surgidos supostamente no início do século XX, a problemática língua *vs* dialeto, norma *vs* desvio tem pouco influência nos estudos etimológicos: variante ou prescrição, o dado linguístico está presente no sistema e teve sua entrada, conservação ou inovação em algum momento. A tarefa do etimológico, *grosso modo*, deve ser detectar e acompanhar um fenômeno linguístico, qualquer que seja, e conhecer seu trajeto ao longo das gerações valendo-se de *corpora* que possam lhe oferecer tais informações históricas.

Houve dois movimentos constantes na comparação das datações do texto: momentos de convergência das abonações e momentos de grande divergência. Quanto ao primeiro caso, em tal similitude datacional pudemos notar uma confirmação da popularidade do termo na época em questão, oferecendo então um elemento reforçativo nos dados que obtivemos anteriormente com a aplicação dos dados às informações do Dicionário Houaiss. Escritores como Emilio de Menezes, Alcântara Machado e Lima Barreto são os autores que mais se destacaram em apresentar dados convergentes aos dos textos de Juó Bananére.

Os momentos de divergência temporal podem ser de dois sentidos: anteriores ou posteriores aos textos macarrônicos. Em contextos precedentes, notamos que romances com temáticas mais coloquiais ou mais urbanas e principalmente peças teatrais das últimas décadas do século XIX, gênero literário que facilita enormemente a transposição de termos exclusivos da oralidade à literatura nacional, são aqueles que mais contribuíram para refinar os dados obtidos. Artur Azevedo, Joaquim José da França Júnior, Aluísio Azevedo, Visconde de Taunay e João do Rio são os escritores que apresentaram obras das quais obtivemos abonações precedentes aos textos macarrônicos, apontando em seus textos como excelentes fontes de datação lexical, assim como é a obra de Juó Bananére.

Este tipo de ocorrência exemplifica um termo cuja datação do *corpus* NEHiLP perde o cunho abonativo, mas não perde em valor histórico ao descrever e caracterizar com maior precisão o português brasileiro coloquial falado em São Paulo nas primeiras décadas do

século XX. Além disso, a presença da palavra no texto macarrônico revela a conservação do item lexical e de sua acepção já registrada em um período anterior no *corpus* de cotejo. Sabe-se, enfim, que quanto maior é o acesso a textos coloquiais, mais aproximada será a abonação do quadro real de criação linguística de um determinado sistema e, portanto, maior será o grau de certeza da abonação obtida.

Autores posteriores a Bananére, como Érico Veríssimo, Alcântara Machado, Lima Barreto, entre outros, também registraram termos coloquiais e ofereceram informações sobre o português brasileiro coloquial. Em divergências posteriores, o problema se mostrou na restrição com a qual o pesquisador tem de lidar quando trabalha com um *corpus* que possui um número limitado de obras e, por consequência, omite textos do período de intervalo entre Bananére e seus predecessores. A ausência do termo em outros *corpora* pode ser explicada quando consideramos o aspecto coloquial termo, haja vista que sua ocorrência está circunscrita à contexto de pouco letramento, como os rurais. Outro fator que deve ser contabilizado é a limitação da composição textual do *corpus* que, embora possua um grande acervo de documentos e trabalhos escritos, não poderia abranger a magnitude das possibilidades linguísticas realizáveis pelos falantes. Isto implica dizer que, ainda que uma palavra não se encontre no *corpus* em um determinado período ou em todo o seu acervo, não se pode afirmar que a palavra não existia ou não era mais usada: há que considerar o "calcanhar de Aquiles" da linguística de *corpus* e construir hipóteses baseada nos resultado.

Tal resultado nos mostra que qualquer tipo de *corpus* deve ser utilizado com cautela, pois um *corpus* ideal para o nosso objetivo teria de abranger todas as obras nacionais o que, se não é impossível, se torna árduo a fazê-lo e extenso temporariamente, trabalho de mais de uma geração. As limitações do *corpus* aqui reunido afetam, sobretudo, a comparação com obras posteriores aos textos macarrônicos, já que a in*corpora*ção de termos coloquiais e expressões da oralidade na literatura só aceito abertamente pela elite literária após a Semana de Arte Moderna em 1922. Antes desse marco, são raros os textos que apresentam uma tentativa de reprodução da língua falada, por vezes limitados a pequenos diálogos que reproduzem superficialmente a fala de um escravo ou de um homem pobre e iletrado. Contudo, tal lacuna não afeta o projeto em seu maior objetivo. O resultado da proposta inicial da pesquisa, que buscava a datação lexical somente mediante a literatura macarrônica de Juó Bananére, foi, na verdade, um levantamento de dados essenciais para a datação de vocábulos do português brasileiro.

Todas as abonações são efetuadas considerando somente as obras que fazem parte do *corpus* DF e os textos macarrônicos, isto é, é um *corpus* idealizado em que toda a produção escrita brasileira estivesse supostamente contida neste *corpus*. Mesmo assumindo os riscos que tal idealização pode resultar, os resultados foram muito satisfatórios, pois retroagimos e especificamos as datações em todos os casos, e não houve um item lexical que não fosse prejudicado nos resultados pela ausência dos outros textos; o que ocorreu foi que apenas reduziu o grau de certeza daquela datação, contudo, é o despontar das experimentações metodológica para a datação dos termos da língua portuguesa, em especial, termos do português brasileiro coloquial e que, se não confere uma assertividade absoluta à abonação realizada, pontua na linha do tempo quando aquele termo foi utilizado – no caso dos termos sem datação no dicionário.

A partir do cotejo realizado foi realizada a retroação de um termo datado equivocadamente, contribuindo para a caracterização lexical do período no qual foi abonado – nos casos de datação posterior aos textos dos *corpora* DF e NEHiLP, e especificação do termo datado genericamente – pontuando, dentro do período indicado, como um século por exemplo, em qual década o termo surgiu na português brasileiro.

O cotejo entre as datações mostrou que entre os *corpora* DF e NEHiLP há uma relação de complementariedade entre ambos, pois é possível notar em muitos casos que, se adotássemos exclusivamente os textos da datação DF ou NEHiLP, a abonação estaria equivocada, bem como as informações sociais, linguísticas, culturais, políticas, econômicas, tecnológicas, históricas, enfim, tudo o que um item lexical carrega consigo e, fatalmente, o objetivo desta pesquisa não teria sido atingido. O cotejo se mostrou uma "prova dos nove" aos dados obtidos inicialmente pelos textos macarrônicos, pois pode comprovar a legitimidade de tais afirmações diante de outras fontes sem ferir o alvo maior da pesquisa: a contribuição para a descrição do português brasileiro coloquial que, inicialmente, buscava se remeter exclusivamente ao ponto de vista sincrônico – primeiras décadas do século XX – para expandir para a caracterização da evolução da língua entre o final do século XIX e início do século XX. A inclusão de *corpora* que reúnam textos da literatura popular e dicionários históricos, abrangendo a maior extensão de tempo possível, é certamente uma das possíveis continuações do trabalho abonativo desenvolvido neste capítulo, o que certamente poderia refinar as soluções encontradas na datação dos itens lexicais.

É possível notar, sobretudo observando alguns termos como a retroação da palavra "suíte", que a partir da pesquisa desenvolvida com a datação de fenômenos fonéticos e

lexicais dos textos macarrônicos, surge naturalmente uma continuação da análise da obra de Bananére que oferece diversas possibilidades de ampliação dos estudos diacrônicos do português e da estruturação fraseológica do português atual, evidenciada pelos resultados já obtidos e pelos argumentos acima apresentados. Assim, o capítulo seguinte discorrerá sobre a conceituação, datação e cotejo de expressões idiomáticas na obra de Juó Bananére.

4. Datação das expressões idiomáticas

Entendida como recurso linguístico para veicular valores e visões de mundo de uma dada comunidade através de uma estrutura fraseológica, a expressão idiomática é um fenômeno de fácil identificação, mas de complexa investigação. Pouco se sabe sobre sua origem, frequência de uso e reestruturação ao longo das gerações de falantes, no entanto, quando presente em textos antigos, sugere um alto índice de oralidade na variante utilizada e uma riqueza linguística no *corpus* estudado.

Essa coloquialidade e valor documental das expressões são visíveis nos textos macarrônicos de Juó Bananére, o que justifica sua escolha como objeto de estudo para aprofundar os estudos diacrônicos das expressões idiomáticas. Trata-se, sem dúvida, de um grande desafio para o etimólogo, visto que é um elemento ligado a um substrato linguístico de difícil recuperação, que apresenta questões metodológicas complexas e que ainda carece em pesquisa diacrônica. É possível encontrar muitos dicionários de expressões, provérbios, frases feitas e lugares-comuns, oferecendo ao pesquisador uma ampla base de dados sobre a variedade das expressões; no entanto, ainda é esparso o acervo sobre os primeiros registros e acepções, sobre a transformação estrutural e semântica ao longo das gerações e poucas hipóteses foram tecidas com fundamentação científica. Há todo o trabalho teórico e metodológico sobre as expressões idiomáticas que aguarda ser realizado e ao qual daremos início a partir da pesquisa empreendida.

Nesta seção, serão abordadas as reflexões quanto à delimitação conceitual do termo "expressão idiomática" e suas implicações para este trabalho etimológico; em seguida, será discutida a questão da origem das expressões e o mito da abonação da data de sua criação; ao final, apresentaremos duas listagens: a primeira com as expressões idiomáticas encontradas na obra de Juó Bananére de acordo com o conceito aqui estabelecido, e a segunda, com a seleção de expressões que foram retroagidas consultando outros *corpora*.

4.1 Definindo "expressão idiomática": reflexões sobre a terminologia

As expressões idiomáticas são normalmente compreendidas como recursos estilísticos da linguagem que, em certo grau, cristalizam uma estrutura fraseológica de caráter metafórico, anônimo e, na maioria dos casos, popular, as quais se tem acesso à forma de pensar de uma determinada cultura. Antes de apresentarmos a coleta de dados e os resultados obtidos, faz-se necessário esclarecer questões terminológicas e definir os limites conceituais do objeto de estudo desta pesquisa, haja vista que termos como "frases feitas", "expressões idiomáticas", "provérbios", "lugares-comuns" concorrem livremente em textos científicos com rara preocupação em estabelecer quais são os critérios que os distinguem, igualam ou aproximam e suas implicações para os estudos etimológicos.

Rodrigues Lapa (1998) denomina este fenômeno linguístico genericamente como grupos fraseológicos, e a depender do grau de dependência dos elementos do grupo, sua nomenclatura é especificada para *unidades fraseológicas*, em casos de coesão absoluta, e *séries fraseológicas*, em que há menor grau de coesão entre os componentes. O autor também alerta para o fato de que tal categorização não oferece espaço para uma classificação rígida, dada a variabilidade do fenômeno, porém, sublinha-se aqui que suas categorias são capazes de capturar características essenciais de configuração semântica e sintática das expressões idiomáticas. Esta decisão teórica alinha-se aos objetivos dos nossos estudos, visto que não selecionamos dados limitados a definições como 'provérbios' ou 'clichês': a esta pesquisa interessa a estrutura frasal que se apresente razoavelmente fixa em seus componentes nucleares e que denote, através de certos aspectos formais e temáticos, elementos pertencentes ao português brasileiro coloquial do período dos textos macarrônicos de Juó Bananére.

As distinções apresentadas por Urbano (2008) são o apoio teórico da pesquisa em casos de uma demarcação conceitual mais acurada. O pesquisador tece sua definição ao enumerar os aspectos formais (rimas, ritmo, paralelismo, estrutura binária etc.) e temáticos (expressões com nomes de animais, partes do corpo, obscenas ou grotescas, comportamentais, filosóficas, bíblicas, etc.) que são recorrentes em sua seleção de textos usada como base para descrever o fenômeno linguístico. Muitos destes aspectos podem ser encontrados nas expressões presentes no *corpus* de Bananére, e foi a partir deles que foi selecionado o conjunto de dados apresentado nesta seção. Para além dos aspectos formais ou temáticos que caracterizam e dão notoriedade às expressões idiomáticas, o recorte de análise desta pesquisa está voltado para aquilo o autor designa de forma mais abrangente como "expressões ou

frases feitas", "entendemo-lo [o item linguístico frasal] como significando construção mais ou menos fixa e cristalizada, grosso modo imutável no seu uso" (URBANO, 2008, p.41).

Assim, será adotado para este projeto de ampliação dos estudos diacrônicos do português o termo "expressão idiomática", designando um recurso linguístico fraseológico caracterizado por uma construção sintática relativamente cristalizada de seus itens linguísticos, pela quase estabilidade formal no seu uso, e pela similaridade em seus aspectos formais e semânticos. Reconhecemos, não obstante, que as expressões idiomáticas oferecem uma gama infinita de possibilidades de diferentes enfoques e que sua tipologia pormenorizada não pode desprezada, caso se mire o estudo dos processos de criação e configuração da fraseologia popular brasileira.

4.2 Origem das expressões: verdade ou mito?

Para Urbano (2008, p.38), assim como para Viaro (2011, p.300), o caminho das expressões é do substrato falado de uma língua para o escrito, sendo que em sua maioria são anônimas e de origem popular. Os autores também afirmam que aquelas expressões que se referem a textos literários, religiosos, filosóficos têm o étimo mais facilmente localizável. Quando se fala em "paciência de Jó" ou "o calcanhar de Aquiles", por exemplo, sabe-se que os textos clássicos foram usados como ponto de partida para a criação, mas ainda permanece o mistério que liga o momento da criação à documentação escrita como testemunho de sua existência.

Urbano (2008, p.38) elabora a hipótese de que as expressões são criadas numa situação concreta quanto a um determinado fato, mas carregam em seu bojo a imprecisão quanto à circunstancia de sua criação – e daí viria sua replicabilidade. Quanto ao momento de origem, Urbano (2008, p.42) afirma que a origem das expressões

> costuma despertar muita curiosidade, mas normalmente fica sem solução científica, principalmente as expressões tidas como as mais populares como *pagar o pato*, *onde Judas perdeu as botas* etc. (...) julgamos, linguisticamente falando, muito mais importante observar seu âmbito de uso e circulação e seu efeito comunicativo e expressivo do que propriamente a sua fonte criadora.

A 'fonte criadora' das expressões idiomáticas, lugar no tempo e espaço desconhecido de onde teriam brotado estas estruturas sintáticas cristalizadas conhecidas até os nossos dias, é

justamente para onde o etimólogo deve direcionar seu olhar e indagações. Se não podemos saber com absoluto grau de certeza quando ou quem criou uma expressão, podemos buscar dados históricos, buscar documentos com liberdade linguística e realizar investigações dos sistemas linguísticos pretéritos para chegarmos a uma hipótese que nos aproximaria de uma resposta mais concreta. Esta é a 'solução científica' para as expressões idiomáticas tidas como populares. Obter informações diacrônicas não é 'menos importante linguisticamente falando', afinal, o sistema – ou o amálgama de sistemas, para ser mais preciso – que constitui uma língua é construído ao longo de muitas sincronias pretéritas; conhecê-las e entendê-las é o primeiro passo para obter uma visão mais global e apurada de um fenômeno linguístico sincrônico.

O caráter obscuro, lúdico e prosaico das expressões idiomáticas, no entanto, propicia os charlatanismos etimológicos que, ao normatizar uma versão de uma expressão ou mesmo ao veicular um fato histórico ou "causo" à sua origem, acabam por transformar os estudos etimológicos em uma apologia ao "achismo", relegando-os ao mito da impossibilidade investigativa deste fenômeno sob um olhar científico. Neogramáticos de plantão divulgam com frequência estas versões normatizadas e criadas – como "quem tem boca vaia Roma" ao invés de "quem tem boca, vai à Roma" – sem embasar sua declaração com pesquisa de documentos antigos que comprovem que houve uma alteração de uma forma anterior da expressão. Apontadas como deformações linguísticas, embasadas em um argumento logicizante e validadas pela certeza da erudição individual, as versões recomendadas por estas autoridades, por vezes versões até mesmo ausentes da tradição na história da língua, são estratégias sem para fugir do caráter mais polêmico das expressões: o anonimato.

É fato inegável que a maioria das expressões tem origem desconhecida e, ainda com toda a pesquisa empreendida para solucionar este mistério, pode ser que permaneça como tal. Mas isto não implica a investigação etimológica é inválida. Mesmo na Etimologia lexical, um pouco mais simples do que fenômenos linguísticos especiais como as expressões, há muitos casos em que a origem é absolutamente desconhecida, mas ainda assim o pesquisador debruça-se sobre o trajeto do étimo e busca hipóteses que podem aproximá-lo de uma solução cientifica com certo grau de certeza. Há muitas ciências que lidam basicamente com teorias e hipóteses sobre fenômenos e, uma vez que adquirem novas informações a respeito do objeto de estudo analisado, reformulam suas hipóteses, jogam fora teorias e recomeçam o trabalho. Este é – e deve sempre ser – o perfil investigativo da Etimologia.

As abonações resultantes do levantamento de dados e as hipóteses formuladas a partir de informações obtidas da sincronia pretérita em que o fenômeno está situado ficam em estado de análise, ou seja, até que surjam mais dados que podem indicar um étimo seguro da expressão, as datas permanecem como informações parciais e, portanto, sujeitas a revisão. Suponha-se que foi coletada uma determinada expressão num dado *corpus* e, ao consultar outras fontes, foi possível retroagir a expressão do século XIX para o século XVII. Quais são as deduções feitas e cientificamente embasadas a partir destas informações? Que a expressão em questão tem sua forma básica, originada não se sabe onde nem quando, mas usual desde o século XVII. A identificação da expressão em textos de dois séculos atrás, além de retroagir o fenômeno linguístico em análise, contribui para a descrição pormenorizada do sistema linguístico da sincronia pretérita em que se está situada, no caso, o século XVII.

Esta solução pode parecer frustrante para o leigo ou o pesquisador interessado numa resposta exata da etimologia de palavras e expressões. E aqui reproduzimos a questão que Viaro (2008) coloca ao público aflito pela resposta: queremos a verdade ou o mito? Se o enigma de um determinado fenômeno, sobretudo as expressões idiomáticas que são casos especiais da Etimologia, não for solucionado, o pesquisador é convidado a buscar argumentos, coletar dados, elaborar hipóteses e apresentar uma solução que tenha um embasamento cientifico e histórico mais próximo da realidade histórica que busca reconstruir com seus métodos.

Contrariamente à concepção popular de Etimologia que imagina o pesquisador em busca do "santo Graal" etimológico da expressão, o pesquisador deve preocupar-se com a descrição e investigação das ocorrências mais antigas do fenômeno em estudo, a coleta e catalogação de dados devidamente datados e analisados de acordo com as informações que se tem sobre a sincronia pretérita e o cotejo dos seus resultados com *corpora* de características históricas, linguísticas e culturais similares ao seu *corpus* escolhido como ponto de partida. A adoção destas diretrizes nesta pesquisa conferiu maior solidez às propostas etimológicas obtidas apresentadas a seguir.

4.3 Listagem completa das expressões idiomáticas no *corpus* de Bananére

Nesta seção serão apresentadas as ocorrências de expressões idiomáticas nos textos de Juó Bananére de acordo com a delimitação conceitual estabelecida na seção anterior. De 1911 a 1917, foram encontradas 433 ocorrências de expressões idiomáticas nos textos, o que evidencia um alto índice de representação da oralidade nos textos macarrônicos. As expressões estão dispostas segundo a ordem alfabética do núcleo lexical de cada expressão de maior estabilidade hierárquica. Por exemplo, para encontrar a expressão "pagar o pato", deve-se procurar a expressão no item "pato", uma vez que se alterarmos o sintagma nominal ("pagar a língua", "pagar mico" etc), as possibilidades de variantes serão mais numerosas.

As informações deste glossário estão dispostas da seguinte forma e sob tais critérios:

1) Será apresentado o núcleo lexical da expressão (ex.: pato), em seguida a forma básica da expressão ("pagar o pato") e, por fim, as ocorrências nos textos macarrônicos seguidas da referencia bibliográfica indicando o nome do periódico, o número da edição e o ano da publicação daquele artigo. As expressões foram destacadas em negrito.
2) Quando há mais de uma expressão com o mesmo núcleo lexical, por exemplo, "sair de barriga" e "ter um rei na barriga", foi considerada a ordem lexical do segundo item mais estável da expressão, neste caso, os sintagmas verbais. Assim, primeiramente aparecerá "sair de barriga" e, em seguida, "ter um rei na barriga".
3) Quando há um elemento indeterminado que pode ser substituto por um item lexical advindo do contexto em que a expressão se insere, foi utilizada como elemento gráfico a letra X, como na expressão "ver se X está na esquina".
4) Quando há duas expressões numa mesma frase, repetiu-se a ocorrência como duas entradas no glossário, como no caso "Quero morrer agorinha mesmo com um raio em cima da cabeça se eu te matar" que recebeu uma entrada em "agora" ("agorinha mesmo") e "cabeça" ("um raio em cima da cabeça se...").
5) As diversas ocorrências no texto macarrônico de uma mesma expressão estão organizadas cronologicamente em cada entrada do glossário.

Ao final do glossário, será apresentada a segunda lista com a triagem de expressões a partir desse glossário para cotejo com outros *corpora* e abonadas e, na seção seguinte, as considerações sobre os dados apresentados nas listagens.

AGORA

AGORINHA MESMO

Io giá vó **agorigna mesimo** dá parte p'ro Lacarato (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

Si vucê non mi dá a palavria io ti prego a mon na gara **agurinha mesimo.** (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Quero **amurrê agurigna** mesimo c'un raio inzima da a gabeza si io ti amatá. (*O Pirralho*, n.199, 1915, *grifo nosso*)

ÁGUA

ÁGUAS PASSADAS NÃO VIRAM MOINHOS

Eh! ma dexa stá! **Aguas passata non vira muigno**. (*O Pirralho*, n.97, 1913, *grifo nosso*)

ANDAR

ANDAR ENCRENCADO

...illo tambê **andá meio ingrencado** c'oa Lemagna i quarquere die tambê dá u strilimo c'oella. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

ANGU

ANGU DE CAROÇO

O individulo Juó di tale fu atropeladimo imbax'o caradure e ficô che nê **angulo di caróssimo.** (*O Pirralho*, n.82, 1912, *grifo nosso*)

ANIMAL

QUE NEM UM ANIMAL

Tê di cavá a vida **o** die intirigno, **atrabagliano chi né un animalo.** (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

ASSASSINO

PIOR QUE UM ASSASSINO

O Ri Barboza é tiligenti, p'ra Hermeze, inveiz chi o Hermeze **é** burro **pióre d'un açaçino**! (*O Pirralho*, n.197, 1915, *grifo nosso*)

S'imagine os mignos inleitore che io stó stupidamente paxonado!... paxonado **piore d'un çasino!! (***O Pirralho*, n.198, 1915, *grifo nosso*)

ASSOMBRAÇÃO

TER MEDO DE ASSOMBRAÇÃO

Non fui medo non signore, che os intaliano non **tê medo di insobraçó. (***O Pirralho*, n.193, 1915, *grifo nosso*)

ASSUNTO

PEGAR (OUTRA VEZ) O ASSUNTO

Ma, **pigando otraveiz o assunto**. Che ne dice o signore do o Bó Retiro? (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

Ma, **pigando traveis o assuntimo**, stavo també aripresentano o Salomó, quello turco chi vendi o sabulete di tostó inda a ladére do Juó Alfredo (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

AVÓ

É A VÓ[126]

- *Che viuvo onesto né nada! Vucê é un indisgraziato!* - Indisgraziato **é a vó**, dott. (*O Pirralho*, n.128, 1914, *grifo nosso*)

BABAR

BABAR DE

I assi fiz illo p'rus sette sabio che ficàro tuttos **babano di** dimiraçò. (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

BACALHAU

PARA QUEM É, BACALHAU BASTA

Ma, come diz o ditado, "**p'ra chi é, bagagliau basto**", di maniére che stá molto bó. (*O Pirralho*, n.86, 1913, *grifo nosso*)

BAIXO

BOTAR PARA BAIXO

Disposa o Garibaldi cos surdado i tutto viero qui indo o palazzo du Guvernimo, **butaro p'ra baxo** o goveratore che ero o dottore Gartola e apruclamaro Ré u Pietro Primiere. (*O Pirralho*, n.59, 1912, *grifo nosso*)

VARRER PARA BAIXO DO PANO

També vucê quireno vim cumigo io ti faccio **vará p'rabaxo do o panno.** (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

BAMBO

[126] Cf. "é a mãe" em "MÃE".

CORDA BAMBA

Disgamba Valuá, disgamba/ Chi a **gorda stá molto bamba**.... (*O Pirralho*, n.235, 1917, *grifo nosso*)

BARALHO

COMIGO É NOVO NO BARALHO VELHO

Vuceis non penze che io só u Filisbino chi vuceis insgugliamba i nu fin inda dá n'elli! **Cumigo é novo du baraglio véglio. (***O Pirralho*, n.122, 1913, *grifo nosso*)

BARRIGA

ENTRAR DE BARRIGA

- Chi é vucê chi vê **intrano di barrigula** inda a gaza mia sê mi dá satisfaçó p'ra mim!? (*O Pirralho*, n.111, 1913, *grifo nosso*)

SAIR DE BARRIGA

Vucê stá pinsano che io só a Santa Gaza, è?! **Và saino di barrigula**, sô gara di bonde inletrico! (*O Pirralho*, n.81, 1913, *grifo nosso*)

-Non quero sabê di storia! **Vá saíno di barrigula**! (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

O sig. Fuzega Hermeze pega nu xapello i **vai saindo dì barrigula**. (*O Pirralho*, n.116, 1913, *grifo nosso*)

Intó o surdado mi fiz a guntinenza p'ra mim i **fui saino di barrigula. (***O Pirralho*, n.132, 1914, *grifo nosso*)

Vá saino di barrigula sô troxa, che isto aqui non é u Rio! (*O Pirralho*, n.134, 1914, *grifo nosso*)

Infiê a mó na carva du gollete i **fui saino di barrigula**. (*O Pirralho*, n.134, 1914, *grifo nosso*)

TER UM REI NA BARRIGA

Aóra, o Piedadò apassa perto da genti i né liga; penza chi **té u ré intro a barrigula! (***O Pirralho*, n.119, 1913, *grifo nosso*)

Apparece até chi illo stá pinsano chi **té u rê na barrigula**, aquilo **figlio da máia!** (*O Pirralho*, n.155, 1914, *grifo nosso*)

... ma istus indisgraziato dus allemó chi aparece chi stó **pensano che tê u ré na barrigula**, andáro apruvocáno i afazéno poco caso da a genti, come si a genti fossi gazaka di ferro du cirgolo di iscavalinho. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

BATATA

IR/MANDAR PLANTAR BATATA

Si tenia u divorzo io giá scriviva p'ro spettore do guarteró i mandavo a Juóquina **prantá as batata assado (***O Pirralho*, n.52, 1912, *grifo nosso*)

Chi non si acunfurmá con istas indisposiçó, **vá prantá batata!** (*O Pirralho*, n.63, 1912)

Do Bargionase, pidino p'ra afundá un bunito giornale di agricurtura – **Vá prantá batata,** sô troxa. (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

Vá prantá batata, vá! sô troxa... (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

Vá prantá batata vucê co Pinhére. Si vucê non mi dá a palavria io ti prego a mon na gara agurinha mesimo. (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Si serve tá bó, si non serve **vó pranta batata.** (*O Pirralho*, n.119, 1913, *grifo nosso*)

Elli - Mi dá un beginho?/ Ella – **Vá prantá batata** sô indisgraziato! (*O Pirralho*, n.120, 1913, *grifo nosso*)

O generale nimighio mandô dizê p'relli **í prantá batata**! (*O Pirralho*, n.160, 1914, *grifo nosso*)

-Vá prantá batata intaliano sinvirgogna! (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

BEDELHO

METER O BEDELHO

Padri Valuá/ Io vô ti dá un bon gonceglio/ - Non **metta** maise **u bideglio (***O Pirralho*, n.235, 1917, *grifo nosso*)

BEM

NÃO SABER MUITO BEM COMO FOI

Yo non sé molto bê come fui, ma o Brasiliano Garnéro o ficiale maise chique che io cunheço mi racuntáro a storia interigna. (*O Pirralho*, n.68, 1912, *grifo nosso*)

QUERER BEM

O sole brigô c'oa luna,/ I quibrô a gara della;/ Si vucê non mi **qué bê**,/ Io també ti quebro a gara. (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

io ti **quéro bé** p'ra burro, ma non posso dixá di i. (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

BEM FEITO

Béffeito p'ra elli non prendë a genti (*O Pirralho*, n.42, 1912, *grifo nosso*)

Beffeito! ché p'ra elli non andá chamano os otro di ladró di galligna (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

Intó o lió avuó atraiz delli i arubó illo també. **Beffeito. (***O Pirralho*, n.81, 1913, *grifo nosso*)

Os monte-negrigno tumaro Scutari. Aóra a Oropa vá tumá tambê d'ellis. *N. da R.* – **Beffeito.** (*O Pirralho*, n.89, 1913, *grifo nosso*)

BESTA

FAZER-SE DE BESTA

-Eh! o zignore stá mi quireno **afazê di besta**, frigueiz! (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

- Non si **faccia di besta**, Piedadó! (*O Pirralho*, n.134, 1914, *grifo nosso*)

... u Brasile qubrô a nautralidadi inzima da Lemagna, pur causa chi a Lemagna andáva **si fazéno di besta** co Brasile... (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

BEZERRO

CHORAR COMO BEZERRO DESMAMADO

Intó illo venía **xurano chi né o bizerro dismamato. (***O Pirralho*, n.81, 1913, *grifo nosso*)

BISPO

QUEIXAR-SE AO BISPO

Consequenzia: - Vignò o Lacarato i butó o Xico preso p'ra gadêa e io també, pur causa che o Lacarato tê a tipatia comigo. Aóra io vó si **guexá p'ru bispu.** (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

Chi gagná gagnô, chi non gagná vá **si quexá p'ru bispo**. (*O Pirralho*, n.197, 1915, *grifo nosso*)

Artigolo VI - Chi non gustá das bringadêra du Sempr'Avanti! vá **si quixá p'ru Bispo.** (*O Queixoso*, n.1, 1915, *grifo nosso*)

BOATO

CORRER O BOATO

Corre o boatimo che o dr. Gagiadigno sta quireno cavá a difeza da Biniditta (*O Pirralho*, n.89, 1913, *grifo nosso*)

BOCA

ABRIR A BOCA

Aóra **non podi maise né abri a bocca** chi giá vê u surdado i prendi a genti sê dá insatisfaçó. (*O Pirralho*, n.136, 1914, *grifo nosso*)

CALA BOCA

Gallabocca! aparlô o prisidento. (*O Pirralho*, n.94, 1913, *grifo nosso*)

BOI

AMOLAR O BOI

Eh! **và amolá o bôio**, vá! Vucê penza che io só tuo griado**,** é? (*O Pirralho*, n.101, 1913, *grifo nosso*)

Intó io gritê: - **Vá amollá o bôio**, io stó durmino. (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

Do sig. Gioachinigno Gorreio, pidino subinvençó p'ra impubricá un celebro livrio di verso che illo fiz – **Vá amolá o bóio.** (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

Tambê as veiz, quano un suggetto principia di amolá a genti, a genti dize p'ra illo: - "**Vá amolá o boio**, vá sô indisgraziato!" (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

SER PÉ DE BOI

O Hermeze inveiz no! **Eró pé di bôio** piore d'un indisgraziato. (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

O Pinhére Maxado disse che o Hermeze si gazá contra a vuntade da Naçó stá mustrano che illo é un **pé di bôio**. (*O Pirralho*, n.116, 1913, *grifo nosso*).

N. da Redaçó - Chi **pé di bôio** u che! Illo é un bôio di dois pé! (*O Pirralho*, n.116, 1913, *grifo nosso*)

BOTINA

SER PAR DE BOTINA

O Carluccio é un **bó paio di buttigna**, como digono aóra os smarto.[127] (*O Pirralho*, n.50, 1912, *grifo nosso*)

BRINCADEIRA

(DE) BRINCADEIRA

P'ra genti non gai imbax'o os bonde né imbax'o intomobile do Guglielmo Prata tê di si vassigná da bixiga i non butá os pé na rua **nè di bringadera. (***O Pirralho*, n.77, 1913, *grifo nosso*)

Qui in Zan Baolo inveiz a genti non podi afazê o livrabitro **né di bringadêra**, chi giá vê o Lacarato acabulá a genti! (*O Pirralho*, n.132, 1914, *grifo nosso*)

O Ri Barbosa chi **non é bringadêra,/** i che non pega na xalêra (*O Pirralho*, n.165, 1914, *grifo nosso*)

Intó illo quiz dizobidecê as ordia divina, i Deuse, che **non é bringadêra**, ficô con reiva i amasô elli. (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

PASSAR SEM BRINCADEIRA

Na vita a genti non podi **passá sé bringadéra** pur causa che si tê una brighia vê o Lacarato i leva tuttos p'ra gadeia. (*O Pirralho*, n.166, 1914, *grifo nosso*)

BURRO

PRA BURRO

o Oxininton Luigi che non è troxa **pr'a burro** (*O Pirralho*, n.21, 1911, *grifo nosso*)

di repente parece un'altra pirsona preta **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.41, 1912, *grifo nosso*)

"Un guagliô bunitigno **p'ra burro." (***O Pirralho*, n.46, 1912, *grifo nosso*)

"ella é monarchiste **p'ra burro."(***O Pirralho*, n.46, 1912, *grifo nosso*)

[127] O próprio autor atesta que se trata de uma gíria da época usada pelas pessoas mais educadas, "os smarto".

é també una madama smarte **p'ra burro**! (*O Pirralho*, n.58, 1912, *grifo nosso*)

P'ro conde de Prata, chi tê aramo **p'ra burro.** (*O Pirralho*, n.77, 1913, *grifo nosso*)

Io també xurê **p'ra burro. (***O Pirralho*, n. 80, 1913, *grifo nosso*)

Stá scuro **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.81, 1913, *grifo nosso*)

A Juóquina saí feia **p'ra burro**, quando inveiz ella é xique di fazê xurá a genti. (*O Pirralho*, n.84, 1913, *grifo nosso*)

O Juligno inveiz nó! vignó molto maise butinigno i smarto **p'ra burro!!! (***O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

Intó io che non sô troxa **p'ra burro**, fiquê c'oa purga atraiz da oreglia**.** (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

io ti quéro bé **p'ra burro**, ma non posso dixá di i. (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

Fui pur causa chi lá tê banana **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

Illo, desdi pichinigno che fui aguia **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.122, 1913, *grifo nosso*)

O l'Universimo tê gada cósa ingraçadima **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

Chi tirá u biglietto inzima u "Rigalegio" i tirá us aramo inzima a luttiria stá bê **p'ra burro. (***O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

Na migna pinió un uómo p'ra sê perfetto pricisa tê cincos qualidade: 1.) Non sê molhere; 2.) sê xique e inleganti; 3.) tê talentimo; 4.) sabê **p'ra burro;** 5.) afazê a barba nu migno saló (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

Nu çeu tê mortas istrella,/ Nu mar tê pexi **p'ra burro! (***O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

QUEM MEXE COM BURRO, TEM PERIGO DE LEVAR COICE

Ma, cunformo dize a regola, "**chi mexi cum burro, tê pirighio di levá un brutto goiçe**" (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

CABEÇA

LEVAR NA CABEÇA

Artigolo I - Tutta genti che non fô intelligenti **leva na gabeza. (***O Queixoso*, n.1, 1915, *grifo nosso*)

MORRER COM UM RAIO NA CABEÇA

Quero amurrê agurigna mesimo c'un raio inzima da a gabeza si io ti amatá. (*O Pirralho*, n.199, 1915, *grifo nosso*)

NEM SE CORTAR A CABEÇA

Eh! non jogo né si mi **gorta a gabeza**! (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

SEM PÉ NEM CABEÇA

O Frederico non passa di un typo indiale, uma criaçó literarima, **sê pé né gabeza. (***O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

CABOCLO

CABOCLO ESCOVADO

Vuceis non penze che io só u Filisbino chi vuceis insgugliamba i nu fin inda dá n'elli! Cumigo é novo du baraglio véglio. Veja là che io **só gaboculo iscovado!... (***O Pirralho*, n.122, 1913, *grifo nosso*)

CABRA

BÊBADO QUE NEM UMA CABRA

O Guaribardi ficô **bebudo chi né una gabra. (***O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

CACHORRO

APANHAR COMO CACHORRO

Vá molto bê sí zignore. Os turco stò **apagnano chi né gaxorro** sê dono. **(***O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

Tuttos dia é a mesima robba: tuttos giurnale digono che a Lemagna **stá panhano chi né gaxôro**, i a "Gapitale" digono chi a Lemagna stá ganháno. (*O Pirralho*, n.180, 1915, *grifo nosso*)

CACHORRO DE RAÇA CORRE CAÇA

N. **da Redaçò** – Bê dize a regola: - "**Gaxorigno di razza gorre caça" (***O Pirralho*, n.126, 1914, *grifo nosso*)

NO TEMPO EM QUE SE AMARRAVA CACHORRO COM LINGUIÇA

É aquillo Cicero chi fui disputado inzima di Roma **nu tempo che si marrava gaxorro con linguiza**, che io parlo! (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

Quano us sgravo afazia arguma sbornia illos mandava prigá u xicotti, i argunos fazendiére maise ricco, inveiz di dá nellis co xicotti, dava con bagagliau! Ma istu fui **naquillos tempo che si amarrava gaxoro con linguiza. (***O Pirralho*, n.238, 1917, *grifo nosso*)

SOLTAR OS CACHORROS

ma o minho avô **surtô os caxorro brabo** atraiz delli. Aora o Hermeze da Funzega disgambô ugualli como si tenia a vacca braba. **(***O Pirralho*, n.60, 1912, *grifo nosso*)

CAGUIRA

BOTAR/PEGAR CAGUIRA EM

Non si alembre di mim che vucê **mi botta a caguira**, uviste!? (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

Vucê é mesimo un indisgraziato chi vê **pigá caguira** na genti, orabolla! (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

O getattore é un úomo chi **péga caguira** na genti só di ogliá. (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Io non vô afazê o cumpadro giunto co Hermeze né si mi gorta o piscoço p'ra fora inda a gabeza! Io nò! che illo mi **pèga a caguira** inzima a vamiglia. (*O Pirralho*, n.125, 1914, *grifo nosso*)

CALADO

FICAR CALADO PARA NÃO FAZER ASNEIRA/BESTEIRA

Aqui nu Brasile é tutto o cuntrario. Ma vurtáno a vacca fria**,** coié a legge du imposto du Cartolla & Fontigno, a nostra pinió é chi os dois nutabile inconomiste perdêro una buona casió di **ficá calado p'ra non fazê asniéra. (***O Queixoso,* n.4, 1916, *grifo nosso*)

CALIBRE

VER DE QUE CALIBRE X É

... antionti cabô a liança i aóra illos **vô vê di che calibro** é u bersaglieri! (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

CANIVETE

CHOVER CANIVETE

Fui, perché contro a vuluntá di tutta a genti stava a vuluntá di Deuse, chi quano dize una cósa é alli no duro! Tê di sê **né chi xova ganivete! (***O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

CARA

DE MEIA CARA

Eh! vucê **intra lá dé mezzgara!** sinó vucê non tenia aramo p'ra i. (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

é fijó, arroiz i garne!! si tivé! si non tivé vai cavá un armoço **di meia gara** nu Zan Bento. (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

QUEBRAR A CARA

Questo suo griato só te paura de duas cosa: di quello maggiore chi **quebra a gara** a gente. (*O Pirralho*, n.12, 1911, *grifo nosso*)

aóra ti **chebro a gara** p'ro Piralhu. (*O Pirralho*, n.42, 1912, *grifo nosso*)

un homino che stava andano inzima u gara-dura si dixô **quibrá a gara** do lardo isquerdimo. (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

Ti giuro per Morffeú/ Che io perdo a cabeça/ I ti **quebro a gara**. (*O Pirralho*, n.82, 1913, *grifo nosso*)

O sole brigô c'oa luna,/ I **quibrô a gara** della;/ Si vucê non mi qué bê,/ Io també **ti quebro a gara.** (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

CARETA

TER MEDO DE CARETA

Ma o Oxinton chi non **tê medo di garetta**/ Quano vi a cosa pretta/ Mandô cumprá uns gagnó**.** (*O Pirralho*, n.165, 1914, *grifo nosso*)

A Lemagna fica dista forma sabéno chi u Brasile non **tê medo di garete**. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

Cunformo bê dissi V. S., u Brasile non **tê medo di gareta** i u Abax'o Piques tambê non tê. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

CÃO

CÃO SEM DONO

Vá molto bê sí zignore. Os turco stò apagnano chi **né gaxorro sê dono. (***O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

O Dudú pobri goitado/ **Apparicia un con sê dono.** (*O Pirralho*, n.165, 1914, *grifo nosso*)

CEDO

DE MANHÃ CEDINHO

Disposa a genti vê p'ra spettoria da migraçó, dove a genti apanha una sóva tuttos di **di manhã cidinho.** (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

CINEMA

ENTRE AS DUAS PONTAS DO CINEMA

Io, giure p'ra arma du migno avó, non guiria, ma dianti distus argomenti, che tenia da afaze? Io tenia di **scogliê intro as duas ponta du cinema**: dignêro ô gadeia! (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

CHALEIRA

PEGAR NO BICO (DA CHALEIRA)

a Gurmeligna mi dexô **pigá no biquinho da xalere** e intó io dixé. (*O Pirralho*, n.50, 1912, *grifo nosso*)

Tuttos muno ficiali stavo lá: os ficiali di barbiére, os ficiale da a guarda anazionala, i tambê tuttos pulittico impurtanti pur causa di mi **pigá nu biquinho da xalére.** (*O Pirralho*, n.121, 1913, *grifo nosso*)

Ma illo stá ingannado! podi **mi pigá nu bico** che io dô mesimo o migno apóio p'ra elli. (*O Pirralho*, n.121, 1913, *grifo nosso*)

O Ri Barbosa chi non é bringadêra,/ i che non **pega na xalêra.** (*O Pirralho*, n.165, 1914, *grifo nosso*)

CHORAR

CHORAR DE X

Mi faiz **churá di rabbia** isto fatto. (*O Pirralho*, n.13, 1911, *grifo nosso*)

O Capitó quasi **xuró di ravvia.** (*O Pirralho*, n.32, 1912, *grifo nosso*)

Illo **xuró di cuntento.** (*O Pirralho*, n.47, 1912, *grifo nosso*)

DE FAZER CHORAR A GENTE

Ih! Che billeza! Tenia genti piore do gafagnote. Cada mucigna bunita **da fazê xurá a genti.** (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

o Bô Retiro tê cadas menina xique **gapaze da fazê xurá a genti.** (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

tê cada voize xique da **fazê xurá a genti.** (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

A Juóquina saí feia p'ra burro, quando inveiz ella é xique **di fazê xurá a genti.** (*O Pirralho*, n.84, 1913, *grifo nosso*)

CHUVA

TIRAR O CAVALO DA CHUVA

N. da R. – **Tiri o cavallo da xuva** sô troxa. (*O Pirralho*, n.96, 1913, *grifo nosso*)

COISA

ANTES QUE O COISA-RUIM ESFREGASSE O OLHO[128]

se io iva lá ti amustravo come io ficavo ingeniere **primeire chi Cusarunhes sfrigava o zóglio!** (*O Pirralho*, n.68, 1912, *grifo nosso*)

COISA PRETA

[128] Cf. "antes que o diabo esfregasse o olho" em "diabo".

Ma o Oxinton chi non tê medo di garetta/ Quano **vi a cosa pretta**/ Mandô cumprá uns gagnó (*O Pirralho*, n.165, 1914, *grifo nosso*)

Disgamba, padri-Gapeta/ chi **as cosa stá mesmo pretta**! (*O Pirralho*, n.235, 1917, *grifo nosso*)

DEUS FEZ E O COISA-RUIM SE JUNTOU

Bê dize o ditado "**Deuse fiz i o Cusarunhes si juntò**" (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

TER PARTE COM O COISA-RUIM

Io axo che illo **tê parti cu Cuzarunhes.** (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

CONTA

DAR CONTA DE X

Io susigno **dê conta d'un** bruto pratto di ratto insopato. (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

SER DA CONTA DE X

Non é di tua gonta, gargamano guvardimo? (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

CORAÇÃO

DO FUNDO DO CORAÇÃO

O Carrera qué bê a Intalia mesimo di virdá, **do o fondo do goraçó.** (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

CORDEIRO

COMO UM CORDEIRINHO

In meno di treis die a minina **vé chi né un gorderigno** p'ra genti. (*O Pirralho*, n.184, 1915, *grifo nosso*)

CORPO

TIRAR O CORPO

Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a *Francia* deu o brutto strilimo i pigáro una brighia indisgraziata, ma a Intalia che non é troxa né nada**, tirô o corpo** i dexó a Lemagna c'oa Astria sosigna nu imbroglio. (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

CRIADO

PENSAR QUE EU SOU SEU CRIADO?

Eh! và amolá o bôio, vá! Vucê **penza che io só tuo griado,** é? (*O Pirralho*, n.101, 1913, *grifo nosso*)

CRIANÇA

NÃO MATAR A CRIANÇA ANTES DE NASCER

Tá bó, **non vamos amatá a grianzinha antes di nascê**, vá! (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

CULATRA

O TIRO SAIR PELA CULATRA

Uh! ma che speranza! **o tiro mi sai p'ra sculatrica**... (*O Pirralho*, n.119, 1913, *grifo nosso*)

DANADO

DANADO DE X

O Vitry ficô **dannado di** raiva. (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

Intó o Garibaldi **ficáro dannado da** a vida (*O Pirralho*, n.59, 1912, *grifo nosso*)

DAR

DAR EM X

Che o pissoalo stá molto chietamente/ E illo già quére **dá na** genti. (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

DEDO

PITAR NO DEDO

Aóra io dò p'ra illo os quinhentó i vó **pitá nu dedo.** (*O Pirralho*, n.77, 1913, *grifo nosso*)

DEIXAR

DEIXAR ESTAR

Eh! ma **dexa stá**! Aguas passata non vira muigno. (*O Pirralho*, n.97, 1913, *grifo nosso*)

DIABO

ANTES QUE O DIABO ESFREGASSE O OLHO[129]

Primiére chi o diabo sfrigava un ôglio a Intalia giá tenia intrado in Parigi. (*O Pirralho*, n.155, 1914, *grifo nosso*)

O tempo passa como un éreoplano./ O Diabo **sfréga un ôglio**, passa un anno./ **Sfréga ôtro**, i ôtro giá apassó/ Veloiz come una balla di gagnó. (*O Queixoso*, n.6, 1916, *grifo nosso*)

DIABO QUE TE/LHE CARREGUE

Çacino é o **diabo chi ti acarregui**, sô gara di lifanto. (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

[129] Cf. "antes que o coisa-ruim esfregasse o olho" em "coisa-ruim".

Vá vucê tambà p'ru **diabolo che ti acarregue!** (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

Vá afazé baruglio nu **diabolo che ti acarregue** sô indisgraziato! (*O Pirralho*, n.110, 1913, *grifo nosso*)

Insproratore é o **diabolo che ti acarreghi,** sô indisgraziato! (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

Eh! **va p'ru diabolo che ti acarreghi,** vá! (*O Pirralho*, n.142, 1914, *grifo nosso*)

DINHEIRO

X PENSAR QUE X TEM FÁBRICA DE DINHEIRO

Ma che pensa o Gartolla? **Pensa che io tegno una fabbrica di dignêro**? Dista veze illo mi apaga! (*O Queixoso*, n.5, 1916, *grifo nosso*)

DISPOSIÇÃO

ESTAR/ SER SEMPRE À DISPOSIÇÃO

ma io **sonno sempre alla sposizione** do o caro Bananere?! (*O Pirralho*, n.11, 1911, *grifo nosso*)

DUELO

BATER UM DUELO

Manhá io vó **baté uno duello** co Bierrembacco. (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

DURO

(ALI) NO DURO

Fui, perché contro a vuluntá di tutta a genti stava a vuluntá di Deuse, chi quano dize una cósa **é alli no duro**! (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

ENXERGAR

ENXERGAR-SE

Intò vucê **non si inxerga**, sô troxa! (*O Pirralho*, n.87, 1913, *grifo nosso*)

ESPARRELA

CAIR NA ESPARRELA

Quano o Giacó adiscobri o ingano, / E che **tigna gaido na sparrella** (*O Pirralho*, n.201, 1915, *grifo nosso*)

ESQUINA

VER SE X ESTAR NA ESQUINA

-Ebbê! aóra io vó, ma primiére vuceis **vó vê se io stó alli inda a squina!** (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

ESTRILO

DAR O ESTRILO

O giurnaliste Garmetto fui apidí quinhento imprestado p'ru Guagliô, ministrimo generale da Francia. Intró o Guagliô **dê o strilimo** c'oelli, i dissi chi non éra páio di panzudo. (*O Pirralho*, n.137, 1914, *grifo nosso*)

Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a Francia **deu o brutto strilimo** i pigáro una brighia indisgraziata (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

...illo tambê andá meio ingrencado c'oa Lemagna i quarquere die tambê **dá u strilimo** c'oella. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

FALAR

NÃO É PARA FALAR, MAS...

Non é p'ra falá, pur causa che o só intaliano, ma o Vitry é migliore di bó che o Caruso, si signore! (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

COMO X IA FALANDO

Intó, **come ivo parlando**, io trepé lá indo phitteatro. (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

FANIQUITO

ATAQUE DE FANIQUITO

As nutiça cuntava che d'inzima a fabbrica di gartuxo du Rigalegio fui arubado o ritratto du Hermeze. Io gaí mediatamenti p'ra traiz com treiz **attaco di faniquito.** (*O Pirralho*, n.127, 1914, *grifo nosso*)

FEIJÃO

X É O MESMO QUE COMER UM PRATO DE FEIJÃO

P'rus intaliano fui **a mesima cósa di mangiá un pratto di fijó.** In menos di una óra non tenia maise né un astriaco, p'ra rimedio. (*O Pirralho*, n.193, 1915, *grifo nosso*)

FEITO

ESTÁ FEITO

- Vamos insgugliambá c'oelli?/ - **Tá feito!!** (*O Pirralho*, n.111, 1913, *grifo nosso*)

FERRO

SER DE FERRO

A genti, chi non **é di ferro**, vê u guvernimo afazê una cósa chi non stá diretto... (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

SER TESTA DE FERRO

Chi vae mandá traveiz é o Kaká. O Quixoso vai **sê testa di ferro**, vai sê otro Hermeze i nois vamos buli c'oelli tambê. (*A Vespa*, n.2, 1916, *grifo nosso*)

FICAR [130]

FICAR COM X DE Y

Intó a Juanna **ficó c'uas penna** d'elli. (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

pigáro di **ficá c'una brutta inveja** do Don Pietro (*O Pirralho*, n.67, 1912, *grifo nosso*)

Té io **fiqué c'un dó** delli. (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

FIGA

DE UMA FIGA

-Ó seu carcamano **de uma figa**!... (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

FILHO

FILHO DA MÃE

Té **quello figlio da maia** do Ferrinho, che é o migno figlio maise piqueno, stá quireno també. (*O Pirralho*, n.82, 1913, *grifo nosso*)

[130] Cf. "ficar de mal" em "mal".

ma vuceis mi apaga **sô figlio da máia**!... (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

Porca miseria! como parla bé **quello figlio da máia.** *(O Pirralho*, n.94, 1913, *grifo nosso*)

Vucê é un **figlio da máia**, sò Juó! (*O Pirralho*, n.96, 1913, *grifo nosso*)

É un verdadêro tigro c'oa gara di genti istu **figlio da a máia.** (*O Pirralho*, n.101, 1913, *grifo nosso*)

Vucê inda non murrêu, é, **sô figlio da máia!** (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

- Só figlio da máia, vucê insgugliambó co migno marito? (*O Pirralho*, n.137, 1914, *grifo nosso*)

Uh! che gamarada tilligenti **aquillo figlio da máia!** (*O Pirralho*, n.141, 1914, *grifo nosso*)

Apparece até chi illo stá pinsano chi té u rê na barrigula, aquilo **figlio da máia!** (*O Pirralho*, n.155, 1914, *grifo nosso*)

Ah! **che figlio da máia** di talentimo!!... (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

FILHO SEM ENTRANHAS

O sig. *Funzega Hermeze:* Ó! **figlio sê intranhases!** Traidoro che stá sgugliambando c'ao riputaçó do páio! (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

TAL PAI, TAL FILHO

non conosce la regola: **'tale o padre tale u figlio'**? (*O Pirralho*, n.11, 1911, *grifo nosso*)

També "**tale padre tale figlio"**diz o pruffetta Spensero. (*O Pirralho*, n.68, 1912, *grifo nosso*)

FITA

FAZER FITA

Istas piquena só piore do Capitó p'ra **fazê as fita**. (*O Pirralho*, n.58, 1912, *grifo nosso*)

Intó, pur causa che a Juóquina non discumfiava, io **fiz una brutta fita.** (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

Inda a Viuva Allegra tê o Conte Danilo chi **faiz uma brutta fitta**. (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

Ma a Bixara tambê era aguia i pigô da **fazê a fitta** che stava anamurando o Yazbek. (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

O Maro Hermeze é o figlio maise veglio do Hermeze da Funzega, que stá **fazeno as fitta** du cinema inzima u Cungresso Anazionale. (*O Pirralho*, n.96, 1913, *grifo nosso*)

Larga di **fazê fita**. Vá! (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

Non vegna **afazê fitta** comigo che io ti prego a mò**.** (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Inguanto nu ganto da sala/ Tu **fica afazéno "fita". (***A Vespa*, n.1, 1916, *grifo nosso*)

Marietta non segia troxa/ Non **faccia fita** p'ra gente. **(***A Vespa*, n.1, 1916, *grifo nosso*)

O Cunseglîero fui o prisidentimo maise ingraçadimo che tive até oggi. **Fazia una brutta fita** chi aguvernava, ma na virdade, chi mandava éra o Káka. **(***A Vespa*, n.2, 1916, *grifo nosso*)

FORA

BOTA FORA

Io fiqué dannado i dissi: **- Buta fóra**! io non quero tê denti di gaxorro na boca, porca miseria!! (*O Pirralho*, n.88, 1913, *grifo nosso*)

DAR O FORA

Ah u che! **dá u fora** na Juóquina! (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

Se illa mi **dà o fòra**,/ Io non s'importo, pronto! (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

Che o tale Jametello/ **Deu o fóra** na piquena. (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

I o dottor Bueno Brandó/ Chi tê curaggio di lió/ Fui **danno** tambê **o fóra**. (*O Pirralho*, n.90, 1913, *grifo nosso*)

Nuova fitiçaria du Sapo/ P'ra acastigá a namurada chi **deu/ o fóra** na genti. (*O Pirralho*, n.184, 1915, *grifo nosso*)

a Intalia che non é troxa né nada, tirô o corpo i dexó a Lemagna c'oa Astria sosigna nu imbroglio. Ma illas, assí che viro che a intalia **deu u fóra**, pigáro di mandá biglietinho... (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

Disposa di tê stado durante tutto istu tempo o cumpagnêro inseparaver "Dus splendore i miseria du Piralhu" s'incontrê de repetimo na brigaçó di **dá u fóra** n'elli, pur causa che disposa di tê... (*O Queixoso*, n.1, 1915, *grifo nosso*)

FORÇA

COM TODAS AS FORÇAS

piguei dentro a campaigna e si dexei puxá cum **tuda as forza**. (*O Pirralho*, n.11, 1911, *grifo nosso*)

O Sirvio di Armeda inveiz nó! Vulevo **por tuttas forza** dizê uno discorso! (*O Pirralho*, n.53, 1912, *grifo nosso*)

COMO VAI ESTA FORÇA?

Eh! Vurtulino! **come vá ista forza?** (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

-Eh! la! so Juó! **come va istá forza.** (*O Pirralho*, n.96, 1913)

FORÇA DO DESTINO

Ninguê podi c'oa ***forza du destino***! né deize giunta di boio, o Muque, o Reicevixi, o Puccetti ecc. ecc. (*O Pirralho*, n.197, 1915, *grifo nosso*)

FRUTA

DAR FRUTA PARA X

As bananêra di lado só p'ra aripresentá u migno nomino i tambê p'ra **dá frutta** pr'us troxa. (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

GAFANHOTO

PIOR QUE (NUVEM) DE GAFANHOTO

Ih! Che billeza! Tenia genti **piore do gafagnote.** Cada mucigna bunita da fazê xurá a genti. (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

Porca miseria! É morto **piore da nuvia dos gaffagnotte.** (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

Tenia genti **piore da nuvola di gafagnote.** (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

... pur causa che quano illo xigô qui indo o Brasile, già tenia intaliano **piore dos gafagnote.** (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

Nu meie du matto/ Che tenia surdado **piore da nuvola di gafagnote** (*O Pirralho*, n.117, 1913, *grifo nosso*)

A staçó stava xiigna **piore da nuvola di gafagnote**. (*O Pirralho*, n.121, 1913, *grifo nosso*)

Nu lugaro inveiz andove tê intaliano **piore du gafagnotte**, come qui in Zan Baolo (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

Tê segretta in tuttas parti, **piore da nuvola do gafagnotte.** (*O Pirralho*, n.136, 1914, *grifo nosso*)

Tenia maise di un millió di tirbury che iva desdi a igregia té p'ra lá du Billezinho. Gente sapiáno ne si cunversa! **éra piore da nuvola dus gafagnotte.** (*O Pirralho*, n.200, 1915, *grifo nosso*)

GAITA

PENSAR QUE MARIMBA É GAITA

-Che çacino né nada! vucê stá pinsano che **maribau é gaita**? (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

TOCAR A GAITA

Aóra io aparlê p'ru xofers!: - Eh! funzionario! **toca ista gaita** p'rus Campo. (*O Pirralho*, n.133, 1914, *grifo nosso*)

GALINHA

GALINHA AGOURAR NO OVO

Ma o Hermeze indisgraziado/ Deu parte p'ru diligado/ I a **galinha agorô nu ovo.** (*O Pirralho*, n.88, 1913, *grifo nosso*)

GATO

DAR COM O GATO MORTO

vignó també o Luigi Vampa pur causa da fazê a sbornia co migno avò, ma io **dê co o gatto morto** inzima d'elli i ganhé a battaglia. (*O Pirralho*, n.60, 1912, *grifo nosso*)

HONRA

DAR A PALAVRA DE HONRA

Ebbé! **Dó a migna parola di onóre** come io só o altruiste. (*O Pirralho*, n.77, 1913, *grifo nosso*)

IMBRÓGLIO

(IR) NO IMBRÓGLIO

só cidadó do Abax'o Pigues e no**n vado nu imbroglio** che stá volendo fazê quello Capitó senza bigodo sopra da a gara. (*O Pirralho*, n.21, 1911, *grifo nosso*)

Tuttas veiz vuceis fais freje, i nu fim, chi apagna sò io! **Non vò maise nu imbroglio**, pronto! (*O Pirralho*, n.116, 1913, *grifo nosso*)

Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a Francia deu o brutto strilimo i pigáro una brighia indisgraziata, ma a Intalia che non é troxa né nada, tirô o corpo i dexó a Lemagna c'oa Astria sosigna **nu imbroglio**. (*O Pirralho*, n.188, 1914, *grifo nosso*)

- **Non vó nu imbroglio** dissi o Lacarato (*O Pirralho*, n.200, 1915, *grifo nosso*)

JOGO

SABER O JOGO

S'imagine o signore che io intrê, mandê s'imbora or surdado che mi tenia cumpagnado i stava molto çussegadamente **sapiano o gigo come éra**, quando di repentimo inxerguê nu chó un brutto lió. (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

LÁ

LÁ É O SEU LUGAR

Vá p'ru Infernimo che **lá é chi é o tuo lugaro** (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

OLHAR PRA LÁ, PRA CÁ

U Garonello **ulhó p'ra cá, ulhó p'ra lá**... (*O Pirralho*, n.31, 1912, *grifo nosso*)

LADO

SAIR DE LADO

Dô uma olhada p'ra ella,/ I vo **saino de lado.** (*O Pirralho*, n.102, 1913, *grifo nosso*)

LEÃO

CAIR NA BOCA DO LEÃO

I desdi intó o goitadigno du Brasile/ Apparéci um covile/ Di gatuno di gavallo/ Goitadigna da Naçó/ **Gaiu na boca du lió** (*O Pirralho*, n.166, 1914, *grifo nosso*)

LEITÃO

COMO UM LEITÃO ASSADO

Povero Garonello! xuró **piore du leitó assado.** (*O Pirralho*, n.37, 1911, *grifo nosso*)

Dominigo di manhá io stav**o** durmino chi **né un leitózigno assado**, quano iscuitê abatê ingoppa da a porta. (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

LUZ

DAR À LUZ

qualquere meze in poi ella **faz a luz** un'altra egula. (*O Pirralho*, n.11, 1911, *grifo nosso*)

MACACO

MACACO ME LAMBA SE...

se illo accetá io non bulo maise c'oelli, ma si illo non accetá, **macaco mi lamba** se io non insgugliambá c'oelli... (*A Vespa*, n.2, 1916, *grifo nosso*)

MAL

ANDAR DE MAL

O governo ostriaco, chi é o dono delli, i chi **andava di mar** c'oa russa (*O Pirralho*, n.180, 1915, *grifo nosso*)

FAZER MAL

u guvernimo do Don Pietro Barbudo che non **faceva male p'ra** ninguê. (*O Pirralho*, n.67, 1912, *grifo nosso*)

Ma **non faiz male**, pur causa che illo é mesimo preto uguali co'a Africa. (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

FICAR DE MAL

...a Lemagna anda afundáno us navilio da genti che nunga bulimos c'oella, a genti arisorveu **ficá di mar** c'oella i aprutegê us stá Unidimo, nimighio d'ella. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

MALUCO

MALUCO POR

Aóra illo **éro maluco pur** causa dos surdado, i vivia sapiano as porta dos quartello. (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

MAMAR

DAR DE MAMAR

Si abbisogna una ama di lette p'ra **dá di mammá** p'ru gaxorigno. (*O Pirralho*, n.82, 1913, *grifo nosso*)

MARIMBONDO

MEXER COM X É A MESMA COISA QUE MEXER COM UMA CASA DE MARIMBONDO

Non cotuca! é a migna indivisa, pur causa che io sô molto camarada, ma buliu cumigo é mesimoa cósa che **mexê con una caza di marinbondi!!** (*O Pirralho*, n.233, 1917, *grifo nosso*)

MÃE[131]

É A MÃE

Che!! Stupido **é a máia!...** (*O Pirralho*, n.84 1913, *grifo nosso*)

[131] Cf. "filho da mãe" em "filho".

Dentese canino **é a máia**! (*O Pirralho*, n.88 1913, *grifo nosso*)

Çassino **é a máia**! sô gara de jacaré! (*O Pirralho*, n.94 1913, *grifo nosso*)

MÃO

ENFIAR A MÃO NO BOLSO

O Funzega Hermeze, per arcugnia antica o tabellió/ Ermó du Marescialo i grandissíssimo ladró/ Tive un di un pensamente novo/ **Infiô as mó nu borso** du Zé Povo (*O Pirralho*, n.127 1914, *grifo nosso*)

PASSAR A MÃO

O Maresicallo c'ao Nairia i co Pignêro/ Azuláro cos dignêro Gá du Banco da Naçó/ I un restigno che scapô distu pissoalo/ O ermó du Maresciallo/ **Passô a mó,** abafô! (*O Pirralho*, n.166, 1914, *grifo nosso*)

PREGAR A MÃO EM X

non bringa maise cummigo sinó io **prego as món** n'elli. (*O Pirralho*, n.42, 1912, *grifo nosso*)

Oia che io giá ti **prego as mon,** uvi intaliana s'invergogna! (*O Pirralho*, n.50, 1912, *grifo nosso*)

Non briga vá!! che io **ti prego a mó**. (*O Pirralho*, n.84, 1913, *grifo nosso*)

Vamoses **pregá a mó** nelli? (*O Pirralho*, n.110, 1913, *grifo nosso*)

O Florexo da Gunha tambê **prega a mó** nu Giangotte. (*O Pirralho*, n.111, 1913, *grifo nosso*)

Ah! ma se io non **prego a mon** nelli pur causa che io só maise piqueno d'elli! (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Si vucê non mi sai oggi/ Amanhá **ti prégo a mó!** (*O Pirralho*, n.184, 1915, *grifo nosso*)

Io non puteva vê a Marietta dizê adeuse p'ra ninguê io giá queriva **prigá a mó no** ninguê. (*O Pirralho*, n.198, 1915, *grifo nosso*)

Un ritratto da Tosca si atiráno du viaduttimo; Othello quiréno **prigá a mó na** Desdemona. (*O Queixoso*, n.6, 1916, *grifo nosso*)

PREGAR A MÃO NA CARA

Sprimenti p'ra vê come io ti **prego a mó na gara.** (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

Si vucê non mi dá a palavria io ti **prego a mon na gara** agurinha mesimo. (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Intó io **prego a mó na gara**. (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

Galabocca titio, sinó io ti **prego a mó na gara**! (*O Pirralho*, n.116, 1913, *grifo nosso*)

Io acunheci un *canudigno* di diciotto annoses chi brigava susigno con vintes pessoa e **prigrava a mó d'inda a gara** das vinte. (*O Pirralho*, n.157, 1914, *grifo nosso*)

MÉDIA

FAZER UMA MÉDIA

Intó u Imperadore, p'ra insatisfazê us dois lado, risorvê **fazê una media (**non é pon con mantega) i fiz un decretimo segondo u quale us figlio dus sgravo non era maise sgravo. (*O Pirralho*, n.238, 1917, *grifo nosso*)

MELADO

COMO PINTO QUE CAIU NO MELADO

un uomo pichinigno che tenia lá, co'a gabeza pilada **che né u pinto che cai nu milado**" (*O Pirralho*, n.31, 1912, *grifo nosso*)

Di repentimo abre a porta i caí p'ra dentro do o saló un gajo tutto mogliato **chi né o pinto chi caí nu melato.** (*O Pirralho*, n.111, 1913, *grifo nosso*)

QUEM NUNCA COME MELADO, QUANDO COME SE LAMBUZA

Nota da Redaçó – **Chi nunca cumê melado quano comi s'inlambusa.** (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

MODA

CAIR DA MODA

Oggi o gandidato da moda é o Ruio Barboza i o Camposalle **caí da moda**. Beffetto. (*O Pirralho*, n.96, 1913, *grifo nosso*)

MORTE

ESTAR COM A HORA DA MORTE

A garestia da a vita stá indisgraziata. Tuttos generimo di primiera nececitá **stó c'oa óra da a morte.** (*O Pirralho*, n.86, 1913, *grifo nosso*)

MULHER

COM A MULHER PENDURADA NO BRAÇO

Aóra quando vucê saí inda a rua c'oa **molhére pindurada no braccio**, tuttos pissoalo dize logo**.** (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

MUNDO

MANDAR PARA O OUTRO MUNDO

... sinó illa tambê è gapaze di mi dá cinques tirigno i **mi mandá p'ro otro munno.** (*O Pirralho*, n.137,1914, *grifo nosso*)

NESTE MUNDO DE CRISTO

Vucê non é incapase da cuntá che robba saremo nois **in questo mondo di Gristo**. (*O Pirralho*, n.32, 1912, *grifo nosso*)

O MUNDO É REDONDO

Ah! Giuca, Giusé mio figlio! non si squeça chi **o mondo é una bolla** e chi vucê inda podi tê di ruê un di, o osso chi vuçê quere chi a gente rôa oggi! (*O Queixoso*, n.4,1916, *grifo nosso*)

PELADO COMO VEIO AO MUNDO

S'imagine che illo stavo cumpretamente **pelladigno uguali come Adó quano vignó pr'o o mondo...** (*O Pirralho*, n.142,1914, *grifo nosso*)

TODO O MUNDO

né o Bertini che també é u migliore ingraziato di **tutto o mondo interinho.** (*O Pirralho*, n.37, 1912, *grifo nosso*)

o Brasilinno Garnéro éra o giovine maise feio **di tuttos mondo**. (*O Pirralho*, n.68, 1912, *grifo nosso*)

MÚSCULO

ESTICAR OS MÚSCULOS

-Ma vamoses primiére pigá uma pinguinha inzima o boteghinho du Xico. – Molto obrigado! non bebo! – Ma che! una pinguinha só, p'ra **sticá os musco.** (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

NADA

NÃO ENXERGAR MAIS NADA

Intó mi **subi o sangue inda a gabeza** e io **non inxerguê maise nada!** (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

NÃO VALER NADA

O scinarismo fu emprestado do Mascigrandimo, purisso tambê **nun vale nadima.** (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

NEM NADA

"Io che non só troxa **né nada**"(*O Pirralho*, n.31, 1912, *grifo nosso*)

Che çacino **né nada**! vucê stá pinsano che maribau é gaita? (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

Che viuvo onesto **né nada**! Vucê é un indisgraziato! (*O Pirralho*, n.128, 1914, *grifo nosso*)

Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a Francia deu o brutto strilimo i pigáro una brighia indisgraziata, ma a Intalia che non é troxa **né nada,** tirô o corpo i dexó a Lemagna c'oa Astria sosigna nu imbroglio. (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

PRESTAR PARA NADA

só sabe da vendé o sabulete e a butuadura e os cigarro chi **non presta né p'ra nada**. (*O Pirralho*, n.13, 1911, *grifo nosso*)

A pesa fu munto bê representadima, ma o buffino num **pristó pra nadima**. (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

NAMORAR

NAMORAR PARA VIVER E VIVER PARA NAMORAR

Io namoro perché vivo i vucê vive perché namora. (*O Pirralho*, n.186, 1915, *grifo nosso*)

NARIZ

BOTAR O NARIZ PARA FORA

Intó un uómo chi té scritto un libbro indecente uguali come a condessa Armignia, té curaggio di **buttá o narisi p'ra fóra**? (*O Pirralho*, n.87, 1913, *grifo nosso*)

FAZER CONFORME O NARIZ

O livrabitro é una storia chi a genti **faiz cunformo dá inzima o narizi** da a genti. (*O Pirralho*, n.132, 1914, *grifo nosso*)

MANDAR NO NARIZ

Tuttos istus pidacigno, gadauno **mandava nu suo narisi** sê dá satisfaçó p'ra ningué. (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

NÃO ENXERGAR DOIS DEDOS DIANTE DO NARIZ

Stava xuveno p'ra burro. A notta stava scura chi a genti non **inscergava né dois dedo adiante du narisi.** (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

NEGÓCIO

QUERER NEGÓCIO COM X

Uh! porca miseria! io non **quero nigozio co** Hermeze né si mi dá p'ra mim o viaduttimo di Zanta Figenia intirigno. (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

OLHAR

NÃO PODER NEM OLHAR PRA X

O Beppino per esempio, é molto bó rapaze, ma quano stá nu pórre, é un perighio chi a genti **non podi né ogliá p'ra elli**. (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

OLHO

BOTAR NO OLHO DA RUA

Pigò un puntapé nu minino/ I **butó illo nu ôglio da rua.** (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

ATÉ DE OLHO FECHADO

Arubava **té cos oglio fixado**, quello aguia lá. (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

VER COM ESTES OLHOS QUE A TERRA HÁ DE COMER

Só nu distrittimo da Gonçolaçó **io vi c'o istus óglio chi a terra á di cumê**, os inlettore buttá vintesmilla voto p'ra mim. (*O Pirralho*, n.173, 1915, *grifo nosso*)

ORA

ORAS BOLAS

Vucê é mesimo un indisgraziato chi vê pigá caguira na genti, **orabolla**! (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

ORDEM

(SEMPRE) ÀS ORDENS

- **sempre as ordine** do o garo Bananere. (*O Pirralho*, n.11, 1911, *grifo nosso*)

- Stó **as ordias.** (*O Pirralho*, n.47, 1912, *grifo nosso*)

Sempre as ordine. (*O Pirralho*, n.49, 1912, *grifo nosso*)

ORELHA

PUXAR AS ORELHAS

Ma disposa elli ficó c'um brutto medo che o suo padro che si xamavo Juó uguali come io, si dexavo **mandá puxá as ureglia** p'ra illo. (*O Pirralho*, n.59, 1912, *grifo nosso*)

FICAR COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA

Intó io che non sô troxa p'ra burro, **fiquê c'oa purga atraiz da oreglia.** (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

OVA

UMA OVA

- Che difficile u chê! Se io iva lá ti amustravo come io ficavo ingeniere primiere chi o Cusarunhes sfrigava o olho! - Ficava **uma óva**! (*O Pirralho*, n.68, 1912, *grifo nosso*)

Fraca **una óva**! una veize brigô c'oa gunzignêra i scugnambô c'oa gara da guzignera. (*O Pirralho*, n.94, 1913, *grifo nosso*)

Stá molto bó, ma istu nigozio di dizê chi u brango é uguali co pretto é bestera! Intó si a genti quizê uno apareglio di gavallo bé uguali, a genti gompra um brango i ôtro pretto i só uguali? **Una óva!** (*O Pirralho*, n.238, 1917, *grifo nosso*)

PAGAR

X ME PAGAR

Você **mi apaga** intaliano garcamano! (*O Pirralho*, n.49, 1912, *grifo nosso*)

ma vuceis **mi apaga** sô figlio da máia!... (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

Ma che pensa o Gartolla? Pensa che io tegno una fabbrica di dignêro? Dista veze illo **mi apaga!** (*O Queixoso*, n.5, 1916, *grifo nosso*)

PANÇA

ENCHER A PANÇA

Oggi si che io **enxó a panza!** (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

SER PAI DE PANÇUDO

O giurnaliste Garmetto fui apidí quinhento imprestado p'ru Guagliô, ministrimo generale da Francia. Intró o Guagliô dê o strilimo c'oelli, i dissi chi non **éra páio di panzudo.** (*O Pirralho*, n.137, 1914, *grifo nosso*)

PALA

ABRIR O PALA[132]

O presidentimo du Rio a Janére **abri o pala** di medo da guerre. (*O Pirralho*, n.90, 1913, *grifo nosso*)

O Semanigno, disposa di apraticado o grimo **abrí o pala** i indisgambô. (*O Pirralho*, n.100, 1913, *grifo nosso*)

PARTE[133]

DAR PARTE PARA

Io vó giá **da parti** p'ro Lacarato! (*O Pirralho*, n.49, 1912, *grifo nosso*)

Aóra illo saiu cureno i fui **dá parte** p'ro Sampá Vidalo. (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

Io giá **dê parte** p'ra polizia i aóra vó butá un prucesso p'ro futtograffo. (*O Pirralho*, n.84, 1913, *grifo nosso*)

Ma o Hermeze indisgraziado/ **Deu parte** p'ru diligado/ I a galinha agorô nu ovo. (*O Pirralho*, n.88, 1913, *grifo nosso*)

PATACA

DE MEIA PATACA

Oh! Guvernatore di **mezza pattaca!** ché pagná pulli aqui!.. (*O Pirralho*, n.60, 1912, *grifo nosso*)

PATADA

DAR PATADA EM

[132] Capela (2009, p.276, nota 108) coloca a seguinte observação sobre esta expressão: "'Abrir o pala', expressão popular, significando 'escapar', 'dar o fora'". O pesquisador atesta, assim, a coloquialidade nos textos de Bananére pelas expressões utilizadas pelo autor macarrônico.
[133] Cf. "ter parte com o coisa-ruim em "coisa-ruim".

Ma quano illo pigô di cantá traveiz uno pissoale malindugato che stavo nu camarotte pigáro di **dá as patada** nu mio patrizio. (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

Eh! porca miseria! pode **dá patada** nos turcoses che io non s'importo! (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

PATO

CAIR COMO UM PATINHO

I come uma satanella/ Indominô o namurado./ I u Hermeze goitadigno/ **Gaiu come un patigno.** (*O Pirralho*, n.166, 1914, *grifo nosso*)

PAGAR O PATO

O tavismo é una robba che fiz u padre e chi **apaga u patu** é u figlio. (*O Pirralho*, n.41, 1912, *grifo nosso*)

... ma p'ra inxê o tisôro pur causa di dixá afazê a robagliera, os Luigi Vampa di gazaka. I os pobri chi **pagui o patto**! O **paga** ô vai p'ra gadêa. (*O Queixoso*, n.4, 1916, *grifo nosso*)

PAU

CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU

Sê chi vucê é barbiére pur causa chi vucê stá c'oa barba i o gabello gumprido i sigundo diz, a regola: "**Gaza di ferrêro spetto di páu"** (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

METER O PAU

Non dexa scappa! ***Métti o páuo!*** (*O Pirralho*, n.86, 1913, *grifo nosso*)

NEM A PAU

Intó andove stá a libertá d'imprenzia? Vá saino che **ista non péga né co páu!** (*O Pirralho*, n.133, 1914, *grifo nosso*)

O Lacarato inveiz dissi chi non dexa **ne a pau!** (*O Pirralho*, n.137, 1914, *grifo nosso*)

NO PAU

- Sai daí sô troxa! - Troxa, vucê vai **vê** giá **nu pau**! (*O Pirralho*, n.126, 1914, *grifo nosso*)

PÃO

GANHAR O PÃO

Abbisogna che o funzionario inveze di inda a venda sabe quanto gusta o quilo di fijó, i inveize di trabaglià p'ra **gagná o pon** p'rus figlio, si dexa inveiz ficá leggendo os libro. (*O Pirralho*, n.142, 1914, *grifo nosso*)

PÁSSARO

É MELHOR UM PÁSSARO NA MÃO QUE DOIS VOANDO

Morale: **É migliore un passarigno na mó, chi duos passarigno avuáno.** (*O Pirralho*, n.175, 1915, *grifo nosso*)

PÉ

AO PÉ DA LETRA

Istas duas só traduçó dus **pé da lettra,** ma una traduçó molto xique fiz a gaza "Au Bon Diable"(*O Pirralho*, n.174, 1915, *grifo nosso*)

BOTAR OS PÉS EM

P'ra genti non gaí imbax'os bonde né imbax'o intomobile do Guglielmo Prata tê di vassigná da bixiga i non **butá os pé** na rua nè di bringadera. (*O Pirralho*, n.77, 1913, *grifo nosso*)

CABELO EM PÉ

O Jota Jota **tenia os cabello di pé** por causa da curiositá. (*O Pirralho*, n.47, 1912, *grifo nosso*)

quano di repentimo uví un grido lugubro che mi fiz **ficá in pé tuttos gabello.** (*O Pirralho*, n.100, 1913, *grifo nosso*)

CORRER O PÉ

Qui in Zan Baolo inveiz, chi **currê o pé** no Rodrigos Alveros tê quattros dia di sulitária i ventis anno di gadêa incomunicábilo. (*O Pirralho*, n.132, 1914, *grifo nosso*)

NÃO SERVE NEM PRA LAVAR OS PÉS

Né tegno spressós insufficiente p'ra adiscrevê o tamagno dista paxó, ma posso agaranti chi os amore do Romeu c'oa Giulietta i do Danti c'oa Beatrice, perto do meu, non **servis né p'ra mi lava os pé.** (*O Pirralho*, n.181, 1915, *grifo nosso*)

PÉ NA COVA

Si stava io, **s'inforcavo n'un pé di côva.** (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

SEM PÉ NEM CABEÇA

O Frederico non passa di un typo indiale, uma criaçó literarima, **sê pé né gabeza.** (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

PEGAR

PEGAR DE

Ma inveiz quello troxa **pigó da dizê** traveiz p'ra ella. (*O Pirralho*, n.51, 1912, *grifo nosso*)

PENEIRA

NO TEMPO EM QUE SE PESCAVA LAMBARI COM A PENEIRA

O ciano Atrantico era una pandiga; io co Jota Jota, chi tambê é d'aquillo tempo intrava lá dentro p'ra **piscà lambari c'oa penêra.** (*O Pirralho*, n.125, 1914, *grifo nosso*)

PESCOÇO

NEM SE X (ME) CORTAR O PESCOÇO

Che speranza! Sé é una porcheria! **né si mi gorta o percoço** io vegno abró o boteghino. (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

Io non tegno paùra **né si vucê mi gorta o pescoço**, quanto maise si vucê tóca a campanigna. (*O Pirralho*, n.110, 1913, *grifo nosso*)

Io non vô afazê o cumpadro giunto co Hermeze **né si mi gorta o piscoço** p'ra fora inda a gabeza! (*O Pirralho*, n.125, 1914, *grifo nosso*)

Ficô arisorvido che io non faccio mãise a barba do astriaco i dos lemó, **né si mi gortá o piscoço.** (*O Pirralho*, n.195, 1915, *grifo nosso*)

PINTO[134]

TRISTE QUE NEM PINTO QUE PERDEU A MÃE

Desdo chi se separê di vucê ando **tristo chi né pintigno chi perdê a máia.** (*O Pirralho*, n.112, 1913, *grifo nosso*)

PIQUE

IR À PIQUE

Os ingoraçato lemó furo **tuttos a *pique***. (*O Pirralho*, n.188, 1915, *grifo nosso*)

POBRE

POBRE COITADO

Bananére: "O Dudú **pobri goitado**/ Apparicia un con sê dono**" (***O Pirralho*, n.165 – 1914, *grifo nosso*)

PONTAPÉ

[134] Cf. "que nem pinto que caiu no melado" em "pinto".

BOTAR O PONTAPÉ

a genti vá p'ra facenda garpiná o caffé, garpina i quano vê o fi do meiz, **buta uno puntapé** p'ra genti i non apaga nada. (*O Pirralho*, n.83, 1913, *grifo nosso*)

Pigò un puntapé nu minino/ I butó illo nu ôglio da rua. (*O Pirralho*, n.123, 1913, *grifo nosso*)

PORCARIA

SER UMA PORCARIA

unos pidacinho di una robba come as lesima (ma **che porcheria**!) (*O Pirralho*, n.41, 1912, *grifo nosso*)

Che speranza! Sé **é una porcheria**! né si mi gorta o percoço io vegno abró o boteghino. (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

PORCO

MONTAR NO PORCO[135]

Aóra illos pigáro di si ri i mi racuntáro che aquillo era un tapetp c'oa gara di lió i non o lió chi morde a genti. Intò io **muntê nu parco**. (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

Ma quano xigô na rua dus Migranti a Mariquigna prigo una brutta guardaxuvata inda a gara delli. Mr., c'oa gara tutto insgugliambada vurtô p'ra cittá **amuntado nu porquinho.** (*O Pirralho*, n.142, 1914, *grifo nosso*)

In dianti distu nuóvo testimunio Ton Batata **amuntô nu porco** i adicrarô chi di fatimo illo stava inzima du tigliado. (*O Pirralho*, n.234, 1917, *grifo nosso*)

PORCA MISÉRIA

Si cabava, o mondo, **porca miseria**! (*O Pirralho*, n.50, 1912, *grifo nosso*)

[135] Capela (2009, p.282, nota 140) comenta a respeito da expressão: "Montar no porco", expressão popular com o sentido de "encabular-se", "ficar sem jeito", "envergonhar-se".

Eh! **porca miseria**! pode dá patada nos turcoses che io non s'importo! (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

Io fiqué dannado i dissi: - Buta fóra! io non quero tê denti di gaxorro na boca, **porca miseria**!! (*O Pirralho*, n.88, 1913, *grifo nosso*)

Porca miseria! É morto piore da nuvia dos gaffagnotte. (*O Pirralho*, n.92, 1913, *grifo nosso*)

Porca miseria! como parla bé quello figlio da máia. (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

Uh! **porca miseria**! io non quero nigozio co Hermeze né si mi dá p'ra mim o viaduttimo di Zanta Figenia intirigno. (*O Pirralho*, n.122, 1913, *grifo nosso*)

PORRE

ESTAR NUM PORRE

O Beppino per esempio, é molto bó rapaze, ma quano **stá nu pórre**, é un perighio chi a genti non podi né ogliá p'ra elli. (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

PEGAR UM PORRE

Intó io vó **pigá un porrigno**, lá. (*O Pirralho*, n.87, 1913, *grifo nosso*)

PORTA

ENTROU POR UMA PORTA, SAIU POR OUTRA. QUEM QUISER, CONTE OUTRA

Intó fiquemos na brutta farra té as quattro da manhá i cabô a storia **intrô c'uma porta i sai c'oa otra. Chi quizé conte otra.** (*O Pirralho*, n.121, 1913, *grifo nosso*)

POSE

FAZER POSE

Tale quale come inda a gaza mia quano a Juóquina era viva: chi mandava éra a Juóquina e io chi **facevo a "posa"** di guverná u láro. (*A Vespa*, n.2, 1916, *grifo nosso*)

POUCO

FAZER POUCO CASO

... ma istus indisgraziato dus allemó chi aparece chi stó pensano che tê u ré na barrigula, andáro apruvocáno i **afazéno poco caso** da a genti, come si a genti fossi gazaka di ferro du cirgolo di iscavalinho. (*O Pirralho*, n.239, 1917, *grifo nosso*)

NEM UM POUQUINHO

Non s'imbruglié **né uno puquinho.** (*O Pirralho*, n.46, 1912, *grifo nosso*)

PROCESSO

BOTAR UM PROCESSO EM X

Io giá dê parte p'ra polizia i aóra vó **butá un prucesso** p'ro futtograffo. (*O Pirralho*, n.84, 1913, *grifo nosso*)

PROSA

DEIXAR DE PROSA

-Bom! **deixemos de prosa**. Que jornaes tem mais ahi? (*O Pirralho*, n.103, 1913, *grifo nosso*)

ESTAR PROSA

Illos **stó molto prósa** pur causa che gagnáro dos russo! (*O Pirralho*, n.195, 1915, *grifo nosso*)

PULO

TRÊS PULOS DE X

O Capitó si fiz **tre pulos di cuntento**. (*O Pirralho*, n.32, 1912, *grifo nosso*)

Quano xigáro indo o larghe du Palazzo u padro Caxetta **dê treiz pulo di cuntento.** (*O Pirralho*, n.128, 1914, *grifo nosso*)

O Lacarato **dê treiz pullo di rabbia** i mi dissi p'ra mim (*O Pirralho*, n.134, 1914, *grifo nosso*)

QUILO

DISCURSO DE MAIS DE MEIO QUILO

Aóra si pruximó da a mia gianella o stimado farmacista Jota Jota, ingolaboratore du giornale do Gartola e fiz p'ra mim uno chique **discorso di mezzo-quilo**. (*O Pirralho*, n.53, 1912, *grifo nosso*)

Si illos pidia p'ra mim io faceva uno bunito **discorso di maise di un chilo.** (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

RAPOSA

GAMBA NÃO É RAPOSA

Che çacino né nada! vucê stá pinsano che maribau é gaita? -I ni **gambá non é rapoza**, taí! (*O Pirralho*, n.95, 1913, *grifo nosso*)

REMÉDIO

NEM UM X PARA REMÉDIO

Istus intó furo os macaque; ma disposa fui cabano os rabbo dos tale e afinale non tenia maise **né uno pidacinho p'ra rimedio**. (*O Pirralho*, n.41, 1912, *grifo nosso*)

P'rus intaliano fui a mesima cósa di mangiá un pratto di fijó. In menos di una óra non tenia maise **né un astriaco, p'ra rimedio.** (*O Pirralho*, n.193, 1915, *grifo nosso*)

SABÃO

(MANDAR) LAMBER SABÃO

- Tambê una tale Maria Carmella, pur causa dus disgostimo da vita, arisorvê di si amatá, ingerino una lata di carolina. Xamada a çistenza, cumparecê o dott. Lacarato, chi **mandô illa lambê sabô**. Illa lambê i sarô. (*O Queixoso*, n.4, 1916,V)

SANGUE

SANGUE SUBIR NA CABEÇA

Intó mi **subi o sangue inda a gabeza** e *io* non inxerguê maise nada! (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

Intó tuttos **sangue mi subiro inzima a gabeza** e io buté os ombro na porta i intré. (*O Pirralho*, n.91, 1913, *grifo nosso*)

Intó **o sangue mi subi mesmo inzima a gabeza**, pur causa che io, podi mi xamá até di ladró di galligna che io non s'importo, ma gargamano é a vó. (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

SATISFAÇÃO

DAR SATISFAÇÃO PARA X

Illo non **dá satisfaço** p'ra ninguê i non tê medo di ninguê (*O Pirralho*, n.80, 1913, *grifo nosso*)

SENHOR

SIM SENHOR

Stó moltos inganatus **si signore**!(*O Pirralho*, n.37, 1912, *grifo nosso*)

SOLDADO

SOLDADO VELHO NÃO SE APERTA

Mas, inveiz, pertigno d'elli murava o tale Cavaliere da a garta i io fiquê trapagliado,ma cunformo dize a regala "**surdado véglio non si aperta**". (*O Pirralho*, n.126, 1914, *grifo nosso*)

SORTE

SORTE GRANDE

Óglia a zorte grante corre genti. (*O Pirralho*, n.64, 1912, *grifo nosso*)

TÁBUA

DAR UMA TÁBUA EM

Intó arisorvi iscrivê ista lettera p'ra signóra, pidino as suas mó in gazamente, ma aprivino desdi giá che si a signóra **mi dé una taboa** io vò si atirá du viaduttimo. (*O Pirralho*, n.198, 1915, *grifo nosso*)

TEMPO[136]

BONS TEMPOS NÃO VOLTAM MAIS

Ma **os bon tempo non vorta maise,** uguali come as pomba..... (*O Pirralho*, n.176, 1915, *grifo nosso*)

EM TRÊS TEMPOS

Uh! é un bó logáro! A genti fica ricco **in treiz temposes**. (*O Pirralho*, n.99, 1913, *grifo nosso*)

A Intalia non intró na "cumfriguçó" pur causa che si intrava a Intalia, insgugliambava c'oa "cumfrigaçó" **in treiz temposes**. (*O Pirralho*, n.155, 1914, *grifo nosso*)

[136] Cf. "no tempo em que se amarrava cachorro com linguiça" em "cachorro"; "no tempo em que se pescava lambari com peneira" em "peneira"; e "dar tempo de olhar para trás em "trás".

Desta maniéra u camerata tê di murré mesimo **in treis temposes.** (*O Pirralho*, n.184, 1915, *grifo nosso*)

Vuceis vó vê aóra come a guerra acaba **in treiz temposes** con a intrada da Intalia nu baruglio. (*O Pirralho*, n.187, 1915, *grifo nosso*)

FECHAR O TEMPO

Intó io fiz un signalo p'ru Xico, p'ru Beppi i p'ru Carluccio i gridê: - "Abax'o as convenço suciali!" i **fexemos o tempò**. (*O Pirralho*, n.127, 1914, *grifo nosso*)

- Iscuita Beppino! io só tuo amigo, ma non mi xami otra veiz di gargamano sinó temos de **afexá o tempo**. Illo inveiz mi xamó otraveiz di gargamano. **Fexemos o tempo** che fui una billeza. (*O Pirralho*, n.170, 1915, *grifo nosso*)

Aóra io dissi cumigo: "Stó mesimo perdido, intó **fexemos o tempo**!" (*O Pirralho*, n.173, 1915, *grifo nosso*)

UMA PORÇÃO DE TEMPO

Io si rí una **purçó di tempio.** (*O Pirralho*, n.31, 1912, *grifo nosso*)

Quando passáro **una purçó di tempio** i non tenia maise perigolo nisciuno. (*O Pirralho*, n.86, 1913, *grifo nosso*)

Intó o promotôro continuô aparlá maise **una purçó di tempo** e termino dizeno. (*O Pirralho*, n.94, 1913, *grifo nosso*)

TELEFONADA

BATER UMA TELEFONADA

Intó io piguê **i bati una tilifonada** p'ru Lacarato pur causa di vim prendê o gonzolato. (*O Pirralho*, n.234, 1917, *grifo nosso*)

TER

X TER COM ISTO/ISSO

Giá! pronto!! **O chi é chi tê vucê cum istu!...** (*O Pirralho*, n.101, 1913, *grifo nosso*)

TODO

O QUE É DE UM É DE TODOS

pur causa che nu sucialismo né **quello che é di uno é di tuttos**. (*O Pirralho*, n.52, 1912, *grifo nosso*)

TRÁS

CAIR PARA TRÁS

As nutiça cuntava che d'inzima a fabbrica di gartuxo du Rigalegio fui arubado o ritratto du Hermeze. Io **gaí** mediatamenti **p'ra traiz** com treiz attaco di faniquito**.** (*O Pirralho*, n.126, 1914, *grifo nosso*)

NÃO TER TEMPO NEM DE OLHAR PARA TRÁS

Intó illo xigô divagarinho i progô un brutto cumbatto p'rus fanatico che stavo cuncentrado atraiz du Guritiba i chi, pagnado di surpreza non **tivéro tempo né di ogliá p'ra traiz** i sahiro curreno. (*O Pirralho*, n.158, 1914, *grifo nosso*)

TROUXA

PEGAR A TROUXA

Só ti resta a insoluçó/ Di **pegá a troxa**, indisgambá! (*O Pirralho*, n.235, 1917, *grifo nosso*)

SEU TROUXA

Intò vucê non si inxerga, **sô troxa!** (*O Pirralho*, n.87, 1913, *grifo nosso*)

N. da R. – Tiri o cavallo da xuva **sô troxa**. (*O Pirralho*, n.96, 1913, *grifo nosso*)

Do Bargionase, pidino p'ra afundá un bunito giornale di agricurtura – Vá prantá batata, **sô troxa**. (*O Pirralho*, n.106, 1913, *grifo nosso*)

Vá prantá batata, vá! **sô troxa**... (*O Pirralho*, n.109, 1913, *grifo nosso*)

Sái dâi **sô troxa**!- Troxa, vucê vai vê giá nu pau! (*O Pirralho*, n.125, 1913, *grifo nosso*)

Vá saino di barrigula **sô troxa**, che isto aqui non é u Rio! (*O Pirralho*, n.134, 1914, *grifo nosso*)

URUBU

MAIS PRETO QUE URUBU

pur causa che illo é **maise preto du rubbú.** (*O Pirralho*, n.34, 1912, *grifo nosso*)

aora che illo ficó **nero uguali co rubbú.** (*O Pirralho*, n.59, 1912, *grifo nosso*)

VACA

VACA BRAVA

o Lacarato é **curajoso piore da vacca brava**. (*O Pirralho*, n.13, 1911, *grifo nosso*)

ma o minho avô surtô os caxorro brabo atraiz delli. Aora o Hermeze da Funzega disgambô ugualli **como si tenia a vacca braba.** (*O Pirralho*, n.60, 1912, *grifo nosso*)

O Hermeze, mignos signore, io gá vi nu gampo di battaglia, curreno dianti dus surdado **come una vacca braba**! (*O Pirralho*, n.121, 1913, *grifo nosso*)

VOLTANDO COM A VACA FRIA

Ma vurtando co'a vacca fria, io gusté di spià a Juòquina vendê as frorzinha. (*O Pirralho*, n.58, 1912, *grifo nosso*)

Vortáno a vacca fria, ingontinuemos co assuntimo. (*O Pirralho*, n.180, 1915, *grifo nosso*)

Aqui nu Brasile é tutto o cuntrario. **Ma vurtáno a vacca fria,** coié a legge du imposto du Cartolla & Fontigno, a nostra pinió é chi os dois nutabile inconomiste perdêro una buona casió di ficá calado p'ra non fazê asniéra. (*O Queixoso*, n.4, 1916, *grifo nosso*)

VEZ

SE NÃO TINHA X, ERA UMA VEZ Y

Se non tenia o Jota Jota, **era una veiz** o Bananére. (*O Pirralho*, n.108, 1913, *grifo nosso*)

VIDA

CAVAR A VIDA

Camigna bunito uguali come a roligna/ Quano stá **cavano a vida.** (*O Pirralho*, n.65, 1912, *grifo nosso*)

Tê di **cavá a vida o** die intirigno, atrabagliano chi né un animalo**.** (*O Pirralho*, n.185, 1915, *grifo nosso*)

NADA É ETERNO NESTA VIDA

Ma una veiz, come "**nada é interno inda a vida",** cunformo dice a regola. (*O Pirralho*, n.62, 1912, *grifo nosso*)

VIGÁRIO

(LEVAR) O CONTO DO VIGÁRIO

Altrodì un uomino molto aguia si dixó pigá un brutto **gonto do vigaro** no outro. (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

Intô o otro cumprõ **i livô o gonto du vigario.** (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

XADREZ

BOTAR NO XADREZ

Si vuceis non gala a bocca io mando **butá** tuttos **nu xadreiz.** (*O Pirralho*, n.111, 1913, *grifo nosso*)

O Lacarato mandô **butá nu xadreze** i abrí un rigorozo imquerito. (*O Pirralho*, n.137, 1914, *grifo nosso*)

4.4 Amostragem de datação das expressões idiomáticas

Nesta seção, serão apresentadas as expressões que foram selecionadas a partir do glossário formulado acima com todas as expressões. Havendo uma necessidade de adequar os objetivos da pesquisa ao tempo disponível para a sua realização, optou-se por uma triagem que pudesse oferecer uma amostragem-piloto do modelo científico discutido neste trabalho, sobretudo na seção "1.3: A construção de um método científico para a Etimologia". Assim, das 433 ocorrências de expressões idiomáticas encontradas, escolheram-se 78 expressões para aplicação do modelo metodológico e retroação das datas obtidas pelos textos macarrônicos. Entre os critérios para a seleção demonstrada abaixo, estão a escolha daquelas expressões que apresentaram maior número de ocorrências nos textos macarrônicos, que apresentariam menor grau de ambiguidade de resultados no *corpus* consultado para cotejo, que possuem menor variação lexical em relação à sua estrutura composicional, entre outros.

O *site Books Google* foi escolhido como *corpus* para cotejo das expressões selecionadas por tratar-se de uma extensa base de dados de fácil acesso, incluindo em seu acervo digital de textos arcaicos e recentes, oferecer recursos gráficos que poderiam facilitar o levantamento de dados a partir de uma busca mais precisa em seus termos e mais restritiva com relação ao seu intervalo temporal e, principalmente, por já ter sido testada anteriormente como ferramenta eficaz na retroação de expressões idiomáticas[137].

A disposição das informações e ordenação das expressões segue os mesmos critérios expostos na seção anterior. Apenas algumas observações são necessárias especificamente para esta seção:

1) Semelhantemente à listagem anterior, erá apresentado o núcleo lexical da expressão (ex.: pato), em seguida a forma básica da expressão ("pagar o pato") e, por fim, as ocorrências nos textos macarrônicos seguidas da referencia

[137] Cf. Viaro (2008): "Os quintos dos infernos" *in* Rev. Língua Portuguesa, v.34, p.62-64

bibliográfica indicando o nome do periódico, o número da edição e o ano da publicação daquele artigo.

2) Para cada expressão idiomática, foi incluída inicialmente a ocorrência mais antiga nos textos do Bananére e, em seguida, a ocorrência mais antiga no banco de dados do *site Books Google*, ambas destacadas em negrito.

3) Houve casos em que mais de uma ocorrência apresentada pelo *site Books Google* tornou-se pertinente para discutir ou problematizar o étimo da expressão em questão. Neste caso, as expressões foram apresentadas de acordo com a ordem cronológica de suas ocorrências.
4) Em algumas das abonações ou ocorrências obtidas no *corpus* consultado foram tecidos comentários sobre as decisões metodológicas, sobre a variação semântica ou formal dos dados encontrados e observações pertinentes a cada caso em que se sentiu a necessidade de discutir com mais profundidade o cotejo de dados.

AGORA

AGORINHA MESMO

Bananére: Io giá vó **agorigna mesimo** dá parte p'ro Lacarato. (*O Pirralho*, n.51 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google: "Ha dous dias esteve cá e ***agorinha mesmo*** acaba de sahir para voltar amanhã ou depois." (*A mocidade de Trajano* (1871), de Visconde de Taunay, *grifo nosso*)

ÁGUA

ÁGUAS PASSADAS NÃO MOVEM MOINHOS

Bananére: Eh! ma dexa stá! **Aguas passata non vira muigno**. (*O Pirralho*, n.97 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Mas vamos adiante, que **águas passadas não moem moinho**, e já é queixa velha em mim.." (*Fábulas escolhidas entre as de J. La Fontaine,* Volumes 1-2 (1815), de Francisco Manuel do Nascimento, *grifo nosso*)

ANGU

QUE NEM ANGU DE CAROÇO

Bananére: O individulo Juó di tale fu atropeladimo imbax'o caradure e ficô che nê **angulo di caróssimo.** (*O Piralho,* n.82 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "rota que lhe é traçada pela Constituição e transformar o Congresso Nacional numa espécie de cozinha política, não deve causar admiração ter surgido entre nós este projecto, que se lhe afigura uma espécie de ***angu de caroço (riso)." (*Anais da Câmara dos Deputados*,Vol.3-4, 1914; Congresso Nacional. Câmara dos Deputados; *grifo nosso*).

ANIMAL

QUE NEM UM ANIMAL

Bananére: Tê di cavá a vida o die intirigno, atrabagliano **chi né un animalo.** (*O Pirralho,* n.185 – 1915, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Ele espirrava ***que nem um animal. Onde estivesse, nessas ocasiões, o ambiente estremecia." (*Aspectos*, Vol.5, s/a (1941); *grifo nosso*)

ASSOMBRAÇÃO

TER MEDO DE ASSOMBRAÇÃO

Bananére: Non fui medo non signore, che os intaliano **non tê medo di insobraçó.** (*O Pirralho,* n.193 – 1915, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Eu vi que elle estava com **medo de assombração** e falei que aquillo era uma vergonha. Fiquei damnado: eu vou te ourar." (*Totonio Pacheco*: romance (1935), de João Alphonsus; *grifo nosso*)

ASSUNTO

PEGAR O ASSUNTO

Bananére: Ma, **pigando otraveiz o assunto**. Che dice o signore do o Bó Retiro? (*O Pirralho*, n.62 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google*:** Cara de Anjo ***pegou o assunto. O Alto estava devendo muito ao 27. Depois da chegada dele nunca mais se viu barulho na ponta de rua. (*Ponta de rua*: romance (1937), de Fran Martins; *grifo nosso*)

BABAR

BABAR DE

Bananére: I assi fiz illo p'rus sette sabio che ficàro tuttos **babano di** dimiraçò. (*O Pirralho*, n.123 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Desbabar: Perder a affeição apaixonada, e demente da pessoa ou cousa per quem alguém se babava de gosto, ou de amores. "Esse velhançào já se ***babou de freiratico » (*Diccionario da Lingua Portugueza*: composto. Vol.1, p.546 (1831), Antonio de Morais Silva; *grifo nosso*)

BARALHO

COMIGO É NOVO DO BARALHO VELHO

Bananére: Vuceis non penze che io só u Filisbino chi vuceis insgugliamba i nu fin inda dá n'elli! **Cumigo é novo du baraglio véglio. (***O Pirralho*, n.122- 1913, *grifo nosso*)

Não foram achados registros no *Books Google* ou *Google Search.*

BARRIGA

ENTRAR DE BARRIGA

Bananére: - Chi é vucê chi vê **intrano di barrigula** inda a gaza mia sê mi dá satisfaçó p'ra mim!? (*O Pirralho*, n.111 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Un piloto veterano debe estar en condiciones de entrar a Nueva York, respondiendo Ok., Ok., a la torre de control, mientras cientos de naves salen para todas partes del mondo atravesándose en su rota. – Que no salió el tren de aterrizaje?... Pues **a entrar de barriga** después de quemar el combustible" (*Cronicas Militares* (1959), de Gullermo Plazas Olarte; *grifo nosso*)

SAIR DE BARRIGA

Bananére: Vucê stá pinsano che io só a Santa Gaza, è?! **Và saino di barrigula**, sô gara di bonde inletrico! (*O Pirralho*, n.81 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Ir ***saindo de barriga — Sair disfarçadamente. Juntar a fome oom a vontade do comer — Juntarem-se dois proveitos" (*Revista do Arquivo Municipal*, Vol.4, Ed. 37-38, 1937; *grifo nosso*)

TER UM REI NA BARRIGA

Bananére: Aóra, o Piedadò apassa perto da genti i né liga; penza chi **té u ré intro a barrigula! (***O Pirralho*, n.119 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Se não é vêr o outro brazileiro da quinta do Restolho , que parece que anda sempre com o ***rei na barriga." (*Na consciência: romance* (1857), de Antonio Coelho Lousada; *grifo nosso*)

BEM

SABER (MUITO) BEM COMO FOI

Bananére: Yo non sé molto bê come fui, ma o Brasiliano Garnéro o ficiale maise chique che io cunheço mi racuntáro a storia interigna. (*O Pirralho*, n.68 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google:

A maioria das ocorrências eram expressões idiomáticas, mas resultados literais como este exemplo, o mais antigo encontrado no *corpus*: "Estou certo que um nobre deputado, que me

apoia, é o testemunho o mais valioso que tenho, porque é secretario da presidência da província de Minas, e **sabe *muito bem como foi*** administrada a província" (*Anais da Câmara dos Deputados*, Vol.4, Parte 2, 1883; *grifo nosso*)

O contexto mais antigo que achamos – mantendo o sentido da expressão – foi esta ocorrência: Mas quando ela, já fora de si, declarou que a cidade tôda **sabia *muito bem como foi*** que o "eminente" médico conseguira prosperar (*A quarta pátria* (1952), de Elisio Vafer e Modesto de Abreu; *grifo nosso*).

BEM FEITO

Bananére: Intó o lió avuó atraiz delli i arrubó illo tambê. **Beffeito. (***O Pirralho*, n.81 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Mostrava-se o laponio impaciente, e a cada tormento que o pregador contava terem os Judeus feito a Jesus Christo, respondia elle: "He ***bem feito , he ***bem feito***!". Isto causou grande escándalo, e perguntando-se-lhe o motivo"(*O Arquivo Popular*, Vol.2, 1838, *grifo nosso*)

BEDELHO

METER O BEDELHO

Bananére: Padri Valuá/ Io vô ti dá un bon gonceglio/ - Non **metta** maise **u bideglio** (*O Pirralho*, n.235 – 1917, *grifo nosso*)

Books Google: "- *O Bastos*, nesse instante, homem versado,/ Na lição de *Florinda*, e *Carlos Magno*,/ Quis **metter o seu bedelho**: mas *Andrade*," (*Fábulas escolhidas entre as de J. La Fontaine* (1815**),** Vol.1, de Francisco Manuel do Nascimento, *grifo nosso*)

BEZERRRO

(CHORAR) COMO UM BEZERRO DESMAMADO

Bananére: Intó illo venía **xurano chi né o bizerro dismamato.** (*O Pirralho,* n.82 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "N'esta attitude estupida e tromhuda , Qual um ***Bezerro desmamado, fica Co'a pança consolado o hruto immovel." (*Os Burros ou O reinado da Sandice*: poema heroi-comico-satyrico em seis cantos (1827), de José Agostino de Macedo; *grifo nosso*)

BISPO

QUEIXAR-SE AO BISPO

Bananére: Consequenza: - Vignò o Lacarato i butò o Xico preso pr'a gadêa e io tambê, pur causa che o Lacarato tê a tipatia comigo. Aóra io vó si **guexá p'ru bispu.** (*O Pirralho,* n.99 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "O mesário padre João Jeronymo da Cunha, não se atravendo a negar o facto allegado, e menos defender-se, disse em resposta às reclamações dos abaixo assinados *que fosse se* ***queixar ao bispo, e que quando *estivessem no poder fizessem a mesma coisa".* (*Annaes do Senado Brazileiro*, Vol.1, 1869; *grifo nosso*)

BOLA

ORAS BOLAS

Bananére: Vucê é mesimo un indisgraziato chi vê pigá caguira na genti, **orabolla**! (*O Pirralho,* n.108 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google*: "**Lanturln – **Ora bolas." (Dictionnaire portatif français-portuguais et portuguais-français*(1812), Vol.1; *grifo nosso*)

BURRO

PRA BURRO

Bananére: o Oxininton Luigi che non è troxa **pr'a burro** (*O Pirralho*, n.21 – 1911, *grifo nosso*)

Books Google: *Dam*. Vmce. a tem. O Senhor Pascoal, Vmce. não eh o Senhor Sargento, que hoje foi com a sua albarda preender aqueles provesinhos lá na Ribeira. / *Pasc*. Albarda eu preciso eu porque estou me dispondo **para burro**. (À parte). Menina, eu sou o mesmo, que os prendi... (*Collecção de obras dramaticas que contém huma comedia e três farças* (1813), de Antonio J. de Carvalho; *grifo nosso*)

CABEÇA

RAIO EM CIMA DA CABEÇA

Bananére: Quero amurrê agurigna mesimo c'un raio inzima da a gabeza si io ti amatá. (*O Pirralho*, n.199 – 1915, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Pouco habituado a revezes, este cahiu-lhe **como um *raio em cima da cabeça ; e não o querendo imputar á notoria injustiça da causa , preferiu attribuil-o ao odio antigo e á rivalidade entre S. Roque e S. Domingos" (*A mocidade de D. João V: romance, Volumes 1* (1851)**,** por Luiz Augusto Rabello da Silva, *grifo nosso*)

CACHORRO

CACHORRO SEM DONO

Bananére: Vá molto bê sí zignore. Os turco stò **apagnano chi né gaxorro sê dono.** (*O Pirralho*, n.103 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google: "Estes doutores matam a gente, **como se fosse *cachorro sem dono***... N'um momento lhes passa da cachola se deram ou não venenos a christãos. . ." (*Innocencia* (1884), por Sylvio Dinarte, *grifo nosso*)

NAQUELE TEMPO QUE SE AMARRAVA CACHORO COM LINGUIÇA

Bananére: É aquillo Cicero chi fui disputado inzima di Roma **nu tempo che si marrava gaxorro con linguiza**, che io parlo! (*O Pirralho*, n.185 – 1915, *grifo nosso*)

Duas ocorrências foram encontradas, sendo que a mais antiga é de 1908 e aquela que reproduz a mesma versão documentada no *corpus* do Bananére é de 1929, indicando que havia ao menos duas formas nas primeiras décadas do século XX para esta versão. Este é mais um exemplo da flexibilidade da estrutura composicional das expressões idiomáticas. Abaixo, a reprodução das expressões encontradas no *Books Google*:

1) **"Não se amarra cachorro com linguiça**. Um cão damnado, todos a ello. A grande cão, grande osso." (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol.70, 1908, *grifo nosso*)

2) "Dá a citada escritora uma pequena lista de 14 provérbios e entre êles frases- -feitas ou expressões populares, como : «**no tempo em que se amarrava cachorro com linguiça**», «no tempo da onça» (aliás do onça)" (*Portucale: revista de cultura*, Vol.2, Ed. 7-12, 1929, *grifo nosso*).

CAGUIRA

BOTAR A CAGUIRA

Bananére: Non si alembre di mim che vucê **mi botta a caguira**, uviste!? (*O Pirralho*, n.85, 1913, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Caguira***, s. m. Individuo imprestavel. *Cábula. Jettatore."* (*Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, Vol.16,1911; *grifo nosso*)

CALIBRE

De que calibre X é

Bananére: ... antionti cabô a liança i aóra illos **vô vê di che calibro** é u bersaglieri! (*O Pirralho*, n.188 – 1915, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "y replico este, pues Padre , es mas, que pecado mortal? Ay vereis **de que calibre** son sus disposiciones, y médios, que toman, para el Sacerdocio" (*Exercicios*

espirituales para los eclesiasticos y ordenados (1748), de Pedro de Calatayud ((S.I.)),Imprenta de la Congregación de la Buena Muerte (Valladolid); *grifo nosso*)

CARA

DE MEIA CARA

Bananére: Eh! vucê **intra lá dé mezzgara!** sinó vucê non tenia aramo p'ra i. (*O Pirralho*, n.64 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** O registro encontrado no *site Books Google* reuniu expressões diferentes para indicar algo que é gratuito: o nosso famoso "de graça" já existia, pelo menos, em 1848 e podemos atestar que "de meia cara" é uma expressão tipicamente brasileira e de cunho jocoso, segundo a fonte consultada: "De graça. (Sem custar nada, gratuitamente. Jocosamente, diz-se em Portugal: De borla; e no Brasil: **De meia cara**) (*Collecção de proverbios, adagios, rifãos, anexins, sentenças moraes* (1848); *grifo nosso*)

QUEBRAR A CARA

Bananére: aóra ti **chebro a gara** p'ro Piralhu. (*O Pirralho*, n.42 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google: "Querem vocês ir para o meio do inferno? Raios me partam, se não não **quebro a cara** a um!" (*O monasticon* (1848), de Alexandre Herculano; *grifo nosso*)

CARETA

TER MEDO DE CARETA

Bananére: Ma o Oxinton chi non **tê medo di garetta**/ Quano **vi a cosa pretta**/ Mandô cumprá uns gagnó (*O Pirralho*, n.165 – 1914, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Boi, boi, boi Boi de cara preta, Vem comer este menino Que tem **medo de careta**". Ha também a variante seguinte Boi boi, Boi do Piauhy, Pega este menino Que não quer dormir." (*Cancioneiro do Norte* (1928), de Rodriguez de Carvalho; *grifo nosso*)

CASO

FAZER POUCO CASO

Bananére: ... ma istus indisgraziato dus allemó chi aparece chi stó pensano che tê u ré na barrigula, andáro apruvocáno i **afazéno poco caso** da a genti, come si a genti fossi gazaka di ferro du cirgolo di iscavalinho. (*O Pirralho,* n.239 – 1917, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "porque os lavradores, que ali vão cavar, co esperança de achar algu m dinheiro, **fazendo pouco caso** deles, quebravão as pedras..." (*Monarchia Lusytana: Que contemas historias de Portugal desde Conde Dom Henrique, até todo o reinado del Rey Dom Afonso Henriques...* (1632), de Bernardo de Brito e Antonio Brandão; *grifo nosso*)

CÃO

(COMO) CÃO SEM DONO

Bananére: O Dudú pobri goitado/ **Apparicia un con sê dono** (*O Pirralho*, n.166 – 1914, *grifo nosso*)

Books Google: "Agora, **cão sem dono**,/ escrava sem senhor,/ vae-te deitar á porta/ da tua alcova, e chora" (*A Defina do mal: poema* (1868), por Tomás Ribeiro; *grifo nosso*)

CHALEIRA

PEGAR NO BICO DA CHALEIRO

Bananére: a Gurmeligna mi dexô **pigá no biquinho da xalere** e intó io dixé. (*O Pirralho,* n.50 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google: "Na gíria da época, "**pegar no bico da chaleira**" era o mesmo que bajular. O *chaleirista* era o *puxa* de hoje..." (*O Fabuloso Patrocínio Filho* (1957), de Raimundo Magalhães Júnior; *grifo nosso*)

O registro obtido pelo *site* é posterior àquele averiguado no texto de Juó Bananére, no entanto, a leitura de materiais paralelos e a consulta a outras fontes podem contribuir para retroagir a datação. A respeito dessa expressão, Capela (2009, p.202) acrescenta uma nota importante comentando sobre sua coloquialidade e sua possível origem:

> A expressar "pegar no bico da chaleira" era então usual, tendo o sentido de "bajular" ou "adular". Sua origem parece estar ligada ao fato de que os tomadores de chimarrão verificavam a temperatura da água tocando no bico da chaleira. Dizia-se maliciosamente que os políticos e os amigos mais íntimos do general Pinheiro Machado, senador gaúcho que detinha grande poder durante o governo de Hermes da Fonseca, disputavam entre si o privilégio de render-lhe o serviço. Tal atitude de subserviência simbolizava a liderança e a influência por ele exercidas. Uma modinha da época satirizava aqueles que subiam o Morro da Graça, no Rio de Janeiro, onde residia o político, para bajulá-lo: "Yayá me deixa eu subir/ Nessa ladeira/ Porque eu quero pegar/ No bico da chaleira.

Como não foi encontrado nenhum registro anterior a Bananére e certamente não devido a questões estruturais – já que "bico" e "chaleira" são elementos que atuam juntos para construir o sentido metafórico da expressão, sua hipótese é bastante aceitável. Aqui está um caso em que obter dados sobre o contexto histórico e cultural do *corpus* utilizado pode auxiliar no estabelecimento de um étimo.

A modinha "Pega na chaleira", de Eduardo das Neves, foi sucesso do carnaval de 1909 no Rio de Janeiro[138], assim, podemos retroceder o *terminus a quo* e verificar que a expressão permaneceu na língua nos anos seguintes ao sucesso musical. Outras fontes reafirmam a presença dessa expressão neste período. Ainda no mesmo ano, estreia a Revista "Pega na Chaleira", de Raul Pederneiras e Ataliba Reis, e o filme "Pega na chaleira", produzido por Labanca, Leal e Companhia para a Photo-Cinematographia. Assim, pode-se notar que expressão estava em revistas, modinhas, filmes da época e, em diversas fontes, aparece a hipótese sobre o chimarrão e o senador Pinheiro Machado.

Todas estas fontes certamente apontam para uma solução a respeito do étimo e sua origem. Tal estabilidade e grau de certeza, no entanto, é raramente alcançado nos casos especiais da Etimologia, como são as expressões. Estes são os passos que o pesquisador deve seguir para confirmar hipóteses e estabelecer bons étimos. Na maioria dos caos, uma vez que não temos informações tão detalhadas e uma rica profusão de dados do mesmo período e relacionadas ao mesmo tema, o etimólogo deve conformar-se com *terminus a quo* a ser revisto e definido com o aprofundamento da pesquisa histórica.

CHUVA

TIRAR O CAVALO DA CHUVA

[138] http://www.musica.ufmg.br/permusi/port/numeros/07/resenha1.html

Bananére: N. da R. – **Tiri o cavallo da xuva** sô troxa. (*O Pirralho*, n.96 – 1913, *grifo nosso*)

Books Google: "**Tirem o cavalo da chuva** e se lhe querem dar cavalaria, ofereçam-no aos francez. A multidão ouviu com pasmo a afirmação categórica e viu com tristeza esfarrapar-se mais esta página da sua história gloriosa em todos os campos. (*Illustrações portuguezas* (1918); s/a; *grifo nosso*)

CORAÇÃO

DO FUNDO DO CORAÇÃO

Bananére: O Carrera qué bê a Intalia mesimo di virdá, **do o fondo do goraçó. (***O Pirralho*, n.62 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** O triste, que em mortaes ancias O desengane escutou , **Do fundo do coração** Estas palavras soltou : » Ah deshumana ! A tua alma » (*Quadras glosadas* (1804), de Antonio Bersane Leite; *grifo nosso*)

CULATRA

O TIRO SAIU PELA CULATRA

Bananére: "Uh! ma che speranza! **o tiro mi sai p'ra sculatrica**... " (*O Pirralho*, n.119 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** " é de imaginar a frustação de seus idealizadores, que estão vendo o **tiro sair pela culatra**" (*Annaes*, Vol. 19, 1963, Congresso Nacional. Câmara dos Deputados; *grifo nosso*)

DIABO

O DIABO QUE TE CARREGUE

Bananére: Vá vucê tambà p'ru **diabolo che ti acarregue!** (*O Pirralho*, n.109 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*"**"ANACLETO. Bem vê que sendo vossa senhoria meu amo. . . JEREMIAS. Bem vê. . . o **diabo que te carregue**, estupido." (*O vicio em doutrina*: drama original em 4 actos (1862), de Augusto Pinto Pacca; *grifo nosso*)

DOTE

SER CAÇADOR DE DOTE

Bananére: Propagandista contra os **caçadore dos dotte** (*O Pirralho,* n.65 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** Garanto que se o Guilherme me quisesse, não lhe torceria a cara 1 Mas é um **caçador de dote** e sem dúvida não dará apreço ao meu pobre montepio... — Ele acaba casando! — Não comigo, suspirou hipocritamente Ester. (*As virgens amorosas:* (romance) (1921), de Théo-filho; *grifo nosso*)

DUELO

BATER UM DUELO

Bananére: Manhá io vó **baté uno duello** co Bierrembacco (*O Pirralho,* n.62 – 1912, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Todos nós desprezamos demasiado os esbirros da Policia para que desejemos ***bater-nos com elles em ***duelo****" (O conde João, ou A Corte de Versailles em 1774*: drama histórico em 6 quadros (1844), de João de Azevedo; *grifo nosso*).

Verificaram-se *mais ocorrências com a preposição em do que com o artigo, como é o caso do registro no texto de Bananére.*

DURO

ALI NO DURO

Bananére: Fui, perché contro a vuluntá di tutta a genti stava a vuluntá di Deuse, chi quano dize una cósa **é alli no duro**! Tê di sê né chi xova ganivete! (*O Pirralho,* n.233 – 1917; *grifo nosso*)

***Books Google*:** "- No duro: Com firmeza, resolutamente ; sem frouxidão nem desvios; de animo firme, deliberado. "Em tempos de eleição bate a chapa de seu patrão, **alli no duro**, sem indagar do nome do candidato" (Azevedo Júnior). "E'a minha these; responde o Dr. Manoel Caetano, alli, no duro" (*A Provincia*, n.81 de 1916, *grifo nosso*).

A própria referência utilizada no trecho serve como mais um dado para aproximar o *terminus a quo* estabelecido pelo *corpus* de Bananére a dados paralelos, com estes registrados pela revista *A Província*. É frequente que um registro, ao comentar outro – especialmente dicionários históricos e obras similares – sirvam como *terminus a quo* para o etimólogo. Ao discutir uma expressão idiomática considerada pejorativa, ainda que não se tenham registros anteriores a ela – e sabemos que há uma distancia significativa entre o momento de criação de uma expressão e sua documentação escrita –, o próprio registro da expressão em um texto já é um dado essencial para os estudos diacrônicos. Ao que poderia atuar contra os dados linguísticos, em alguns casos o tabuísmo atua a favor das datações. O exemplo mais famoso desta contribuição às avessas é o *Appendix Probi*, uma lista com vários "erros" do latim do século IV d.C., que tornou-se uma das principais fontes de conhecimento do latim vulgar.

ENTRANHA

FILHO SEM ENTRANHAS

Bananére: Ó! **figlio sê intranhases!** Traidoro che stá insgugliambano c'oa riputaçó do páio! (*O Pirralho*, n.109 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "mãe de D. Affonso vI, crapuloso, inepto e ainda mais desgraçado do que máo, que morreu captivo, só, insultado, sem coroa, e sem esposa, mãe de D. Pedro II, o **filho sem entranhas**, o rei fratricida, quem sabe quanto pesariam na balança..." (*A máscara vermelha: romance histórico original*: chronica da restauração (1873), de Manuel Pinheiro Chagas; *grifo nosso*)

ESPARRELA

CAIR NA ESPARRELA

Bananére: Quano o Giacó adiscobri o ingano, / E che **tigna gaido na sparrella** (*O Pirralho*, n.201 – 1915; *grifo nosso*)

Books Google*:** "O Capelão e o Barbeiro, que sara tara estupidos como duas pacas, quizeram persuadir-me que Vm. me pedia onze caixas em vez de duas ; isto là me pareceo demasiado assucar, e tivera **cahido *na esparrela se não tivesse examinado por mim mesmo o seu mui precioso favor , e visto os dois riscos estendidos muito significativamente ao largo." (*O Padre amaro; ou, Sovéla, politica, historica e literaria*, Volume 10 (1825), s/a; *grifo nosso*)

ESTRILO

DAR O ESTRILO

Bananére: Intó, tanto pruvocáro, tanto pruvocáro che a Francia **deu o brutto strilimo** i pigáro una brighia indisgraziata (...) (*O Pirralho*, n.188 – 1915, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "**Dar o estrilo**, desesperar, alarmar, escandalisar." (*Geringonça carioca: verbêtes para um diccionario da giria* (1922), de Raul Pederneiras; *grifo nosso*)

FANIQUITO

ATAQUE DE FANIQUITO

Bananére: As nutiça cuntava che d'inzima a fabbrica di gartuxo du Rigalegio fui arubado o ritratto du Hermeze. Io gaí mediatamenti p'ra traiz com treiz **attaco di faniquito. (***O Pirralho*, n.127 – 1914, *grifo nosso*)

***Books Google*[139]:** "Olha, meu Lapafundio; quando tal vi, fiquei de raiva intanguida com hum **faniquito**, que não sei como a não esganei" (*Theatro* (1822) **,** Por João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett; *grifo nosso*).

GAFANHOTO

PIOR QUE NUVEM DE GAFANHOTO

Bananére: ... pur causa che quano illo xigô qui indo o Brasile, già tenia intaliano **piore dos gafagnote.** (*O Pirralho*, n.109 – 1913, *grifo nosso*)

[139] Não foram encontrados resultados para "ataque de faniquito". Substituiu-se por "faniquito" para habilitar a variedade lexical dos outros elementos da frase num novo tipo de busca e este foi o registro mais antigo encontrado.

***Books Google*:** “Uma vez no Paraná, depois de três dias sem comer, encontramos uma roça de milho. Foi uma rapa completa, **pior que nuvem de gafanhoto**. Em Palmas, o circo pegou fogo e o urso quase me matou.” (*Ora, veja só, seu Jujuba* (1963), de Brasílio Itiberê; *grifo nosso*)

IMBRÓGLIO

IR NO IMBRÓGLIO

Bananére: "só cidadó do Abax'o Pigues e no**n vado nu imbroglio** che stá volendo fazê quello Capitó senza bigodo sopra da a gara." (*O Pirralho*, n.21 – 1911, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “Notava-o o marqués de Gabriac, registando a confusâo do austriaco levado **no imbroglio** d'esses amores que lhe escapavam á argucia e senso pratico” (*Textos e pretextos: incidentes da chronica Brasileira à luz de documentos conservados na Europa* (1926), de Alberto Rangel; *grifo nosso*)

LEÃO

CAIR NA BOCA DO LEÃO

Bananére: Goitadigna da Naçó/ **Gaiu na boca du lió** (*O Pirralho*, n.166 – 1914, *grifo nosso*)

Não foram encontrados resultados com o verbo “cair”. As ocorrências encontradas expressam a variedade do elemento verbal mantendo o mesmo substantivo, o que corrobora a decisão terminológica sintetizada pela hierarquia de estabilidade lexical. Abaixo, os resultados obtidos na consulta do *site*:

1) Entrar na boca do leão: “Dois valentes não põe a mão, Saio da boca da cobra **Entro *na boca do leão*** Adeus senhor Luis Garcia Que não deu sua explicação” (*Revista do arquivo municipal* – Volumes 107 e 108 (1946), Departamento de Cultura, São Paulo; *grifo nosso*)

2) Meter-se na boca do leão: "Enfrentar uma situação difícil", registra Euclides Carneiro da Silva (16/1973). Abon.: "Se você continuar assim, com esse medo, está liquidado. O negócio é se **meter *na boca do leão***.” (*Nordeste, a inventiva popular* (1978), s/a, Livraria Editora Cátedra, *grifo nosso*)

MACACO

MACACO ME LAMBA SE X

Bananére: se illo accetá io non bulo maise c'oelli, ma si illo non accetá, **macaco mi lamba** se io non insgugliambá c'oelli... (*A Vespa*, n.2 – 1916, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Agenor, você não está sentindo um chuvisco? — Não; que chuvisco, qual nada. Você deve estar com fome e vontade de chegar. — Pois olhe, meu caro, **macaco me lamba se** qualquer coisa não me está borrifando as mãos**..."(Panorama do segundo imperio* (1939), de Nelson Werneck Sodré; *grifo nosso*)

MARIMBONDO

(MEXER COM X É O MESMO QUE) MEXER COM UMA CASA DE MARIMBONDO

Bananére: Non cotuca! (it) é a migna indivisa, pur causa che io sô molto camarada, ma **buliu cumigo é mesimoa cósa che mexê con una caza di marinbondi!!** (*O Pirralho*, n.233 – 1917, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Em resumo, o que o Manifesto propõe como remédio para o grande mal do latifundio é a tisana relíssima de uma reformazinha agrária que **nãó vá bulir na *casa de marimbondo dos "fundamentos jurídicos" da propriedade privada." (*U.R.S.S., Itália, Brasil*: Edição fora comércio (1935); *grifo nosso*)

MELADO

QUEM NUNCA COMEU MELADO, QUANDO COME SE LAMBUZA

Bananére: *Nota da Redaçó* – **Chi nunca cumê melado quano comi s'inlambusa.** (*O Pirralho*, n.99 – 1913, *grifo nosso*)

Ao observar os resultados no *Books Google*, as ocorrências nos mostravam que estávamos diante de uma expressão idiomática muito diferente daquela conhecida pelos falantes hoje em dia e com aquela presente nos textos de Bananére. Abaixo, a reprodução de algumas delas:

1. *Almanaque brasileiro*, Vo.10 (1912), João Ribeiro de Benjamin Franklin Ramiz Galvão; *grifo nosso*:

"**Gato que não come azeite quando come se lambuza** : diz-se para exprimir que alguém que vestiu uma cousa nova não quer que ninguém se encoste nella."

2. *Proverbios populares, maximas e observações usuaes colligidos* (1917), de Astolpho Pinto; *grifo nosso*:
3. (434) **Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza**. (435) Ainda contra ti, jámais *f*altes á verdade.
4. *Portucale: revista de cultura* , Vol. 2, Edições 7-12, 1929; *grifo nosso*:
   "... o pau»; e «Quem quere ver lôbo, fale -lhe na pele». — Formiga quando se quere perder cria asas. Temos nós: «A cobra quando quere morrer pregunta [= procura] a estrada». — **Gato que nunca comeu azeite, quando come se lambuza**."

5. *Revista da Academia Brasileira de Letras* – Vol. 37, Academia Brasileira de Letras – 1931; *grifo nosso*:
   "**Gato que nunca comeu azeite, quando come se lambuza** — E' o conhecido : « Quem nunca comeu melado ...»

6. *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo,* Vol. 40, Ed.190ª., 1935 - Arquivo Municipal de São Paulo; *grifo nosso*:
   "— **Gato que nunca comeu azeite, quando come se lambuza** — Corresponde, segundo Afrânio Peixoto, ao portugués: "Quem azeite mede as mâos unta" e á variaçâo nacional: "Quem nunca comeu mel, quando come se lambusa"."

7. *Chronicas*: 1859-1888 (1939), de W.M. Jackson; *grifo nosso*:
   "Diz o rifão que — **quem nunca comeu mel quando come se lambuza**. Não quero fazer applicação do dictado, mas todo o mundo está vendo que no banquete politico está sentada muita gente com a boc- ca suja. A novidade da semana."

A variação lexical é impressionante. Enquanto a segunda seção da frase é absolutamente cristalizada, sem variação nas desinências verbais ou nominais, a primeira seção sofreu grande variação ao longo do tempo. Para facilitar a visualização dos resultados segundo uma ordem cronológica, observemos as expressões expostas sequencialmente partindo do registro mais antigo ao mais recente encontrados no *site* de busca:

1912: "Gato que não come azeite quando come se lambuza**"**

1917: "Quem nunca comeu melado, quando come, se lambuza"

1931: “Gato que nunca comeu azeite, quando come se lambuza.”

1935: “Gato que nunca comeu azeite, quando come se lambuza”

1939: “quem nunca comeu mel quando come se lambuza”

Temos a variação de *mel, azeite* e *melado* para a primeira seção e a versão impessoal (“quem nunca”) e a versão em que é um gato que se lambuza. Os dados apontam para uma solução em que ambas as versões eram concorrentes nas primeiras décadas do século XX, no entanto, algumas foram aparentemente perdendo a força ao longo do tempo, em especial, a versão com o elemento “gato” e “azeite” na primeira seção. A pequena linha cronológica que temos aqui parece já indicar tendencialmente o que ocorreu na história desta expressão: a versão mais antiga desapareceu e a versão mais recente a substituiu, com uma variação entre “mel” e “melado” que pode ter se resolvido pela segunda palavra.

As expressões sao itens linguísticos que apresentam mudanças em sua estrututa e este é um dos casos em que fica clara sua flexibilidade formal. Analisar essa instabilidade valendo-se de dados paralelos é a melhor estratégia metodológica do etimólogo na tarefa de estabelecer uma solução para o étimo.

NADA

PRESTAR PARA NADA

Bananére: só sabe da vendé o sabulete e a butuadura e os cigarro chi **non presta né p'ra nada**. (*O Pirralho*, n.13 – 1911; *grifo nosso*)

Foram encontrados dois registros no *site Books Google* em dois excelentes dicionários históricos publicados no mesmo ano:

1) *“*Out-cast: adj. rejeitado, lançado pra for a por não **prestar para nada**; item desterrado.” (*A Dictionary of the Portuguese and English Languages in Two Parts*, Vol. 2 (1813), de Antonio Vieyra e J. P. Aillaud; *grifo nosso*)

2) “PEIXE: s.m. animal, que vive, e se cria na água, com escama, ou sem ellas, com barbatanas para nadar, guelras, espinhas. &c. *Ser peixe podre*: **não prestar pra nada**.” *(Diccionario da língua portuguesa* (1813), de Antonio de Morais da Silva; *grifo nosso*)

NARIZ

BOTAR O NARIZ PARA FORA

Bananére: Intó un uómo chi té scritto un libbro indecente uguali come a condessa Armignia, té curaggio di **buttá o narisi p'ra fóra**? (*O Pirralho,* n.88 – 1913; *grifo nosso*)

***Books Google*:** "**...** Hoje não se pode tirar o **nariz para fora** do buraco. Está dente de cão!» dependura — Dois ou tres marmelos, presos pelo mesmo cordel, dois ou tres cachos de uvas, também pendentes do mesmo cordel: uma dependura. Andar à dependura." (*Revista lusitava: arquivos de estudos filológicos e etnológicos relativos a Portugal*, vol.36-37, 1938; *grifo nosso*)

OLHO

(ROUBAR) COM OLHOS FECHADOS

Bananére: Arubava **té cos oglio fixado**, quello aguia lá. (*O Pirralho,* n.62 – 1912; *grifo nosso*)

Books Google*:** "E porque pôde haver quem não alcance tantas razões ; assim porque sendo muitas confundem, como porque ha corujas que não vêem luz, poremos aqui uma demonstração tão clara que todos a vejam **até com os olhos fechados,** e a entendam, ainda que estejam dormindo**" (A arte de furtar, espelho de enganos, theatro de verdades, mostrador de horas* (1830), de Antonio Vieira; *grifo nosso*)

(BOTAR) NO OLHO DA RUA

Bananére: Pigò un puntapé nu minino/ I **butó illo nu ôglio da rua.** (*O Pirralho*, n.123 – 1913, *grifo nosso*)

Foram encontrados dois registros muito curiosos para a pesquisa, do qual possivelmente teria derivado o sentido atual ("despedir"):

1) Pôr no **olho da rua** ; i. é , no meyo da rua. (*Diccionario da lingua portugueza:* composto (1813), Vol.1-2, de Antonio Morais de Silva; *grifo nosso*)

2) “Là vem outros enfurecidos contra nós; porque à forca, e entre os mais affrontozos insultos eliminamos do sagrado asylo da habitação as suas amarguradas consortes, e os caros penhores do seu amor, pondo-as no **olho da rua** por altas horas da noite.” (*A saudosa despedida dos escravos miguelistas ou o Ultimo adeos a seu senhor* (1833), de João Pereira Baptista Viera Soares; *grifo nosso*)

ORELHA

FICAR COM A PULGA ATRÁS DA ORELHA

Bananére: Intó io che non sô troxa p’ra burro, **fiquê c’oa purga atraiz da oreglia (***O Pirralho*, n.91 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** Havia muito já que este andava com a **pulga atrás da orelha** e, quando passava perto do cavouqueiro, olhava-o atravessado. (*O Cortiço* (1890), de Aluisio de Azevedo; *grifo nosso*)

OVA

UMA OVA

Bananére: - Che difficile u che! se io iva lá ti amustravo come io ficavo igneniere primiere chi o Cusarunhes sfrigava o zóglio! / - Ficava **uma óva**! (*O Pirralho*, n.88 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “Interrogado por mim sobre sua autoridade de bispo, respondeu-me zangado, asperamente: — "Bispo **é uma ova**!” (*Trechos populares de Diamantina* (1929), de Augusto Fernandes; *grifo nosso*)

PANÇA

ENCHER A PANÇA

Bananére: Oggi si che io **enxó a panza!** (*O Pirralho*, n.81 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “Será em fim com as vozerias d'uma vil e feroz populaça, mais solicita de roubar, assassinar, e **encher a pança**, que zelósa da gloria.e prosperidade d'um usurpador?” (*O padre amaro, ou Sovéla política, histórica e literária* (1828), de Joaquim Jozé Ferreira de Freitas; *grifo nosso*)

PATO

CAIR COMO UM PATINNHO

Bananére: I u Hermeze goitadigno/ **Gaiu come un patigno** (*O Pirralho*, n.166 – 1914; *grifo nosso*)

Books Google: Alonso: "Eu eu é que abro a xanella para.. num bale, xenhora Maria, num bale... (Fecha a janella rapidamente); Conceição (À parte): **Cahio como um patinho**! (Alto) Ouça, elle quer cazar comigo!..." (*O misantropo*: farça em 1 ano (1853), de Paulo Midosi; *grifo nosso*)

PAGAR O PATO

Bananére: O tavismo é una robba che fiz u padre e chi **apaga u patu** é u figlio." (*O Pirralho*, n.41 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "[Disto o cheiro, disto a cor/ Que preço não tem igual, Milagres de Portugal,/ Coisas de tanto sabor/ Todas a saberem mal/] Onde se há de lançar tanto/ Aquillo eh **pagar o pato**,/ [Em fim quando me levanto, / Ou ey de morrer d'espanto,/ Ou senam m'espanto mato,] (*Vocabulario portugues & latino* (1720), de Rafael Blueteau); *grifo nosso*

PAU

CASA DE FERREIRO, ESPETO DE PAU

Bananére: Sê chi vucê é barbiére pur causa chi vucê stá c'oa barba i o gabello gumprido i sigundo diz, a regola: "**Gaza di ferrêro spetto di páu"** (*O Pirralho*, n.102 – 1913,v)

***Books Google*:** Em qualquer hora cáe a casa. (Póde acontecer desgraça inesperada a cada momento.) Em **casa de ferreiro, espeto de pau. (**(*Collecção de proverbios, adagios, rifaos, anexins, sentenças* (1847), de Paulo Perestrello da Câmara; *grifo nosso*)

NEM A PAU

Bananére: O Lacarato inveiz dissi chi non dexa **ne a pau! (***O Pirralho*, n.137 – 1914, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "que já vai em muita diminuição, comtudo ainda ha algumas que **nem a pau** querem largar este abuso: tanto que já houve algumas, ás quaes o seu missionario mandou dar palmatoadas até cilas dizerem basta" (*Revista trimestral de historia e geographia ou Jornal do Instituto historico* (1841), do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil; *grifo nosso*)

PÉ

CABELO EM PÉ

Bananére: O Jota Jota **tenia os cabello di pé** por causa da curiositá. (*O Pirralho,* n.47 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "E muito pálido, esgrouviádo, os **cabelos em pé**, empunhando uma tocha" (*O Senhor dos Passos da Graça* (1904), de Gomes Leal; *grifo nosso*)

SER PÉ DE BOI

Bananére: O Hermeze inveiz no! **Eró pé di bôio** piore d'un indisgraziato. (*O Pirralho*, n.95 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Sessenta e oito annos. Homem maduro, **pé de boi**, cá dos meus, emfim." (*A mocidade de D. João V: romance,* Vol. 1-2 (1851)**,** de Luiz Augusto Rabello da Silva; *grifo nosso*)

PÉ NA COVA

Bananére: Si stava io, **s'inforcavo n'un pé di côva. (***O Pirralho,* n. 108 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Ter um **pé na cova**: To have a foot in the hole" (*O novo guia de conversação em inglez e portuguez* (1851), de José da Fonseca e Pedroso Carolino; *grifo nosso*)

AO PÉ DA LETRA

Bananére: Istas duas só traduçó dus **pé da lettra,** ma una traduçó molto xique fiz a gaza "Au Bon Diable" (*O Pirralho,* n. 174 – 1915, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Vedes aquy tudo comprido ao **pé da letra**, pois este menino Deos toma o remédio do peccado não o tendo" (*Sermoes das festas de Christo Nosso Senhor Francisco Fernandes Galvão* (1616), de Amador Vieira; *grifo nosso*)

SEM PÉ NEM CABEÇA

Bananére: O Frederico non passa di un typo indiale, uma criaçó literarima, **sê pé né gabeza. (***O Pirralho,* n.185 – 1915, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "Escandalos se derão a bordo com a familia acima, precedidos de Quixoticos amores, **sem pé nem cabeça**, e que se evaporarão como o que orão." (*(A nova marinha:*

resposta à "Marinha d'outrora" do Sr. Affonso Celso Assis ex-visconde de Figueiredo Ouro Preto (1897), de Américo Brasílio Silva; *grifo nosso*)

POBRE

POBRE COITADO

Bananére: "O Dudú **pobri goitado**/ Apparicia un con sê dono**" (***O Pirralho*, n.165 – 1914, *grifo nosso*)

Books Google*: "**Tendo-lhe mesmo por innocente á vista da conducta que alli tem, pela qual lhe parece um **pobre coitado." (Diario da Assemblea geral, constituinte e legislativa do Imperio*, vol.1, 1823; *grifo nosso*)

PORCO

PORCA MISÉRIA!

Bananére: Si cabava, o mondo, **porca miseria**! (*O Pirralho*, n.50 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*: "Porca miseria**!», como diz o italiano. Henrique (Desapontado) — São moveis de familia que têm vindo de geração a geração. Oswaldo Tens cada idéa! De geração a geração só o •dinheiro!..." (*Flôres da sombra: comedia em 3 actos* (1919), de Claudio de Souza; *grifo nosso*)

PORRE

(Pegar) um porre

Bananére: "Vá amuntá un bunito cinema, c'oa inauguraçó di xampagno i xaruto gomerciale. NOTA DA REDAÇÓ: - Intó io vó **pigá un porrigno**, lá. (*O Pirralho*, n.87 – 1913, *grifo nosso*)

Três ocorrências no *corpus* mais antigo: *A selva: romance* (1934), de Ferreira de Castro; *grifo nosso:*

1) "- Muito obrigado! - Só um porre! – Não, não." (p.100)
2) "— Coalha porque não tens cuidado ! Levas meio litro e, se continuas assim, não levas nem mais **um porre** ! Olha, olha a tua conta ! Um conto e mil e oitocentos réis! E ainda querias mais? (p.154)

3) “Ficamos de bubuia como quem está a pescar e quando eles passavam metemos conversa fiada e lhe perguntávamos se queriam ir ao barracão **tomar um porre** de cachaça.” (p.313)

PORTA

ENTROU POR UMA PORTA, SAIU POR OUTRA

Bananére: Intó fiquemos na brutta farra té as quattro da manhá i cabô a storia **intrô c’uma porta i sai c’oa otra. Chi quizé conte otra.** (*O Pirralho*, n.121 – 1913, *grifo nosso*)

O registro mais antigo encontrado no *Books Google* contém uma pequena variação na segunda parte desta expressão:

***Books Google*:** “E foi assim que um liomeni pacien- W te conseguiu a mão da princeza Iris Branco e o reino das Maravilhas, refreando ocapricho do rei Lotus, gracas apenas a uma iritermiiiavel praga de gafanhotos. **Entrou por uma porta, saiu por outra**. El Rei, o novo Presidente da República, **que vos conte outra menor...”** (*Kosmos,* vol.3 (1906), de J. Schmidt’; *grifo nosso*)

PULO

(TRÊS) PULOS DE CONTENTE

Bananére: Quano xigáro indo o larghe du Palazzo u padro Caxetta **dê treiz pulo di cuntento.** (*O Pirralho*, n.128 – 1914, *grifo nosso*)

***Books Google*:** Rodrigo ficou admiradíssimo vendo estas boas cousas ! dava **pulos de contente**, quando esse sujeito lhe disse que eram para elle. (*O Mosaico: jornal de instrucção e recreio*, Vol. 1-3, 1839; *grifo nosso*)

REMÉDIO

NEM PRA REMÉDIO

Bananére: "afinale non tenia maise **né uno pidacinho p'ra rimedio**" (*O Pirralho*, n.41 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “Eu antes de adoecer disse a V. Ex. , Sr. presidente, que hoje não se achava um corcunda **nem para remedio**. (Risadas.)” (*Anais da Câmara dos Deputados*, Vol.2, Parte1, 1878, Congresso Nacional, Câmara dos Deputados; *grifo nosso*).

SABÃO

MANDAR/IR LAMBER SABÃO

Bananére: - Tambê una tale Maria Carmella, pur causa dus disgostimo da vita, arisorvê di si amatá, ingerino una lata di carolina. Xamada a çistenza, cumparecê o dott. Lacarato, chi **mandô illa lambê sabô**. Illa lambê i sarô. (*O Queixoso*, n.5 – 1916, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "E... o povo, isto é, os burrinhos que pucham esta typoia de Republica militar-financeirista? Que **vá. lamber sabão**, como diz com espirito espumoso O Paíz quando o aborrecem com perguntas indiscretas." (*Portugal e Brazil:conflicto dipliomático*, vol.3-4 (1894), de Augusto de Castilho; *grifo nosso*)

SOLDADO

SOLDADO VELHO NÃO SE APERTA

Bananére: Mas, inveiz, pertigno d'elli murava o tale Cavaliere da a garta i io fiquê trapagliado,ma cunformo dize a regala "**surdado véglio non si aperta**". (*O Pirralho*, n.127 – 1914, *grifo nosso*)

Books Google*:** "Ainda foi o general Osorio quem tirou •os seus collegas da difficuldade, tornando mais uma vez verdadeiro o rifão : Que **soldado velho não se aperta" (O antigo regimen (homens e coisas)* (1896), de Suetônio; *grifo nosso*)

SORTE

SORTE GRANDE

Bananére: Óglia a zorte grante corre genti. (*O Pirralho*, n.64 -1912, *grifo nosso*)

As ocorrências encontradas no *site* indicam que a expressão está presente em outras línguas românicas e que, possivelmente, teria vindo da língua francesa, como podemos notar nos resultados reproduzidos abaixo:

Português: "Como esta Rapariga visse que a hum tendei- ro , seu vizinho , tinha sahido huma **sorte grande**, pegou tambem nos vintens, que tinha, e fez com elles , de sociedade, huma entrada em dois Bilhetes da Loteria dos Captivos" (*Português: Os enjeitados da fortuna expostos na Roda do tempo* (1818), de José Daniel Rodrigues da Costa; *grifo nosso*)

Francês: “Dans cette même année, il envoya en Egypte Giauhar, Grec de Nation, affranchi du Roi son pere,qui l'avoit élevé jusqu'aux premieres charges de la Milice, 6c lui donna le commandement d'une **sorte grande** armée pour la conquête de cette” (*Bibliothèque orientale* (1776), Vol.1, p.599, Bathélemy d’Herbelot De Molainville; *grifo nosso*)

Italiano: “Vers. 16. Io trovai la tua parola » ec. Fu mìa **sorte grande,** o Signor l’udir la tua voce” (*Vecchio (Nuovo) Testamento con segondo la Volgata tr. e commentari (*1785), Profezia di Geremia, cap.30, vers.16; *grifo nosso*)

TELEFONADA

BATER UMA TELEFONADA

Bananére: Intó io piguê **i bati una tilifonada** p'ru Lacarato pur causa di vim prendê o gonzolato. (*O Pirralho,* n.254 – 1917, *grifo nosso*)

A expressão não foi encontrada, no entanto, ao buscar somente a palavra *telefonada,* esse foi o registro mais antigo que apareceu nos resultados e que parece indicar, ao menos, que o item lexical estava em voga nas primeiras décadas do século XX:

***Books Google*:** “A uma **telefonada** minha o proprietário virá fechar o negócio” (*A grande felicidade,* (1922) de Théo-Filho; *grifo nosso*)

TEMPO

EM TRÊS TEMPOS

Bananére: Uh! é un bó logáro! A genti fica ricco **in treiz temposes**. (*O Pirralho,* n.99 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “era outro cavaleiro, que saltou do lombilho abaixo e **em três tempos** desarreou o cavalo em que veio” (*Antologia brasileira: coletânea em prosa e verso de escritores nacionais* (1842), de F. Alves’; *grifo nosso*)

FECHAR O TEMPO

Bananére: Intó io fiz un signalo p’ru Xico, p’ru Beppi i p’ru Carluccio i gridê: - “Abax’o as convenço suciali!” i **fexemos o tempò**. (*O Pirralho,* n.126 – 1914, *grifo nosso*)

Foram encontrados dois registros com a mesma datação, embora posteriores à obra de Bananére:

1)“**Fechou o tempo**. Censurados os dois clubes, principalmente o Botafogo, pela LMEA, que suspendeu Abelardo Delamare, dela retirou-se o alvinegro” (*Diário da cidade amada*: Rio de Janeiro, 1922 Vol.2; *grifo nosso*)

2)“Fechar: “**FECHAR O TEMPO** — Romper a peleja. Fechar o corpo, desviar-se,livrar-se de um golpe.” (*Geringonça Carioca: verbêtes para um diccionario da giria* (1922), de Raul Pederneiras; *grifo nosso*)

PORÇÃO DE TEMPO

Bananére: Io si rí una **purçó di tempio." (***O Pirralho*, n.31 – 1912, *grifo nosso*)

***Books Google*:** “Ora, apenas se tinha observado que corria huma pequena **porção de tempo** de menos entre o momento de hum equinócio” (*Tratado completo de cosmographia e geographia, hystorico-physica*, Vo.1,1825; *grifo nosso*)

TROUXA

SER TROUXA

Bananére: "Io che non **só troxa** né nada” (*O Pirralho*, n.31 – 1912, *grifo nosso*)

Ao testar no *site Books Google* as várias conjugações verbais do verbo “ser” associado com o adjetivo “trouxa” ou “troxa”, como pode ocorrer em alguns textos, é possível perceber que para cada tempo ou pessoa bteremos uma datação diferente. Neste caso, foi o presente do indicativo na terceira pessoa do singular a conjugação em qual a expressão foi documentada em um registro mais antigo. Abaixo, a listagem das ocorrências em ordem cronológica:

É: “Estar-se mal é estar à- brocha, Uma maçada é uma espiga; Um tipo estupido **é trouxa**, Um tipo alto é uma viga.” (*Um grau abaixo de zero* (1896), de Fernando Tavares de Carvalho; *grifo nosso*)

Sou: “Este ladrão deste Pachóla, sahido lá dos cafundós do Judas, chega aqui, me toma a menina e sái depois, bem socegadi- nho de sua vida delle, rindo de mim ! Mas, não ! eu não **sou trouxa** assim, não !” (*Os jagunços: novella sertaneja escripta expressamente para "O*

Commercio de S. Paulo" e publicada por esta folha, Volumes 1-2, 1898, de Afonso Arinos; *grifo nosso*)

Ser: "Isso que é tão pittoresco, mas tão enervante em nosso caracter, essa esperteza de "não **ser trouxa**", de "saber levar a vida", de ser "philosopho", tudo isso que o povo resumiu como ninguem, na phrase celebre de "Deus é brasileiro"" (*Estudos*, 4ª. Serie, vol.4, 1931, *grifo nosso*)

Era: "Mas o menino não **era trouxa**; 0 menino não ia. em imitações; ele não queria. chucha; o que ele queria era ‹unaminha››." (*Sempre fixe: semanario humorístico*, Edições 345-397, de Pedro Bodallo, 1933; *grifo nosso*)

VIGÁRIO

(LEVAR) O CONTO DO VIGÁRIO)

Bananére: Intô o otro cumprõ i **livô o gonto du vigario. (***O Pirralho*, n.86 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "O estação do campo, e rala-te com os remorsos do teu **conto do vigário** e do teu *jogo da trancinha*" (*Em Minas Gerais: viagens, litteratura e philosophia* (1895), de Carlos de Laet; *grifo nosso*)

XADREZ

BOTAR NO XADREZ

Bananére: Si vuceis non gala a bocca io mando **butá** tuttos **nu xadreiz. (***O Pirralho*, n.111 – 1913, *grifo nosso*)

***Books Google*:** "officiaes que apparecessem mandaria **metter no xadrez**, e seguiria no primeiro vapor para o sul o actual Governador." (*Movimentos revolucionários de 30 de Dezembro de1892 e de 26 e 27 de Fevereiro de 1893* (1894), de Typographica do Brazil, Amazonas; *grifo nosso*)

Na seção seguinte, serão comentados os resultados obtidos a partir deste cotejo, apresentando as considerações metodológicas e teóricas resultantes das abonações e suas implicações para os estudos diacrônicos do português brasileiro.

4.5 Considerações Finais

As expressões idiomáticas são registro da memória discursiva individual e coletiva assegurada pela estrutura cristalizada das formas, mas ao mesmo tempo pela sua flexibilidade a novas versões, soluções e ressignificações. Ao veicular a ideologia e a vivência de um povo, o valor cultural, histórico e linguístico das expressões idiomáticas torna-se inegável sua riqueza para os estudos etimológicos, o que reforça a importância em trabalhar com estes fenômenos, não obstante os desafios que elas apresentam.

Os objetivos do projeto de pesquisa podem ser sintetizados em duas fases: a coleta das expressões populares registradas na obra de Juó Bananére e a retroação dos dados obtidos na primeira fase por meio da consulta e cotejo de outros *corpora*. Com a primeira fase, obtiveram-se informações até então desconhecidas sobre os itens fraseológicos que eram correntes no período de publicação dos textos macarrônicos. Com a segunda, foi possível rastrear os trajetos feitos pelas expressões ao longo do tempo, sobretudo nos séculos XVIII e XIX, período que se mostrou especialmente profícuo para a retroação das expressões localizadas.

Entre as duas fases, no entanto, foi necessário um esforço constante para a criação e aperfeiçoamento de uma metodologia cientifica e eficiente para a datação de expressões que pudesse ser replicada por outros pesquisadores em qualquer língua estudada. Assim, a construção do modelo metodológico é um dos resultados mais significativos da pesquisa empreendida, na medida em que oferece uma estratégia de pesquisa de dados e aprofundamento das informações que estavam até então descentralizadas ou permaneciam desconhecidas para o pesquisador em Etimologia.

Enquanto a primeira fase do projeto, que constava da coleta das expressões populares nas publicações de Juó Bananére, transcorreu tranquilamente, a segunda fase exigiu maior versatilidade e planejamento para adaptação. O *corpus* utilizado para confrontar as datas das expressões localizadas nos textos de Bananére foi o *site* de busca *Books Google*, na medida

em que reúne um grande acervo de obras antigas e modernas e possibilita uma consulta rápida e acessível dos termos constituintes da expressão popular em análise em diversos tipos de obras. Haja vista que o objetivo da pesquisa era encontrar registros mais antigos, o que implica na ampliação dos *corpora* consultados, foi necessário restringir as possibilidades de retroação para uma única base de dados que preservou a meta da pesquisa: o *site* do *Google* tem um acervo extenso e conta com a facilidade dos recursos tecnológicos que permitem identificar termos e expressões de qualquer período e em quaisquer obras de referência.

A coleta de dados diz muito sobre o quadro das expressões idiomáticas mais utilizadas durante as primeiras décadas do século XX e, uma vez abonadas, rastreou-se sua tradição, sua variação lexical (anterior ou posterior ao registro encontrado nos textos macarrônicos) e seu desenvolvimento até os nossos dias. Algumas expressões permanecem no português brasileiro coloquial atual, algumas ficaram confinadas a este período – podemos falar, inclusive, de 'gírias fraseológicas' – e outras tomaram uma forma ou sentido diverso daquele registrado por Juó Bananére. Percebeu-se a partir dos resultados da pesquisa que as expressões não são construções tão cristalizadas quanto pareciam inicialmente ser: ao observar a grande variação lexical e semântica verificada nos dados obtidos, é pertinente a afirmação de que também as expressões, em um passo menor e talvez de forma menos transparente, sofrem conservação e inovação, como qualquer outro fenômeno linguístico.

Entre as expressões levantadas e abonadas, notamos como os aspectos temáticos mais recorrentes e de alta produtividade os nomes de animais (pato, macaco, marimbondo, leão etc) e as partes do corpo (mão, pé, cabeça). A estrutura básica de sintagma verbal aliado a um sintagma nominal também se mostrou a mais presente e muito produtiva entre as ocorrências localizadas, como 'meter o bedelho', 'fazer pouco caso', 'dar o fora'. As expressões que apresentaram paralelismo, ainda que tivessem alguns de seus elementos composicionais modificados, conservaram o aspecto formal e mantiveram a estrutura paralela e binária, o que evidencia o caráter prosaico fundamentalmente associado à preservação da expressão idiomática. Os dados presentes no *corpus* permitiram, assim, delimitar o fenômeno em seus aspectos distintivos mais recorrentes, o que habilita o pesquisador a identificar o recurso linguístico mais facilmente e investigá-lo a partir de critérios baseados em dados concretos.

Observa-se também que a maior parte das expressões foi retroagida para o século XIX, assim como ocorreu com a retroação de itens lexicais, o que demonstra que o registro documentado dos fenômenos linguísticos do português brasileiro coloquial aconteceu de

forma maciça durante o século XVIII e XIX, sobretudo em textos com temáticas mais populares ou regionalistas. Todas as abonações foram efetuadas considerando somente os textos macarrônicos e as obras que fazem parte do arquivo digital do *site Books Google*, isto é, a partir da construção de um *corpus* idealizado em que toda a produção escrita brasileira estaria supostamente contida nesta base de dados. Mesmo assumindo os riscos que tal idealização pode resultar, os resultados foram muito satisfatórios, pois retroagimos e especificamos as datações em quase todos os casos.

Valendo-se de conceitos-chave que orientam a pesquisa e conferem cientificidade aos seus métodos e soluções, o pesquisador em Etimologia está instrumentalizado para desenvolver um trabalho de boa qualidade e com resultados adequados. O levantamento de dados, a elaboração de hipóteses e a análise dos mesmos à luz dos fenômenos da sincronia pretérita em questão, no caso, os séculos XIX e XX predominantemente, foram comprovadas como estratégias eficientes de coleta de dados e retroação dos fenômenos. Para cada expressão retroagida, podemos estabelecer já sua influência como elemento de analogia e produtividade para a criação de novas expressões com base naquelas que fazem parte do acervo linguístico do falante daquela sincronia pretérita. Em termos percentuais, obteve-se que das expressões localizadas no *site Books Google*, 9% são do século XX; 23% da segunda metade do século XIX; 31% da primeira metade do século XIX; 3% pertencem ao século XVIII; e, por fim, 3% são do século XVII.

Este é um ensaio metodológico em direção a uma datação das expressões idiomáticas da língua portuguesa, em especial, expressões do português brasileiro coloquial e que, se não confere uma assertividade absoluta à abonação realizada, tem o sucesso de esclarecer e pontuar na linha do tempo quando aquela expressão foi utilizada e quais eram suas variantes, tornando possível a identificação de uma tradição anterior à publicação dos textos de Bananére ou posterior, conservando ou inovando forma e sentido até o século XXI. Como sugestão de continuidade do trabalho aqui realizado, podemos citar a investigação em revistas femininas, cartas, peças de teatro e anais de eventos políticos do século XIX e início do século XX como fontes de riqueza linguística e excelentes pontos de partida para futuros estudos etimológicos.

CONCLUSÃO

Partindo da premissa que os textos macarrônicos publicados por Juó Bananére podem ampliar os estudos diacrônicos do português brasileiro, fornecendo informações históricas da língua falada pela comunidade paulistana no início do século XX, buscamos desenvolver neste trabalho uma pesquisa linguística do dialeto macarrônico em seus componentes fonológicos, lexicais e sintáticos. A investigação do valor documental das suas publicações foi também grande ensejo para, ao longo da pesquisa, delimitar aspectos teóricos e procedimentos metodológicos para reinaugurar os estudos etimológicos em língua portuguesa, ainda incipientes como prática institucional e carentes de dados, *corpora* organizados e formação acadêmica a ele relacionada.

Para tanto, o projeto de pesquisa teve dois objetivos no âmago de seu desenvolvimento: o estabelecimento de um modelo conceitual e metodológico para realizar pesquisa em Etimologia embasada cientificamente; e a elaboração de um método de datação e retroação de itens lexicais e expressões idiomáticas encontradas nos textos de Juó Bananére que pudesse ser replicado. Como complementação à pesquisa de dados, foi consultada uma bibliografia especializada para a investigação dos dados biográficos sobre o autor, além de informações a respeito do contexto histórico, social e literário das obras macarrônicas de Juó Bananére oferecidas pelas publicações de pesquisadores que se dedicaram à sua obra, como Benedito Antunes, Carlos Capela, Elias Saliba, Ana Paula Andrade, entre outros pesquisadores. Em paralelo a estas leituras, foram consultadas obras de referência que ladearam as descobertas a respeito dos elementos constitutivos do dialeto macarrônico, das estruturas sintáticas ali encontradas e dos itens lexicais, muitas vezes surpreendentes, usados por Bananére, como gramáticas e dicionários especializados em dialetos italianos, compêndios dialetológicos do português e dicionários que apresentam informações etimológicas sobre a língua portuguesa.

Partindo das delimitações conceituais estabelecidas por Viaro (2011) a respeito da ciência etimológica como método e considerando as implicações destas delimitações para o tratamento do *corpus* e as questões que devem ser consideradas na investigação com bases científicas da história da língua, sedimentamos a fundamentação teórica para obter informações embasadas em argumentos e dados paralelos, contrapondo-se ao modo antigo de

fazer etimologia que contava apenas da erudição e autoridade de um estudioso da língua, motivo pelo qual a ciência foi, por muito tempo, negligenciada. A Etimologia, como muitas outras ciências, lida basicamente com abstrações e aproximações hipotéticas a respeito da origem do fenômeno estudado, seja um fonema, um item lexical, uma expressão idiomática. O que é possível ao etimólogo é reunir um bom conjunto de *corpora* que pode lhe fornecer dados paralelos aos quais está investigando e, a partir das informações que tem, apresentar hipóteses que devem sempre estar sujeitas a uma nova revisão. Além disso, a incerteza das abonações efetuadas e das hipóteses formuladas a partir do acesso a dados e informações históricas sobre o sistema investigado, uma vez que é praticamente impossível determinar com absoluto grau de certeza o *terminus a quo* de uma palavra, pode afastar aqueles que buscam verdades irrefutáveis na pesquisa linguística. Assim, neste trabalho, buscamos apresentar um novo modo de fazer etimologia, considerando tais questões de forma transparente e suprindo as possíveis lacunas com a busca de dados paralelos e informações históricas.

Investigando os principais metaplasmos do dialeto macarrônico de Bananére, foi possível observar a grande mistura linguística de fenômenos fonológicos ali incrementados, alguns deles coincidentes, entre o português geral e o arcaico, o dialeto caipira e a língua de Nápoles. Rotacismos, próteses, sonorizações e alçamentos vocálicos, que foram utilizados pelo escritor com uma motivação nomeadamente cômica, revelaram aspectos diacrônicos do português brasileiro coloquial, substrato linguístico difícil de capturar, pois censurado de longa data pelas prescrições normativas de gramáticos e eruditos detentores da norma enaltecida em detrimento da língua corrente. Observando detidamente estes componentes fonológicos, foi possível observar como um sistema aparentemente homogêneo como a língua portuguesa falada no Brasil é, na verdade, constituído por diversos sistemas entrelaçados, trazendo marcas dialetais, arcaicas e estrangeirismos que quebram, por fim, o mito da "língua pura" ou mesmo de "idioma nacional", sobretudo quando relacionamos estes sistemas aos fatos culturais, geográficos, políticos e sociais que ocorreram no momento histórico da analise diacrônica. Marcas coincidentes entre dialetos meridionais italianos e variantes caipiras do português apontam para uma solução policausal da origem destes traços fonológicos, sobretudo quando investigamos variantes negligenciadas pela tradição da linguística normativista.

A ausência de informações linguísticas sobre estes substratos neste período implicou na interferência normativa naquilo que é ignorado pela ciência e naquilo que é incluído nas obras de referência da língua portuguesa. Essa restrição fez com que muitos dos dados lexicais e semânticos encontrados nos textos de Bananaére, que podem ser classificados como "gírias", "neologismos" ou "variantes dialetais", não fossem dicionarizados em obras especializadas, registrados em textos literários em toda a sua coloquialidade e tomados como objeto de estudos nos ambientes acadêmicos. Assim, o trabalho abonativo destas palavras e acepções permitiu duas mudanças deste quadro: a datação de um *corpus* que localiza numa determinada sincrônica pretérita, de 1911 a 1917, o conjunto vocabular utilizado pela comunidade ítalo-brasileira em que podemos notar a ocorrência de muitas destas palavras e acepções coloquiais, considerando aquelas que se perderam como "gírias" ou "modismos", uma vez que são muito recorrentes e não apresentam nenhuma estratégia de paráfrase. Para alem disso, foi possível retroagir muitos termos e acepções em décadas, alguns deles presentes na língua portuguesa até os dias atuais não obstante seu aspecto popular, o que mostra que estamos diante de termos e significados muito antigos – alguns com mais de 160 anos –, mas que foram conservados em seu *status* coloquial e em sua estrutura semântica.

Observou-se igualmente que a maior parte das acepções lexicais e expressões idiomáticas – foi retroagida para o século XIX, período em que ocorrem grandes transformações no português brasileiro[140] e que, devido aos movimentos nacionalistas da literatura brasileira e seu consequente fomento da criação de uma identidade marcada por símbolos da brasilidade, entre eles, a língua portuguesa falada pelos brasileiros, propiciou o registro de muitas palavras e expressões que, se não nasciam neste período de documentação, tiveram os escritores como primeiras testemunhas em registro escrito destes traços peculiares do nosso idioma. Autores como João do Rio, José de Alencar, Aluísio de Azevedo, Visconde de Taunay, entre outros, contribuíram para a retroação de muitos dados linguísticos encontrados nas paginas macarrônicas de Bananére, confirmando a um só tempo o português popular da obra deste último e a coloquialidade presente na obra dos primeiros. A consulta a *corpora* que incluíssem literatura regional, textos com temáticas populares e documentos que mimetizam interações em um registro informal – como aqueles presentes na plataforma *Corpus do Português* criada por Mark Davies e Michael Ferreira – foram especialmente produtivos para ampliar as possibilidades de retroação dos dados. A utilização de *softwares*,

[140] Cf. CYRINO (1997); que apresentam quadros estatísticos e pesquisas diacrônicas, sobretudo no âmbito da sintaxe, sobre as mudanças gramáticas sofridas pelo português brasileiro durante o século XIX.

plataformas *online* e *sites* de busca neste trabalho mostra, assim, que o etimólogo do século XXI tem recursos tecnológicos muito favoráveis para ampliar o acesso a *corpora*, agilizar a identificação e coleta de dados linguísticos em documentos virtuais e, assim, aumentar o grau de certeza das hipóteses apresentadas em seu trabalho.

Os procedimentos de coleta, abonação e retroação de acepções e expressões semânticas gerou resultados satisfatórios na medida em que pudemos ampliar o conhecimento sobre os dados linguísticos de diversas sincronias pretéritas, obtendo muitas informações para a reconstrução dos trajetos que uma transformação fonética, uma palavra e/ou acepção ou uma expressão podem ter percorrido durante muitas gerações. As expressões idiomáticas sem etimologia literária ou cientifica evidente e, por tal razão, difíceis de terem seus *termini a quo* determinados, são aquelas que, no cenário incipiente da Etimologia em língua portuguesa, mais necessitam de abonação, uma vez que apenas relacionando-as a dados paralelos, eventos históricos, literatura popular, personagens centrais nos diversos ramos de atividade ou quaisquer fatores, possam estabelecer cientificamente uma conexão entre o fenômeno linguístico e o cenário extralinguístico que o criou. Bananére utiliza expressões que foram retroagidas em muitos séculos – algumas até mesmo do século XVII –, enquanto outras apresentaram variações em seus componentes lexicais, indicando que, assim como todos os outros níveis linguísticos, as estruturas fraseológicas não são tão estáveis quanto imaginamos, pois que também variam e mudam ao longo das gerações. Algumas podem estar relacionadas a um evento histórico – como *pegar no bico da chaleira*, que tem o elemento "chá" e "bico" associados ao senador gaúcho Pinheiro Machado, fiel seguidor de Hermes da Fonseca[141]– e outras podem não tem qualquer explicação extralinguística para seu surgimento, como *oras bolas*. Para os fins desta pesquisa, identificar a etimologia de uma expressão significava, em termos metodológicos, encontrar o registro mais antigo de sua realização, para então empreender hipóteses a cerca de sua origem, uma vez que, se não tomamos este cuidado de ter *corpora* datados de antemão, podemos incorrer em anacronismos e, mesmo pior, em "achismos" que não apresentam nenhum fundamento científico.

Neste caminho de leituras especializadas, experimentações metodológicas e coleta e datação de *corpora*, entramos em contato com muitos dados linguísticos que nos aproximaram do linguajar cotidiano da sociedade paulistana dessa época e confirmou-se para esta pesquisa a importância da análise linguística dos textos macarrônicos para conhecer de

[141] Cf. Capítulo 4, tópico 4.4 "Amostragem de datação das expressões idiomáticas", verbete CHALEIRA.

forma mais realista o português brasileiro falado na cidade de São Paulo no curto período de publicação aqui selecionado.

A consulta a diferentes *corpora* neste trabalho – o *site* de busca *Books Google*, a plataforma *online Corpus do Português*, dicionários de referência, entre outras ferramentas – formou as bases textuais para a datação e retroação de fenômenos linguísticos observados nos textos de Bananére. Deve-se considerar, como dito anteriormente, que os resultados apresentados não são definitivos e que devem passar por constantes e rigorosas fases de refinamentos e revisões e que o pesquisador deve sempre buscar maiores retroações e mais dados paralelos para aproximar-se ainda mais do quadro real reconstruído indiretamente. Por outro lado, é necessário pontuar que, ainda que não apresentemos resultados absolutos, o que é natural de qualquer trabalho etimológico empreendido, a pesquisa certamente contribuiu como modelo teórico e metodológico replicável para pesquisadores que queiram dedicar-se aos estudos etimológicos, sobretudo aqueles voltados para a datação de *corpora*. No trabalho abonativo, o caminho é sempre o de volta, partindo do que se conhece para investigar outras possibilidades. A metodologia desenvolvida, descrita e aplicada nesta pesquisa, como qualquer outra metodologia, deverá ser adaptada ao objeto de estudo escolhido e aos objetivos pretendidos. Como sugestão de aperfeiçoamento dos procedimentos empregados na metodologia etimológica e de aprofundamento dos resultados obtidos nesta pesquisa, podemos apontar a inclusão de dicionários históricos como aqueles organizados por Antonio Morais (1813) e Caldas Aulete (1881), além de *corpora* semelhantes aos textos macarrônicos que apresentem liberdade linguística e traços de representação da coloquialidade, ampliando o conjunto de dados e as possibilidades de refinamento das abonações.

Colocando estas considerações finais, esperamos ter contribuído para a criação e aplicação de um novo modo de realizar estudos etimológicos e para a ampliação dos estudos diacrônicos em língua portuguesa ao coletar, datar e retroagir fenômenos lexicais, semânticos e sintáticos extraídos dos textos macarrônicos. Concluindo, destacamos que a obra de Juó Bananére propiciou a esta pesquisa conhecer muitos aspectos linguísticos das sincronias pretéritas da língua portuguesa, o que abriu caminho para traçar hipóteses etimológicas sobre os fenômenos aqui observados e possibilitar uma reconstrução do português brasileiro coloquial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDRE, Fernando. **Dicionário da Ilha**. Florianópolis: Cora Coralina, 1994.

AMARAL, Amadeu. **O dialeto caipira.** São Paulo: O Livro, 1920 [São Paulo: Anhembi, 1955].

AMATO, B., PARDO A. **Dizionario Napoletano – Italiano/ Italiano – Napoletano**. Antonio Avallardi Edizione, 1997.

ANDRADE**,** Ana P. F. **Juó Bananére: verve, litteratura, futurismo, cavaçó ecc. ecc. – reunião e indexação de textos macarrônicos publicados de 1911 a 1933,** 2 vol. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 1999.

ANDRADE, Oswald de (1987). **Manifesto da Poesia Pau-Brasil**. In: TELES, Gilberto Mendonça. Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 até hoje. 10ª Ed. Rio de Janeiro, Record, p. 280 – 286.

ANTUNES, Benedito. ***Juó Bananére: as Cartas d´ Abax´ o Pigues***. São Paulo: Unesp, 1998.

AREÁN-GARCÍA, Nilsa. **Estudo comparativo de aspectos semânticos do sufixo –ista no português e no galelo.** Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2007 [disponível em HTTP://www.usp.br/gmhp/Publ.html]

BANANÉRE, J. **La divina increnca.** São Paulo: Folco Masucci, 1966.

BANANÉRE, J. **La divina increnca.** São Paulo: Editora 34, 2008.

BASTOS, J. T. da Silva. **Diccionario etimológico, prosódico e orthográphico da língua portugueza**. Lisboa: Livr. Antônio M. Pereira, 1928.

BLOOMFIELD, Leonard. **A set of postulates for the science of language**. Language 2: 153-164,1926.

BLUTEAU, Raphael. **Voccabulario portuguez, & latino.** Lisboa: Pascoal da Sylva, v.1-2, 1712; v.3-4, 1713, v.5, 1716; v.6-7, 1720; v.8,1721; primeiro suplemento, 1727; segundo suplemento, 1728 [disponível em http://www.ieb.usp.br/online/].

CALLAGE, Roque. **O *Vocabulário gaúcho***. Livraria do Globo, 1928, 2.ed.

CAPELA, Carlos E. S. ***A farsa como método*****:** A produção macarrônica de Juó Bananére nas revistas *O Pirralho*, O Queixoso. e A Vespa: 1911-1017. Leuven, 1996.

_____. **Juó Bananére: irrisor, irrisório.** São Paulo: Edusp, 2010.

CASULLO, Fernando Hugo. **Diccionario de voces lunfardas y vulgares**. 3.ed. Buenos Aires: Plus Ultra, 1976.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil.** São Paulo: Edusp, 2002.

CORRÊA, Isaque de Bora. ***Dicionário catarinense*.** Florianópolis: Insular, 2000.

CHALMERS, Vera M. A crônica humorística de *O Pirralho*. *Revista das Letras (São Paulo)*, v.30, p.33-42, 1990a.

COROMINAS, Joan. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. 4v. Madrid: Gredos, 1954.

CORTELAZZO, Manlio & MARCATO, Carla. **D*izionario etimologico dei dialetti italiani.*** Torino: Utet, 2005.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CYRINO, S. M. L. **O objeto nulo no português do Brasil**: um estudo sintático-diacrônico. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DEVOTO, Giacomo & GIACOMELLI, Gabriella. **I dialetti delle regione d´Italia.** Milano:Bompiani, 1995.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português.* Disponível em [http://*corpus*doportugues.org/].

ESCOBAR, Raúl Tomás. **Diccionario lunfardo del hampa y el delito.** Buenos Aires: Distal, 2004.

FIERRO, Aurelio. **Grammatica della lengua napoletana.** Milano: Rusconi, 1995.

FIGUEIREDO, Cândido de. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 4 ed. 2v. Lisboa: Arthur Brandão & Cia, [1925].

FISCHER, Luís Augusto. **Dicionário de porto-alegrês.** Ed Artes e Ofícios, 1999.

FROSI, Vitalina & MIORANZA, Ciro. **Dialetos italianos.** Caxias do Sul: Educs, 1983.

GOBELLO, José. **Diccionario lunfardo.** Buenos Aires: A. Peña Lillo, 1977.

HOBSBAWN, Eric. **How to Change the World:** Tales of Marx and Marxism. London: Little Brown, 2011.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro (Org.) **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objectiva/Instituto Antônio Houaiss, 2001.

HUBER, Joseph. **Gramática do português arcaico.** Lisboa: Calouste Gulbekian, 1986.

LAPA, Manuel R. **Estilística da língua portuguesa.** Lisboa: Livraria Popular, 1928.

LAUSBERG, Heinrich. ***Lingusitica Románica*.** Madrid: Biblioteca Románica Hispánica/ Editora Gredos, 1970.

LEITE, M. Prefácio. In: BANANÉRE, J. **La divina increnca.** São Paulo: Folco Masucci, 1966.

LEITE, Silvia H. T. de A. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas:** a caricatura na literatura paulistana (1900-1920). São Paulo: UNESP, 1996.

LUZZATTO, Darcy Loss. **Talian (vêneto brasileiro): noções de gramática, histórica & cultura.** Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1994.

_____. **Dissionario talian véneto brasilian-portoghese. Dicionário talian vêneto brasileiro-português**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.

MATTOS E SILVA**,** Rosa Virgínia. **Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda, 1989.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário paraense.** s/l: Universidade Federal do Pará, 1968 (1.ed.: 1905).

NUNES, José Joaquim. **Compêndio de gramática histórica portuguesa.** Lisboa: Clássica, 1969.

OLIVEIRA, Alberto Juvenal de. **Dicionário gaúcho.** Ed. Age, 2002.

ONIONS, C. T. (Ed.) **The Oxford dictionary of English etymology.** Oxford: Ar the Clarendon, 1966.

ORTENCIO, Bariani. **Meu Tio-Avô e o Diabo.** Goiás: Ed. Kelps, 1993.

PEREIRA JR., L. C. **Temporada de caça aos dicionários**. Revista da Língua Portuguesa, ano 7, n.78, abr. 2012, p.40-41.

PRIVITERA, Joseph F. **Sicilian-English English-Sicilian dictionary & phrasebook.** New York: Hippocrene, 2003.

PRIVITERA, Joseph F. **Beginner´s Sicilian.** New York: Hippocrene, 2005.

QUINT, Nicolas. **Dictionnaire cap-verdien-français.** Paris/Montréal: L´Harmattan, 1999.

RENAUD, Richard (Org.) **Diccionario de hispanoamericanismos no recogidos por la Real Academia.** 3a. ed. Madrid: Cátedra, 2006.

REY-DEBOVE, J.; REY, A. **Le Petit Robert/ Paul Robert**. Paris: Le Robert, 1990.

ROHLFS, Gerhard. **Grammatica storica della lingua italiana e dei suoi dialetti.** Torino: Einaudi, 1968 [1949[1]].

_____. **Studi I ricercche su lingua e dialetti d' Italia**. Firenze: Sansoni Editore, 1990

SAID ALI, Manuel**. Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Libraria Académica, 1971.

SILVA, Luiz Antonio**. A língua que falamos.** São Paulo: Ed. Globo, 2004.

SILVA NETO, Serafim da. **História da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Presença, 1986.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

URBANO, Hudinilson. **Da fala para a escrita**: o caso dos provérbios e expressões populares. In: Investigações: Linguística e Teoria Literária, Recife, v.21, n.2, p.31-56, jul. 2008.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Opúsculos.** v. 2. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1929.

VIARO, Mário E. **Por trás das palavras**. São Paulo: Globo, 2004.

_____**.Os quintos dos infernos. In**: Revista Língua Portuguesa, v.34, p.62-64, 2008.

_____. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

WILLIAMS, Edwin Bruche. **Do Latim ao Português**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1986.